FÁBIO DA SILVA SOUSA

EL MACHETE E A CLASSE OPERÁRIA:
A imprensa comunista mexicana e brasileira (1920 – 1940)

ASSIS
2015

FÁBIO DA SILVA SOUSA

EL MACHETE E A CLASSE OPERÁRIA:

A imprensa comunista mexicana e brasileira (1920 – 1940)

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutor em História. (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientador: Carlos Alberto Sampaio Barbosa

ASSIS

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

S725e	Sousa, Fábio da Silva El Machete e A Classe Operária: A imprensa comunista mexicana e brasileira (1920-1940) / Fábio da Silva Sousa. - Assis, 2015 306 f. : il. Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Orientador: Carlos Alberto Sampaio Barbosa. 1. Periódicos. 2. Jornalismo – Aspectos políticos. 3. Imprensa e política. 4. Comunismo – América Latina. 5. União Soviética – História – Revolução, 1917-1921. 6. Internacionalismo. I.Título. CDD 070.4 335.4

Para ELA

Agradecimentos

Essa tese iniciou-se em agosto de 2011 e sua escrita foi realizada em diversos lugares: Assis/SP, Foz do Iguaçu/PR, Santana de Parnaíba/SP, Cidade do México/DF/México e Campinas/SP. Dentro desse itinerário de deslocamentos, muitas pessoas exerceram um papel preponderante para a realização da presente pesquisa.

Primeiramente, não poderia deixar de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), cujo suporte financeiro foi essencial para a concretização desse trabalho.

Ao Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa, Beto, devo meu crescimento intelectual e uma parcela mais do que significativa da minha formação como historiador. Ao me acompanhar desde 2004, Beto sempre me incentivou, acreditou no meu potencial, respeitou minha independência e não deixou de fazer críticas construtivas quando necessário. Espero que esse trabalho tenha atingido todas as expectativas.

Aos professores do departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, agradeço pelos momentos compartilhados – tanto dentro quanto fora da sala de aula. Às Profs. Dras. Tania Regina de Luca e Karina Anhezini deixo registrada a minha gratidão pelas discussões em sala e também sobre minha pesquisa. Aos companheiros e companheiras da turma de pós-graduação, sempre irei recordar dos bate-papos, das risadas, dos momentos tensos e felizes – espero que todos se sintam lembrados aqui. Aos Profs. Drs. Áureo Busetto e José Luis Bendicho Beired, deixo um agradecimento especial pela leitura bastante crítica na banca de qualificação. Com certeza, a visão de ambos foi essencial para colocar a pesquisa "nos trilhos". Aos membros titulares e suplentes da banca de defesa, Profs. Drs. Kátia Gerab Baggio, Marcos Tadeu Del Roio, Áureo Busetto, José Luis Bendicho Beired, Maria Helena Rolim Capelato, Alberto Gawryszewski e Paulo Henrique Martinez, declaro que me sinto grato e honrado por ter defendido, perante vocês, essa pesquisa que esteve presente em minha vida durante quatro anos.

De minha estadia no México, agradeço ao Prof. Dr. Alvaro Vázquez Mantecón pela acolhida na *Universidad Autónoma Metropolitana – Azcapotzalco*, ao Prof. Dr. Saúl Jerónimo Romero, pelo interesse na pesquisa e pelas discussões em seu grupo de estudos de cultura política. Um abraço afetuoso a todos os companheiros desse caminho da pós-graduação que conheci no México (Sol, Mario, Rafael e Juan). À Profa. Dra. Fausta Gantús, um

agradecimento afetuoso pela hospitalidade e amizade. Minha gratidão à Profa. Dra. Regina Crespo, pela acolhida e pelas *charlas.* Dos amigos mexicanos e brasileiros que conheci no México, agradeço ao Ernesto por ter aberto sua casa para mim, ao Rodrigo Mineiro e Pedro Magrini – apesar do pouco tempo que convivemos juntos, foram momentos bem marcantes. Agradeço a amizade de Venancio Guerrero, que se tornou um amigo do peito, da Pamela, cuja casa tornou-se um centro de papos boêmios e libertadores.

A Graziela Menezes, minha gratidão pelos momentos compartilhados no México, pelas conversas e experiências divididas nesse caminho do doutorado. Também agradeço a amizade de Marcela Vitali, Carol Faria, Erica Lopes, Jorcy, Armando, Ruth, Alexandre, Marcelo, e ao Prof. Tom Gil. O Espírito Santo é um lugar privilegiado por ter essas pessoas. À Brisa, ao Felipe Deveza – pelas trocas de materiais, discussões polêmicas e construtivas –, também gostaria de tornar público os meus sinceros agradecimentos. Ao Irving Reynoso, pela atenção e acolhimento na pesquisa que realizei nos arquivos da História do Comunismo Mexicano. Ao Lucas Perruci, Gustavo e Fernanda, também gostaria de agradecer pela amizade que começou em terras astecas e se manteve no Brasil.

À Daysi de Camargo, obrigado pela amizade sincera, pelos incentivos de sempre e por sempre insistir que a chama da liberdade continue queimando dentro de mim. Ao pessoal da UNICAMP, Prof. José Alves e aos amigos mexicanistas Rafael Pavani e Caio Pedrosa, também agradeço pelos momentos compartilhados em Campinas. À Natally Vieira Dias, um enorme agradecimento pela amizade, trocas de experiências, leituras, e pelo interesse que compartilhamos sobre o mistério que se chama México.

Ao Igor Luis Andreo, companheiro de mestrado e doutorado, deixo registrado um imenso agradecimento pela sua amizade. Percorremos juntos alguns caminhos tortuosos do doutorado, mas, apesar das dificuldades, nunca sucumbimos e sempre foi uma pessoa que eu poderia contar nos piores momentos que surgiram. Mais do que um amigo, considero-o o irmão que eu nunca tive.

E a minha família.

A eles devo mais que agradecimentos. O caminho que percorri até esse momento enche de orgulho o meu Pai, José, e a minha Mãe, Eva. E são eles que me enchem de orgulho. Se não fosse por ambos, com certeza eu não estaria aqui, em uma Universidade Pública, tendo obtido o meu título de Doutor. Pai e Mãe, eu que me orgulho de vocês. À Camila, não poderia ter uma irmã melhor. Amiga, companheira, que meu caminho até aqui também inspire você a lutar e ir ao encontro dos seus objetivos. Agradeço-te pelas brincadeiras e por tornar minha

vida leve, até nos momentos mais difíceis. À Kelly, apesar da ausência, é uma irmã que nunca esqueci e que sempre estará no meu coração.

À Marli Rosa, a minha musa, minha rosa, não há palavras que eu possa deixar aqui para registrar o que você significa na minha vida. Todos os momentos que passei ao seu lado, entre os mais serenos e os mais difíceis, foram importantes para me dar força para continuar. O seu amor foi e é essencial para mim! Obrigado, obrigado e obrigado por ter entrado na minha vida. Você é especial, mais do que especial: "*When you were here before / Couldn't look you in the eye / You're just like an angel / Your skin makes me cry / You float like a feather / In a beautiful world / I wish I was special / You're so very special*" (Radiohead, *Creep*). E ao nosso filhotinho, Panchito, que sempre despertou o que tem de melhor em mim, agradeço pelo seu companheirismo e por sempre estar deitado debaixo da minha mesa, como que me protegendo de todo o mal, enquanto eu trabalhava nessa tese.

Ao longo desses quatro anos de pesquisa o presente trabalho encerrou um ciclo iniciado em 2004, quando, contra tudo e contra todos, larguei a minha antiga vida (família, namorada, emprego) para viver uma nova vida na Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis. Alguns laços foram restabelecidos, outros não; realizei diversos sonhos e cheguei a uma etapa da minha vida que, há 12 anos, jamais poderia imaginar. Se eu fosse um viajante do tempo e voltasse para meados de 2003 e encontrasse um arquivista desesperançoso, que estava trabalhando em um escritório falido no bairro do Pacaembu, ao lado do Estádio, e lhe dissesse que, em 2015, ele seria um historiador e estaria defendendo a sua tese de Doutorado sobre a imprensa comunista mexicana e brasileira, logicamente – não levando em consideração os nuances de uma viagem do tempo –, esse arquivista iria rir e se convenceria de que estava sofrendo de alguma alucinação da vida louca e corrida da cidade de São Paulo. É interessante como a vida, em algumas ocasiões, nos surpreende. Que outro ciclo se inicie a partir daqui e que venham novos desafios.

Okê, Arô!

Bambi ô clim.

Oxóssi!

Bring down the government
They don't, they don't speak for us

(Radiohead, *No Surprises*)

SOUSA, Fábio da Silva. **EL MACHETE E A CLASSE OPERÁRIA: A imprensa comunista mexicana e brasileira (1920 – 1940).** 2015. 306f. Tese (Doutorado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2015.

RESUMO

A presente tese de doutorado teve como objetivo central apresentar uma análise comparativa e temática dos números dos periódicos *El Machete* e *A Classe Operária* publicados entre as décadas de 1920 e 1930 pelo Partido Comunista Mexicano, PCM, e do Partido Comunista Brasileiro, PCB, respectivamente. Através do estudo dos conflitos, dos projetos políticos e ideológicos, da propaganda gráfica e textual, da leitura social e do discurso jornalístico e militante dessas duas publicações comunistas, foi possível investigar como esses impressos, representativos dos Partidos Comunistas do México e do Brasil, construíram suas identidades políticas e sociais em suas páginas. Para atingirmos tal objetivo, esse trabalho foi realizado a partir da História Comparada e da metodologia de pesquisa de periódicos, os quais são, neste estudo, tratados como *fonte* e *objeto* de pesquisa. No presente estudo, investigamos, primeiramente, a constituição e definimos as características da *Operação Tipográfica Comunista*, realizada pelos editores militantes de ambas as publicações partidárias, e, a seguir, analisamos como tal materialidade dos jornais aproximou atores políticos que ambicionaram eclodir uma Revolução Comunista em terras mexicanas e brasileiras.

Palavras-chaves: Periódicos, Jornalismo – Aspectos políticos, Imprensa e política, Comunismo – América Latina, União Soviética – História – Revolução, 1917-1921, Internacionalismo.

SOUSA, Fábio da Silva. **EL MACHETE and A CLASSE OPERÁRIA: The communist Mexican and Brazilian press (1920 – 1940).** 2015. 306pp. Tesis (PhD in History). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2015.

ABSTRACT

This doctoral dissertation has as its main purpose the presentation of a comparative and thematic analysis of the issues of the periodicals *El Machete* and *A Classe Operária* published in the decades of 1920 and 1930, by the Mexican Communist Party and the Brazilian Communist Party, respectively. Through the study of conflicts, political and ideological projects, graphic and verbal propaganda, social interpretation, as well as the journalistic and militant discourse of the two periodicals, it was possible to investigate how these printed materials, representatives of the Communist Parties of Mexico and Brazil, have built their political and social identities. In order to achieve such goal, this study was conducted using both the Comparative History and the research methodology for periodicals, treated here both as a *source* and *object*. In this research, firstly it was investigated the formation and defined the characterists of a *Communist Printing Operation* performed by militant editors of both party publications, and thereafter how the materiality of such periodicals brought together the political actors who aimed to start a Communist Revolution in Mexican and Brazilian lands.

Key Words: Periodicals, Journalism – Political aspects, Press and politics, Communism – Latin America, Soviet Union – History – Revolution, 1917-1921, Internationalism.

Lista de ilustrações

Fig. 01 – Logotipo *El Machete*.....60
Fig. 02 – Logotipo *El Machete*.....63
Fig. 03 – Logotipo *A Nação*.....77
Fig. 04 e 05 – Espólios da repressão: *A Classe Operária*.....90
Figs. 06 e 07 – Capas *A Classe Operária*.....97
Figs. 08 e 09 – Casa Museo Benita Galeana.....107
Fig. 10 – Programa de rádio *El Machete*.....109
Fig. 11 – "CÁRDENAS SUBE A LA...".....112
Figs. 12 e 13 – Capa e ilustração *El Machete*.....113
Fig. 14 – Campanha *El Machete*.....119
Fig. 15 – Logotipo *El Machete*.....121
Fig. 16 – Oficina do *El Machete* e sede do PCM.....129
Fig. 17 – Corpo editorial *El Machete*.....135
Figs. 18, 19 e 20 – Fotos do linotipo do *El Machete*.....137
Fig. 21 – Seção de correspondência *El Machete*.....140
Figs. 22 e 23 – Retrato de José Guadalupe Rodríguez.....147
Figs. 24 e 25 – Ilustrações de Getúlio Vargas e Luíz Carlos Prestes.....161
Figs. 26 e 27 – Luiz Carlos Prestes.....163
Fig. 28 – "En el arsenal".....177
Fig. 29 – Ilustração *El Machete*.....179
Figs. 30 e 31 – Charges *A Classe Operária* e *El Machete*.....181
Fig. 32 – Charge *El Machete*.....183
Figs. 33 e 34 – Charges *A Classe Operária* e *El Machete*.....184
Figs. 35 e 36 – Charges *A Classe Operária* e *El Machete*.....185
Figs. 37 e 38 – Charges *A Classe Operária* e *El Machete*.....185
Fig. 39 – Charge *A Classe Operária*.....187
Figs. 40 e 41 – Caricaturas *A Classe Operária* e *El Machete*.....188
Fig. 42 – Caricatura Getúlio Vargas.....189
Fig. 43 – Ilustração *A Classe Operária*.....193
Figs. 44 e 45 – Ilustrações *A Classe Operária* e *El Machete*.....194
Figs. 46 e 47 – Ilustrações *El Machete*.....195
Figs. 48 e 49 - *El Machete*.....197

Fig. 50 – Caricatura *El Machete*.....198
Fig. 51 – HQ *El Machete*.....200
Fig. 52 – HQ *El Machete*.....201
Fig. 53 – HQ *El Machete*.....202
Fig. 54 – HQ *El Machete*.....203
Fig. 55 – HQ *El Machete*.....204
Figs. 56, 57 e 58 – HQ *A Classe Operária*.....206
Figs. 59, 60 e 61 – Fotografias *A Classe Operaria* e *El Machete*.....211
Figs. 62 e 63 – Fotografias *A Classe Operaria*.....213
Figs. 64 – Fotografia *A Classe Operaria*.....214
Figs. 65 – Fotografia *A Classe Operaria*.....215
Figs. 66 e 67 – Pôster central *El Machete*.....216
Fig. 68 – Fotografia *El Machete*.....217
Figs. 69 e 70 – Fotografia de *El Machete* e cena de *Tempos Modernos*.....219
Figs. 71 e 72 – Ilustração *El Machete*.....232
Figs. 73 e 74 – Capas *A Classe Operaria* e *El Machete*.....235
Figs. 75 e 76 – Ilustração e capa *El Machete*.....242
Fig. 77 – Capa *El Machete*.....244
Fig. 78 – Fotografia *El Machete*.....248
Fig. 79 – Ilustração de *El Machete*.....252

Lista de tabelas

Tabela 01 – Relação de publicações comunistas das Américas.....34
Tabela 02 – Corpo editorial e locais de produção *El Machete*.....128

Lista de abreviaturas e siglas

AEL – Arquivo Edgar Leuenroth

AIT – Associação Internacional dos Trabalhadores

ANL – Aliança Nacional Libertadora

BOC – Bloco Operário e Camponês

B.O. y C. – Bloque Obrero y Campesino

BSA – Bureau Sul-Americano

CCE/PCB – Comissão Central Executiva do PCB

CSCB - Confederação Sindicalista-Cooperativista Brasileira

CEDAP – Centro de Apoio à Documentação e Pesquisa

CEDEM – Centro de Documentação e Memória da UNESP

CEMOS – Centro de Estudios del Movimiento Obrero y Socialista, A.C

COM – Casa del Obrero Mundial

CROM – Confederación Regional Obrera Mexicana

CTAL – Confederación de Trabajadores de América Latina

CTM – Confederación de Trabajadores de México

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

FJC – Federación Juvenil Comunista

HNDM – Hemeroteca Nacional Digital de México

IC – Internacional Comunista

JCB – Juventude Comunista Brasileira

JCM – Juventud Comunista Mexicana

LNC – Liga Nacional Campesina

LADLA – Liga Antiimperialista de las Américas

LEAR – Liga de Escritores y Artistas Revolucionarios

LSN – Lei de Segurança Nacional

PCA – Partido Comunista da Argentina

PCB – Partido Comunista do Brasil

PCs – Partidos Comunistas

PCCh – Partido Comunista do Chile

PCEUA – Partido Comunista dos Estados Unidos da América

PCF – Partido Comunista Francês

PCM – Partido Comunista Mexicano

PCR – Partido Comunista Russo

PCUS – Partido Comunista da União Soviética

PD – Partido Democrático

PLM – Partido Liberal Mexicano

PNR – Partido Nacional Revolucionario

PRI – Partido Revolucionario Institucional

PRM – Partido da Revolução Mexicana

PSM – Partido Socialista Mexicano

SOTPEM – Sindicato de Obreros Técnicos, Pintores y Escultores de México

STPRM – Sindicato de Trabajadores Petroleros de la República Mexicana

SSA/IC – Secretariado Sul-americano da Internacional Comunista

TGP – Taller de Gráfica Popular

UNAM – Universidad Nacional Autónoma de México

SUMÁRIO

Introdução.....18

1. O Comunismo asteca e tropical: militantes, partidos e imprensa.....40
1.1. A Revolução Russa e as raízes do Comunismo mexicano e brasileiro (1917-1919).....40
1.1.1. A caminho da Revolução Mundial: criações (1919-1929).....49
1.1.1.1. PCM: Sección mexicana de la Internacional Comunista…….....……50
1.1.1.2. PCB: Seção brasileira da Internacional Comunista.....53
1.1.2. A imprensa comunista mexicana e brasileira: a luta impressa.....58
1.1.2.1. *El Machete*: periodico obrero y campesino…….....……..58
1.1.2.2. *A Classe Operária*: jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores, para trabalhadores.....67

2. Tempos "Revolucionários" e imprensa comunista: auge e quedas.....80
2.1. América Latina: o VI Congresso da IC e a 1ª Conferência dos Partidos Comunistas latino-americanos.....81
2.2. *A Classe Operária*: o peso da "Revolução" (1928-1940).....86
2.3. *El Machete*: o peso da clandestinidade (1929-1934).....98
2.3.1. O peso do Presidente Vermelho (1934-1940).....108
2.4. Por dentro do *El Machete* e d'*A Classe Operária*.....127
2.4.1. Corpo editorial e locais de produção.....127
2.4.2. Periodicidade e circulação.....132
2.4.3. Correspondentes e leitores.....139

3. Olhares cruzados: contatos da imprensa comunista mexicana e brasileira.....142
3.1. O Internacionalismo Proletário.....142
3.2. Olhares brasileiros sobre o Comunismo mexicano.....144
3.3. Olhares mexicanos sobre o Comunismo brasileiro.....152
3.3.1. A "Revolução" brasileira nas páginas do *El Machete*.....155

4. Além das palavras: imagens, arte e propaganda política.....174
4.1. Imagens de combate: charges, caricaturas e ilustrações militantes.....178

4.1.1. Charges comunistas.....181
4.1.2. Caricaturas comunistas.....187
4.1.3. Ilustrações militantes.....192
4.2. Histórias em Quadrinhos (HQs).....199
4.2.1. Muñecon y Muñequito.....200
4.2.2. História D“A CLASSE OPERÁRIA”.....205
4.3. Imagens fotográficas e propaganda política.....210

5. Das estrelas às barricadas: o encantamento das Revoluções.....223
5.1. (R) evoluções... 223
5.2. Revolução Russa.....225
5.3. 1° de maio.....233
5.4. Revoluções Nacionais.....246
5.4.1. Revolução Mexicana.....246
5.4.2. A “Revolução” Brasileira.....255

Conclusão.....266

6. Bibliografia.....272
6.1. Documentos.....272
6.1.1. Fontes impressas.....272
6.1.2. Documentos da Internacional Comunista.....272
6.1.3. Documentos do PCB (CEDEM).....273
6.2. Referências bibliográficas.....273

Anexos.....293
Anexo 1.....294
Anexo 2.....299
Anexo 3.....303
Anexo 4.....304
Anexo 5.....305
Anexo 6.....306

Introdução

Assim, no movimento da classe operária,
embora o punho fechado seja um símbolo necessário,
a mão nunca se deve fechar a ponto de não poder abrir-se,
permitindo que os dedos se estendam para descobrir
e dar forma à nova realidade em surgimento.
(Raymond Williams, Cultura e Sociedade...)

Em junho de 1929, o então presidente mexicano Emilio Candido Portes Gil ordenou que a polícia se dirigisse à Avenida Hidalgo, situada no centro da Cidade do México, e lacrasse uma gráfica localizada no n° 49. Em 29 de agosto do referido ano, novamente a polícia, dessa vez acompanhada do corpo de bombeiros e acatando outra ordem de Portes Gil, deslocou-se para a mesma gráfica da Avenida Hidalgo e empastelou a oficina. O local foi saqueado, as impressoras destruídas, e todos os papéis e documentos encontrados no lugar foram queimados. O alvo dessa repressão foi o periódico *El Machete*, órgão central do Partido Comunista Mexicano (PCM), que no final do decênio de 1920, publicou diversas críticas ao governo mexicano (PELÁEZ, 1980: 35).

No final do ano de 1935, na Cidade de Salvador, Bahia, dois comunistas, um conhecido como "Velho Orestes" e o outro como "Cabo Jofre", morreram ao defender uma gráfica que estava na mira da polícia brasileira. Segundo o relato construído por Jorge Amado (1987: 352 – 368), um militante comunista alcunhado como "Camaleão" foi preso por engano e entregou a localização dessa referida gráfica às autoridades policiais baianas. Nesse local, era impresso o periódico *A Classe Operária*, órgão central do Partido Comunista do Brasil (PCB). Ao se dirigirem rapidamente ao local, os policiais encontraram apenas uma pequena casa suburbana. Todavia, ao adentrarem o recinto, os homens da lei se depararam com o "Velho Orestes" e o "Cabo Jofre". Uma ordem de prisão foi proferida pelos policiais, contudo, ambos os comunistas tinham ordens expressas do PCB para que não deixassem que a gráfica e o material produzido no local caíssem nas mãos das autoridades.

Essas ordens foram cumpridas à risca!

O "Velho Orestes" colocou bombas caseiras no local onde *A Classe Operária* estava em processo de impressão e morreu ao ser alvejado em uma troca de tiros com a polícia. O "Cabo Jofre" seguiu o exemplo do seu companheiro, também entrou em conflito com os policiais e foi gravemente ferido. Levado rapidamente para um posto policial próximo do local, o "Cabo Jofre" morreu torturado ao negar o fornecimento de informações do PCB para

os seus algozes, no momento em que a gráfica clandestina, onde *A Classe Operária* era impressa, explodia com bombas que o "Velho Orestes" plantou.

Guardadas as devidas proporções, os dois episódios acima são um retrato da perseguição que os periódicos editados pelos comunistas enfrentaram em terras mexicanas e brasileiras, não apenas nas décadas de 1920 e 1930, como também em outros momentos da história de ambos os países. Tanto o *El Machete* quanto *A Classe Operária* foram os principais veículos de informação e de propaganda política, ideológica e cultural utilizados pelos respectivos Partidos Comunistas (PCs) do México e do Brasil na veiculação de críticas ao sistema capitalista e nas tarefas de enaltecer os ideais do sistema comunista, angariar membros para as suas fileiras e defender uma revolução que deveria ser levada a cabo pelos operários e camponeses.

Dito isto, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a produção textual e iconográfica que foram publicadas nas páginas dos periódicos *El Machete* e *A Classe Operária*, nas décadas de 1920 e 1930. Apesar da diversidade temática abordada no interior de ambos os periódicos – com destaque para a publicação mexicana apresentada ao longo dessa pesquisa – a principal linha editorial desses dois impressos foi pautada pela ideologia comunista. Ambos os periódicos publicaram documentos e diretrizes do PCM, do PCB e da III Internacional Comunista (IC),[1] textos de orientação política e pedagógica ancorada pelo pensamento comunista, chamadas de greves e protestos, denúncias das condições de trabalho da cidade e do campo, homenagens aos principais líderes e personagens da história do movimento operário, entre outros materiais textuais. Além dos escritos, também foram publicadas imagens (fotos, fotomontagens, charges, caricaturas, ilustrações, entre outros) de propaganda do Comunismo e de críticas ao sistema capitalista. Mais do que simples folhas informativas, o *El Machete* e *A Classe Operária* foram verdadeiras *armas de combate* do PCM e do PCB.

A imprensa comunista, enquanto tema de pesquisas no campo historiográfico já rendeu uma série de trabalhos no Brasil e no México.

---

[1] A III Internacional foi fundada em março de 1919, em Moscou, e teve como objetivo concentrar no seu raio de influência todos os PCs que surgiriam no globo. Essa organização também foi conhecida como *Comintern* ou *Komintern* (do alemão *Kommunistische Internationale*). Foi desarticulada em 1943, como resultado da aliança entre a União Soviética com os aliados no período da Segunda Grande Guerra. Nesse texto, sempre que nos referirmos a essa organização, utilizaremos a sigla de **IC**, referente à **Internacional Comunista**. Foi considerada como a Terceira Internacional, pois, existiram duas associações anteriores, que só a posterior, receberam a denomição de Primeira e de Segunda Internacional. A primeira foi a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) fundada em 1864 e que contou em seus quadros com a presença de Karl Marx e de Mikhail Bakunin, que travaram intensas e diversas discussões sobre a orientação ideológica do movimento operário mundial. Foi desarticulada em 1876. A segunda Associação, por sua vez, foi fundada em 1889, de posição socialista e reformista, e entrou em colapso após a eclosão da Primeira Grande Guerra, em 1914.

No caso brasileiro, como exemplo, temos o trabalho clássico de Antônio Albino Canelas Rubim (1986), que investigou a influência comunista em publicações culturais brasileiras da década de 1920 até 1940. Outra pesquisa que merece menção consiste do estudo elaborado por Dênis Moraes (1994), que abrangeu um período posterior a nossa proposta de investigação e discorreu sobre as estratégias políticas e culturais dos jornais do PCB com as diretrizes do realismo socialista. Maria Luiza Tucci Carneiro (2002), por sua vez, apresentou um estudo importante sobre os periódicos confiscados pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS/São Paulo). Já Rodrigo Rodrigues Tavares (2009) realizou uma investigação sobre a iconografia publicada na imprensa comunista do período de 1945 a 1964. E Maitê Peixoto (2010) analisou as publicações anarquistas e comunistas no período de construção do PCB. No campo comparativo e também com o uso de imprensa comunista, temos as investigações de Carine Dalmás (2012) sobre a política das Frentes Culturais levadas a cabo pelos PCs do Brasil e do Chile, de 1935 até 1948, e a tese de Ângela Meirelles de Oliveira (2013) sobre a imprensa antifascista do Cone Sul, no período de 1933 a 1939. Esses trabalhos são apenas alguns exemplos do interesse que a imprensa comunista despertou e ainda persiste nos círculos acadêmicos e científicos.

Em relação às principais fontes dessa pesquisa, *A Classe Operária* foi analisada no livro de Tucci Carneiro e nas teses de Dalmás, Meirelles de Oliveira e Tavares. Contudo, nos trabalhos citados acima, a publicação comunista brasileira foi tratada mais como *fonte* do que propriamente como *objeto* de pesquisa.[2] Essa assertiva pode ser aplicada a dissertações, teses e livros sobre o PCB, nos quais o periódico foi utilizado como fonte de informações sobre a trajetória do Partido, como temos, por exemplo, na obra referência de Edgar Carone (1982). Contudo, cabe uma exceção, que fica a cargo do livro de Apolinário Rebelo (2003), cujo objetivo foi realizar um estudo crítico d'*A Classe Operária.* Todavia, apesar de seus anseios, o trabalho de Rebelo apresenta lacunas e carência de um aprofundamento nas análises

[2] Atualmente, há diversos estudos que analisam os impressos como *fonte* e *objeto* de pesquisa. Todavia, desde que começaram a seduzir os olhares investigativos dos historiadores, os periódicos foram bastante utilizados primeiramente como *fontes* de pesquisas. A modificação do seu status de *fonte* para *objeto* nas análises historiográficas iniciou-se, no Brasil, com o estudo clássico do jornal *O Estado de S. Paulo*, realizado por Maria Helena Rolim Capelato e Maria Lígia Coelho Prado (1980: XIX – negrito nosso): "Os estudos históricos no Brasil têm dado pouca importância à imprensa como **objeto** de investigação, utilizando-se dela apenas como **fonte** confirmadora de análises apoiadas em outros tipos de documentação [...] A escolha de um jornal como **objeto** de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na visa social: nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero **"veículo de informações"**, transmissor imparcial e neutro de acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere." Além dessas características apontadas pelas autoras, como *objeto*, iremos investigar as condições materiais das fontes impressas, como suas técnicas gráficas, circulação, formato, periodicidade, estrutura do corpo editorial, entre outros. Ou seja, analisaremos o *El Machete* e *A Classe Operária* como *fonte* e *objeto* de pesquisa.

realizadas. Talvez, o fato de ser um trabalho monográfico de conclusão de curso - somado à ausência de um contato direto com os arquivos d'*A Classe Operária*, exposta pelo próprio autor na introdução do livro – contribuiu para a não complementação dos hiatos em seu trabalho. Ademais, recentemente, Marly de Almeida Gomes Vianna (2014) traçou um panorama da imprensa comunista brasileira nas décadas de 1920 e 1930, com destaque a atuação d'*A Classe Operária*.

Apresentadas essas produções, defendemos que *A Classe Operária*, apesar de sua importância na produção histórica, não apenas do PCB como também da imprensa de esquerda no Brasil, carece de um estudo mais denso, no qual seja tratada, concomitantemente, como *fonte* e *objeto*. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo preencher – sem a pretensão de ser definitiva – tal lacuna.

Em nossa pesquisa preliminar das fontes, encontramos ressonância no caso mexicano, pois, o *El Machete* também foi bastante utilizado como *fonte* de informações sobre o PCM, e também foi *objeto* em pesquisas e análises mais específicas.

No primeiro caso, Gerardo Peláez (1980) utilizou algumas matérias do *El Machete* ao descrever a trajetória do PCM desde sua fundação, em 1919, até o final de 1930. Em outro trabalho, Peláez (1988) analisou o material impresso do *El Machete* referente à atuação do Sindicato de Trabajadores Petroleros de la República Mexicana (STRM) no período de 1935 a 1938, no sexênio do Gen. Lázaro Cárdenas (1934-1940).

Além desses trabalhos, John Lear (2006), no artigo "La revolución en blanco, negro y rojo: arte, política y obreros en los inicios del periódico *El Machete*", analisou o primeiro ano do periódico, 1924, quando o mesmo foi publicado pelo Sindicato de Obreros Técnicos, Pintores y Escultores de México (SOTPEM). Em diálogo com esse artigo, Amanda Pérez Hernández (2003) realizou uma pesquisa das caricaturas de José Clemente Orozco[3] que foram publicadas no *El Machete* em 1924. Nessas duas pesquisas, o periódico mexicano foi estudado em seu primeiro ano de vida impressa, antes, portanto, de ter se tornado publicação oficial do PCM.

Em relação ao período em que esteve sob a responsabilidade dos comunistas mexicanos, o *El Machete* foi pesquisado por Aurora Cano Andaluz (1981) e Martha Ledesma

[3] **José Clemente Orozco** nasceu no México, Jalisco, em 23 de novembro de 1883. Foi um dos principais muralistas mexicanos, e sua produção artística de pintura mural, aquarelas e caricaturas tiveram na Revolução e na luta do povo mexicano o seu tema central. Encontramos em suas obras referências marxistas e uma crítica à Revolução Mexicana. Participou do SOTPEM e contribuiu, como apresentado nos estudos de Lear e Pérez Hernández, na primeira fase do *El Machete*. Em 1928 viajou para Nova York e produziu diversas obras nos Estados Unidos. Morreu na Cidade do México, em 07 de setembro de 1949 (Cf. CARDOZA Y ARAGÓN, 2005).

Medrano (1992). No primeiro trabalho, Cano Andaluz investigou a posição do órgão central do PCM acerca do comunismo latino-americano, no período de 1924 a 1934. No segundo, Ledesma Medrano (1992) pesquisou as posições do *El Machete* sobre as problemáticas nacionais do México, de 1929 a 1934. E para finalizar, Alicia Azuela (1993) realizou uma investigação comparada do *El Machete* com o periódico *Frente a Frente*, na década de 1930.

A partir dessa breve apresentação bibliográfica sobre as pesquisas dos dois periódicos comunistas, reforçamos que há uma ausência de investigações que tratem ambas as publicações como *fonte* e *objeto* de pesquisa na década de 1920 e 1930. Mesmo no caso do *El Machete,* que foi objeto de produções acadêmicas, a baliza temporal dessas investigações não contemplaram toda a trajetória do periódico, com uma notável ausência de 1935 em diante, que, conforme poderá ser conferido nos capítulos adiante, foi a época de maior produtividade e criatividade do periódico do PCM. Como no caso d'*A Classe Operária*, a presente pesquisa objetivará preencher esse espaço na bibliografia do *El Machete*.

Além do material interno (textual e iconográfico) que foram selecionados e analisados, a materialidade externa também recebeu uma atenção especial nesta pesquisa. Em seu trabalho sobre a *Revista do Brasil*, Tania Regina de Luca (2011: 2) forneceu uma descrição da importância de se desenvolver uma investigação das características físicas das fontes impressas: "A estrutura interna, por sua vez, também é dotada de historicidade e as alterações aí observadas resultam de complexa interação entre técnicas de impressão disponíveis, valores e necessidades sociais." Rastrear a historicidade da estrutura de produção dos periódicos revela-se um quadro interessante, pois o desenvolvimento gráfico de cada título apresenta as características físicas e as eventuais dificuldades que determinadas publicações enfrentaram para saírem às ruas. No caso dos periódicos comunistas, essa questão é relevante, pois tais publicações sofreram perseguições policiais, foram destruídas, queimadas, além de terem enfrentado diversos entraves financeiros, percalços que, no caso de nossas fontes, foram apresentados logo no início dessa introdução.

A partir dessa questão da materialidade, utilizaremos como metodologia de pesquisa das fontes impressas os métodos de análise propostos por José Luiz Braga (2002), referentes aos espaços físicos dos periódicos, que se traduz nas seções onde cada acontecimento é noticiado, no sentido de leitura dos textos, entre outras características. Também serão de grande valia as premissas teóricas de outro trabalho de Tania Regina de Luca (2003) e de Reneé Barata Zicman (1981) sobre os métodos a que o historiador deve recorrer no trabalho de pesquisa sobre essa documentação. Valendo-se das definições apresentadas pelas autoras, realizaremos uma História *da* e *pela* Imprensa Comunista do México e Brasil.

Em um trabalho clássico, Maria Helena Rolim Capelato (1986) teceu considerações pertinentes sobre a relação da imprensa com a política e a opinião pública. Apesar de ter se focado na chamada "Grande Imprensa", as esferas política e pública também estiveram presentes nas preocupações editoriais dos impressos comunistas, e essa relação também será explorada ao longo do trabalho.

Para Regina Crespo (2010: 9) os jornais e as revistas políticas, literárias e culturais tiveram um papel importante de inserção nas sociedades da América Latina: "Durante el siglo XX latinoamericano fungieron como un instrumento importantísimo para que los grupos de literatos, artistas e intelectuales expresaran sus ideas y así intervinieran en el acontecer cultural e político." A partir desse ponto, já estabelecemos algumas características diacrônicas de ambas as publicações. Como será apresentado ao longo dos capítulos, o *El Machete* exerceu um papel mais enfático na vida cultural e política do México, do que *A Classe Operária* no Brasil. A fascinação exercida pelos intelectuais e também questões relativas ao campo cultural também foram mais exploradas nas páginas do periódico do PCM, em comparação com o periódico do PCB.

Além desses pontos, também será perceptível a apresentação e análise de uma quantidade maior de matérias publicadas no *El Machete* do que n'*A Classe Operária*. Há razões para essa discrepância quantitativa entre as duas publicações.

O *El Machete* publicou 619 edições, de março de 1924 até 15 de setembro de 1938. Em nossos bancos de dados, constam todos os exemplares em formato digital, que foram obtidos por meio de pesquisa realizada na Hemeroteca Nacional Digital de México (HNDM), localizada na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM); na Casa Museo Benita Galeana e no Centro de Estudios del Movimiento Obrero y Socialista, A.C (CEMOS), localizados na Cidade do México. Uma parte dessa coleção do *El Machete* encontra-se no Centro de Apoio à Documentação e Pesquisa (CEDAP), localizado na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis. Por possuir toda a sua coleção completa, Ricardo Melgar Bao (2011: 80) objetivou lançá-la em formato digital: "En la actualidad, nos encontramos en vísperas de la reedición en DVD de *El Machete* (1924-1938)." Todavia, em decorrência do precário estado de conservação de alguns números, essa tarefa não foi levada a cabo.[4]

[4] Em pesquisa realizada no CEMOS em 2013, Irving Reynoso Jaime, responsável pela seção de pesquisa, informou que uma parte da coleção do *El Machete*, precisamente as edições publicadas entre os anos de 1926 a 1929, foram localizadas ao acaso. Esses números estavam jogados, no formato de microfilme, em caixas de papelão que foram doadas por antigos militantes comunistas. Encontrado esse material, foi realizado um trabalho de recuperação e de digitalização dessa documentação. Infelizmente, em razão do péssimo arquivamento desse

Em relação à disponibilidade de coleção completa em arquivo, infelizmente, *A Classe Operária* não apresenta as mesmas possibilidades de pesquisa a seus investigadores.

Uma parte da coleção da publicação do PCB foi digitalizada no Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM), localizado na Cidade de São Paulo. Toda essa coleção é proveniente do Arquivo Edgar Leuenroth (AEL), localizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas. No AEL, também encontra-se arquivada uma pequena parte d'*A Classe Operária* em formato de papel. Por sua vez, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, por meio de sua Hemeroteca Digital Brasileira, está em processo de digitalizar e indexar em seus bancos de dados todos os exemplares d'*A Classe Operária*. Os números disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira são os mesmos que estão arquivados no CEDEM e no AEL. Provavelmente, a Biblioteca Nacional conseguiu esses exemplares d'*A Classe Operária* ao entrar com contato com esses dois centros de documentação. Em sua página, a direção da Hemeroteca Digital Brasileira afirmou que está em curso um trabalho com o objetivo de indexar em seus bancos de dados toda a coleção do órgão central do PCB: "A coordenadoria da Hemeroteca Digital está em contato com instituições detentoras de coleção do jornal de modo a preencher, mediante digitalização, as lacunas de sua coleção."[5]

D'*A Classe Operária*, temos em nossos bancos de dados, arquivados em formato digital, 83 edições, do período de maio de 1925 até março de 1940. Cabe destacar, que essa coleção é descontínua e incompleta.

Apesar de não ser um tema muito explorado nos trabalhos historiográficos, os centros de pesquisas e as técnicas de preservação documentais são fundamentais para o ofício do historiador. Michel de Certeau (1982: 84) destacou essa questão em seu texto clássico *A Operação Historiográfica*: "O *estabelecimento das fontes* (pela mediação de seu aparelho atual) não provoca apenas uma nova repartição das relações razão/real ou cultura/natureza; ele é o princípio de uma redistribuição epistemológica dos momentos da pesquisa científica." A preservação documental permite ao historiador acessar informações de que está em busca para sua investigação. No caso da imprensa operária, seja ela comunista, anarquista ou socialista, a sua conservação sempre foi um desafio, fruto das diversas perseguições enfrentadas ao longo de sua trajetória editorial. Dessa forma, como não houve uma preservação cuidadosa d'*A Classe Operária*, somada ao problema dos inúmeros exemplares que foram perdidos nas décadas de repressão, muitas informações, infelizmente, não poderão ser analisadas nesse

---

material, muitas dessas edições, mesmo em formato digital, apresentam borrões ou outras características físicas precárias, que tornam ilegíveis a leitura completa de algumas de suas páginas.

[5] Conferir em: http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/classe-oper%C3%A1ria.

trabalho, diferentemente do *El Machete*, que, como já assinalado nas páginas acima, teve toda sua coleção salva.

Assim, dada a diferença quantitativa das matérias disponíveis em arquivos dos dois periódicos, é relevante mencionar que outro desafio importante da presente pesquisa foi o estabelecimento de um equilíbrio nas análises entre as duas publicações.

Por que realizar uma investigação sobre um periódico comunista brasileiro e outro mexicano, nas décadas de 1920 e 1930? A resposta para essa questão é fundamental para salientar as principais problemáticas a serem exploradas pela presente tese de doutorado.

Para Guillermo Palacios (2008: 301 – negrito nosso), o governo sexenal mexicano do Gen. Lázaro Cárdenas (1934 – 1940) e a ditadura do Estado Novo brasileiro de Getúlio Vargas (1937 – 1945), representaram dois modelos de gestão governamental para os demais países do continente latino-americano:

> [...] o Estado brasileiro [Estado Novo de 1937] punha seu regime autoritário e corporativista à disposição dos outros países da América Latina, como **uma alternativa ao modelo mexicano**, pleno de ingredientes socialistas e comunistas, anticlericais e ofensivos à propriedade privada e à família. Em certo sentido [...] esse confronto de formas institucionais de governo e orientações ideológicas que opunha agora o **Brasil** e o **México**, o **Estado Novo** contra a **Revolução Mexicana**, reproduzia no âmbito continental a luta que se dava internamente em vários países latino-americanos – sobretudo no Brasil de 1937 – entre **esquerda** e **direita**, ao mesmo tempo em que encenava uma espécie de paródia do embate mundial entre os dois extremos do espectro político, apadrinhados respectivamente pela **Rússia Soviética** e pelos países do **Eixo fascista**.

Apesar de essa dicotomia ser passível de críticas, Palacios transportou para o Brasil e para o México da segunda metade do decênio de 1930 os embates ideológicos entre o Comunismo Soviético e o Fascismo que se irradiaram do outro lado do Atlântico. Logicamente, o México de Cárdenas não foi comunista, assim como o Estado Novo de Vargas não foi fascista, apesar das políticas socialistas conduzidas pelo primeiro e da repressão sistemática praticada pelo segundo. Contudo, ambos os países apresentaram características *sui generis* quando comparados com os seus vizinhos geográficos no período que ficou conhecido como "entre guerras" (1918 – 1939).[6] Cabe destacar que tanto o México

[6] Em setembro de 1930, iniciou-se na **Argentina** o período que ficou conhecido como a "Década Infame", quando o presidente Hipólito Yrigoyen foi deposto por um golpe militar liderado pelo Gen. José Félix Benito Uriburu y Uriburu. A **Guatemala** também sofreu um golpe ditatorial com a chegada de Jorge Ubico ao poder em 1931, que governou o país com extrema violência até 1944. O **Chile** enfrentou nessa década intensas crises e instabilidades sociais de governança do Partido Radical, que começaram a ser superadas a partir de 1938, com a vitória da coalização das Frentes Populares. O **Uruguai** vivenciou um largo período de estabilidade política, no qual chegou a ser apelidada de a "Suíça sul-americana". Já a **Bolívia** e o **Paraguai**, enfrentaram-se na Guerra do Chaco (1932 – 1935).

quanto o Brasil se apresentaram para o mundo como dois países "revolucionários". Desde 1920, no final do período armado de seu processo revolucionário, os governantes mexicanos se colocaram como os herdeiros legítimos da Revolução Mexicana iniciada em 1910.[7] Nesse caso, estabelecemos a seguinte questão: como os comunistas do México, por meio das páginas do *El Machete*, se portaram diante de um governo que surgiu depois de uma Revolução com grande apelo social e popular, e se colocou como o representante desse acontecimento? Houve um embate do PCM com o discurso da Revolução Russa e com o da Mexicana? Em caso afirmativo, como se desenvolveu essa disputa?

No Brasil, após a chegada de Vargas ao poder em 1930, o conceito de Revolução foi adotado para legitimar o novo governo que se iniciava e circulou com intensidade na sociedade, como demonstrou Vavy Pacheco Borges (2001: 161):

> Em todas as falas, seja no debate mais amplo que agitava o meio político nacional, seja nas disputas políticas menores do dia-a-dia, o conceito de "revolução" colocava-se claramente como central para todas as vozes envolvidas; isso se percebe nos variados registros (na imprensa, em anais, como em ensaios, memórias e até literatura). Essa afinidade de fontes comprova a centralidade e a predominância do conceito em diversos conteúdos, e essa "revolução" aparece quase que permanentemente adjetivada como "brasileira".

Isto posto, questionamos: como os comunistas brasileiros se portaram diante da "Revolução" de Vargas? Houve uma tentativa, por meio das páginas d'*A Classe Operária*, de desconstruir essa utilização do termo utilizado por Vargas? Em caso afirmativo, como tais militantes combateram essa apropriação?

Em suma, o conceito de Revolução circulou com grande intensidade nesse período nas camadas sociais de ambos os países, e consideramos relevante mapear os mecanismos de como essa questão foi discutida pelos comunistas mexicanos e brasileiros em seus principais periódicos.

Além de estabelecer essa excepcionalidade na circulação e na apropriação do conceito de Revolução por setores da sociedade mexicana e brasileira, tanto o *El Machete* quanto *A Classe Operária* apresentaram uma trajetória de vida editorial simétrica nas décadas de 1920 e 1930. O periódico comunista mexicano foi criado na primeira quinzena de março de 1924 e

[7] A partir de 1920, o México foi governado pelos seguintes presidentes: Felipe Adolfo de la Huerta Marcor (presidente interino que governou de junho a novembro de 1920); Álvaro Obregón Salido (1920 – 1924); Francisco Plutarco Elías Calles Campuzano (1924 – 1928); Emilio Portes Gil (1928 – 1930); Pascual Ortiz Rubio (1930 – 1932); Abelardo Luján Rodríguez (1932 – 1934) e Lázaro Cárdenas del Río (1934 – 1940).

foi publicado até 15 de setembro de 1938.[8] Já o periódico comunista brasileiro teve o seu primeiro número lançado em 1º de maio de 1925 e, em sua segunda fase, foi publicado até março de 1940.[9] Vale ressaltar que raríssimas publicações comunistas latino-americanas mantiveram sua circularidade na virada da década de 1920 para a seguinte. O fato de o *El Machete* e *A Classe Operária* constituírem uma exceção a essa tendência é um dado que foi levado em consideração, quando da escolha de ambas as publicações para realizar uma pesquisa comparada. A baliza temporal, os decênios de 1920 e 1930, é bastante significativa, pois essas duas décadas representaram o período de construção e de consolidação do Comunismo na América Latina e de ascensão do regime stalinista. Para Michael Löwy (2006: 09), a década de 1920 foi um momento de originalidade na formulação das estratégias e das identidades políticas dos PCs latino-americanos, enquanto o decênio posterior, 1930, apresentou a estagnação desses processos, como resultado da elevação de Joseph Stalin no comando da União Soviética. Eric Hobsbawm (1995: 154) foi partidário dessa análise de Löwy e a expandiu, ao destacar o controle que Stalin exerceu sobre os outros PCs.

> No fim, os interesses de Estado a União Soviética prevaleceram sobre os interesses revolucionários mundiais da Internacional Comunista, que Stalin reduziu a um

[8] A vida editorial do *El Machete* divide-se em cinco fases: 1ª) compreende os anos de 1924 e 1925, quando foi publicado pelo SOTPEM; 2ª) os anos de 1925 a 1929, quando se tornou órgão central do PCM; 3ª) do final de 1929 até os primeiros meses de 1935, quando foi publicado ilegalmente, em consequência da perseguição aos comunistas do México, período em que ficou conhecido como *El Machete ilegal*; 4ª) de 1935 a 1936, quando voltou à legalidade, junto com o PCM no início do sexênio do Gen. Lázaro Cárdenas; 5ª) de 1936 a 1938, quando apoiou a política das Frentes Populares e quando o PCM foi bastante influenciado pela Confederación de Trabajadores de México (CTM). No último ano dessa fase, 1938, o *El Machete* tornou-se diário e manteve essa regularidade de circulação até seu último número, 619, publicado em 15 de setembro de 1938. Depois desse período, o *El Machete* retornou no começo da década de 1980, e foi dirigido pelo sociólogo mexicano Roger Bartra Muria, que consistiu na publicação de 15 números. Atualmente, é publicado no México um periódico denominado *Machetearte*, que apresenta semelhanças com o órgão central do PCM.

[9] A extensa vida editorial d'*A Classe Operária* divide-se em sete fases: 1ª) compreende o ano de 1925, quando foram publicadas 12 edições e sua circulação foi interrompida pela repressão de Artur Bernardes; 2ª) de 1928 a meados de 1940, que abrange o período de volta da circulação da publicação comunista e sua oposição ao primeiro governo da Era Vargas; 3ª) de 1946 a 1964, que corresponde a um brevíssimo período de legalidade do PCB e d'*A Classe Operária* – que durou de 1945 a 1947 –, além do XX Congresso do PCUS, quando o então líder soviético Nikita Kruschev revelou ao mundo os crimes do período de Stalin, o que criou um cisma no movimento comunista mundial. No Brasil, a principal consequência desse congresso foi a cisão dentro do PCB e a criação, posteriormente, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), que tornou-se responsável pela publicação d'*A Casse Operária*. Para finalizar, essa terceira fase encerrou-se com o início da ditadura brasileira; 4ª) de 1966 a 1984, período que vai da oposição do PCdoB à ditadura militar até o período de reabertura democrática, durante o qual foram publicadas 159 edições; 5ª) de 1985 a 1987, período que compreende o retorno à democracia, quando *A Classe Operária* conseguiu novamente circular na legalidade e o PCdoB obteve o seu registro junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE); 6ª) 1988 a 2008, que abrange o período de oposição do PCdoB aos governos de José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. A partir de 2004, *A Classe Operária* saudou com entusiasmo a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva. Cabe destacar, que o PCdoB estabeleceu uma aliança política com o PT. Nessa fase, foram publicadas 305 edições; 7ª) desde o ano de 2008 até os dias atuais. Com a aliança do PCdoB com o PT, *A Classe Operária* tornou-se um periódico de apoio ao governo federal. Com essa trajetória, o periódico comunista é o jornal de esquerda mais antigo da História da Imprensa Brasileira.

> instrumento da política de Estado soviético, sob o estrito controle do Partido Comunista soviético, expurgando, dissolvendo e reformando seus componentes à vontade. A revolução mundial pertencia à retórica do passado, e na verdade qualquer revolução só era tolerada se a) não conflitasse com o interesse do Estado soviético; e b) pudesse ser posta sob controle soviético direto.

O período stalinista (1924-1953) se estabeleceu como uma "lenda negra" na história do Comunismo. Todavia, somos críticos a essa leitura arbitrária, segundo a qual a década de 1920 representou o alvorecer; e os anos de 1930, o crepúsculo do Comunismo latino-americano. Diante disso, analisaremos uma série de matérias referentes ao continente latino-americano que foram publicadas em ambos os periódicos comunistas. Esse estudo nos propiciará questionar essas afirmações de Löwy e Hobsbawm, bem como explorar o olhar continental que foi construído nas páginas do *El Machete* e d'*A Classe Operária*. Em que pese a sombra de Stalin, levantamos a hipótese de que houve elementos originais nas estratégias e práticas dos comunistas do México e do Brasil no decorrer da década de 1930, que pretendemos elucidar na presente pesquisa.

Além de tratar o *El Machete* e *A Classe Operária* concomitantemente como *fonte* e *objeto* de pesquisa, indagar o uso do conceito de Revolução em ambos os países, investigar as matérias relacionadas com a América Latina e a dinâmica da imprensa comunista mexicana e brasileira nas décadas de 1920 e 1930, também realizaremos uma análise da produção iconográfica publicada nos dois periódicos, o que nos permitirá investigar o imaginário comunista do PCM e do PCB, visando traçar um quadro além das resoluções e diretrizes formuladas pelos comitês centrais de ambos os PCs.

Uma última questão merece ser exposta. Apesar dos jornais comunistas estarem inseridos na categoria de Imprensa Operária, esses periódicos possuem características distintas, quando, por exemplo, são comparados com os títulos anarquistas. Em vista disso, pretendemos estabelecer o conceito de *operação tipográfica comunista*. Dentro dessa ideia, compreenderemos três etapas da produção dos materiais impressos dos PCs. A saber: 1) a interpretação da sociedade realizada pelos comunistas; 2) a produção textual e iconográfica publicada nas páginas dos jornais dos PCs; 3) o objetivo final desse material, que consiste em seduzir e criar um elo com os seus leitores ideais. Com isso, objetivamos que a presente pesquisa possa contribuir para com os futuros estudos dos periódicos comunistas.

Por fim, esse trabalho encerrou um ciclo iniciado anos atrás, quando investigamos a repercussão da Revolução Mexicana na imprensa operária brasileira (SOUSA: 2012). Nesse trabalho, analisamos os caminhos impressos que os ideais do processo revolucionário mexicano percorreram para chegar às páginas dos jornais operários – em sua totalidade de

orientação anarquista – que foram publicados no Brasil, mais precisamente nos polos industriais do Rio de Janeiro e de São Paulo. A principal questão que norteou tal pesquisa foi averiguar como essa revolução foi noticiada e lida pelo movimento libertário brasileiro. Ao sairmos do universo dos impressos anarquistas, para os comunistas, prosseguimos nessa linha investigativa, ao pesquisarmos o impacto e as transformações que a Revolução Russa promoveu entre operários, artistas, intelectuais e outros indivíduos do México e do Brasil. Mesmo geograficamente distante, a Revolução Russa foi um acontecimento transnacional, que influenciou o pensamento político, cultural e imaginário de ambos os países. É esse impacto que investigaremos nas páginas dos principais periódicos do PCM e do PCB.

***

Karl Marx, quando atuou no jornalismo e em escritos datados da primeira metade do século XIX, defendeu o papel da imprensa. Ao se inserir no debate sobre a questão da liberdade de imprensa na Alemanha, Marx (2001: 51) demonstrou como os defensores da censura dos meios impressos definiram o que seria uma *boa* e uma *má* imprensa:

> A relação entre uma imprensa boa e uma imprensa ruim torna-se ainda mais peculiar quando o orador afirma que a imprensa boa é impotente e que a imprensa ruim é onipotente, pois a primeira não exerceria nenhum efeito sobre o povo, enquanto a segunda seria irresistível. Para o orador, a boa imprensa e a imprensa impotente são idênticas. Quererá dizer com isso que o bem é impotente ou que a impotência é o bem?
>
> [...]
>
> Entre as idéias expressadas pela imprensa má ele inclui "o orgulho que não reconhece a autoridade da Igreja ou do Estado", "a inveja" que prega a abolição da aristocracia, e outras coisas, que mencionaremos posteriormente.

A imprensa má, nesse caso, seria aquela que se colocou como contestadora da ordem social vigente – Igreja e Estado – e, por isso, a mesma deveria ser silenciada. Para Marx a liberdade da imprensa é indissociável ao conhecimento e ao aprendizado que o proletariado poderia exercer. Era imprescindível que a classe trabalhadora adentrasse nos labirintos da leitura, para instruir-se e conscientizar-se, com a finalidade de preparar as bases de sua emancipação social. A imprensa operária de orientação comunista, *a posteriori*, assumiu essa postura discursiva, pedagógica e vanguardista. Esses impressos definiram em suas páginas posturas políticas a serem seguidas pelo proletariado, além de realizarem propagandas de sua concepção de mundo, totalmente oposta à da realidade burguesa. Além de mercadoria, a informação e as palavras também poderiam ser armas de luta.

Lenin (1975: 33) também percebeu o forte papel que a imprensa poderia exercer nas agitações sociais e a definiu como um instrumento importante na luta contra a aristocracia russa e na formação de uma consciência da classe proletária:

> Devemos esforçar-nos por criar uma forma superior de agitação através do jornal, o qual registrará periodicamente as queixas dos operários, as greves e outras formas de luta proletária e todas as manifestações de opressão política em toda a Rússia e que, de acordo com os objetivos finais do socialismo e com as tarefas políticas do proletariado russo, tire conclusões de cada acontecimento.

O principal líder da Revolução Russa colocou essas palavras em prática e fundou, em dezembro de 1900, o periódico *Iskra*, no qual formulou as bases teóricas do Partido Bolchevique, além de abrir um canal de comunicação que possibilitou ao operariado russo denunciar as perseguições e as extenuantes condições de trabalho do país, perpetuadas pela aristocracia czarista. Em 23 de agosto de 1903, no II Congresso do Partido Operário Social – Democrata Russo, o *Iskra* tornou-se o seu órgão central.

O conceito de órgão central possui uma relevância para Lenin, na tese de que os periódicos não deveriam consistir apenas de folhas informativas dos partidos ou organizações operárias. Em sua análise, a imprensa deveria assumir uma representatividade mais atuante e tornar-se parte integrante da organização do qual estaria representada. Em outras palavras, os jornais comunistas deveriam ser uma extensão dos próprios PCs. Por essa concepção, tais periódicos receberam a denominação de órgãos centrais e, com isso, todas as resoluções dos seus respectivos PCs deveriam ser publicadas em suas folhas, além de documentos oficiais, entre outros materiais. Contudo, esse não foi um entrave para que as agremiações comunistas publicassem outros jornais ou revistas; todavia, era nas páginas dos órgãos centrais que as resoluções partidárias deveriam ser expostas. Os periódicos preencheriam um espaço atuante nas organizações operárias, como definido por Lenin (1988: 127):

> O jornal não é apenas um propagandista coletivo e um agitador coletivo; é também um organizador coletivo. *A esse respeito*, *pode-se compará-lo aos andaimes* que se levantam ao redor de um edifício em construção; constitui o esboço dos contornos do edifício, facilita as comunicações entre os diferentes construtores, permitindo-lhes que repartam a tarefa e atinjam o conjunto dos resultados obtidos pelo trabalho organizado.

Esse ponto de conexão entre os periódicos e os PCs é interessante, pois distinguem os jornais comunistas de outras formas de imprensa operária, como a anarquista, que possuía uma base descentralizada. Para Peter Burke (2010: 24): "[...] a associação de jornais com

partidos políticos tornou-se mais efetiva no início do século XX. Os exemplos mais óbvios da tendência vêm a partir da história do comunismo".

A afirmação de Burke foi inspirada nas definições acerca do jornalismo teorizadas pelo intelectual comunista italiano Antonio Gramsci. Ao afirmar que os jornais constituem verdadeiros partidos, Gramsci dialogou com a situação da Itália nas primeiras décadas do século XX. Em sua concepção, os partidos políticos italianos eram desorganizados e descentralizados e, em razão disso, utilizavam vários periódicos impressos para expressar as suas opiniões e os seus posicionamentos políticos diante do público. Diante desse quadro, Gramsci (2001: 243) definiu que os jornais assumiriam posicionamentos informativos e opinativos. Apesar de não conceituar diretamente as publicações de esquerda, a sua definição de jornais de opinião vai ao encontro do discurso político dos periódicos comunistas, pois o mesmo "serve para reafirmar os próprios pontos de vista, para detalhá-los, para apresentar, em contraditório, todas as suas facetas e toda a casuística".

No verão de 1920, após o fracasso de fomentar uma revolução socialista na Alemanha, Lenin propôs que os bolcheviques orientassem e controlassem outras experiências revolucionárias que poderiam surgir ao redor do globo. No II Congresso da IC, realizado de julho a agosto de 1920, foram formuladas condições normativas para adesão de novos PCs aos caminhos da Revolução Russa. Inicialmente, essas normas consistiam em 19 pontos. Ao final do Congresso, foram adicionados mais dois pontos, sendo o último, mais radical, que normatizou a expulsão de membros que não estariam alinhados às outras 20 condições. Essas normas foram importantes para estabelecer um programa comum a todas as agremiações políticas que desejassem integrar-se ao programa revolucionário soviético. Destaca-se a importância da imprensa para os PCs, pois a primeira diretriz das "21 Normas de admissão dos Partidos na Internacional Comunista" foi dedicada exclusivamente à criação dos periódicos comunistas:[10]

> **1.** A propaganda e a agitação cotidianas devem ter um caráter efetivamente comunista e corresponder ao programa e às resoluções da III Internacional. Os órgãos de imprensa controlados pelo Partido devem ter a redação a cargo de comunistas fiéis, provadamente devotados à causa proletária. A ditadura do proletariado não deve ser abordada como um simples chavão de uso corrente, mas

[10] As 21 Condições de admissão na IC foram definidas por Lenin no II Congresso da IC, realizado de julho a agosto de 1920. Inicialmente, essas normas consistiam de 19 pontos. Nesse Congresso, foram adicionados mais dois pontos, sendo o último, mais radical, o que normatizou a expulsão de membros que não estivessem alinhados às outras 20 condições. Essas normas foram importantes para estabelecer um programa comum a todas as agremiações políticas que desejassem integrar-se ao programa revolucionário soviético. Uma versão em português dessas condições foi publicada na coletânea documental III Internacional Comunista (1989) e uma transcrição dessas normas pode ser consultada na seção de **Anexos (Anexo 01, pp. 294-298).**

> preconizada de modo que todo operário, operária, soldado e camponês comum deduza sua necessidade dos fatos da vida real, mencionados diariamente em nossa imprensa.
> As editoras partidárias e a imprensa, periódica ou não, devem estar inteiramente submetidas ao Comitê Central do Partido, seja este atualmente legal ou não. É inadmissível que as editoras abusem de sua autonomia e sigam uma política que não corresponda à do Partido.
> Nas páginas dos jornais, nos comícios populares, nos sindicatos, nas cooperativas e onde quer que os partidários da III Internacional encontrem livre acesso, é indispensável atacar de modo sistemático e implacável não somente a burguesia, mas também seus cúmplices, os reformistas de todos os matizes (III Internacional Comunista, 1989: 47).

A versão definitiva dessas regras normativas foi celebrada no III Congresso da IC, realizado em junho de 1921. A discussão sobre o tema foi apresentada no capítulo "imprensa do Partido"[11], onde foram definidos a estrutura, os métodos, objetivos e ações dos periódicos que seriam criados pelos PCs. Em sete tópicos, foi explicado que os periódicos comunistas não poderiam converter-se em empresas editoriais, que o conteúdo das matérias publicadas em suas páginas deveria ser dedicado às orientações da IC e que tais escritos deveriam assumir uma postura de guia ideológico para os leitores da classe trabalhadora em sua luta contra o sistema capitalista. Os periódicos formariam uma ponte de contato, por meio da qual os comunistas, com a liderança da IC, chegariam aos trabalhadores das fábricas e dos campos e os conduziriam ao caminho da revolução.

As publicações comunistas tinham um tipo idealizado de leitor: os trabalhadores urbanos e os camponeses. Para os editores dessas publicações, a leitura seria o caminho de emancipação desses trabalhadores dos grilhões do sistema capitalista. Em seu projeto editorial, a imprensa comunista objetivava converter os trabalhadores em militantes, que por meio da cultura e da leitura, despertariam o seu espírito crítico em relação ao mundo - como os *lesender Arbeiter*, idealizados pelo dramaturgo e poeta comunista Bertolt Brecht (1898 – 1956)[12] –, o que outorgaria à imprensa comunista uma função doutrinária e pedagógica. Essa

---

[11] Para consulta, encontra-se na seção de Anexos (**Anexo 2, pp. 299-302**) uma transcrição completa desse capítulo.

[12] O trabalhador autodidata e questionador de Brecht encontra-se no poema "Perguntas de um trabalhador que lê", escrito em 1935. Nessas estrofes, um trabalhador que aprendeu a ler e se instruiu questiona os feitos dos "grandes homens da história" e o papel, até então escondido, dos trabalhadores nos principais acontecimentos históricos. Segue o poema: "Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas? / Nos livros estão os nomes de reis; / os reis carregaram as pedras? / E Babilônia, tantas vezes destruída, quem a reconstruía sempre? / Em que casas da dourada Lima viviam aqueles que a construíram? / No dia em que a Muralha da China ficou pronta, para onde foram os pedreiros? / A grande Roma está cheia de arcos-do-triunfo: quem os erigiu? / Quem eram aqueles que foram vencidos pelos césares? / Bizâncio, tão famosa, tinha somente palácios para seus moradores? / Na legendária Atlântida, quando o mar a engoliu, os afogados continuaram a dar ordens a seus escravos. / O jovem Alexandre conquistou a Índia. / Sozinho? / César ocupou a Gália. / Não estava com ele nem mesmo um cozinheiro? / Felipe da Espanha chorou quando sua armada naufragou. / Foi o único a chorar? / Frederico 2º venceu a Guerra dos Sete Anos. / Quem partilhou da vitória? / A cada página uma vitória. / Quem preparava os

iniciativa dos impressos foi essencial para a formação dos quadros de membros para os PCs, sendo que todo o material que fosse publicado nesses periódicos estaria sob o controle dos Partidos e, consequentemente, da IC:

> Ningún diario será reconocido como órgano comunista si no se somete a las directivas del Partido. Ese principio también debe ser aplicado para las producciones literarias tales como libros, folletos, escritos periodísticos, etc., teniendo en cuenta su carácter científico, propagandístico, etc (Los cuatro primeros congresos de la internacional Comunista, 2008: 300).

A questão material não foi deixada de lado. Foram definidas as estruturas físicas que um periódico comunista deveria apresentar, a sua logística de distribuição e, por fim, como seria constituído o seu corpo editorial. Outra questão relevante consiste do comprometimento que cada militante deveria ter para com essas publicações. O "verdadeiro" comunista deveria sacrificar-se e defender cada órgão central do seu respectivo PC:

> Todo comunista se vincula estrechamente a su diario trabajando y sacrificándose por él. Es su arma cotidiana que, para ser útil, debe ser fortalecida y afilada diariamente. El diario podrá mantenerse sólo gracias a los mayores sacrificios financieros y materiales. Los miembros del partido deben proporcionar constantemente los medios necesarios para su organización y para su perfeccionamiento hasta que esté bastante extendido en los grandes partidos legales y sea lo suficientemente sólido para constituir por sí mismo un apoyo material para el Partido comunista.
> No basta con ser un agitador y un distribuidor celoso del periódico, sino que es necesario también convertirse en un colaborador útil. Debe suministrársele rápidamente información de todo lo que merezca ser destacado, desde el punto de vista social y económico, en la fracción sindical y en la célula, desde un accidente de trabajo hasta una reunión profesional, desde los malos tratos a los jóvenes aprendices hasta las relaciones comerciales de la empresa. Las fracciones sindicales deben informarle sobre todas las reuniones, las decisiones y las medidas más importantes adoptadas en esas reuniones por los secretariados de las Uniones, así como también sobre la actividad de nuestros adversarios. La vida pública de las reuniones y de la calle ofrece frecuentemente a los militantes atentos del partido la ocasión de observar con sentido crítico detalles cuya utilización en los diarios esclarecerá ante los ojos de los más indiferentes nuestra actitud en relación con las exigencias de la vida (Los cuatro primeros congresos de la internacional Comunista, 2008: 300).

Logo no primeiro parágrafo, é definido que o verdadeiro comunista deve trabalhar e se sacrificar pelo órgão central do seu PC filiado. No caso d'*A Classe Operária*, o melhor exemplo dessa entrega individual ficou com o exemplo do "Velho Orestes" e do "Cabo Jofre", citados anteriomente. A mesma abnegação pode ser encontrada nas páginas do *El*

---

banquetes? / A cada dez anos um grande homem. / Quem pagava as despesas? / Tantas histórias, Tantas questões". Consultar em: http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_secao=11&id_noticia=153050.

Machete, em diversas denúncias de prisões, intimidações e perseguições de militantes ou de simpatizantes que o divulgavam nas ruas e nas entradas das fábricas mexicanas.

Tendo por base as normas enunciadas acima, foram criadas diversas publicações comunistas nas Américas, como consta na tabela abaixo:

Periódicos comunistas publicados nas Américas (1920 – 1930)		
Local de publicação	Periódico	Ano
Buenos Aires/Argentina	La Correspondencia Sudamericana	1927-1930
Montevideo/Uruguai	La Correspondencia Juvenil Sudamericana	1930
	Boletín del Buró Sudamericano de la IC	1930
	Revista Comunista	1930-1931
Havana/Cuba	Alma Mater	1922
	Juventud	1923
	Dialéctica	1942
Nova York/EUA	The Worker	1923 – 1924
	El Mundo Obrero	1931-1933
	El Luchador del Caribe	1934
Santiago/Chile	Frente Popular	1936
	Aurora do Chile	1938
Cidade do México/México	El Comunista	1919
	Vida Nueva	1920
	El Comunista de México	1919
Rio de Janeiro/São Paulo/Brasil	Voz Cosmopolita	1920
	O Trabalho	1920
	A luta de clases	1930

Tabela 01: Relação de algumas publicações comunistas das Américas
Fonte: LEDESMA MEDRANO (1992: 92), IGNACIO TAIBO II (2008: 562) & DALMÁS (2012: 213)

A tabela acima não tem como objetivo apresentar uma seleção completa de todos os periódicos comunistas publicados no continente americano e o seu caráter é demonstrativo.

Todavia, pelos dados apresentados, podemos estabelecer alguns padrões dessas publicações: 1°) a maioria dos periódicos comunistas foram publicados nas principais cidades e capitais de cada país, as quais provavelmente eram os principais polos industriais e, portanto, com maior concentração da classe operária; 2°) a linguagem também foi outro fator importante, pois, somada ao discurso internacionalista da IC, facilitou a constituição de uma unidade ideológica entre esses periódicos. O português possui uma relativa proximidade linguística com o espanhol, o que facilitou o contato entre comunistas brasileiros e seus camaradas latino-americanos, sendo que a maioria dos periódicos estadunidenses era bilíngue, editados em inglês e espanhol; 3°) esses periódicos circulavam entre si, por exemplo, a revista *La Correspondencia Sudamericana* recebeu diversas publicações comunistas de outros países, as quais divulgavam e vendiam a preços acessíveis.[13] Por meio dessa dinâmica, um leitor da revista comunista argentina tinha a oportunidade de ler os periódicos publicados em outros países, como Uruguai e Chile, e também de países europeus, como Itália e França.[14] Essa circulação impressa propiciou uma troca de informações entre os PCs das Américas, além de fomentar campanhas de apoio quando necessário.

Essa hemereografía formou uma cultura impressa que interligou diversos periódicos comunistas e diminuiu a distância entre os militantes. Adiante, demonstraremos como *A Classe Operária* e o *El Machete* aproveitaram e usufruíram da estrutura de contatos e de propaganda de *La Correspondencia Sudamericana.*

***

Um último tema de discussão preliminar refere-se à questão da História Comparada.

O método comparativo nas pesquisas históricas foi um tema bastante debatido no começo do Século XX entre os profissionais de Clio. Henri Pirenne em 1923 e Lucien Febvre em 1924, como exemplo, escreveram trabalhos que teorizaram sobre os limites e as potencialidades desse método nas pesquisas históricas. Todavia, foi com Marc Bloch, por

[13] *La Correspondencia Sudamericana* foi o órgão oficial do Secretariado Sul-americano da Internacional Comunista (SSA/IC). A SSA/IC foi uma secretaria criada pela IC para assuntos latino-americanos. Sediada em Buenos Aires, funcionou de 1925 a 1930. Após a instauração da ditadura militar comandada por José Félix Uriburu (1930-1932), a SSA/IC foi transferida de Buenos Aires para Montevidéu, Uruguai, e mudou a denominação para Bureau Sul-Americano (BSA). A BSA funcionou até 1943 e foi dissolvida junto com a IC. No período de 1926 a 1930, foram publicados 27 números de *La Correspondencia Sudamericana.* Mais detalhes, consultar o trabalho de Carine Neves Alves da Silva (2011).

[14] Como exemplo, foram vendidos números dos periódicos *L'International Communiste* e *Cahiers Du Bolchevisme* (ambos franceses) e *Lo Stato Operaio* (italiano). O preço variava de $ 0.10 a $ 0.50. O elo dessa circulação intercontinental era tão forte que havia até mesmo a possibilidade de o leitor na Argentina realizar uma assinatura anual dessas publicações europeias.

meio de uma comunicação realizada na cidade de Oslo, Noruega, no final da década de 1920, que essa questão tomou corpo e marcou território. Depois convertido no clássico artigo "Para uma história comparada das sociedades europeias", Bloch (1998: 120) lançou as bases do método comparativo nas pesquisas históricas, que em sua definição possibilitaria ao historiador expandir seu horizonte investigativo:

> Antes do mais, no nosso domínio, o que é comparar? Incontestavelmente, é o seguinte: escolher, em um ou vários meios sociais diferentes, dois ou vários fenômenos que parecem, à primeira vista, apresentar certas analogias entre si, descrever essa curvas da sua evolução, encontrar as semelhanças e as diferenças e, na medida do possível, explicar umas e outras. São portanto necessárias duas condições para que haja, historicamente falando, comparação: uma certa semelhança entre os factos observados – o que é evidente – e uma certa dissemelhança entre os meios onde tiveram lugar.

Impulsionado pelos horrores da Primeira Grande Guerra, Bloch escreveu esse texto como um manifesto contra as histórias puramente nacionais que eram realizadas até então. Para o autor, a História Comparada teria como objetivo investigar fenômenos ou acontecimentos em contraste com uma historiografia estritamente nacional, tendo como ponto de partida analítico os pontos de semelhança e dessemelhança das realidades escolhidas. Ao analisar o texto de Bloch, José D'Assunção Barros (2007: 143) concluiu que comparar "era de algum modo abrir-se para o diálogo, romper o isolamento, contrapor um elemento de 'humanidade' ao mero orgulho nacional, e, por fim, questionar a intolerância recíproca entre os homens [...]".

Contudo, apesar do seu êxito e potencialidades, a História Comparada passou a ser bastante criticada devido ao forte viés eurocêntrico de suas análises. A Europa tornou-se o centro a ser comparado com as outras sociedades do globo. Como desdobramento, esse olhar eurocêntrico fincou-se como uma espécie de pilar alicerçado nas pesquisas sobre a História do Movimento Operário, como atestou Maria Ligia Coelho Prado (2005: 23):

> A historiografia esperava encontrar nas sociedades latino-americanas o mesmo comportamento político e a mesma organização sindical que haviam criado "a consciência de classe" do proletariado europeu. Os autores se decepcionavam ao fazer a comparação e assumiam uma certa hierarquização apoiada em determinados juízos de valor assumidos a priori, escalonando dos mais "avançados" movimentos sociais europeus aos mais "atrasados" latino-americanos que, por seu turno, ainda teriam um longo caminho a percorrer até chegar ao patamar idealizado.

Essa questão é pertinente em nossa pesquisa, pois foi comum à produção de um discurso sobre uma suposta incapacidade dos militantes latino-americanos de fomentar uma Revolução Bolchevique em suas respectivas realidades.

Atualmente, há novas teorias metodológicas que tratam dessa questão da comparação no campo historiográfico, tais como as Histórias Conectadas, as Histórias Plurais, as Transferências Culturais, as Histórias Transnacionais, as Histórias Cruzadas, entre outras. Essas teorias defendem novas abordagens no método comparativo e se colocam como superiores à abordagem formulada por Bloch. Tomemos, como exemplo, o caso das Histórias Conectadas. Desenvolvida pelo historiador indiano Sanjay Subrahmanyam (1997), as Histórias Conectadas se configuram como uma crítica à visão eurocêntrica das pesquisas históricas e possibilita uma análise das sociedades por diversos ângulos, seja por temas e/ou fenômenos históricos. Subrahmanyam criticou o conceito de uma "História Total" e demonstrou que muitos fenômenos definidores da formação da Europa não podem ser comparados com questões de outras regiões do globo. Para defender tal afirmação, em seu texto o autor cita o caso do Renascimento, que segundo seus estudos, apesar de sua importância vital na Europa, praticamente não teve ressonância na Ásia. Incisivo na defesa de seu conceito, para o autor, as Histórias Conectadas são mais eficazes que a História Comparada, à qual aquelas se opõem. Essa visão foi compartilhada por Serge Gruzinski (2001), que também exerceu uma leitura na qual as conexões são mais importantes do que as comparações.

Todavia, apesar dessas disputas conceituais, Maria Ligia Coelho Prado (2005: 30) propõe que, longe de se confrontarem, como defendido por Subrahmanyam e Gruzinski, as Histórias Conectadas podem dialogar com a História Comparada:

> Penso, ainda, que a escolha da história comparada não exclui a abordagem de histórias conectadas. A única crítica metodológica indicada por Serge Gruzinski com relação à comparação refere-se à dificuldade de escapar da visão eurocêntrica e dos modelos dicotômicos. Do meu ponto de vista, é possível fazer história comparada e permanecer crítico das visões eurocêntricas e dicotômicas. Assim, entendo que há mais complementação entre comparação e conexão, do que exclusão.

Os pontos assinalados por Prado vão ao encontro dos objetivos da nossa pesquisa, que se concentram na percepção da pluralidade e da especificidade do Comunismo no México e no Brasil.

Ao discorrer sobre as principais questões atuais nas pesquisas relacionadas à imprensa, Paula Alonso (2014) defendeu o uso da História Comparada, chamou atenção para o intenso

uso de “modas” transitórias e criticou as Histórias Transnacionais, que, de acordo com sua conclusão, ainda não apresentou uma metodologia específica e significativa de análise. Em outro trabalho, Jürgen Kocka (2014: 284) discorreu sobre a atualidade e os limites da História Comparada e, assim como Maria Ligia Coelho Prado, defendeu que o método comparativo pode dialogar com as outras correntes metodológicas atuais, como as Histórias Transnacionais, as Histórias Cruzadas e também, as Histórias Entrelaçadas:

> Mas os historiadores comparativos deveriam reagir às antigas advertências e aos novos desafios de uma forma produtiva. Usualmente eles limitarão o número de casos em comparação de modo a ter suficientes contextos em consideração. Mais importante, eles podem e devem incorporar elementos da abordagem da “história entrelaçada” para o delineamento comparativo de suas pesquisas. Certamente o ato de comparação pressupõe a separação analítica dos casos para serem comparados. Mas isso não significa ignorar ou negligenciar as interelações entre esses casos (se e na medida em que eles existiram). Pelo contrário, tais interelações deveriam tornar-se parte do quadro comparativo, analisando-os como fatores que levaram a similaridades ou diferenças, convergências ou diferenças entre os casos comparados.

Apesar das críticas pertinentes que essas teorias metodológicas realizaram sobre o método comparativo, o próprio Bloch (1998: 131) já havia sinalizado sobre o risco de interpretações errôneas que o uso equivocado da História Comparada poderia suscitar:

> Mas cuidemos de não alimentar um mal-entendido de que o método comparado não sofre. Muitas vezes, pensa-se, ou afecta-se pensar que o método não tem outro objectivo que a caça às semelhanças; gosta-se de o acusar de se contentar com analogias forçadas, até mesmo, por vezes, de as inventar postulando arbitrariamente não sei que paralelismo necessário entre as diversas evoluções. Inútil ir ver se estes reparos terão parecido por vezes justificados; é bem certo que o método, assim praticado, não passaria de uma maldosa caricatura. Pelo contrário, concebido com correcção traz um interesse especialmente marcado à percepção das diferenças, sejam elas originais ou resultem de caminhos divergentes, tomados de um mesmo ponto de partida.

Bloch defendeu uma comparação centrada em análises voltadas mais pelas diferenças do que pelos pontos em comum das sociedades selecionadas para estudo. O México e o Brasil dos comunistas, quando colocados lado a lado, apresentam mais características distintas do que semelhantes. Por fim, a relevância da História Comparada nas pesquisas de temas que envolvem o Mundo do Trabalho também foi defendida com propriedade por Cláudio Batalha (2006: 96): “A comparação auxilia na elaboração das hipóteses explicativas e suscita questões que dificilmente surgiriam apenas com um estudo de caso. Somente a comparação permite distinguir os traços gerais dos específicos no estudo de um dado fenômeno.”

A discussão apresentada acima corrobora o encaixe metodológico da História Comparada em face aos objetivos propostos da presente pesquisa.

A presente tese está dividida em cinco capítulos, acrescidos da conclusão:

No primeiro, intitulado "O Comunismo asteca e tropical: militantes, partidos e imprensa", será apresentada uma análise comparativa da repercussão da Revolução Russa no México e no Brasil, dos processos de constituição do PCM e do PCB, culminando com a criação do *El Machete* e d'*A Classe Operária*.

No segundo, "Tempos 'Revolucionários' e imprensa comunista: auge e quedas", será apresentada uma análise da trajetória do *El Machete* e d'*A Classe Operária* na década de 1930. No caso brasileiro, a análise será focada no primeiro governo de Getúlio Vargas, enquanto que, do México, será apresentado um estudo do período de ilegalidade do PCM e do *El Machete*, abordando, na sequência, o auge e a inserção dos comunistas no sexênio governamental do Gen. Lázaro Cárdenas (1934 – 1940). Esse capítulo se encerra com um breve estudo da materialidade de ambas as publicações comunistas.

No terceiro capítulo, "Olhares cruzados: contatos da imprensa comunista mexicana e brasileira", serão apresentadas uma discussão sobre o conceito de Internacionalismo Proletário e uma análise de matérias sobre o México que foram publicadas n'*A Classe Operária*, bem como do inverso, isto é, matérias do Brasil que foram publicadas no *El Machete*.

No quarto, "Além das palavras: imagens, arte e propaganda política", será apresentada uma análise da produção imagética do *El Machete* e d'*A Classe Operária*, incluindo charges, caricaturas, fotos, fotomontagens e Histórias em Quadrinhos.

No quinto e último capítulo, "Das estrelas às barricadas: o encantamento das Revoluções", serão apresentadas uma breve discussão sobre o conceito de Revolução e uma análise de matérias comemorativas que foram publicadas no *El Machete* e n'*A Classe Operária*, sobre a Revolução Russa, o 1° de Maio e também sobre os seus processos nacionais, ou seja, a Revolução Mexicana e a "Revolução" brasileira.

Finalmente, apresentamos a conclusão da pesquisa, seguida da relação bibliográfica de obras e documentos consultados, além do material constante nos anexos (textos e imagens).

Torna-se relevante esclarecer que tanto as citações de livros, como as de textos e principalmente as das fontes, seguem com sua grafia original. Em alguns casos, aparecerão erros gramaticais e de concordância verbal. Todavia, apesar do possível desconforto que a leitura dessas situações possa suscitar, decidimos não realizar nenhum tipo de correção a fim de que os documentos e as obras se apresentem fidedignamente ao seu original.

1. O Comunismo asteca e tropical: militantes, partidos e imprensa

O sonho da Revolução,
um pesadelo ardente
(Roberto Bolaño,
Os detetives selvagens)

1.1. A Revolução Russa e as raízes do Comunismo mexicano e brasileiro (1917-1919)

Há quase cem anos, quando os insurgentes russos invadiram o Palácio de Inverno, símbolo do poder czarista, em outubro de 1917, uma nova realidade e alternativa ao *status quo* capitalista apresentou-se para os trabalhadores do mundo. A pirâmide social foi invertida e a Revolução Russa trouxe a promessa de que os operários poderiam, enfim, ser os condutores dos trens de suas próprias vidas.[15] Ao compará-la com a Revolução Francesa de 1789, Eric Hobsbawm (1995: 62) traçou um quadro de como a experiência revolucionária soviética não ficou circunscrita ao Leste Europeu e, igual a um vírus, espalhou-se pelo globo ao longo do Século XX:

> [...] a Revolução de Outubro teve repercussões muito mais profundas e globais que sua ancestral. Pois, se as idéias da Revolução Francesa, como é hoje evidente, duraram mais que o bolchevismo, as conseqüências práticas de 1917 foram muito maiores e mais duradouras que as de 1789. A Revolução de Outubro produziu de longe o mais formidável movimento revolucionário organizado na história moderna. Sua expansão global não tem paralelo desde as conquistas do islã em seu primeiro século.

[15] Atualmente, existe um debate em conceitualizar os eventos que originaram a União Soviética como uma Revolução ou um Golpe de Estado. Efetivamente, a Revolução Russa iniciou-se em fevereiro de 1917, com intensos protestos populares e greves, que resultaram na abdicação do Czar Nicolau II. Com sua queda, formou-se um governo provisório, comandado pelo príncipe Georgy Lvov e por Alexander Kerensky. Em abril do mesmo ano, Lenin retornou do seu exílio, lançou suas Teses e defendeu a radicalidade do processo revolucionário. As divergências entre a ala menchevique, considerada moderada, e dos bolcheviques, considerada radical, sobre o futuro da Rússia chegou a níveis irreconciliáveis, e, em outubro, Lenin liderou uma insurreição armada com participação de operários, socialistas radicais, militares, entre outros segmentos populares, que resultou na queda do governo provisório. Foi a vitória bolchevique e a efetivação do início da experiência comunista na Rússia. O *modus operandi* da ofensiva comandada por Lenin tomou a forma de um Golpe de Estado, pois foi realizada à revelia das organizações soviéticas e decidida unilateralmente pelo comitê central do Partido Bolchevique. Todavia, não deixou de ter um caráter revolucionário, como definiu Osvaldo Coggiola (2007: 17): "Assim, ao contrário da Revolução de Fevereiro, a Revolução de Outubro assumiu a *forma* de um 'golpe de Estado', da vitória de uma minoria conspirativa. Mas, desde o início, o conteúdo envolvido por esta forma era o de uma revolução". Daniel Aarão Reis Filho (2003: 67) realizou uma discussão sobre esse debate e chegou à seguinte conclusão: "Golpe *ou* revolução? A análise das circunstâncias sugere a hipótese de uma síntese: golpe *e* revolução." Diante dessa questão, estamos de acordo com ambos os autores, isto é, que Lenin liderou um golpe que originou uma revolução. Ao utilizarmos a denominação Revolução Russa, estamos nos referindo ao processo de outubro de 1917.

Mesmo que pese algumas críticas ao tom grandiloquente esboçado na afirmação de Hobsbawm, não há dúvidas de que, a partir do segundo decênio do Século XX, o mapa político do mundo dividiu-se entre os apoiadores e os adversários do Comunismo Soviético. A repercussão foi imediata e, segundo Marc Ferro (1984: 16-50), a grande imprensa europeia recebeu com estupefação os primeiros informes sobre a Revolução Russa e rivalizou, em suas páginas, as informações desse acontecimento com as notícias e as análises sobre a Primeira Grande Guerra, em curso desde 1914.

O ano de 1917 foi singular, tanto para a Rússia, como também para o México e para o Brasil. Quando Lenin desembarcou na Estação Finlândia em abril de 1917, com o objetivo de liderar a Revolução, o México já sofria as consequências de sua própria experiência revolucionária. Depois de quase sete anos de combate, que deixou um grande saldo de mortos e feridos, o futuro do país mexicano estava dividido na disputa de duas forças sublevadas: os Constitucionalistas, liderados por Venustiano Carranza, e os Convencionistas, constituídos pelas tropas populares e camponesas lideradas por Emiliano Zapata e Francisco "Pancho" Villa.[16] Em 05 de fevereiro de 1917, na cidade de Querétaro, foi promulgada a Constituição Mexicana, que ratificou leis de forte apelo popular e legitimou a chegada ao poder das Forças Constitucionalistas. Cabe destacar que a Constituição Mexicana assegurou diversos direitos aos trabalhadores, contudo, seria errôneo considerar essas diretrizes trabalhistas como um ato benigno de Carranza. Tais direitos foram conquistados como resultado de diversas décadas de lutas camponesas e operárias, entre a segunda metade do Século XIX e começo do XX.[17] Para alguns autores, entre eles Héctor Aguilar Camín e Lorenzo Meyer (2000: 87-95), a Constituição de 1917 representou o ponto inicial de uma nova era para o México.

O Brasil não esteve aquém de perturbações sociais nesse singular ano de 1917. Em São Paulo, o principal polo industrial do país no período, ocorreu a maior manifestação anarquista brasileira já registrada, quando, no mês de julho, trabalhadores da indústria têxtil de Cotonifício Rodolpho Crespi iniciaram uma paralização que se transformou em uma greve

---

[16] "**Constitucionalistas**: partidários da manutenção da Constituição de 1857, desrespeitada por Victoriano Huerta quando este destituiu o presidente legitimamente eleito, Francisco Madero. Posteriormente, mantiveram o epíteto em oposição aos partidários da Convenção de Aguascalientes. As principais lideranças desse grupo foram Venustiano Carranza e Álvaro Obregón [...]. **Convencionistas**: partidários da Convenção de Aguascalientes, reunida nessa cidade em 1914, cujo objetivo era o de reorganizar politicamente o país. Com o não reconhecimento desta por Carranza e o abandono de Obregón, suas principais lideranças foram Francisco Villa, Emiliano Zapata e Eulálio Gutierrez" (BARBOSA, 2007: 87).

[17] Os direitos dos trabalhadores mencionados encontram-se no *Artículo 123 de la Constitución de 1917*. Nesse documento, ficou assegurada a jornada máxima de oito horas, além da proibição de trabalho para menores de doze anos, do estabelecimento do salário mínimo, da regulamentação das greves, da regulamentação da exploração dos recursos naturais, das terras e do subsolo; da proibição de associações religiosas, igrejas, de possuir bens e propriedades, entre outros direitos (CÓRDOVA, 1973: 486-490).

geral que contou com a participação de 50.000 trabalhadores. A liderança do movimento ficou a cargo do lendário anarquista Edgar Leuenroth, que liderou o Comitê de Defesa Proletária (CDP). Apesar da similitude temporal desses acontecimentos, não podemos estabelecer uma ligação simétrica e direta entre eles. Apesar da circulação de informações no Brasil sobre os acontecimentos da Rússia, a Greve Geral de 1917 esteve mais relacionada com a crise de abastecimento alimentícia e do alto custo de vida que se abateu no país em 1915, como resultado da Primeira Grande Guerra (Cf. LOPREATO, 1997).

Ao estudar a repercussão da Revolução Russa no continente latino-americano, Boris Koval[18] (1980: 58), concluiu que os jornais de grande circulação do Brasil e do México não publicaram matérias fidedignas sobre os acontecimentos revolucionários da pátria de Lenin e de Trotski. Segundo as memórias do anarquista Everardo Dias, as matérias sobre a Revolução Russa eram filtradas pelas agências de informações *Havas*, *Reuters* e *Associated Press (AP)* e tanto ele quanto os seus amigos recorriam ao rádio e ouviam uma estação alemã para obter informações que julgavam serem mais fidedignas da Revolução Russa (DIAS apud BANDEIRA, MELO & ANDRADE, 1980: 109).

Segundo Koval (ibidem), houve inclusive a exibição de um documentário nas capitais do Brasil, Argentina e outras localidades, o qual, no entanto, também não apresentou muitas informações sobre a Rússia revolucionária:

> Tampouco um filme sobre a vida russa projetado nos cinemas de Rio de Janeiro, Buenos Aires e outras grandes cidades, em 1917, nada esclarecia sobre os fatos. Foi um filme feito por operadores da Cruz Vermelha dos EUA, e tratava dos acontecimentos de Petrogrado. As ações das massas eram apresentadas como as de uma desenfreada anarquia. As fotos dos membros da família real, vistas de Petrogrado, etc., sucediam-se com uma promiscuidade de caleidoscópio. A partir desse filme mudo de vinte minutos não se podia compreender nada, exceto que o povo russo havia derrotado a autocracia e instituído o poder republicano. Não se tratou do Soviete de deputados operários em uma única sequência. As massas da América Latina receberam, porém, com prazer um documentário dedicado à revolução russa. Naturalmente que os setores mais cautelosos e conservadores manifestaram sua indignação relativa à Revolução de Fevereiro, vituperando a "plebe amotinada" e compadecendo-se do czar e sua camarilla.

O documentário descrito por Koval foi sobre a primeira fase da Revolução Russa, dos eventos que aconteceram em fevereiro de 1917 e com ênfase dedicada à figura de Alexander Kerensky. No Rio de Janeiro, esse documentário foi exibido no antigo Cine Parisiense e os jornais do período publicaram o seguinte anúncio: "Venham ver Kerensky em ação – o Danton da Rússia". Infelizmente, não dispomos de mais informações sobre esse

[18] O correto seria **Boris Kovak**. Contudo, manteremos a grafia que aparece na ficha catalográfica do livro.

documentário. Todavia, há algumas questões sobre sua exibição. No caso do Brasil, quem terá assistido a esse produto visual? Astrojildo Pereira,[19] figura emblemática da história operária do Brasil, residia no Rio de Janeiro nesse período. Teria ele assistido ao tal documentário?

Alguns periódicos de grande circulação no Brasil, como o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*, publicaram matérias críticas referentes a Lenin e à Revolução Russa. Contudo, houve exceções, como o jornal *O Imparcial*, que publicou integralmente as "Teses de Abril de Lenin". Segundo John W. Foster Dulles (1977: 63), Astrojildo Pereira não ficou aquém dessa repercussão negativa da Revolução Russa nos meios impressos brasileiros e contra-atacou com as mesmas armas, ou seja, com a palavra impressa:

> Astrogildo Pereira percebia que "a imprensa burguesa apresentava as notícias caluniosamente, distorcendo os fatos, deturpando o significado dos acontecimentos revolucionários que se desenrolavam na Rússia". Publicava seus comentários sobre o que se passava na Rússia no jornal *O Debate* do Rio de Janeiro, de que fora co-editor e colaborador, juntamente com figuras como Fábio Luz, Mauricio de Lacerda, Agripino Nazaré e o romancista Lima Barreto. Mas, quando o Brasil entrou em guerra, *O Debate* foi proibido de circular. Todavia, usando um pseudônimo, Astrogildo Pereira enviou cartas à imprensa protestando contra suas falsidades e mentiras. Poucos jornais publicaram estas cartas, mas Astrogildo reuniu-as em um panfleto, *A Revolução Russa e a Imprensa*, que apareceu no Rio em fevereiro de 1918, sob o seu pseudônimo Alex Pavel.

Na imprensa operária brasileira, a dinâmica de informações sobre a Revolução Russa seguiu uma lógica distinta. Maitê Peixoto (2010) traçou um quadro interessante ao demonstrar como os periódicos libertários *A Lanterna* e *A Plebe*, inicialmente, saudaram com entusiasmo o processo revolucionário russo. Contudo, essa postura de apoio inverteu-se quando os pontos divergentes entre o comunismo soviético e as doutrinas libertárias vieram à tona. Se os periódicos *A Lanterna* e *A Plebe* passaram a criticar a Revolução Russa e os seus apoiadores, uma exceção ocorreu com o periódico *O Cosmopolita*. Essa publicação, de orientação anarcosindicalista, não só recebeu com entusiasmo a Revolução de Outubro como, em 1922, ano de fundação do PCB, mudou seu título para *A Voz Cosmopolita* e estreitou laços com o movimento comunista brasileiro. Ademais, em seu 2° número, *A Voz Cosmopolita* anunciou o

[19] **Astrogildo Pereira** nasceu em Rio Bonito, Rio de Janeiro, em 08 de outubro de 1890. Jornalista, anarquista, comunista e um dos fundadores do PCB, mudou a grafia de seu nome para Astrojildo. Foi redator dos principais periódicos anarquistas brasileiros do início do Século XX, como a *Guerra Social*, *Cosmopolita*, *Crônica Subversiva*, entre outros. Tomou parte da "Insurreição anarquista" no Rio de Janeiro, em janeiro de 1918, e do anarquismo passou às fileiras do comunismo nacional. Após a fundação do PCB, em poucos meses, tornou-se secretário geral do Partido. Em 1924 participou do V Congresso Internacional da IC, realizado em Moscou. No período de fevereiro de 1929 a janeiro de 1930, trabalhou na União Soviética no secretariado para assuntos da América Latina da IC. Retornou ao Brasil com as diretrizes de "proletarizar" os PCs e foi rebaixado do cargo de secretário geral do Partido. Afastou-se do PCB em 1931 e retornou em 1945. Após o golpe militar de 1964, foi preso por três meses e faleceu um ano depois, em 1965 (BATALHA, 2009: 125). Nesse trabalho, utilizaremos a grafia de Astrojildo, respeitando a alteração realizada pelo próprio.

lançamento da revista *Movimento Communista*, a primeira publicação de orientação bolchevique do Brasil que trataremos com mais densidade nas páginas seguintes:

> **"Movimento Communista"**
>
> Sob este titulo aparecerá por estes dias uma revista dirigida pelo conhecido militante anarchista Astrogildo Pereira e destinada á propaganda revolucionaria do socialismo.
>
> Esta publicação, segundo nos consta, assumirá uma atitude especial em face das correntes revolucionarias que presentemente se debatem e por isso será ela doutrinaria e sobretudo documentativa e comentadora.
>
> O seu primeiro numero sairá com 32 páginas e conterá matéria importante com o que despertará interessa a sua leitura.
>
> Ao preço de 300 réis encontrar-se-á á venda nos pontos de jornais, livrarias, associações e outros locais de reunião da classe operaria.
>
> (*A Voz Cosmopolita*, "Movimento Communista", nº 02. 15/01/1922, p.02).

Outro exemplo de apoio à Revolução Russa na imprensa brasileira ficou a cargo do escritor Lima Barreto, que manifestou sua simpatia pelos bolcheviques em dois artigos, a saber: 1) "Ajustes de contas", publicado no periódico *A.B.C.* em 11 de maio de 1918, que se encerra com um esfuziante "Ave Rússia!"; 2) "Vera Zassulitch", publicado no periódico *Brás Cubas* em 07 de julho de 1918, no qual Barreto defendeu a ideia de que uma possível derrota dos bolcheviques representaria também uma ruína para todos os "povos felizes" (BARRETO apud FARIA & PINTO, 2012: 55-65).

No México, as críticas sobre a Revolução Russa foram publicadas nas páginas dos jornais *El Nacional* e *Excelsior* (ibidem: 66) e o espaço de apoio coube nas páginas do periódico *Regeneración*. Publicação do Partido Liberal Mexicano (PLM), encabeçado por Ricardo Flores Magón, no momento da eclosão soviética, o *Regeneración* praticamente deixou de ser impresso. Em fins de 1918, o PLM estava totalmente desarticulado, resultado da morte e detenção de seus membros e líderes.[20] O texto sobre a Revolução Russa foi publicado na capa do seu último número, 262, de 16 de março de 1918. Nesse artigo, de autoria de Ricardo Flores Magón, Lenin foi alçado à condição de mentor de uma Revolução Mundial, que se espalharia pelo globo a partir de Moscou. Inclusive, Flores Magón, apesar do pouco

[20] O periódico *Regeneración* foi fundado pelos irmãos Ricardo e Enrique Flores Magón em 07 de agosto de 1900. De origem liberal, o *Regeneración* assumiu um posicionamento político radical, quando o seu principal redator, Ricardo Flores Magón, tornou-se anarquista. Assim como Astrojildo Pereira, Flores Magón foi seduzido pelos ideais libertários a partir da leitura da obra *A Conquista do Pão*, de autoria do anarquista Piotr Kropotkin, publicado em 1862. Já o Partido Liberal Mexicano (PLM) foi fundado em 1900 e reunia em suas fileiras diversos opositores do regime de Porfírio Díaz. Quando Ricardo Flores Magón ingressou no PLM, em 1906, o partido assumiu uma postura mais radical em suas estratégias de oposição e o *Regeneración* tornou-se sua publicação oficial. Ricardo Flores Magón nasceu em 16 de setembro de 1874, em Oaxaca, México. Ao longo de sua vida, propagandeou e defendeu o anarquismo no México. Morreu em 21 de novembro de 1922, preso no Fort Leavenworth, nos Estados Unidos. Para mais detalhes, recomendamos a leitura de James D. Cockcroft (1985).

espaço da publicação – que na época estava sendo impresso em duas páginas – traduziu e publicou alguns trechos de declarações atribuídas a Lenin e a Trotski:

> Nikolai Lenine, el leader ruso, es en estos momentos la figura revolucionaria que brilla más en el caos de las condiciones existentes en todo el mundo, porque se halla al frente de un movimiento que tiene que provocar, quiéranlo o no lo quieren los engreídos con el sistema actual de explotación y de crimen, la gran revolución mundial que ya está llamando a las puertas de todos los pueblos; la gran revolución mundial que operará cambios importantísimos en el modo de convivir de los seres humanos.
>
> […]
>
> Las dimensiones de REGENERACIÓN, reducidas a dos pobres páginas, nos forzan a no traducir todas las declaraciones de Lenine, y lo lamentamos, porque estas declaraciones, así como las del otro leader ruso, León Trotzky, arrojan fuerte luz sobre el movimiento revolucionario ruso. Así, pues, allá va algo de lo que dice Lenine:
>
> "La revolución de Rusia no es una revolución nacional sino que es una revolución mundial.
>
> "Los bolcheviques son los verdaderos internacionalistas. Ellos son los únicos que desean ver extenderse por todo el mundo las ideas de la revolución (*Regeneración*, "LA REVOLUCION RUSA", n° 262. 16/03/1918, p.01).

Como demonstraremos adiante, esse artigo foi bastante importante para que os comunistas mexicanos criassem uma imagem positiva de Ricardo Flores Magón e o saudassem como um partidário póstumo do Comunismo Soviético. No momento, cabe esclarecer que o principal editor do *Regeneración* estava preso quando tal artigo foi publicado. Além de ter sido escrito no *calor do momento*, esse texto foi publicado em um breve período em que os militantes anarquistas compartilharam com entusiasmo os acontecimentos da Revolução Russa.

Contudo, esse castelo de cartas não tardou a desmoronar. Em uma carta datada de 08 de fevereiro de 1921, trocada com sua amiga estadunidense Ellen White, Ricardo Flores Magón explanou a sua preocupação com os rumos da Rússia Soviética e chegou a denominar o processo revolucionário guiado por Lenin e Trotski como uma ditadura. Ao que tudo indica, o anarquista mexicano mudou a sua opinião depois de ler artigos críticos da Revolução Russa publicados no periódico libertário estadunidense *Freedom*. Abaixo, segue um trecho da referida correspondência:

> ¡Qué considerada es usted, mi buena amiga! Tengo en mis manos *Freedom*, todas las ediciones de 1920 y la de enero de este año. Se lo agradezco, lo mismo que a Keelly a Owen. Me hacía falta ese gran periódico; estaba hambriento de esa literatura saludable. Concuerdo con estos camaradas: dictadura es tiranía y no puede conducir más que a la tiranía, y yo estoy en contra del despotismo tanto el de los trabajadores, como el de la burguesía. La cuestión rusa me preocupa mucho. Mucho me temo que las masas rusas, después de haber esperado en vano la libertad y el bienestar que les había prometido la Dictadura de Lenin y de Trotzky, puedan

> retornar nuevamente al capitalismo. El hambre que ahora padecen las masas rusas, tras dos años de administración de las industrias por parte del Estado, puede conducir a las masas a la conclusión de que el antiguo sistema de producción es bueno y, en consecuencia, en lugar de poner la administración de las industrias directamente en manos de los obreros, bien puede suceder que la devuelvan a los patrones privados. El efecto de semejante acción sería catastrófico para el movimiento mundial de los trabajadores que ha puesto tantas esperanzas en el Gobierno soviético. Mis recelos me hacen ver con profunda simpatía la cruzada de esclarecimiento que *Freedom* está llevando a cabo. El colapso de la Dictadura de Lenin y de Trotzky es sólo una cuestión de tiempo, y los trabajadores del mundo deben estar preparados para afrontar ese fracaso con serenidad puesto que, por medio de muestra propaganda, conocerán las causas de esa catástrofe, y tendrán ante ellos la vía que conduce a una sociedad sin amos. Le ruego, querida Ellen, transmitir mis felicitaciones fraternales a Owen y a Keell, así como a todos los camaradas ingleses. Y ya que mi querido amigo Owen desea saber cómo estoy, le suplico informarle. Como usted sabe, los días de mi vista están contados… Oscuridad se acerca, se acerca…[21]

A princípio poderíamos supor que os comunistas mexicanos não tiveram conhecimento das cartas de Ricardo Flores Magón e, por isso, não souberam dessa mudança de opinião do líder do PLM sobre os rumos da Revolução Russa. Todavia, no n° 447 do *El Machete*, de 28 de novembro de 1936, foi publicada uma página de homenagem a Flores Magón, com sua última carta, escrita em 19 de novembro de 1922. Se os editores do PCM tiveram acesso a essa carta de Ricardo Flores Magón, fica a dúvida se os mesmos não se depararam com a carta de crítica à Revolução Russa. De qualquer forma, os membros do PCM, por meio das páginas do *El Machete*, transformaram Ricardo Flores Magón em um admirador da Revolução Soviética.

Além do principal redator do *Regeneración*, Emiliano Zapata esboçou apoio à Revolução Russa, também por meio de uma carta. Nesse documento, datado de 14 de fevereiro de 1918 e dirigido ao Gen. Genaro Amezcua, que no momento estava em Havana, Cuba, Zapata saudou com entusiasmo a Revolução Russa e comparou-a com o processo revolucionário mexicano. Segundo Koval (1980: 88), Zapata desconhecia as bases teóricas do pensamento marxista e seu interesse pela Revolução Soviética estava fundamentado no seu apelo camponês, ratificado no "Decreto sobre a Paz e sobre a Terra", formulado por Lenin entre 26 de outubro e 08 de novembro de 1917. Essa declaração atribuída ao líder camponês mexicano foi reproduzida em diversos jornais operários do período, inclusive no n° 37 d'*O Cosmopolita*, publicado em 27 de julho de 1918 no Brasil.[22]

---

[21] http://archivomagon.net/obras-completas/correspondencia-1899-1922/c-1921/cor34-2/. Acesso em 01 de jul de 2014.

[22] Essa carta também foi publicada no periódico *Liberación*, do PCM de novembro e dezembro de 1957, e uma parte dela encontra-se no estudo realizado por Arnoldo Martínez Verdugo (1985: 18): "Mucho ganaríamos, mucho ganaría la humana justicia, si todos los pueblos de nuestra América y todas las naciones de la vieja Europa comprendiesen que la causa del México revolucionario y la causa de Rusia la irredenta, son y

Emiliano Zapata foi assassinado em abril de 1919 e não presenciou o desenrolar e as contradições da Revolução Soviética. Como no caso de Flores Magón, sua declaração foi utilizada pelos comunistas mexicanos na construção de um discurso de legitimidade e apoio aos bolcheviques, e, consequentemente, ao processo revolucionário soviético. Afinal, se Emiliano Zapata, o principal símbolo popular e camponês da Revolução Mexicana, apoiou a o processo emancipatório soviético, porque os mexicanos, que acreditavam e lutavam por uma sociedade mais justa, não poderiam fazer o mesmo?

Além dessas repercussões na imprensa, um importante documento da Rússia Soviética circulou no México e no Brasil, a *Carta aos operários norte-americanos*, redigida por Lenin em 20 de agosto de 1918 e publicada dois dias depois no jornal oficial do Partido Bolchevique, o *Pravda*. Nessa carta, Lenin apresentou aos trabalhadores estadunidenses sua tese sobre o Imperialismo estadunidense e inglês, discorreu acerca da base de poder que estava em construção na Rússia, e comentou a respeito da força praticamente implacável da Revolução Russa, que, em sua interpretação, se converteria em uma erupção revolucionária europeia e, posteriormente, se espalharia em nível mundial. Como um alerta, Lenin (1973: 142) encerrou sua missiva ao solicitar um apoio do proletariado estadunidense a favor dos revolucionários soviéticos, e pregou a inevitabilidade do processo revolucionário que estava em curso na Rússia: "En pocas palavras, somos invencibles, pues invencible es la revolución proletaria mundial." Para Silvio Pons (2014: 74), desde os seus primeiros dias, Lenin criou uma imagem discursiva na qual a Revolução Russa era um processo de libertação mundial. Essa ideia foi importante na construção de um apoio transnacional e na criação de uma identidade coletiva que uniria os trabalhadores ao redor do mundo sob os ditames da IC.

Uma versão abreviada dessa carta foi publicada no final de 1918 nos Estados Unidos, nas páginas da revista *The Class Struggle*, coordenada por socialistas de esquerda nova-iorquinos e no seminário *The Revolucionary Age*, publicado em Boston, e cujo corpo editorial era formado pelo jornalista John Reed e pelo agente da IC Sen Katayama (KOVAL, 1980: 105).[23] Adiante, demonstraremos o papel importante que Katayama exerceu na consolidação

---

representan la causa de la humanidad, el interés supremo de todos los pueblos oprimidos." Daniela Spenser (2006: 23) confirmou a autenticidade desse documento, pois teve a oportunidade de analizar uma cópia da carta original.

[23] **John Silas Reed** nasceu em Portland, Oregon, Estados Unidos, em 22 de outubro de 1887. Formou-se em jornalismo por Havard e sempre teve uma intensa atuação política. Em 1913, foi enviado ao México, pela revista *Metropolitan* e pelo jornal *New York World*, para cobrir a Revolução Mexicana, sendo que o material dessa experiência converteu-se no clássico *México Insurgente*, publicado em 1914. Cobriu também as consequências da Primeira Grande Guerra no Leste Europeu, em 1917, e foi testemunha ocular da Revolução Russa, que resultou na publicação do também clássico *Dez dias que abalaram o mundo*. Em 1919, participou da fundação do Partido Comunista dos Estados Unidos (CPEUA). Após a fundação do CPUSA, Reed retornou à Rússia Soviética, e morreu em 19 de outubro de 1920, em decorrência de complicações do tifo. Foi enterrado na Praça

do PCM. Por ora, cabe destacar que, segundo Koval (ibidem), um integrante do grupo do *Regeneración* – cuja identidade ele não nos fornece – traduziu essa carta para o espanhol e praticamente a transformou em um manifesto anarcosindicalista. Essa versão traduzida da carta teve parágrafos suprimidos e outros trechos foram totalmente alterados, o que resultou em uma atribuição equivocada a Lenin de ideias anarquistas. Rebatizada como "Carta de Lênin a los trabajadores de la región mexicana", ela foi apresentada em uma sessão "litero-anarquista", no teatro León Contreras de Mérida, no Estado de Yucatán, em 13 outubro de 1919.

Torna-se um fato relevante essa sessão ter sido realizada em Yucatán. Esse estado, localizado na região norte da América Central do México, nutriu uma relação conflituosa com o governo federal. A Revolução chegou a Yucatán apenas em março de 1915, em dissintonia com os outros estados do México. Em junho de 1916 foi fundado o Partido Socialista del Sureste (PSS), que mudou de nome para Partido Socialista Obrero e, finalmente, para Partido Socialista de Yucatán. Por meio de suas plataformas de propostas radicais, em 1919, Venustiano Carranza investiu contra essa agremiação política e contra o seu principal líder, Felipe Carrillo Puerto.[24] O Partido Socialista chegou ao poder em Yucatán em janeiro de 1922, quando Carrillo Puerto sagrou-se governador com 94,9% de votos válidos. O governo comandado por Carrillo Puerto implantou uma verdadeira experiência socialista em Yucatán. Foi promulgada a reforma agrária, a alfabetização, a participação das mulheres na vida política, foi fundada a Universidad Nacional del Sureste, atualmente Universidad Autónoma de Yucatán, entre outras medidas de caráter popular e socialista. É digno de nota destacar que o governo socialista de Yucatán estreitou laços com a Rússia Soviética. Carrillo Puerto trocou cartas com Lenin e o Partido Socialista manteve contato com a IC, o que foi outra medida de autonomia de Yucatán para com o governo federal mexicano (JOSEPH, 1992: 229-233). Essa experiência foi descontinuada em 1924, com a morte de Carrillo Puerto.

Vermelha e homenageado no Kremlin (REED, 2010: N/C). Com uma escrita totalmente partidária aos bolcheviques, os *Dez dias*... recebeu um caloroso prefácio de Lenin, e, segundo Silvio Pons (2014: 69), foi uma obra importante que contribuiu para a construção da "[...] autorrepresentação (sic) do regime bolchevique como protagonista de uma revolução proletária e socialista [que] se difundiu fora das fronteiras da Rússia [...]".

Sen Katayama, ou **Yasutaro Yabuki**, participou da primeira emigração de japoneses aos Estados Unidos, em 1884, e atuou ativamente no movimento socialista japonês. Foi delegado da II IC e editou nos Estados Unidos, uma revista socialista bilíngue, em japonês e inglês. Unificou os partidos comunistas dos Estados Unidos e do México, também participou da criação do PC canadense e desempenhou um forte papel na consolidação do Comunismo no continente americano (JEIFETS; JEIFETS & HUBER, 2004: 162).

[24] **Felipe Santiago Carrillo Puerto** nasceu em novembro de 1874, em Mérida, Yucatán. Político e jornalista, foi um entusiasta das ideias socialistas e comunistas, e governou Yucatán entre 1922 e janeiro de 1924, quando foi assassinado por meio de uma conspiração orquestrada por inimigos políticos (Cf. JOSEPH, 1992).

No Brasil, a carta de Lenin foi publicada integralmente também no ano de 1919, e sua tradução para o português não apresentou as alterações que foram detectadas na versão mexicana. Levantamos a hipótese que os anarquistas do México se aproveitaram do grande apoio e da vitrine ideológica que a Revolução Russa inspirou em seus momentos iniciais, entre os operários e camponeses, para propagandear as suas ideias e os seus planos políticos. Reforça o nosso argumento, o fato de que junto às cópias da versão mexicana da carta de Lenin, que foi distribuída no evento do teatro León Contreras de Mérida, estava anexado o *El programa revolucionario en Rusia*, de autoria dos anarquistas mexicanos e travestida de plataforma de demandas bolcheviques (KOVAL, 1980: 109).

Poderíamos apresentar ainda outros exemplos, contudo, as mediações expostas acima demonstram como a ideia da Revolução Russa, de um processo de emancipação mundial da classe operária e camponesa, circulou com intensidade tanto no México quanto no Brasil. O palco estava montado para a fundação dos PCs nestas duas realidades sociais, que, apesar de distantes, se conectaram pelo projeto internacional que emanava das bandeiras vermelhas que se ergueram e flamularam do outro lado do Atlântico.

1.1.1. A caminho da Revolução Mundial: criações (1919-1929)

Quando presenciou a vitória dos bolcheviques sobre o governo provisório comandado por Alexander Kerensky, John Reed (2010: 169) indagou-se: "[...] E o restante do mundo, o que faria? Atenderiam todos os povos a esse apelo, erguendo-se numa maré vermelha revolucionária?" A incerteza do futuro da Revolução Russa em seus estágios iniciais justifica a dúvida esboçada por Reed, contudo, o apoio e o grau de influência que os bolcheviques obtiveram pelo globo indubitavelmente surpreenderiam o autor dos *Dez dias que abalaram o mundo.* Metaforicamente, a Revolução Russa foi uma pedra que Lenin e seus seguidores jogaram no lago político mundial, que rapidamente produziu ondas de expansões. O final da década de 1910 e o início do decênio subsequente representou o período de maior apoio à Rússia Soviética. Diversos partidos inspirados e interligados com a IC surgiram na Europa e na América Latina. Focaremos nossa atenção no cenário latino-americano.

Em janeiro de 1918, foi fundado o Partido Comunista da Argentina (PCA), o primeiro das Américas. Em 1919 foi fundado o Partido Comunista dos Estados Unidos (PCEUA) e o PCM. Em janeiro de 1922, o Partido Operário Socialista do Chile aderiu à IC e converteu-se no Partido Comunista do Chile (PCCh). No mês de março foi fundado o PCB e também nesse ano de 1922 foi criado o Partido Comunista da Guatemala (PCG). Três anos depois, em 1925,

tivemos a fundação do Partido Comunista de Cuba (PCC) e do Partido Comunista de Centro-América (PCCA). Cabe destacar que o PCM e o *El Machete* exerceram um papel significativo para a criação do PCCA:

> En Centroamérica el Partido Comunista Gautemalteco fue importante en la divulgación del comunismo, pero México a través del Partido Comunista Mexicano, jugó un papel fundamental en la organización y preparación de los comunistas centroamericanos como del resto de América Latina (LEDESMA MEDRANO, 1992: 154).

Em 1926 foi fundado o Partido Comunista Equatoriano (PCE) e, dois anos depois, em 1928, foi a vez da criação do Partido Comunista Paraguaio (PCP) e do Partido Comunista do Peru (PCP). Outras agremiações políticas de inspiração comunistas foram criadas na década subsequente, como os PCs d'El Salvador e da Colômbia, fundadas em 1930, e da Costa Rica e da Venezuela, em 1931. No limiar da eclosão da Segunda Grande Guerra, quase todos os países da América Latina possuíam as suas seções nacionais vinculadas à IC. Uma exceção cabe ao Partido Comunista da Nicarágua (PCN), fundado em 1967.[25]

Todavia, por mais que haja uma similitude entre esses PCs, nos seus objetivos, na sua linguagem política e visual, nas identidades ideológicas de seus militantes, entre outros fatores, cada Partido possuiu características distintas, como assinalado por Aldo Agosti (2011: 22): "Tanto las condiciones de su surgimento como las condiciones normales de su existencia determinan la especificidade de cada partido comunista, modificam su papel en los sistemas políticos nacionales y en las modalidades de acción colectiva en las que se insertan". Vejamos abaixo, as especificidades na fundação do PC mexicano e brasileiro.

1.1.1.1. PCM: *Sección mexicana de la Internacional Comunista*

Os passos iniciais do PCM foram dados no Primeiro Congresso Nacional Socialista, realizado na Cidade do México, entre os dias 25 de agosto e quatro de setembro de 1919, no mesmo ano de fundação da IC. Esse evento reuniu representantes das três principais correntes de orientação ideológica do operariado mexicano: os Anarcossindicalistas, os Reformistas e os partidários do Comunismo Soviético. O principal objetivo desse encontro foi o intento de criar um partido político único, que representasse todos os trabalhadores do México. Cabe

[25] Para formular esse quadro, utilizamos os trabalhos de José Aricó (1980), Michael Löwy (2006), Vittorio Codovilla (2006) e Alan Angell (2009).

ressaltar que, em 1919, a Revolução Mexicana já dava sinais de esgotamento e uma reorganização do Estado mexicano se vislumbrava no horizonte.

Como resultado das discussões desse Congresso, Luis N. Morones, que representava a ala reformista, abandonou-o e fundou, no final de 1919, o Partido Laborista Mexicano (PLM). Os representantes anarquistas também não se sentiram contemplados com os rumos das discussões e se reuniram em torno da Confederación General de Trabajo (CGT). A corrente comunista, que tinha a sua frente os estadunidenses Linn A. E. Gale e Michael Gold, o mexicano José Allen e o indiano Manabendra Nath Roy,[26] fundaram o Partido Socialista Mexicano (PSM). Todavia, a incompatibilidade de opinião acarretou uma cisão entre eles, Gale foi expulso e fundou em setembro de 1919, o Partido Comunista do México. Para Barry Carr (1996: 38), o partido de Gale não era operacional e foi utilizado como uma plataforma de propaganda política:

> Durante el resto de 1919, Gale y su camarilla de seguidores hicieron un elaborado intento de desacreditar as actividades del Partido Socialista dirigido por Roy y Allen. El Partido Comunista de México apenas era algo más que una oscura extensión organizativa del *Gale's Magazine*, una revista socialista que Gale había publicado en México desde su llegada en julio de 1918. El partido de Gale se proyectaba casi exclusivamente fuera de México, con la intención de convencer al movimiento obrero y socialista de Estados Unidos de que Gale era el único exponente del "verdadero bolchevismo" en este país.

[26] **Linn A. E. Gale** nasceu em Nova Iorque, em 31 de maio de 1892. Militante pacifista, fugiu em 1918 para o México, ao recusar seu recrutamento do exército estadunidense para lutar na Primeira Grande Guerra. No país mexicano, aproximou-se de Carranza, em razão de sua campanha contra os Estados Unidos. Ao ser expulso do México em 1921, foi detido nos Estados Unidos e preso, acusado de deserção do serviço militar obrigatório. Na prisão, renunciou o seu passado de militância comunista e trabalhou como informante do Departamento de Justiça dos Estados Unidos sobre as atividades da IC no México (JEIFETS; JEIFETS & HUBER, 2004: 33).
Michael Gold nasceu em Nova Iorque, em 12 de abril de 1893. Militante socialista, editou diversos periódicos comunistas nos Estados Unidos e viveu os seus últimos dias na França (ibidem: 119).
José (James) Allen nasceu no México, em 07 de julho de 1885. Foi um dos fundadores do Grupo de Jóvenes Socialistas Rojos, criado em janeiro de 1919 e editou o periódico comunista mexicano *El Soviet*. Após a fundação do PCM, tornou-se Secretário Geral do Partido e do Buró Latino-americano da IC. Depois de ser substituído na direção do PCM em 1921, abandonou a militância comunista e foi detido nos Estados Unidos. Alguns pesquisadores, como Barry Carr (1996) e Paco Ignacion Taibo II (2008), afirmam que Allen era um agente do Serviço de Inteligência dos Estados Unidos. Contudo, essa afirmação foi contestada por Arnoldo Martínez Verdugo (1985: 48-51). Apesar dessas acusações, Allen participou da direção da *Liga Antiimperialista de las Américas*, fundada em 1926, e foi convidado para a comemoração dos 29 anos de fundação do PCM, evento do qual não participou, em decorrência do seu estado gravíssimo de saúde (ibidem: 131).
Manabendra Nath Roy, pseudônimo de Narendranath Bjattacharya, nasceu em 21 de março de 1887, em Arbalia, Bengália Ocidental. Participou da Revolução Chinesa de 1905 e chegou ao México em junho de 1917, onde se aproximou de grupos simpatizantes do Comunismo. Como delegado do Congresso Socialista Nacional do México, articulou a criação do PCM. Foi delegado do PCM no II Congresso Internacional da IC, realizado em 1920, em Moscou. Encontrou-se com Lenin e, seguindo os conselhos do líder da Revolução Russa, preparou as Teses sobre a Questão Nacional e Colonial. Participou da fundação do Partido Comunista da Índia, foi preso e, ao ser libertado, colaborou com o Congresso Nacional da Índia. Foi uma das principais lideranças do Partido Radical Democrático Popular, criado em 1940 (ibidem: 290).

Com essa divisão entre os militantes mexicanos, reforçada pela campanha de Gale contra o partido de Nath Roy e Allen, em outubro de 1919, Mikhail Borodin[27], agente da IC, desembarcou no México. Com a missão de estruturar a criação de um "verdadeiro" Partido Comunista em terras mexicanas, sob o auspício da IC, Borodin aproximou-se do grupo de Nath Roy e Allen, e reconheceu-o como o representante da IC em terras astecas. A partir dessa legitimação, em 24 de novembro de 1919, o PSM alterou seu nome para Partido Comunista Mexicano (PCM) e aderiu à IC. Em meio a essas atividades, Venustiano Carranza, autoproclamado presidente do México no período, apoiou timidamente ou fez "vistas grossas" a todo esse processo que culminou na criação do PCM:

> Cuando Carranza vio que perdía el apoyo de los obreros organizados, apoyó veladamente la fundación del *Partido Comunista Mexicano* (24 de noviembre de 1919). La coyuntura política permitió a un núcleo de antiguos anarquistas y socialistas fundar el partido comunista. Alentados por Nicolás Borodin, un enviado de Lenin, y encabezados por Manbendra Nath Roy, nacionalista de la India que empezaba en México su aprendizaje del marxismo, los comunistas obtuvieron la venia del presidente Carranza para fundar su partido. En sus *Memorias* Roy cuenta cómo vieron varias veces al presidente Carranza para pedirle autorización, y cómo éste la dio (GONZÁLEZ CASANOVA, 1986: 110).

Indignado com essa decisão, Gale continuou a sua campanha difamatória. Contudo, foi expulso do México em maio de 1921, por ordem do então presidente Álvaro Obregón. Apesar desse período de instabilidade, o Primeiro Congresso do PCM foi realizado na última semana do ano de 1921, mais precisamente entre 25 a 31 de dezembro. Nesse Congresso inaugural, os comunistas mexicanos discutiram a participação do PCM no pleito eleitoral, que foi refutada. Em uma resolução adotada acerca da Juventude Comunista Mexicana (JCM), ficou estabelecida a sua subordinação perante o PCM. Outra resolução importante foi sobre o tema da Frente Única Operária. Os comunistas mexicanos aprovaram a criação de uma Frente Única com a participação da CGT, da CROM e de outras organizações representativas do proletariado (DEVEZA: 114 – 115). Todavia, esse ciclo de divisão do PCM encerrou-se após o retorno de Sen Katayama, que unificou os sobreviventes do grupo de Gale, com os

[27] **Mijail Markovitch Borodin** nasceu na Bielorrússia em 1884 e participou ativamente dos movimentos políticos na Rússia. Participou da insurreição na Rússia em 1905 e, a serviço de Lenin, peregrinou em diversos países da Europa oriental, com o objetivo de fomentar uma revolução social. Emigrou para Londres, viveu nos Estados Unidos de 1907 a 1918, trabalhou no Partido Socialista estadunidense e com exilados políticos. Depois da Revolução Russa, organizou o envio da Declaração de Lenin aos trabalhadores dos Estados Unidos e foi um dos responsáveis por estabelecer relações e expandir o Comunismo Soviético na Europa Ocidental e nas Américas. Além do seu trabalho na construção do PCM, também estabeleceu contato com os comunistas cubanos, espanhóis e chineses. Durante a Segunda Guerra, foi acusado por inimigos políticos de haver mantido relações com os Estados Unidos e com a Inglaterra. Foi preso por ordem de Stalin e morreu em 1951, na Sibéria. Por falta de provas, em novembro de 1954 recebeu uma absolvição *post-mortem* e seus restos mortais foram enterrados simbolicamente em Moscou (ibidem: 59).

militantes partidários de Nath Roy, que, nesse período, estava sob o comando de José Allen. Em 1923, foi realizado o II Congresso Nacional do Partido Comunista, que, enfim, unificou e estabilizou o PCM.

Ao comparar México e Argentina, Daniela Spenser (2004: 50) enfatizou o grande interesse que o primeiro despertou entre os intelectuais bolcheviques:

> Si bien Argentina era un laboratorio para estudiar la confrontación entre el imperialismo británico y el norteamericano, México, en la esfera de influencia de los Estados Unidos, proporcionó a los ideólogos soviéticos un fértil campo para debatir temas como colonialismo, el imperialismo, la revolución y la lucha de clases. Los numerosos artículos publicados sobre México a lo largo de los años veinte, permiten conocer los argumentos que los funcionarios de la administración estatal y del Comintern sostuvieron sobre la política exterior y su intersección con la esfera ideológica del poder soviético.

Além desse interesse, a constituição de uma seção da IC no México foi importante para a consolidação e expansão dos ideais bolcheviques no continente americano. O norte já estava representado pelo PCEUA, a região sul pelo PCA, e a região central, que incluía o Caribe, agora contava com o PCM. Ou seja, em 1919, todos os pontos estratégicos do *Novo Mundo* já possuíam seções nacionais que estavam vinculadas organicamente à IC. Para frisar, a fundação de uma seção comunista no México foi tão importante para os bolcheviques moscovitas que a IC incumbiu essa tarefa a cargo de alguns dos seus agentes plenipotenciários (Nath Roy, Borondin e Katayama) - no entanto, como veremos logo adiante, a mesma atenção não foi reservada para a Seção Brasileira da IC. Além desse papel estratégico reservado, esses três PCs também exerceram a função de orientar e auxiliar na organização de outras seções que se formariam nos países do continente americano. O que foi o caso do PCA em relação aos seus camaradas brasileiros.

1.1.1.2. PCB: Seção brasileira da Internacional Comunista

O primeiro Partido com a nomenclatura “Comunista do Brasil” foi fundado em março de 1918 e sua orientação ideológica foi pautada pelo Anarquismo. Como já apresentado anteriormente, pela leitura que os anarquistas brasileiros realizaram sobre a Revolução Russa e o Comunismo Soviético em seus anos iniciais, não causa estranhamento que os mesmos tenham organizado um Partido “Comunista”. Segundo Edgar Leuenroth (2007: 121), esse Partido Comunista e Anarquista planejou a organização de um grande Congresso, marcado

para os dias 21 a 23 de julho de 1919, no Rio de Janeiro, que não foi realizado, em virtude de uma ação policial que impediu a reunião de "elementos suspeitos" em lugares públicos.

Os militantes brasileiros seguiram a onda de criações comunistas do ano de 1919 (IC, PCEUA, PCM) e, no mês de abril, foi criado um grupo em Alagoas inspirado na turbulência revolucionária da Rússia. Articulado, o PC anarquista lançou o periódico *Spartacus*, em agosto de 1919, cuja direção foi exercida por Astrojildo Pereira. Todavia, apesar desse clima eufórico, a cisão entre anarquistas e comunistas não tardou a cristalizar-se, o que levou a divergências e, por fim, ao esfacelamento do *Spartacus*, como apontado por Marcos Del Roio (2007: 229):

> Decerto, a intenção de todos era o fortalecimento do partido e a garantia da unidade do movimento operário. No entanto, as peripécias da revolução russa, com repressão desencadeada contra os anarquistas da Ucrânia, e as divergências nas formas de encaminhamento da luta no Brasil agitaram a oficina e a redação do *Spartacus*, levando-o à exaustão, assim como o PCB.

Astrojildo Pereira manteve a sua orientação pelo Comunismo Soviético e, em 1921, participou da fundação do Grupo Comunista do Rio de Janeiro. No ano seguinte, os bolcheviques russos estabilizaram o seu poder com o fim da guerra civil entre *vermelhos* e *brancos* e foi proclamada a criação da União Soviética (REIS FILHO, 2003: 79).[28] Já no Brasil, fundou-se um grupo comunista em Recife, e a União Maximalista de Porto Alegre, criada em 1918, alterou a sua nomenclatura para Grupo Comunista.

Em 1922, ano da Semana de Arte Moderna de São Paulo e do falecimento do escritor rebelde Lima Barreto, o grupo Comunista de Porto Alegre trocou correspondências com a IC e com o seu homônima do Rio de Janeiro. Ambos articularam a realização de um Congresso Nacional, programado para os dias 25, 26 e 27 de março do respectivo ano. Esse evento contou com a presença de 70 delegados representantes de diversas cidades brasileiras. Dentre esses, destaca-se Abílio de Nequete,[29] preposto do Grupo Comunista de Porto Alegre, porta-

[28] A Guerra Civil entre *vermelhos* e *brancos* na futura União Soviética eclodiu após os eventos revolucionários de outubro de 1917. Os *vermelhos* foram representados pelos bolcheviques, enquanto que as fileiras dos denominados *brancos* foram compostas pela oposição, e também por forças estrangeiras (Inglaterra, França, Japão, Estados Unidos) que circundaram a Rússia soviética, com o objetivo de impedir que a Revolução se espalhasse além das fronteiras. A inesperada vitória do Exército Vermelho comandado por Leon Trotski foi bastante comemorada pelo governo bolchevique, contudo, a Rússia estava praticamente devastada quando os *vermelhos*, por fim, derrotaram seus inimigos.

[29] **Abílio de Nequete** nasceu como Adbo Nakt em 1888, no Líbano. Emigrou para o Brasil em 1903, ao fugir das perseguições que os turcos promoveram contra os árabes. No Brasil, foi um dos fundadores da União Maximalista de Porto Alegre, em 1918, e, um ano depois, foi um dos dirigentes da greve geral do Rio Grande do Sul. Recebeu da IC as credenciais para organizar o PC do Brasil. Por sugestão de Astrojildo Pereira, Nequete foi eleito o Secretário Geral do PCB. Expulso do PCB em 1923, acusado de ser um traidor da IC e da causa operária

voz do Uruguai e da Agência de Propaganda para a América do Sul da IC (DULLES, 1977: 146). Discutiram-se nesse encontro as "21 Condições de admissão dos Partidos na Internacional Comunista" e foi elaborado o estatuto do Partido, baseado nas normas do PCA, como podemos verificar em um trecho do "Relatório dos trabalhos de preparação e realização do Congresso Constituinte do Partido Communista do Brazil", de 29 de março de 1922, assinado por Abílio de Nequete e por Astrojildo Pereira:

> - 2- . Os estatutos do novo Partido, inspirados nos do P.C. da Argentina, e tendo em conta as condições especiaes da situação Brazileira, foram elaborados, discutidos e aprovados, a titulo provisório, pela unanimidade dos delegados, (em breve remeteremos para Moscou uma copia desses Estatutos).

Aprovado esses trâmites, foi fundado o Partido Comunista do Brasil, Seção Brasileira da Internacional Comunista (PCB), em 25 de março de 1922.[30]

Ao contrário do PCM, que como já apresentado, contou com a participação fundamental de agentes da IC em sua fundação, quando o PCB foi criado, a União Soviética já havia modificado a sua relação com os PCs localizados além de suas fronteiras. Em julho de 1920, foi realizado o II Congresso da IC, no qual Lenin ratificou as "21 Condições de admissão dos Partidos na Internacional Comunista". Essas normas tinham como objetivo centralizar as ações de todas as agremiações que tinham ligação com a IC, e ao mesmo tempo, combater e expulsar os indivíduos que poderiam apresentar atitudes consideradas "reformistas" e "oportunistas" (PRIESTLAND, 2010: 134). No caso do PCB, essas regulamentações normativas também foram essenciais na separação entre comunistas e anarquistas. Para Eric Hobsbawm (2003: 74), a presença de antigos militantes anarquistas na fundação do PCB foi uma comprovação da superioridade da estratégia comunista em comparação com as doutrinas libertárias. Todavia, essa observação tem de ser tratada com cuidado, pois os membros do PCB não tiveram contato direto com os textos teóricos

---

brasileira, tornou-se um crítico do marxismo e distanciou-se do movimento operário (JEIFETS; JEIFETS & HUBER, 2004: 243).

[30] Uma questão interessante sobre a nomenclatura do PCB deve ser esclarecida. A agremiação política foi batizada de Partido Comunista do Brasil e utilizava a sigla PCB. Após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), realizada em fevereiro de 1956, quando o secretário-geral Nikita Kruschev expôs ao mundo a violência do regime stalinista, houve uma cisão no interior do PCB. Diante dessas revelações, no V Congresso do Partido Comunista do Brasil, realizado em 1960, como resultado de uma mudança de postura voltada a um discurso nacionalista, a agremiação política mudou de nome para Partido Comunista Brasileiro. A cisão aconteceu dois anos depois, em 1962, quando um grupo descontente com os rumos do Partido Comunista Brasileiro decidiu romper, retomar o primeiro nome, fundando assim o Partido Comunista do Brasil, com a sigla PCdoB. Apesar de distintos, ambos os Partidos comunistas, atuantes até os dias atuais, procuram se fixar na mesma origem. Em seu site, o PCB afirma que foi fundado em 25 de março de 1922. Encontramos essa mesma afirmação no site do PCdoB. Para detalhes, seguem os links dos sites dos partidos: PCB: http://pcb.org.br/portal/; PCdoB: http://www.pcdob.org.br/.

marxistas. Segundo Ricardo Figueiredo de Castro (2000: 146), o PCB publicou textos de conjuntura e *práxis* política, enquanto os primeiros trotskistas brasileiros – constituídos por Mário Pedrosa, Lívio Xavier, Aristides Lobos e Rodolfo Coutinho – em 1930, com muito esforço, publicaram textos teóricos, principalmente traduções diretas das obras de Marx. Inclusive, esses intelectuais foram os pioneiros na leitura d'*O Capital* em sua língua original.

Apesar dessa ausência de um contato direto com as obras teóricas, um elemento importante para a adesão de militantes anarquistas para o comunismo foi a disciplina e a centralidade da organização partidária. Essa questão tem de ser levada em consideração, pois, posteriormente, ex-anarquistas afirmaram que uma das causas dos fracassos dos levantes libertários no Brasil, na década de 1910, foi uma suposta "ausência" de um controle geral e centralizado das ações dos militantes. No artigo de estreia da revista *Movimento Communista*, de janeiro de 1922, Astrojildo Pereira (1980: 16 – negrito nosso) apresentou essa questão aos seus leitores:

> **Centralização** e **disciplina** não significam, porém, nem quebra de autonomia, nem renúncia de vontade. Queremos centralização por acordo mútuo e entendemos por **disciplina** a responsabilidade nos compromissos tomados. Ninguém é obrigado a assumir nenhum compromisso, mas compromisso assumido implica obrigação de cumpri-lo. É a **disciplina**. Energias dispersas são energias naturalmente precárias; mas energias canalizadas, combinadas, somadas por mútuo e comum acordo, são energias potencialmente multiplicadas. **É preciso centralização e disciplina porque não queremos dispersão nem irresponsabilidade**.

Destaca-se no artigo de Pereira, o uso repetitivo do substantivo "disciplina", o que reforça a tese de que ocorreu uma alteração nas práticas do operariado brasileiro na segunda década do Século XX. A disciplina comunista seduziu e tomou um espaço significativo, que antes era ocupado pela rebeldia descentralizada dos anarquistas.

Constituído, o PCB buscou ser reconhecido pela IC, e nomeou Antonio Bernardo Canellas,[31] que estava na França no período, para representar o Partido no IV Congresso Internacional da IC, que ocorreu em novembro de 1922, em Moscou. Inesperadamente, Canellas entrou em atrito intelectual com os bolcheviques russos ao defender a inclusão de maçons no PCB, e esboçou uma crítica ao Marxismo, acusando-o de sofrer uma carência de moralidade que também estaria presente no Socialismo Utópico e sectário. Sem trégua, Canellas também discordou e discutiu com Trotski, pela forma com a qual o ex-comandante

[31] **Antonio Bernardo Canellas** nasceu em Niterói, Rio de Janeiro, em abril de 1898. Anarquista e tipógrafo, fundou os periódicos *A Semana Social*, em 1917, e *A Tribuna do Povo*, em 1918. Após a sua expulsão do PCB, criticou duramente o Partido no periódico *A Pátria*, e apoiou a revolta tenentista no jornal *5 de Julho*. Faleceu em 1936, em Niterói (JEIFETS; JEIFETS & HUBER, 2004: 69).

do Exército Vermelho conduziu as discussões referentes ao Partido Comunista Francês (PCF). Trotski, talvez ironicamente, referiu-se ao brasileiro como um "phénomène de l'Amérique du Sud".

Encerrados os trabalhos, os delegados da IC concluíram que o PCB possuía um grande potencial, mas que ainda sofria de fraquezas doutrinárias acerca da leitura do Marxismo e, para completar, concluíram que em suas fileiras havia elementos maçônicos e anárquicos. Com base nesse veredicto, o PCB foi aceito como um partido "simpatizante". Ficou estabelecido que a Agência de Propaganda para a América do Sul, localizada em Buenos Aires, e o PCA se encarregariam de orientar e organizar o PCB. Cabe destacar na afirmação anterior o papel exercido pelo PCA na predisposição em auxiliar a constituição de outros PCs na região sul do continente americano. Dessa forma, a IC colocou o PCB subordinado aos seus camaradas argentinos. Canellas retornou ao Brasil, foi processado e expulso do PCB no final de 1923. Foi o primeiro militante a ser expulso do Partido (CARONE, 1991: 11-36).

Em janeiro de 1924, o dirigente do PCA Rodolfo Ghioldi[32] redigiu um relatório positivo sobre o PCB e solicitou a sua inclusão na IC. Astrojildo Pereira programou-se para participar do V Congresso da IC, que foi adiado em decorrência da morte de Lenin, ocorrida em 21 de janeiro de 1924. Apesar dessa intermitência, o PCB, enfim, foi reconhecido como membro ativo da IC em julho de 1924.

No ano de sua adesão à IC, eclodiram no Brasil rebeliões de jovens oficiais de baixa e média patente do Exército Brasileiro, na que ficou conhecida como a Revolta Tenentista.

Para Edgar Carone (1989: 189), o PCB visualizou nessas revoltas uma terceira via revolucionária, que se traduziria na união entre o operariado com a classe média. Também para Carone, essa estratégia representou a política de Frente Única,[33] que o PCB seguiu entre os anos de 1924 a 1929. Torna-se relevante destacar que essa terceira via foi essencial no estabelecimento conceitual da Revolução democrático-pequeno-burguesa, idealizada por

---

[32] **Rodolfo José Ghioldi** nasceu em 1897, em Buenos Aires, e foi um importante militante comunista argentino. Participou de diversos periódicos operários e de organizações militantes. Em 1920 foi eleito Secretário Geral do PCA e foi enviado ao III Congresso Internacional da IC. Como já apresentado, ficou encarregado de avaliar admissão do PCB na IC, e também participou da elaboração da Primeira Conferência dos Partidos Comunistas Latino-americanos, que ocorreu em Buenos Aires, em junho de 1929. Participou ativamente da Insurreição Comunista do Brasil em 1935 e foi preso um ano depois, ao tentar sair do Brasil. Ficou encarcerado por quatro anos durante a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas. Ao sair da prisão, continuou com suas atividades militantes no PCA (ibidem: 69).

[33] A Frente Única foi uma estratégia estabelecida no IV Congresso da IC, realizado em 1922, e se definiu como uma "[...] tática da frente única é simplesmente uma iniciativa em que os comunistas propõem juntar-se a todos os trabalhadores pertencentes a outros partidos e grupos e a todos os trabalhadores não alinhados em uma luta comum para defender os interesses fundamentais e imediatos da classe trabalhadora contra a burguesia". Também ficou conhecida como o período da luta de "classe contra classe", e foi substituída pela estratégia das Frentes Populares em 1935. Mais detalhes, consultar Carlos Zacarias F. de Sena Júnior (S/D).

Octavio Brandão e que se tornou a principal tese de ação estratégica do PCB na década de 1920.[34] A Revolta Tenentista e a agitação operária, protagonizada em greves e manifestações, fizeram com que o presidente do período, Artur Bernardes, decretasse um Estado de Sítio no Brasil, que vigorou de 05 de julho de 1924 a 31 de dezembro de 1926. A principal prisão desse período foi a Colônia Agrícola de Clevelândia, localizada no Amapá, onde diversos militantes operários (a maioria composta de anarquistas) e adversários políticos foram desterrados (Cf. SAMIS, 2002). Marcos Del Roio (2007: 234) caracterizou o período de 1919 a 1924 como uma época de "processo" da fundação do PCB, desde os primeiros grupos denominados comunistas até a aceitação na IC. Podemos utilizar o mesmo critério para caracterizar o PCM, que também passou por um longo processo de construção até consolidar-se em 1923. Criados os partidos, faltava-lhes uma de suas principais armas de combate: a imprensa comunista.

1.1.2. A imprensa comunista mexicana e brasileira: a luta impressa

1.1.2.1. *El Machete*: periodico obrero y campesino

El Machete sirve para cortar la caña,
para abrir las veredas en los bosques umbríos,
decapitar culebras, tronchar toda cizaña y

[34] **Octavio do Rego Brandão** nasceu em 1896, em Alagoas. Abraçou o anarquismo em 1918 e participou ativamente de greves e da imprensa anarquista no Rio de Janeiro. Empolgado com a Revolução Russa, abandonou o anarquismo em 1921 e, ao lado de sua esposa Laura Brandão e de Astrojildo Pereira, fundou o Comitê de Socorro aos Flagelados Russos. Sua adesão ao PCB ocorreu em outubro de 1922 e foi celebrada no primeiro aniversário da Revolução Russa comemorada pelo PCB. Realizou a primeira tradução em português do *Manifesto do Partido Comunista*, em 1923. Foi um dos principais redatores d'*A Classe Operária*, foi eleito intendente pelo BOC em 1928. Em 1930, foi afastado do CCE/PCB, por meio de uma política de proletarização dos quadros dirigentes do PCB. Foi preso duas vezes no primeiro governo de Getúlio Vargas e, junto com sua esposa Laura e seus filhos, foi deportado para a Alemanha. Ao chegar a Berlim, foi ameaçado de prisão e, de lá, exilou-se na União Soviética. Retornou ao Brasil em 1946. No ano seguinte, foi eleito vereador do Rio de Janeiro pelo PCB. Em 1948, junto com outros parlamentares do PCB, teve o mandato cassado. A partir de então, viveu clandestinamente, realizou uma autocrítica, e bateu de frente com os rumos que o PCB estava tomando, tendo sido duramente criticado pelos seus "camaradas". Com a implantação do regime militar em 1964 voltou à vida clandestina e morreu no Rio de Janeiro, em 1980 (BATALHA, 2009: 36). De grosso modo, o seu conceito de Revolução democrático-pequeno-burguesa foi pautado por condições normativas de defesa da tese de que o processo revolucionário brasileiro deveria ser efetuado a partir de etapas. Em linhas gerais, o PCB aliar-se-ia a camadas da classe média nacional, ou seja, da burguesia urbana e industrial e de setores militares, e, juntos, todos esses segmentos da sociedade realizariam uma revolução democrática, que prepararia o palco para a revolução proletária. Essa tese foi defendida na obra *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brazil*, escrita em agosto de 1924 e inspirada na leitura do clássico *Imperialismo, Estado Superior do Capitalismo*, de Lenin. Essa tese foi apresentada por Astrojildo Pereira no Segundo Congresso Nacional do PCB, realizado em maio de 1925, e a versão final de *Agrarismo e Industrialismo*... foi publicada em abril de 1926, sendo seu local de editoração creditado a Buenos Aires e a autoria a Fritz Mayer – provavelmente, um pseudônimo utilizado por Brandão (DULLES, 1977: 222). Com a proletarização do PCB iniciada em 1929, a tese da Revolução pequeno-democrático-burguesa de Brandão foi rechaçada e substituída por uma estratégia de implantação imediata da Revolução Soviética no país.

humillar la soberbia de los ricos impíos
(Graciela "Gachita" Amador,
El Machete, nº 01, março de 1924)

Antes de sua unificação em 1923, o PCM publicou alguns periódicos de curta trajetória editorial. Entre 1919 e 1920 foram veiculados os jornais *El Comunista*, do Partido Comunista liderado por Nath Roy, e *El Comunista de México,* do partido de Lin Gale. Além dessa polarização, outras organizações simpatizantes da ideologia comunista também se aventuraram no campo dos periódicos impressos. Nos anos de 1920 a 1923 foram publicados os periódicos *Vida Nueva*, órgão da Federación Comunista del Proletariado Mexicano; *Rebeldía*, do Partido Comunista Revolucionário Mexicano, além de outros títulos regionais, como *El Frente Único* e *Fuerza y Cerebro*, da Liga Comunista de Veracruz (IGNACIO TAIBO II, 2008: 562-564). A maioria desses periódicos não tiveram uma longa trajetória e a estabilidade de um órgão central dos comunistas mexicanos só ocorreu com o *El Machete*.

O primeiro número do *El Machete* foi publicado em março de 1924 pelo SOTPEM, que havia sido fundado no ano anterior. O quadro de sócios desse sindicato foi composto pelos muralistas Diego Rivera, David Alfaro Siqueiros, José Clemente Orozco, Xavier Guerrero, além de outros artistas mexicanos.[35] Seu número de estréia saiu com quatro páginas, a redação estava localizada na Rua Uruguai, Cidade do México, e cada exemplar foi vendido a 10 centavos. Seu lema "El Machete sirve para cortar la caña, para abrir las veredas en los bosques umbríos, decapitar culebras, tronchar toda cizaña y humilhar la soberbia de los

[35] **Diego María de la Concepción Juan Nepomuceno Estanislao de la Rivera y Barrientos Acosta y Rodríguez**, ou, simplesmente, **Diego Rivera** nasceu em Guanajuato, México, em 08 de dezembro de 1886. Ingressou no PCM em dezembro de 1922, foi um dos fundadores do SOTPEM, da Liga Antiimperialista de las Américas (LADLA) e de seu periódico oficial, *El Libertador*. Foi expulso em julho de 1929, intercedeu junto ao Gen. Lázaro Cárdenas sobre a concessão de asilo para Trotski e participou da fundação de outras organizações operárias e camponesas. Realizou uma autocrítica onde reconheceu seus "erros" e foi readmitido no PCM em novembro de 1952. Faleceu na Cidade do México, em 24 de dezembro de 1957 (JEIFETS; JEIFETS & HUBER, 2004: 144).
David Alfaro Siqueiros nasceu em Chihuahua, México, em 29 de dezembro de 1896. Ingressou no PCM também em 1922, participou da fundação do SOTPEM e foi chefe editorial do *El Machete* entre 1924 e 1925. Participou ativamente das atividades do PCM e de outras organizações comunistas latino-americanas. Na Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina, participou com o pseudônimo de Suaréz. Contudo, apesar de todas essas atividades, foi expulso do PCM em março de 1930, acusado de "desvios de direita". Participou da Guerra Civil Espanhola e chegou a ser promovido ao cargo de Coronel, das Brigadas Internacionais. Foi mentor do atentado que Trotski sofreu em 1940: de madrugada, a casa de Trotski em Coyoacán foi metralhada. Ao fugir do México, Siqueiros conseguiu exílio no Chile. Retornou ao México em 1942 e continuou suas atividades artísticas e de contestação social - tanto que foi novamente encarcerado em 1962 –, recebendo o indulto dois anos depois. Faleceu em 06 de janeiro de 1974, em Cuernavaca, México (ibidem: 283).
Xavier Guerrero ingressou no PCM em 1923, e esteve junto a Rivera e Siqueiros no SOTPEM e no corpo editorial de *El Machete*. Contudo, ao contrário de seus companheiros muralistas, não foi expulso do PCM, participou de várias atividades do Partido e foi um dos responsáveis pela admissão de Rivera em 1952 (ibidem: 305).

ricos impíos" foi escrito por Graciela "Gachita" Amador[36], a primeira esposa de Siqueiros, e o logotipo, uma mão segurando um machete, foi ilustrado por Xavier Guerrero, como podemos conferir na imagem abaixo:

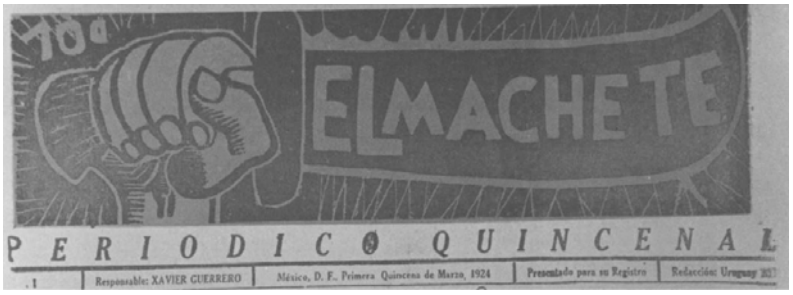


Fig 01. Logotipo do número de estreia do *El Machete*
Fonte: CEMOS

Cabe ressaltar que o título do periódico é outra característica relevante, pois, segundo Tania Regina de Luca (2011: 2), fornece indícios dos delineamentos de cada publicação analisada: "Daí a importância da escolha do título e dos textos programáticos, que explicitam intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeitos dos projetos compartilhados pelos propugnadores." Ao intitularem o seu periódico com o nome de uma ferramenta de uso diário dos camponeses, os membros do SOTPEM tinham como horizonte construir uma ponte de contato com os trabalhadores do campo. Essa afirmação torna-se evidente no final do artigo "PROPOSITOS", assinado por Xavier Guerrero, no qual, inspirado pela sentença do *Manifesto do Partido Comunista*, o muralista adicionou a palavra camponeses: "OBREROS Y **CAMPESINOS** DEL MUNDO, UNIOS" (*El Machete*, "PROPOSITOS", n° 1. Primera Quincena de Marzo de 1924, p.02 – negrito nosso).[37]

Mesmo após sua incorporação ao PCM, o periódico manteve o seu nome original, que apresenta uma característica *sui generis* em comparação com outras publicações comunistas, as quais usualmente utilizavam um léxico de luta social, revolução ou de outros termos alusivos ao movimento comunista mundial. *A Classe Operária* é um exemplo dessa afirmação.

Apesar desse número de batismo ter publicado pouquíssimo material visual (fotos, charges, entre outros) em seu projeto original, o *El Machete* deveria ser um periódico

[36] **Graciela Amador de Siqueiros**, "Gachita", participou da administração do *El Machete*, foi delegada do PCM em 1924 e foi responsável pelo departamento de questões femininas. Divorciou-se de Siqueiros em 1929 (ibidem: 36).
[37] Originalmente, o Manifesto Comunista encerra-se com a seguinte sentença: "PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!" (MARX & ENGELS, 1998: 69).

totalmente ilustrado, no qual, o texto seria apenas um suporte para as imagens, como recordou Siqueiros em sua autobiografia (1977: 216):

> Nuestro desarrollo político nos condujo normalmente, óigase funcionalmente, a experimentar por primera vez la gráfica multiejemplar, sin saber teóricamente que hacíamos tal cosa. Esa circunstancia fue la fundación del órgano periodístico del Sindicato: El Machete. El Machete nos iba a demostrar que la gráfica multiejemplar corresponde más a la época presente, obra de frecuentes periodos de ilegalidad en todos los países, que la pintura mural, como expresión de arte para las masas, como vehículo mejor de plástica de agitación revolucionaria.
>
> Casi sin plan previo, instintivamente y por razón de nuestra profesión, hicimos del órgano del Sindicato un periódico particularmente gráfico. <<Nuestros dibujos y grabados no ilustrarán los artículos – nos dijimos – sino que los artículos ilustrarán los dibujos.>> Y éste fue el único pensamiento teórico de nuestro nuevo esfuerzo. Un pensamiento muy justo, por cierto, según debe desprenderse lógicamente del carácter de nuestros propósitos.

Ainda que esse projeto editorial não tenha sido colocado em prática e levando em consideração as mudanças dos responsáveis e das estratégias a que foi submetido, as imagens sempre estiveram presentes nas páginas do *El Machete*. Em sua coleção de 619 edições, foram poucos os exemplares que não publicaram algum tipo de material visual. Inclusive, alguns números especiais foram totalmente ilustrados. Para Martha Ledesma Medrano (1992: 31), os textos do *El Machete* era densos, longos e estavam distantes da realidade da maioria dos trabalhadores mexicanos, tanto do campo quanto da cidade. Para a autora, o uso de imagens, com destaque as xilografias, foi essencial para despertar o interesse dos trabalhadores pelo periódico e também facilitou a difusão do conteúdo textual da publicação do SOTPEM: "Las xilografias permitian una lectura popular más allá de las barreras de la escritura. Ver la xilografia es una forma popular de ler."

No campo político, o SOTPEM apoiou o governo de Álvaro Obregón e o *El Machete* publicou diversos artigos em defesa do seu governo. Segundo Meyer, Krauze e Reyes (2002: 49), no período obregonista, o periódico do SOTPEM atingiu a marca de 10 mil exemplares de circulação. Cabe destacar que, nesse período, o PCM também estava alinhado com o governo mexicano. O ápice desse apoio foi a participação direta dos comunistas mexicanos em oposição à rebelião "delahuertista".[38]

[38] Em 1923, o PCM se envolveu no embate entre Adolfo de La Huerta e o então presidente mexicano Álvaro Obregón. De La Huerta contava com o apoio de Obregón para sua possível candidatura à presidência, contudo foi preterido por Plutarco Elias Calles. Descontente com essa decisão, De la Huerta rebelou-se contra o governo federal, e iniciou uma rebelião que ficou conhecida como "delahuertista". Esse levante se concentrou na região de Veracruz, e foi desmantelada, entre fevereiro e maio de 1924, com um saldo de sete mil pessoas mortas. O PCM, que nesse período mantinha uma relação de proximidade com o governo obregonista, tinha uma grande influência sobre vários setores camponeses e armou esses trabalhadores. Aliados com as forças do exército federal, o movimento rebelde foi liquidado. Entre as vítimas comunistas desse embate, pereceram alguns

Após Obregón deixar a presidência, no final de 1924, a situação do PCM na sociedade mexicana começou a dar sinais de mudanças. A cadeira presidencial foi ocupada por Plutarco Elias Calles, que, oficialmente, governou o México de 1924 a 1928 e, extraoficialmente, até 1934.[39] Em 1928, Obregón candidatou-se à cadeira presidencial. O PCM apoiou sua candidatura, contudo, procurou esclarecer que seus membros não eram de fato "obregonistas". O carrasco de "Pancho" Villa, como era conhecido Obregón devido a suas vitórias contra a *División del Norte*, venceu a corrida presidencial, todavia, antes de ser empossado, foi morto no mês de julho de 1928, em um ataque perpetrado pelo católico radical José de Léon Toral, em uma retaliação radical contra a posição do governo mexicano no conflito conhecido como Cristiada.[40]

A influência do PCM no interior do SOTPEM se intensificou dia após dia, sendo que o *El Machete* publicou diversos artigos e materiais alusivos à Ideologia Comunista. Encontramos um exemplo dessa afirmação no nº 05, publicado na primeira quinzena de maio de 1924, em comemoração ao Dia do Trabalho. Na capa desse número foi estampada a partitura e a letra da "Internacional", e, na terceira página, um texto de homenagem a Lenin. Intitulado "Lenín ha muerto!" - esse último, recheado de uma linguagem grandiloquente ao líder da Revolução Russa, foi assinado por G. Demikyuk, em Moscou, em 23 de janeiro de 1924. Destacamos duas informações desse artigo: 1) o texto foi uma tradução direta do esperanto[41] para o espanhol, realizada por T. Susay; e 2) destacamos o seu local de origem, Moscou.[42] Tanto a origem internacional do texto quanto o serviço de tradução nos apresentam indícios que nos permitem deduzir que o *El Machete* utilizou-se de uma rede de circulação de

---

dirigentes, como **José Cardel**, **José María Caracas**, **Guilhermo Lira**, **José Fernádez Oca** y **Antonio Ballesco** (PELÁEZ, 1980: 23).

[39] Após a morte de Obregón, o PCM investiu suas críticas aos rumos da sucessão presidencial mexicana. O alvo foi Plutarco Elias Calles, que, mesmo não estando em evidência no cenário político, foi acusado pelos comunistas de tentar controlar o México pelas sombras - o que de fato aconteceu. Calles comandou os governos de Emilio Portes Gil (1928-1930), Pascual Ortiz Rubio (1930-1932) e de Abelardo L. Rodríguez (1932-1934). Esse período ficou conhecido como a era do **Maximato**.

[40] A Cristiada ou Guerra Cristera foi um conflito entre católicos e o governo mexicano, entre os anos de 1926 a 1929, que vitimou 90 mil pessoas. A origem do enfrentamento ocorreu quando Calles, imbuído por uma convicção anticlerical, ditou regras que atingiram o clero mexicano. Os direitos à propriedade por parte da igreja tornaram-se limitados, assim como padres e líderes religiosos foram vetados de participar do processo eleitoral e de se manifestaram nas esferas públicas. Para os *cristeros*, o governo mexicano os impedia de comungar, ouvir a missa e se confessar. Como resultado, abriu-se um confronto violento entre os católicos e os partidários do anticlericalismo do governo de Calles. Com o aumento da escalada violenta, as negociações entre a Igreja e o governo somente ocorreram após a intervenção da embaixada estadunidense, que ratificou um acordo de paz em 21 de junho de 1929 (AGUILAR CAMÍN & MEYER, 2000: 117-119).

[41] O Esperanto é uma língua artificial criada em 1887 por Ludwik Lejzer Zamenhof, que objetivou criar um idioma que pudesse ser falado por todo o mundo e que não fosse originário de nenhum país. Com tal ideal, Zamenhof almejava combater o nacionalismo e realmente criar uma língua de caráter universal. Para detalhes: http://esperanto.org.br/bel/.

[42] Não encontramos nenhuma informação biográfica sobre **G. Demikyuk** e **T. Susay**.

textos internacionais. A publicação de textos de autores estrangeiros, tanto soviéticos e até de comunistas brasileiros, com destaque a Octavio Brandão, foi uma prática usual do periódico mexicano.

Além dessa, mais referências ao Comunismo podem ser encontradas em outros números do *El Machete*. Por exemplo, no n° 09, publicado em agosto de 1924, foi estampado um desenho da foice e do martelo da bandeira da União Soviética ao lado do logotipo do periódico mexicano, e, no nº 22, de novembro de 1924, foi publicada a primeira parte do programa do PCM.

A cada número lançado, as matérias referentes ao Comunismo e ao PCM ganharam mais espaço nas páginas do *El Machete*. Todavia, oficialmente, o periódico do SOTPEM tornou-se órgão central do PCM somente no nº 36, publicado em 1° de maio de 1925, coincidentemente, a mesma data de estreia d'*A Classe Operária* – que trataremos com mais densidade adiante.

Essa mudança de *status* foi passível de ser visualizada no próprio logotipo da publicação, que inseriu símbolos visuais do Comunismo, destacou a sentença clássica do *Manifesto do Partido Comunista* na parte superior do seu título e identificou-se como o "Organo Central del Partido Comunista de México, Sección de la Internacional Comunista", conforme podemos conferir a seguir:



Fig 02. Segundo e clássico logotipo do *El Machete*
Fonte: CEMOS

Em suas memórias, Siqueiros (ibidem: 217-220) afirmou que o *El Machete* foi essencial na criação de uma consciência social entre os artistas do SOTPEM e no estabelecimento da relação deles para com o PCM. Quase como um processo natural, para o pintor muralista, o *El Machete* vinculou-se ao PCM em setembro de 1924, mas, como demonstramos acima, somente em maio do ano seguinte essa união foi oficializada ao público. Além do periódico, o SOTPEM dissolveu-se e seus filiados engrossaram as fileiras do PCM:

> Fue el prestigio revolucionario de nuestro periódico, que el Partido Comunista Mexicano nos pidió entonces que aceptáramos convertirlo en órgano oficial del mismo, sin cambio en el organismo directivo, sin cambio en su forma y estilo gráfico y, sorprendentemente en la historia de los partidos comunistas de todos los demás países del mundo, con el ingreso simultáneo de todos nosotros al Comité Ejecutivo Nacional de esa organización, a cuya base ni siquiera pertenecíamos entonces. De hecho, ingresamos al Partido con el machete desenfundado, y esto aconteció exactamente el 16 de septiembre de 1924.

Já Alicia Azuela de la Cueva (2005: 65) formulou uma opinião diversa. Segundo a autora, muitos integrantes do SOTPEM mantiveram uma ligação com Obregón e eram considerados "artistas-obreros comunistas". Todavia, em sua investigação, apontamos que a autora destaca que seria errôneo realizar uma leitura generalizada da posição política dos filiados do sindicato e interpretar o ingresso dos mesmos ao PCM como um processo natural:

> Ni las alianzas ni los principios ético-estéticos que vertieron en sus agitados manifiestos nacieron, como se ha dicho, de la conversión al comunismo de varios sindicalizados. Como hemos visto, los artistas plásticos eran obregonistas desde 1914, y la definición de sus lineamientos artísticos e ideológicos fue cambiando en repuesta a la compleja situación histórica del país. La doctrina del Partido Comunista (PC) dio sustento a las argumentaciones para extender su rango de influencia en lo social y político. Los sindicalistas, como muchos otros intelectuales y artistas mexicanos de su tiempo, comulgaron con los principios del nacionalismo estatal, variando en sus matices más que en su sustancia.

A incorporação de filiados do SOTPEM e a transferência do *El Machete* como órgão central do PCM não foi um processo natural como afirmado por Siqueiros. Quando o SOTPEM foi fundado em 1923, tanto Siqueiros quanto Diego Rivera, que participaram de sua criação, já eram membros ativos do PCM. A filiação de ambos ocorreu um ano antes, em 1922. Ou seja, desde o princípio, tanto as atividades dos artistas quanto o conteúdo do *El Machete*, como apresentado, exibiam elementos do discurso do PCM e da cultura comunista. Indubitavelmente, ambos os muralistas tiveram uma influência peremptória na proximidade do sindicato com as bases normativas do PCM. A incorporação dos membros do SOTPEM pode ser interpretada como uma estratégia desenhada pelo PCM para influenciar o grupo social dos artistas mexicanos e que foi levada a cabo pela presença de Siqueiros e Rivera, entre outros, desde 1923, quando o sindicato foi fundado. No caso do *El Machete*, apesar de suas especificidades, desde o seu número de estreia, já podemos considerá-lo um periódico comunista.

As relações antes amistosas dos comunistas com o governo começaram a mudar a partir do assassinato de Óbregon, em 1928. O PCM investiu de críticas os rumos da sucessão presidencial e diversos artigos hostis a Plutarco Elias Calles foram publicados nas páginas do

El Machete. Ademais, muitos desses textos revelaram a intenção de Calles de comandar o México "pela sombra". Foi um prenúncio do Maximato.

Apesar desse cenário conturbado, o *El Machete* aumentou sua circulação impressa, ao passar de 3.000 para 7.000 exemplares distribuídos pelas ruas da Cidade do México. Contudo, como defendido por José Rivera Castro (1983), mesmo com esse expressivo número de circulação do seu órgão central, as ideias do PCM praticamente não tiveram impacto ideológico entre os trabalhadores fabris mexicanos. Nesse período, sua receptividade foi acolhida mais entre os camponeses do que entre os operários. Somado a essa dificuldade de orientação ideológica, em 30 de agosto de 1927, foi assassinado o comunista Manuel P. Montes, em um conflito obscuro com a polícia da região de San Martín Texmelucan.

O Congresso mexicano nomeou Emilio Portes Gil como presidente interino após a morte de Obregón, e, provavelmente a partir de uma orientação de Calles, durante 14 meses, Portes Gil impôs ao PCM uma época de intensa repressão política e policial. Foi o período da *longa noite do comunismo mexicano.* Nos primeiros dias de janeiro de 1929, o notório comunista cubano Julio Antonio Mella[43] foi mortalmente ferido na Cidade do México. Apesar da grande repercussão que sua morte desencadeou em diversas organizações de esquerda da América Latina, a repressão aos comunistas mexicanos continuou e, no mês de maio do mesmo ano, foram fuzilados, no estado de Durango, os líderes José Guadalupe Rodríguez e Salvador Gómez.[44]

---

[43] Importante personagem da história do comunismo latino-americano, **Julio Antonio Mella** nasceu em Havana, Cuba, em 1903, e teve uma participação peremptória na construção da esquerda na ilha caribenha. Em 1923 esteve envolvido na fundação da Universidade José Martí; um ano depois criou a Liga Anticlerical; e, em 1925, participou da fundação da seção cubana da Liga Antiimperialista das Américas e do Partido Comunista Cubano. Em 1926, em razão da repressão de suas atividades revolucionárias, fez uma célebre greve de fome e exilou-se no México. Entrou em contato com o PCM; participou ativamente do *El Machete*; e, em 1927, foi delegado do IV Congresso da Internacional Sindical Vermelha na União Soviética. Também foi amante da fotógrafa italiana **Tina Modotti**, que tirou diversas fotos de Mella, as quais, posteriormente, se tornaram emblemáticas na construção visual do Comunismo mexicano e latino-americano. Mella foi morto em 10 de janeiro de 1929, em um atentado até hoje não esclarecido, na Cidade do México (JEIFETS; JEIFETS & HUBER, 2004: 207).
Assunta Adelaide Luigia Modotti Mondini, ou **Tina Modotti,** nasceu em agosto de 1896, em Udine, Itália. Emigrou para os Estados Unidos em 1913, e foi para o México como assistente e amante do fotógrafo Edward Weston, em 1922. Em terras astecas, filiou-se ao PCM em 1927; escreveu e publicou fotos no periódico *El Machete*; e esteve envolvida em diversas atividades políticas organizadas pelos comunistas mexicanos. Ao ser expulsa do México, participou de outras organizações internacionais de combate ao nazi-fascismo e participou da Guerra Civil Espanhola. Com a vitória de Franco na Espanha, Modotti regressou ao México em 1939 e morreu três anos depois, ao sofrer um obscuro "ataque cardíaco" quando viajava a bordo de um táxi, na cidade do México. A imprensa mexicana do período afirmou que a morte de Modotti, por envenenamento, teria sido uma queima de arquivo, ordenada por Stalin, pois, ela "saberia demais". Todavia, assim como no caso de Mella, ficaram apenas as suspeitas e conjecturas sobre a verdade acerca de sua morte (ibidem: 220).

[44] **José Guadalupe Rodríguez** foi um importante líder do movimento camponês de Durango, México. Membro do PCM, participou da Conferência Internacional Camponesa, realizada em 1927, em Moscou. Defendeu o governo mexicano contra a rebelião dos generais José Gonzalo Escobar e Jesús M. Aguirre, sublevação que ficou restrita à região de Durango. Não obstante, foi detido por ordem do Secretário de Defesa de Calles e fuzilado no começo do ano de 1929, acusado de atividades antigovernamentais (ibidem: 286).

No mês de junho, como já apresentado na introdução, Portes Gil iniciou a perseguição ao *El Machete.* O fechamento da gráfica foi noticiado na primeira página do n° 168, publicado em junho de 1929, na manchete "LAS OFICINAS DEL PARTIDO COMUNISTA Y DE 'EL MACHETE' CERRADAS POR EL GOBIERNO". Esse título foi seguido de um manifesto, no qual o CC do PCM denunciou aos leitores de sua publicação, a ação repressora e injustificável da polícia. Foram publicadas diversas notas de manifestações contra a ação repressiva do governo mexicano, inclusive, de protestos que foram realizados nos Estados Unidos.

No número seguinte, os editores comunistas contrataram advogados que investigaram as autoridades policiais sobre as razões do fechamento da gráfica do *El Machete*. Segundo o material publicado sobre esse fato, houve uma troca de acusações sobre as possíveis motivações e sobre a(s) identidade do(s) mandatário(s) da obstrução do local de produção do órgão central do PCM, como segue no trecho abaixo:

> **EL OFICIO DE LA JEFATURA CENTRAL DE POLICÍA**
> La Jefatura Central de Policía, por su parte, contesta la pregunta del Juez de Distrito diciendo que, efectivamente, procedió a la clausura de las oficinas del Partido Comunista y de EL MACHETE por "órdenes superiores". Así las autoridades superiores declaran no haber ordenado el atropello, y las autoridades inferiores, dependientes de ellas, declaran que si hicieron lo que hicieron, fue por "órdenes superiores"… eje tema de jugar al pan y queso con la opinión proletaria tratando de hacer cursar al muerto a las autoridades inferiores!...
> (*El Machete*, "Nadie Ordenó Nada, pero las Oficinas del P. Comunista y de EL MACHETE Siguen Clausuradas por la Policía!", n° 169. 13/06/1929, p.01)

Ao longo dos números lançados no mês de junho, foram publicadas denúncias e abaixo-assinados pela liberação do *El Machete* e pelo fim da perseguição ao PCM. Essas petições foram assinadas por sindicatos, organizações camponeses, representações comunitárias, entre outros, e endereçadas a Portes Gil. Todavia, mesmo com o esforço de manter a sua circulação na clandestinidade, o *El Machete* não conseguia driblar as autoridades mexicanas. Diversos números da publicação do PCM foram retidos nos correios localizados na Cidade do México e também de outras cidades. Essa ação aconteceu com os números 169, 170 e 171. O n° 172, de 06 de julho de 1929, conseguiu sair às ruas e publicou os materiais mais importantes que foram publicados nos números apreendidos. No que pese os esforços dos editores comunistas, a repressão continuou e o último exemplar desse período foi o de nº 173, de 13 de julho de 1929, que, em sua quarta página, publicou uma denúncia assinada por

---

Acerca de **Salvador Gómez** não obtivemos nenhum dado biográfico.

Antonio R. Ramirez, com o título " 'El Machete' es Perseguido por ser Fiel a la Clase Trabajadora, y nos Hacemos el Propósito de Sostenerlo".[45]

No entanto, apesar das diversas acusações publicadas e do apoio da classe trabalhadora urbana e camponesa, de sindicatos, entre outros, a opressão se intensificou, quando, no mês de agosto de 1929, Portes Gil executou a sua cartada final com a destruição da gráfica fechada do *El Machete.*

Apesar da agressividade desse ato, os editores comunistas mexicanos continuaram publicando o periódico do PCM na clandestinidade. Contudo, apesar do esforço desprendido pelos comunistas, o ato de Portes Gil teve um componente simbólico importante. O fogo que consumiu a gráfica do *El Machete* e a sede do PCM serviu como um aviso: não haveria mais paz por parte do governo mexicano com esses "seguidores agitadores subversivos".

Era apenas o início.

A *longa noite do comunismo mexicano* estava apenas em seu começo.

1.1.2.2. *A Classe Operária*: jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores, para trabalhadores

O ideal literário da A CLASSE OPERÁRIA
é tornar-se um rio claro e profundo.
Tão claro, tão límpido, tão acessível as massas.
Tão profundo, tão substancial.
Rio de águas revoltas a rolar para
o grande oceano da transformação social...
(S.A., *A Classe Operária*, nº 7, 13/06/1935, p.04)

Três anos após a constituição do PCB, foi publicado o número de estreia d'*A Classe Operária*, na data simbólica de 1° de maio de 1925. Não é demasiado recordar que, nesse mesmo dia, o *El Machete* tornou pública sua filiação ao PCM. No período em que *A Classe...*[46] foi criada, o campo editorial comunista brasileiro já contava com outras publicações inspiradas nos ideais da Revolução Russa, como por exemplo, *A Voz Cosmopolita*, *O Trabalho*, *O Internacional*, entre outros. Além dessas publicações, os editores do PCB mantinham uma coluna nas páginas do jornal *O Paiz.*[47] Todavia, mesmo com esses

[45] Infelizmente esse texto está ilegível em nosso número consultado e não encontramos nenhuma informação biográfica sobre o autor.
[46] Em alguns trechos, para evitar repetições, abreviaremos o título do órgão central do PCB para "*A Classe...*".
[47] Fundado em 1° de outubro de 1884, no Rio de Janeiro, *O Paíz* teve um importante papel na vida política nacional. Foi dirigida por Rui Barbosa e Quintino Bocaiúva, e, em seu quadro de colaboradores, contou com a participação de diversos intelectuais nacionais. Foi fechado em 24 de outubro de 1930, em virtude de sua campanha contra Getúlio Vargas. Ensaiou um retorno no final de 1933; porém, sem condições financeiras,

títulos de apoio à causa comunista, coube ao periódico *A Classe Operária* o status de órgão central do PCB, o que resultou em uma centralidade nas divulgações de informações do partido, além de um controle maior sobre a propaganda comunista realizada até o momento no Brasil.

Antes d'*A Classe Operária* ser impressa, o principal periódico de apoio à causa soviética no Brasil foi a revista *Movimento Communista*, editada por Astrojildo Pereira, entre o período de janeiro de 1922 até junho de 1923. Em 18 meses, foram publicadas 24 edições. Não dispomos de informações sobre sua altura e largura, porém, ao que tudo indica, a publicação comunista possivelmente era publicada no formato de tablóide, sendo que cada número possuía uma média de 32 páginas com tiragem de 1.500 exemplares por edição lançada.[48] O seu custo de produção girou em torno de 300$000 réis por exemplar e o seu preço de venda unitário foi estipulado em 500$000 réis, o que lhe conferiu uma média de 200$000 réis de lucro por cada número. Inicialmente, com uma periodicidade mensal, a partir de janeiro de 1923, ela começou a ser publicada quinzenalmente. Segundo John W. Foster Dulles (1977: 162), essa redução do tempo de um número a outro ocorreu porque a *Movimento Communista* foi um periódico "financeiramente bem sucedido". Além dos artigos de Astrojildo Pereira e de outros militantes, essa revista publicou muitas traduções de documentos e textos originários da IC e de comunistas estrangeiros (RUBIM, 2007: 383). Após a fundação do PCB em março de 1922, alguns números da *Movimento Communista* apresentava-se aos seus leitores como "orgam do Partido Communista (S.B.I.C.)", ou seja, podemos afirmar que essa revista, ainda que por um breve período de tempo, foi içada ao posto de publicação oficial do PCB. Um detalhe relevante do enunciado destacado está na sigla S.B.I.C., referente à Seção Brasileira da Internacional Comunista. Considerando que o PCB só se tornou partido oficial da IC em 1924, é possível afirmar que, antes mesmo do seu reconhecimento por parte de Moscou, o partido já se colocava como uma agremiação política oficializada pelos líderes da Revolução Russa.

A *Movimento Communista* teve um fechamento polêmico, e, para discorrer sobre esse evento, recorremos novamente a Foster Dulles (ibidem: 177 – negrito nosso), que apresentou um relato interessante sobre esse caso:

---

encerrou definitivamente suas atividades em 18 de novembro de 1934. Mais detalhes, consultar: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/o-paiz>. Acesso em 25 de jan. 2015.

[48] Os jornais são geralmente impressos em quatro formatos: tamanho Standard (entre 60 cm x 38 cm e 75 cm x 60 cm); tamanho Tablóide (cerca de 38 cm x 30 cm); tamanho Tablóide Berlinense (ou Europeu), *Berliner Format* (cerca de 47 cm x 31,5 cm) e tamanho de Microjornal. No começo do Século XX, era usual a impressão dos periódicos em formato de Standard e Tablóide. Indicamos que a *Movimento Communista* foi impressa em formato de tablóide, pois essa dimensão suportaria o tamanho de 32 páginas que cada número possuía.

> APÓS A DECRETAÇÃO do estado de sítio, em junho de 1922, no Distrito Federal e no Estado do Rio de Janeiro, o *Movimento Communista*, adotando o que Astrogildo Pereira qualificou como "um pequeno disfarce", passou a dar seu local de publicação como sendo São Paulo. Os anarquistas não cooperaram com este despistamento. Em abril de 1923 *A Plebe* noticiava: "Do *Movimento Communista*, **publicado no Rio em março último**, extraímos os parágrafos com que Bukarin fecha um extenso artigo". Dois meses mais tarde a polícia descobria e se apoderava da tipografia do *Movimento Communista*.

Entretanto, o autor brasilianista não aprofundou essa afirmação de que os editores anarquistas d'*A Plebe* não teriam cooperado com a estratégia da falsa informação plantada por Astrojildo Pereira. Ao publicarem no periódico libertário a localização geográfica de produção da revista comunista, os editores anarquistas haviam oferecido uma pista à polícia sobre o local de produção da revista dirigida por Astrojildo Pereira. Há dúvidas nessa afirmação de Dulles. Primeiramente, o fato de os editores anarquistas d'*A Plebe* terem conhecimento do intento de Astrojildo Pereira em veicular a informação de que a *Movimento Communista* estava sendo publicada em São Paulo. Em segundo lugar, seria demasiado supor que os anarquistas publicaram, propositalmente, que a revista comunista estava sendo publicada no Rio de Janeiro a fim de orientar uma repressão policial. Contudo, caso tenha realmente ocorrido essa intencionalidade dos editores d'*A Plebe*, o fechamento da revista de Astrojildo Pereira seria mais um episódio do duelo travado entre anarquistas e comunistas brasileiros na década de 1920. Todavia, essa medida repressiva não amordaçou os comunistas. Segundo Antônio Albino Canelas Rubim (ibidem), "Com o fechamento da revista, o PC busca dirigir pequenos jornais sindicais e, em 1923-1924, influencia e mesmo controla a página sindical de um veículo de "grande" imprensa: *O País*."

A relação entre o PCB e *O Paíz* foi bem complexa. Em suas memórias, Octavio Brandão (1978: 254) recordou que Sarandy Raposo, presidente e fundador da Confederação Sindicalista-Cooperativista Brasileira (CSCB), contactou o PCB e convidou os seus membros a utilizarem o espaço sindical d'*O Paíz*:

> Sarandy pôs à disposição do PCB, com plena liberdade, grande parte da "Secção Operária" do jornal *O Paíz*. Aproveitamos bastante. Traduzi para ela fragmentos de Lênin, documentos da Internacional Comunista e artigos da revista *La Correspondance Internacionale* de Paris. Tudo isto foi publicado no órgão oficioso, sem censura, sob o estado de sítio, num ambiente de perseguições policiais.
>
> Os operários, orientados pelo PCB, compravam *O Paíz*. Liam diretamente os artigos revolucionários. Desprezavam os artigos reformistas de Sarandy e os artigos reacionários da redação. Assim, muitos operários desenvolveram-se ideológica e politicamente.

Sarandy Raposo tinha como objetivo realizar uma proletarização da sua CSCB. Já no caso do PCB, o espaço em um diário de grande circulação foi uma experiência importante em sua estratégia de propaganda política, como analisou Maria do Rosário da Cunha Peixoto (1990: 63):

> A breve aliança do PC com a CSCB, em termos imediatos, significou a conquista de um dos mais importantes diários da época. Circular pela grande imprensa significava atingir um público maior e diferenciado daquele atingido pela revista *Movimento Comunista*. Para um partido recém-criado, com a tarefa de disputar o meio operário aos anarquistas, ponto por ponto, centímetro por centímetro, dispor de uma página operária deve ter sido importante. Suas publicações voltadas para a defesa da Revolução Russa quase sempre se constituíam de traduções de artigos dos teóricos da revolução, considerados pelo partido como a vanguarda das vanguardas. Por que não colocar o público em contato direto com eles?

Mesmo com o controle da coluna operária d'*O Paíz*, os redatores comunistas do PCB não modificaram a sua estratégia textual e, como citado no enxerto acima, publicaram traduções e outros textos oficiais da IC, no mesmo modelo do conteúdo da *Movimento Communista*. De inusitado, temos o fato de que *O Paíz* foi uma publicação que apoiou o governo de Artur Bernardes. Por esse espaço concedido, o PCB foi duramente atacado por militantes anarquistas, que interpretaram tal proximidade como uma possível aliança dos comunistas com o governo, que teriam com o objetivo desferir um golpe mortal no movimento libertário (SAMIS, 2002: 276). Essa união não passou de uma especulação, contudo, em um período de intensa perseguição, torna-se compreensível a existência de tal apreensão por parte dos anarquistas em relação às estratégias dos comunistas.

Essa instabilidade da imprensa do partido deveria cessar, e, em 22 de fevereiro de 1925, foi realizada no Rio de Janeiro uma reunião sindical convocada pela Comissão Central Executiva do PCB (CCE/PCB). Em seus estudos, Dulles (1977: 224) descortinou os objetivos dessa reunião, a saber: a criação de um jornal operário de massas, a regulamentação de novos estatutos do partido, e a reorganização de células comunistas em empresas fabris - estratégia essa ditada no V Congresso da IC, realizado em junho e julho de 1924. Para Marcos Del Roio (2007: 236), essa política da IC intitulada de "bolchevização" das fábricas encontrou dificuldades de ser colocada em prática pelos comunistas brasileiros. A estratégia do PCB, após a reunião do CCE, foi "envidar esforços para estabelecer o partido nas fábricas, com particular ênfase na indústria têxtil, a mais importante do Rio de Janeiro". Ao criar esses "blocos", o PCB formaria uma "frente única proletária" e derrotaria as propostas

anarcossindicalistas e reformistas. Segundo Del Roio (ibidem), a criação d'*A Classe Operária* foi fundamental na efetivação dessa estratégia.

Na ata da reunião lançada pelo PCB, "Theses e Resoluções", de 22 de fevereiro de 1925, a importância da criação de um periódico doutrinário para um público massivo foi amplamente destacada no tópico "Relatorio da commissão do jornal"[49] (p: 4):

> Na actual situação, o aparelho que porá em movimento toda a engrenagem do P. C. é um jornal. Com ele, desenvolveremos a nova organização – das células. Com ele, poderemos penetrar no seio das massas. Com ele, os trabalhadores ficarão a par do movimento nacional e internacional. Com ele, orientaremos os trabalhadores sobre a sua attitude deante dos acontecimentos actuaes do paiz. Vê-se, pois, que o jornal é um aparelho insubstituível, um aparello unico. E, sobre ele, devemos concentrar as energias, fazendo até sacrifícios. Está, portanto, fóra de qualquer discussão a necessidade de um jornal.

Justificada a necessidade da publicação de um periódico identificado com o PCB, fixou-se o seu preço a 100$000 réis. Na tabela de valores apresentado no documento acima, a produção de cada exemplar custaria uma média de 106$000 réis. Todavia, apesar dessa despesa, foi imprescindível que cada número fosse vendido a 100$000 réis. Mesmo com prejuízo, a CCE/PCB argumentou que o principal objetivo dessa nova publicação seria circular o máximo possível entre as camadas operárias e, nesse sentido, o preço de 100$000 réis estaria dentro das condições financeiras do trabalhador brasileiro. Em termos de comparação, cabe destacar que, dois anos antes da reunião do CCE/PCB, a *Movimento Communista* tinha sido comercializada a 500$000 réis o exemplar, e, como já apresentado, conseguiu lucrar a cada número lançado. Em outro trecho do documento, essa situação financeira não passou despercebida e foram sugeridas alternativas para equilibrar os custos de produção do futuro periódico do PCB:

> Certamente os cálculos acima são pessimistas mas as experiências anteriores nos devem tornar prudentes. Não façamos cálculos optimistas para que a realidade não nos traga desillusões.
>
> Ha, portanto, um déficit de mais ou menos um conto mensal: de 956$000. Como resolvel-o?
>
> Um dos membros da Commissão lembra as subscripções permanentes, os festivaes e as assignaturas annuaes de 300 membros do P. C, assignaturas que, a 8$000, darão 2:400$000.
>
> Os outros dois membros aceitam as subscripções e os festivaes mas acham as assignaturas insuficientes. Assim, lembram, em lugar das assignaturas, uma contribuição extraordinária e obrigatória. Pelo menos nos primeiros mezes até equilibrar-se cada membro do P.C. daria mensalmente ao jornal 2% de seu salario. Mesmo a 4$000, teríamos mensalmente mais de um conto.

[49] Na seção de **Anexos (Anexo 3 – pg. 310)** encontrasse uma cópia desse documento.

A questão financeira foi um problema que seguiu tanto *A Classe Operária* quanto o *El Machete* em suas trajetórias editoriais. Ambos os periódicos publicaram diversos artigos e anúncios nos quais recorriam aos seus leitores visando doações e assinaturas, a fim de preencher as lacunas em seu caixa financeiro e manter-se em circulação. Nesse caso, os leitores de tais publicações comunistas tinham um papel ativo, ou seja, não eram meramente leitores ou consumidores de informações. O dinheiro doado não foi utilizado para que os editores comunistas dessas publicações lucrassem, e sim para manter os periódicos nas ruas, nas portas das fábricas, e em outros lugares. Criou-se um sentimento de pertencimento, no qual cada leitor também fazia parte da produção desses títulos comunistas. Tais periódicos não eram apenas publicações que os leitores liam: eram também impressos que eles próprios ajudavam a fazer sair das gráficas e colocar em circulação.

Realizada a Conferência, as bases normativas de reorganização do PCB foram oficializadas e publicadas no documento "Theses e Resoluções", de apenas quatro páginas, que foi distribuído para os outros grupos comunistas. Astrojildo Pereira escreveu uma circular oficial em 25 de março de 1925,[50] na qual esclareceu os objetivos do encontro e enfatizou o projeto de publicação d' *A Classe Operária*:

> Camaradas,
>
> Junto vos enviamos 3 exemplares das Theses e resoluções adoptadas na Conferencia aqui realizada em 22 de fevereiro p.p. Ainda sob o estado de sitio, forçados a um trabalho rigorosamente ilegal. Lutamos, no entanto obstinadamente, contra todas as dificuldades. A reorganização do partido a base de células vai progredindo, apezar de tudo. Estamos empenhados, neste momento, em publicar um semanário legal, A Classe Operaria , que sairá talvez a 1° de Maio. Temos igualmente convocado o congresso do partido para fins de abril próximo. Junto encontrareis a circular de convocação, contendo a ordem do dia.
>
> Saudações comunistas,
> Pela C.C.E.
> Astrojildo P.

Destaca-se, nesse documento, o fato de o título do periódico estar sublinhado, o que já demonstra a sua importância nas estratégias de propaganda e de agitação estabelecidas pelo PCB. A escolha do nome *A Classe Operária* como título foi realizada tendo como objetivo estabelecer uma ponte entre a publicação do PCB e os trabalhadores urbanos. Essa informação fica evidente em um panfleto lançado para divulgar seu lançamento: "À venda nos 'pontos' e nas associações operarias, A CLASSE OPERARIA. Jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores, para trabalhadores. É de interesse e é um dever para todo trabalhador, lêr e propagar o primeiro e único órgão da classe operaria do Brazil."

[50] Na seção de **Anexos (Anexo 4 – pg. 311)** encontrasse uma cópia dessa carta.

Segundo as memórias de Octavio Brandão (1978: 222), o órgão central do PCB substituiu a antiga revista de Astrojildo Pereira, por meio de uma recomendação direta de Moscou: "A IC escreveu ao PCB, a 1º de julho de 1923, recomendando-lhe que transformasse a revista *Movimento Communista* num jornal operário de massas. Esta recomendação tornou-se uma realidade em 1925, com a fundação do jornal *A Classe Operária*". Nessa carta, intitulada "Directeur du PC Brésilien", e datilografada em francês, o secretariado da IC afirmou que recebeu alguns exemplares da *Movimento Communista*, teceu alguns elogios, contudo, apresentou algumas ressalvas: 1) foi criticada a periodicidade do periódico. Para a IC, um jornal comunista deveria ser diário ou semanal e a *Movimento Communista*, quando foi fechada pela polícia, tinha uma periodicidade quinzenal; 2) o tamanho da revista também foi alvo de críticas. Para a IC, ela era considerada pequena, e, reiteramos novamente que, ao que tudo indica, seu tamanho era no formato de tablóide. Ao criticarem sua dimensão, provavelmente, os membros da IC incentivaram a publicação em formato *standard*; 3) o conteúdo da publicação de Astrojildo Pereira não passou despercebido. Para o secretariado da IC, a *Movimento Communista* publicava muitos textos teóricos e não destinava o seu conteúdo para os problemas do dia-a-dia do operariado brasileiro, o que dificultava a sua inserção entre os mesmos; 4) o número de páginas foi considerado exagerado, o que dificultava uma leitura dinâmica da revista no período de descanso dos trabalhadores. Por fim, a carta concluiu que o PCB deveria publicar um jornal com uma estrutura mais popular e que circulasse com mais facilidade nos círculos operários, como sindicatos, interiores das fábricas, entre outros. Com esse excesso de críticas, somada à repressão que se abateu sobre a *Movimento Communista* e levando em consideração que o PCB estava em processo de avaliação pela IC, não surpreende que os comunistas brasileiros seguissem as recomendações de Moscou. A demora de quase dois anos para colocar na prática as diretrizes da IC sobre a criação de um periódico popular pode ser explicada pela crise financeira que o PCB enfrentou nesse período.

O número de estreia d'*A Classe Operária* contou com a colaboração de simpatizantes do movimento comunista brasileiro e teve uma tiragem de cinco mil exemplares, que foi produzido em uma modesta tipografia (DULLES, 1977: 226). Esses números fizeram sucesso e despertaram o interesse de muitos em relação aos projetos do PCB:

> Os números de *A Classe Operária* que não eram distribuídos nos pontos normais de venda eram levados, toda semana, em embrulhos para as portas das fábricas. Sua circulação cresceu rapidamente, excedendo logo, e bastante, o cálculo de dois a quatro mil exemplares previsto inicialmente pela Comissão do Jornal do PCB. Com a publicação de 9.500 exemplares do número 9, foram feitos os

> preparativos para a impressão de 10.000 na edição de julho. Mesmo assim, *A Classe Operária* considerou esse número insignificante, tendo-se em vista os "10 milhões de trabalhadores do Brasil", em sua maioria camponeses analfabetos. No entanto, seu círculo de influência não estava restrito ao número da tiragem, pois o jornal era lido em voz alta nas reuniões e corria de mão em mão. No Rio, a esposa de um portuário analfabeto descia às docas toda semana para ler *A Classe Operária* para o marido e o grupo de operários que se encontravam ali. O interesse despertado por *A Classe Operária* favoreceu o desenvolvimento do PCB: vários comitês de propaganda do jornal se converteram em células do partido.

O periódico tinha a clássica estrutura de quatro páginas. A última, usualmente, era dedicada a questões internacionais e nela foram publicados muitos artigos sobre a União Soviética e, inclusive, alguns de Trotski contra Stalin, quando ambos disputaram o controle da Revolução Russa após a morte de Lenin. As outras páginas eram mais dedicadas a questões dos trabalhadores nacionais. Cabe destacar que não foram publicados apenas artigos sobre as condições de trabalho de Rio de Janeiro e de São Paulo, os principais polos industriais do Brasil no período. Outras regiões também foram contempladas nas páginas d'*A Classe Operária*. Por exemplo, houve denúncias sobre as condições de trabalho das charuteiras da Bahia, textos específicos sobre os engenhos do nordeste, artigos sobre o movimento operário do Rio Grande do Norte. Ademais, os primeiros números publicaram uma série sobre a "Situação da Classe Trabalhadora em Pernambuco". Esses textos, que eram anônimos ou contribuições de correspondentes, tiveram reservada também sua autoria. Ao abordar essa diversidade do país em seus primeiros números, *A Classe...* conseguiu tecer uma teia de apoio nacional, pois recebia e publicava muitos artigos ou denúncias de leitores operários espalhados pelo país. Essa participação dos trabalhadores na confecção do periódico foi importante para legitimar o discurso de que *A Classe...* era uma publicação realizada *por* e *para* os trabalhadores. No n° 6, publicado em 06 de junho de 1925, essa contribuição foi destacada em um calhau:[51]

> O n. 5 da A CLASSE OPERARIA foi escripto por quatro gráficos, três tecelões, três empregados no commercio, does marítimos, dois revolucionarios profissionais russos (Illich e Steklov), dois tintureiros, um beneficiador de fumo, um bordador, um garçom, um carteiro um lavrador de verduras, um alfaiate, um trabalhador em café, um marceneiro, um barbeiro, um carregador, um intelectual proletário e outros trabalhadores cujos officios especiaes a redação ignora.
> (*A Classe Operária*, "'A CLASSE OPERARIA' É ESCRIPTA POR TRABALHADORES", n° 6. 06/05/1925, p.03)[52]

[51] Calhau são os pequenos textos ou anúncios utilizados para preencher um espaço em branco nas páginas dos jornais.

[52] Ao consultar o n° 5, publicado em 30 de maio de 1925, foi possível identificar partes do artigo do revolucionário russo Steklov. Contudo, como a nosso exemplar encontra-se mutilado, não foi possível localizar o artigo de Illich (curiosamente, o nome do meio de Lenin) ou algum outro texto de destaque.

Ao contrario do *El Machete*, *A Classe Operária* publicou pouquíssimas imagens em suas páginas. Algumas fotos e charges foram impressas para ilustrar determinadas matérias, contudo, em quantidade ínfima. A visualidade gráfica não foi um recurso que chamou atenção dos editores d'*A Classe...*, cuja preocupação foi pautada pelos textos teóricos – no capítulo 4, abordaremos com mais densidade essa questão. Além dessa ausência, os temas culturais também não receberam destaque nas páginas do órgão central do PCB. Carine Dalmás (2012: 38) detectou essa mesma ausência ao realizar um estudo comparativo das políticas culturais, nas décadas de 1930 a 1950, do PCB e do PCCh:

> [...] o jornal do PCB manteve uma linha editorial centrada na divulgação das linhas doutrinárias e determinações estritamente políticas da direção do partido. Dessa forma, as intervenções culturais ao longo de quase todo o período estudado, ficaram a cargo dos posicionamentos dos escritores comunistas em periódicos que abarcavam produtores e críticos culturais de outras tendências de esquerda. Tal situação demonstra a debilidade no respaldo e, provavelmente, na orientação que o PCB proporcionava aos seus quadros culturais.

Como apontado por Jorge Ferreira (2002: 100), *A Classe Operária* foi bastante utilizado em cursos sobre o Comunismo realizados no Centro de Cultura Proletária, fundado pelo PCB ao longo da década de 1920. Essa função pedagógica exercida pelo periódico foi importante na inserção de trabalhadores no mundo cultural comunista. Como exemplo dessa afirmação, Lincoln Secco (2013: 46) apresentou o seguinte relato do portuário Eduardo Xavier:

> O militante comunista portuário de origem portuguesa Eduardo Xavier, mais conhecido por Abóbora, conta que tinha muita dificuldade de ler, mas que "um ensinava o outro" e, assim, pôde ter contato com o jornal *A Classe Operária* e conhecer os nomes de Marx e Lenin. Mais tarde se tornaria tipógrafo e imprimiu panfletos, volantes e o próprio jornal do partido.

Contudo, apesar de alguns pontos positivos apresentados, os problemas financeiros previstos no relatório de "Theses e Resoluções" do CCE/PCB se concretizaram e os editores comunistas d'*A Classe Operária* tiveram que acionar a sua aliança com o jornal *O Paíz*. Novamente, Dulles (ibidem: 226) nos fornece um quadro interessante sobre a relação entre os dois periódicos:

> A pequena tipografia na Rua Frei Caneca[53] entrou em pane no dia 30 de abril, mal terminava a tiragem. Por isso, dois membros da célula comunista do jornal situacionista *O Paíz* se entenderam com os diretores daquele diário sobre a

[53] A tipografia da Rua Frei Caneca foi o primeiro local onde *A Classe Operária* foi publicado.

> possibilidade de publicar nas suas oficinas, e no horário normal em casa, as futuras edições de *A Classe Operária*. Essa concessão foi feita com o consentimento do governo, que aparentemente desejava evitar agitação operária em *O Paíz*. O acordo perdurou até meados de 1925, quando o governo, perturbado com o sucesso do jornal comunista, e com os seus ataques, resolveu fechá-lo.

Em sua primeira fase e com a ajuda da tipografia d'*O Paíz*, foram publicados 12 números d'*A Classe Operária*, sendo que o décimo terceiro número nunca saiu das máquinas. Receoso com a crescente influência que o periódico adquiriu nos círculos operários, o presidente Artur Bernardes mandou fechá-lo. Para justificar essa medida, Bernardes utilizou como subterfúgio os artigos que o órgão central do PCB publicou contra a visita de Albert Thomas, ex-dirigente da II Internacional Socialista, ao Brasil. Sem sombra de dúvidas, um motivo banal para acarretar o silenciamento da publicação comunista. Segundo Octavio Brandão (1978: 222), houve várias tentativas de manter a circulação do periódico em outros lugares, como exemplo, em Juiz de Fora, Minas Gerais. O antigo membro do PCB também recordou que 30 tipografias foram visitadas, mas todas recusaram a proposta de publicar *A Classe...*, com receio de possíveis retaliações por parte do governo.

Mesmo com essa interrupção, o ano de 1925 representou o auge da produção impressa do PCB. O documento "O SERVIÇO DO AGITPROP[54] DO P.C.B. EM 1925", publicado em 22 de junho de 1926, realizou um balanço da confecção de folhetos, jornais, revistas, boletins, folhas volantes, papéis avulsos, entre outros, realizados no ano de criação d'*A Classe Operária*. Segundo os dados do documento, em três anos, de 1922 a 1925, "o P.C.B. já editou 254.923 exemplares de publicações variadas". No caso d'*A Classe...*, os dados surpreendem: em seu ano de fundação, os 12 números apresentaram uma tiragem de 98.613 exemplares, com média de publicação de cada edição girando ao torno de 8.200 exemplares e a sua importância foi destacada: "O anno de 1925 constituiu o apogeu do serviço do Agitprop. Houve, para isto, um factor fundamental: o aparecimento da A CLASSE OPERARIA".

Com o fim do Estado de Sítio de Artur Bernardes no final de 1926, o PCB articulou o seu retorno à vida pública brasileira e os comunistas conseguiram um importante espaço de propaganda no semanário *A Nação*. De propriedade de Leônidas de Resende, esse periódico praticamente tornou-se uma publicação oficial do PCB entre 1927 e o início de 1928. Estudioso e entusiasta do Marxismo, Resende encontrou-se com Astrojildo Pereira e lhe cedeu espaço em seu jornal. *A Nação* publicou diversos textos sobre a história da União

[54] *Agitprop* é a sigla para a junção dos substantivos de *agitação* e de *propaganda*, que foram os principais lemas de ação dos PCs. Segundo a fusão desses dois termos, os comunistas estavam encarregados de *agitar* as camadas trabalhadoras e, por meio da *propaganda*, apresentar-lhes a ideologia comunista e, assim, integrá-las aos quadros de formação dos PCs.

Soviética e temas relacionados ao Comunismo. Divulgou em suas páginas diversos livros de literatura comunista, assim como o periódico *Correspondencia Sudamericana*, que poderia ser adquirido por 800$000 réis na redação do jornal. Destacam-se também os recursos visuais e textuais no título do jornal. Ao lado do seu nome, foi impressa a imagem clássica da foice e do martelo da bandeira soviética e, em seu chapéu, uma frase da Internacional: "Não há direitos para o pobre; ao rico tudo é permitido":

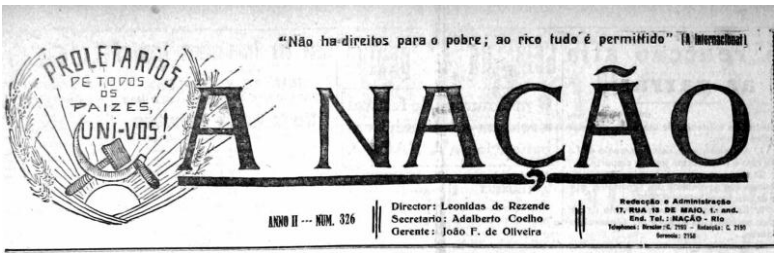


Fig 03. Logotipo do A NAÇÃO, n° 326, de 11 de março de 1927
Fonte: CEDEM

O entusiasmo dos comunistas brasileiros com a publicação de Leonidas de Rezendo foi acentuado. Dainis Karepovs (2006: 54) destacou uma declaração publicada no número de 04 de janeiro de 1927, no qual o PCB apresentou ao público leitor as possibilidades de operar na normalidade e também de se institucionalizar:

> No segundo número de *A Nação*, a CCE publicava uma declaração de apresentação do PCB à sociedade, coisa que pela primeira vez tinha a oportunidade de fazer em sua história, emergindo de uma clandestinidade de quase cinco anos. Nesse texto, diante do que avaliava ser a volta da normalidade institucional, os comunistas colocavam a questão da legalidade do PCB, ou seja, de sua institucionalização. Argumentavam que nos países mais avançados e industrializados existiam partidos comunistas legais, com jornais, editores, escolas e assento nos legislativos de todos os graus, e que no Brasil também cabia a existência legal de um.

No caminho dessa legalidade, traçado pelo PCB acima, em fevereiro de 1927, foi criado o Bloco Operário e Camponês (BOC). Segundo Marcos Del Roio (2007: 239), foi a partir desse momento que se introduziu com ênfase o termo *camponês* no movimento comunista brasileiro como "uma forma de se adequar à linguagem presente em vários países da América Latina e às orientações da IC". O BOC, que antes era apenas Bloco Operário, foi uma iniciativa política-eleitoral do PCB que, nesse período, recebeu um grande apoio dos trabalhadores. Todavia, esse clima de legalidade não se manteve, e, em agosto de 1927, o

presidente Washington Luís ratificou a "Lei Celerada"[55] e o PCB voltou à clandestinidade, e, mais uma vez, colocou o seu órgão central nas ruas.

O relançamento d'*A Classe Operária* ocorreu em 1° de maio de 1928 e foi uma tentativa dos editores do PCB em estabelecer uma ligação do periódico comunista com a memória de resistência e luta evocada por essa data, evidenciado pelo fato de seu número de estreia ter sido lançado no mesmo dia e mês do ano de 1925. Esse exemplar de 1928 apresentou-se como o primeiro número da segunda fase do jornal, no tamanho *standard* e com quatro páginas. Cabe destacar que foi uma prática usual d'*A Classe...* zerar a sua numeração em suas retomadas de publicação, com o objetivo de simbolizar um verdadeiro recomeço.

Nessa segunda fase, nos anos de 1928 e de 1929, o periódico comunista brasileiro manteve uma regularidade semanal de circulação e chegou a publicar alguns números de oito e até de 16 páginas. O seu retorno impresso foi bastante celebrado em seu editorial de apresentação, no qual foi defendido que as edições de 1928 continuariam com o trabalho iniciado em 1925:

> Mas, resurge, agora.
>
> Resurge com o mesmo programma, com os mesmos objetivos, com os mesmos methodos. É o mesmo jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores, para trabalhadores.
>
> Cinco redactores na redação: quinhentos redactores espalhados no meio das massas oprimidas. Tal é o nosso processo de fazer jornalismo.
>
> Toda a ambição dos que aqui monrejam consiste em fazer desta folha o verdadeiro jornal de todos os trabalhadores, de todas as categorias de assalariados da indústria, do commercio, do transporte, da lavoura.
>
> Numa palavra: continuar a obra iniciada em 1925 e interrompida um dia, brutalmente, pela mão de ferro da reação. Nosso passado responde pelo presente e ambos responderão pelo futuro, que é nosso.
>
> Viva A CLASSE OPERARIA – órgão da classe operaria invencível!
>
> (*A Classe Operária*, "Aqui estamos, de novo...", n° 1. 01/05/1928, p.01)

O relançamento d'*A Classe Operária* e as articulações do BOC entusiasmaram os comunistas brasileiros a lançar candidatos nas eleições para intendentes (vereadores) municipais do Distrito Federal, Rio de Janeiro. Foram escolhidos como proponentes Minervino de Oliveira[56] e Octavio Brandão. *A Classe...* fez uma intensa campanha para os

---

[55] Segundo o verbete apresentado por Angela de Castro Gomes (2007: 26): "Entra em vigor o projeto de lei de Aníbal Toledo, Decreto nº 5.221, conhecido como 'Lei Celerada', destinada a reprimir o movimento operário, os tenentes e o comunismo. Houve censura à imprensa e restrição do direito de reunião, estando os cidadãos sujeitos a prisões arbitrárias, e entidades ou clubes a serem interditados ou fechados sumariamente."

[56] Além de ter sido eleito intendente do Rio de Janeiro junto com **Octavio Brandão**, **Minervino de Oliveira** foi eleito secretário geral da Confederação Geral do Trabalho do Brasil em 1929. Depois da sua malfadada

seus candidatos e, em diversos artigos, buscaram conscientizar seus leitores sobre a importância do voto. Ambos os candidatos foram vitoriosos e elegeram-se, depois de uma intensa disputa política. Em 29 de dezembro de 1928, no III Congresso do PCB, realizado em Niterói, foi aprovada a aliança dos comunistas com os tenentistas.

O PCB encerrou a década de 1920 com um horizonte positivo: o seu órgão central estava novamente nas ruas e a representação política e legal de dois representantes comunistas no campo político realçaram os ânimos dos integrantes do partido. A disputa agora voltaria-se para as eleições presidenciais de 1930 e a conjuntura política permitiria ao PCB ambicionar sua participação nesse pleito.

Contudo, ventos do sul do país, imperceptíveis nesse período, jogariam por terra os planos dos comunistas e lançariam tanto o PCB quanto *A Classe Operária* em sua longa noite.

---

campanha presidencial, foi preso após o Golpe de Getúlio Vargas, em 1930, e encarcerado na Colônia Correcional de Dois Rios, em Ilha Grande. (DULLE, 1977: 359 & BATALHA, 2009: 118).

2. Tempos "Revolucionários" e imprensa comunista: auge e quedas

Palavra puxa palavra, uma idéa traz outra,
e assim se faz um livro, um governo,ou uma revolução;
(Machado de Assis, *Histórias sem data*, *Prima de Sapucaia*)

A segunda metade da década de 1920 representou um tempo de mudanças para o movimento comunista internacional. Em abril de 1922, Joseph Stalin tornou-se líder do Partido Comunista Russo (PCR) e foi iniciada uma intensa luta interna pelo controle do significado e do legado da Revolução Russa. Seu principal opositor nesse embate foi Leon Trotski. Após o fracasso da Revolução Alemã de 1923, a União Soviética tornou-se o principal polo orientador e o modelo a ser seguido por futuras sublevações proletárias. A morte de Lenin em 1924 e a expulsão de Trotski do país soviético em 1929 consolidaram o papel absoluto de Stalin, não apenas como líder do PCR, mas também como o orientador da Revolução Russa e do seu legado para o mundo. Stalin impôs a sua leitura do processo revolucionário soviético como um axioma que deveria ser seguido por todos os militantes e PCs que já estavam espalhados ao redor do mundo. Com esse ímpeto centralista, Stalin criou uma estratégia discursiva e imagética na qual a Revolução Russa fundiu-se a sua própria pessoa. Ele tornou-se a própria Revolução.

Em 1928, a IC declarou o início do "Terceiro Período" de evolução do sistema capitalista.[57] Por essa leitura, o Capitalismo havia entrado em fase terminal e os comunistas deveriam deixar de lado a tática da Frente Única, e separar-se dos reformistas e dos sociais-democratas (que passaram a ser identificados como "sociais-fascistas"). Essa virada estratégica inaugurou a fase da "classe contra classe" e do processo de bolchevização dos PCs. O *crash* da bolsa de valores de Nova York em outubro de 1929 – que repercutiu com intensidade no Brasil – somado a intensas greves gerais espalhadas pela Europa fortaleceram essa tese defendida pela IC. As diretrizes de controle stalinista foram colocadas em prática e, na década seguinte, os PCs deveriam seguir uma cartilha única e revolucionária, como analisou Silvio Pons (2014: 159):

> Sobretudo a partir do início dos anos de 1930, os quadros do Komintern e de suas seções nacionais foram amplamente submetidos a práticas institucionalizadas de natureza pedagógica e normativa, paralelas e substitutivas daquelas aplicadas nas

[57] Por essa leitura, o "Primeiro Período" teria acontecido entre 1917 a 1924, que correspondia o início da crise do Capitalismo, com a eclosão da Revolução Russa. Já o "Segundo Período" teria ocorrido nos anos de 1925 a 1928 e representaria uma relativa estabilização desse sistema.

> respectivas comunidades nacionais. O espaço de tais práticas estendia-se a formas invasivas de construção identitária, especialmente através do cânone da autocrítica.

No interior dessa mudança estratégica, a América Latina finalmente ganhou importância para a IC, com o seu VI Congresso e a 1ª Conferência dos Partidos Comunistas latino-americanos.

2.1. América Latina: o VI Congresso da IC e a 1ª Conferência dos Partidos Comunistas latino-americanos

O VI Congresso da IC foi realizado de julho a setembro de 1928 e esta foi a primeira vez que o continente latino-americano entrou na pauta das discussões dos bolcheviques moscovitas.

Coube a Jules Humbert-Droz[58] realizar uma análise do mundo latino-americano, no informe "Sobre os Países da América Latina". Não iremos analisar densamente os pontos aprovados desse assunto, que fugiria ao nosso objetivo de pesquisa, contudo, em linhas gerais, foi ratificado que a América Latina estava sob o jugo do Imperialismo estadunidense, que havia se colocado acima do seu homônimo inglês. Utilizando a China, a Índia e a Indonésia como pontos de referências analíticas, determinou-se que os países latino-americanos eram "semicoloniais" ou "dependentes", com fortes traços feudalistas, baixa densidade de um operariado ativamente militante, e que, somente com uma Revolução democrático-burguesa, os PCs desses países instaurariam a Ditadura do Proletariado e a Revolução Socialista. Nessa base esquemática, criar-se-iam *Soviets* – organização de operários e camponeses –, e um Exército Vermelho latino-americano, além da implantação de uma reforma agrária. Contudo, para que esses objetivos pudessem ser alcançados, os comunistas latino-americanos deveriam realizar uma "revolução democrático-burguesa", fomentar uma "luta de libertação nacional" com o apoio dos camponeses e dos militares e, quando instaurada a Revolução, deveriam assumir o controle de todo o processo insurrecional (ANTUNES, 1995: 18-20). Segundo Paulo Sérgio Pinheiro (1991: 173), apesar de alguns pontos relevantes das resoluções

[58] **Jules Humbert-Droz** nasceu na França, em 1891. Foi um importante líder comunista, participou da formação do PC da Suíça em 1921, defendeu a inclusão do PCA na IC em 1921 e participou de diversas missões internacionais pela IC. Foi presença importante em diversas questões trabalhadas pelo Comitê Executivo da Internacional Comunista (CEIC), envolvendo os países latino-americanos. Dentro do Secretariado latino-americano da CEIC, foi encarregado de trabalhar com a problemática da penetração imperialista no continente, sobre o Pan-americanismo, assuntos relacionados aos indígenas, entre outros. Ingressou no secretariado do PCR em outubro de 1931 e tornou-se Secretário-Geral do PC da Suíça em 1939, do qual foi expulso em 1943, por razões ainda obscuras. Ingressou no Partido Social-democrático da Suíça em 1943 e exerceu o cargo de Secretário central de 1947 a 1958. Faleceu na França, em 1971 (JEIFETS; JEIFETS & HUBER, 2004: 153).

ratificadas nesse Congresso, predominou-se uma leitura eurocentrista da IC para a realidade latino-americana:

> O quadro que cada um desses delegados traça da presença do imperialismo inglês ou norte-americano não pode ser refutado. O que complica suas análises são as articulações, à maneira da IC, entre esses imperialismos e a estrutura social e os grupos políticos de cada país. Com a dificuldade suplementar de que o nacionalismo eventualmente suscitado pelos imperialismos nem sempre se somará aos caminhos da revolução socialista. Essa ênfase no conflito entre nacionalismo e imperialismo irá conduzir os partidos comunistas a fragorosos fracassos a partir dos anos [19]30. As conclusões do VI Congresso têm muito mais a ver com a política externa soviética, do que com a revolução nos países latino-americanos: os países (e os partidos) passavam a ter importância na medida em que servissem ao enfrentamento da União Soviética com os imperialismos.

Apesar das críticas pertinentes, as resoluções do VI Congresso da IC impactaram indistintamente o movimento comunista brasileiro e mexicano.

Os leitores do *El Machete* foram informados dos rumos do VI Congresso da IC. O n° 125, de 04 de agosto de 1928, publicou o discurso inaugural do encontro, realizado por Nikolai Bukhárin.[59] Após a transcrição em espanhol da exposição do dirigente bolchevique, foi publicado um pequeno trecho da repercussão do assassinato de Obregón no país soviético:

> X X X
>
> MOSCU, Julio 29. – "Izvestia", órgano central del Gobierno Soviético, ha publicado un artículo en el que presagia que como resultado del asesinato del general Óbregon hay la posibilidad de que México se vea agitado por una nueva lucha por el poder y por una guerra civil en la cual el Imperialismo americano probablemente dirá la última palabra.
>
> "Óbregon, dice el citado periódico, desempeñó un papel napoleónico en la historia mexicana reciente, y su asesinato fue el dramático desenlace de un agudo conflicto político".
>
> (*El Machete*, "El Sexto Congreso de La Internacional Comunista", n° 125. 04/08/1928, p.04)

Além da preocupação da instabilidade política no México, que poderia acontecer com a morte de Obregón, destaca-se, no trecho acima, o temor de uma possível interferência dos Estados Unidos. A definição do país da América do Norte como uma nação Imperialista encaixou-se perfeitamente na tese que o PCM já havia formulado anteriormente sobre o imperialismo estadunidense. O México sempre teve uma relação conflituosa com os Estados Unidos. A perda da região do Texas na guerra travada entre 1846 a 1848, a invasão dos *marines* estadunidenses na região de Veracruz em 1915 – no período revolucionário mexicano

[59] **Nikolai Ivanovich Bukhárin** nasceu em Moscou, no ano de 1888. Exerceu cargos importantes na IC desde sua fundação em 1919, foi secretário político do CEIC em dezembro de 1926 e editor-chefe da publicação *La Internacional Comunista*. Caiu em desgraça a partir de 1929, foi preso, expulso do PCR em 1937 e fuzilado no terceiro processo do Terror Stalinista, em março de 1938 (ibidem: 66).

– e os atritos diplomáticos entre os dois países no governo de Óbregon (1920 – 1924) são exemplos que justificam o clima de hostilidade e de intensa apreensão que os mexicanos tinham para com os seus vizinhos do norte. Ao apresentar que a ameaça do Imperialismo estadunidense foi alertada por uma publicação oficial soviética, os editores do *El Machete* justificavam a seus leitores a sua visão/interpretação temerosa em relação aos Estados Unidos. Ressaltando o que já foi apresentado no capítulo anterior, o *El Machete* publicou diversos artigos críticos ao presidente mexicano Plutarco Elias Calles, que sucedeu Óbregon; ademais, em alguns textos, os editores explicavam essa postura crítica ao afirmar que Calles mantinha relações com empresas estadunidenses. Assim, o Imperialismo dos Estados Unidos não era mais uma paranóia dos comunistas mexicanos, já que sua ameaça havia sido reconhecida pela IC. Os outros materiais publicados no *El Machete* sobre o VI Congresso consistiram de transcrições das discussões e da resolução final que foi aprovada pela IC. Em função da descontinuidade da coleção d'*A Classe Operária*, tema já debatido na introdução, não foi possível realizar uma análise de como ou se os debates do VI Congresso foram publicados no órgão central do PCB, pois, em nosso *corpus* de pesquisa, não localizamos nenhum artigo ou referência sobre o VI Congresso da IC.

Na primeira quinzena de junho de 1929, foi realizada em Buenos Aires, Argentina, a Primeira Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina. Tal evento contou com representantes do movimento comunista da Argentina, Cuba, Uruguai, Bolívia, Guatemala, Peru, Colômbia, Equador, México, Brasil, Estados Unidos, entre outros. Para Vittorio Codovilla, que participou do evento (2006: 431):[60]

> A conferência dos partidos comunistas que se reuniu em Buenos Aires em julho de 1929 desempenhou um papel grande na vida dos partidos marxistas-leninistas, tanto do ponto de vista ideológico quanto do organizativo. Esta conferência (da qual participaram representantes de 15 partidos comunistas e operários da América Latina, assim como uma delegação do Partido Comunista dos Estados Unidos) analisou a experiência acumulada pelos comunistas latino-americanos há uma década, seus êxitos e suas fraquezas, e, pela primeira vez, o caráter da revolução na América Latina e de suas forças motrizes foi definido à luz dos ensinamentos do marxismo-leninismo.

[60] **Vittorio Codovilla** nasceu em Milão, Itália, em 1894. Muito cedo, em sua juventude, tornou-se socialista e, em 1912, emigrou para a Argentina. Participou ativamente do movimento comunista argentino, exerceu cargos diretórios em diversas organizações *vermelhas*, participou do VI Congresso da IC e de outras reuniões importantes da IC. Depois do Golpe de Estado na Argentina, refugiou-se no Uruguai, foi delegado do Partido Comunista Espanhol em 1935, e participou ativamente do CEIC na Guerra Civil Espanhola. Em 1939, esteve na reunião do PCM, na qual diversos membros foram expulsos. Participou de outros eventos da IC em Moscou, foi Secretário-geral do PCA em 1963 e morreu em 1970, em Moscou (ibidem, 2004: 77).

Esses "ensinamentos do marxismo-leninismo", apontado por Codovilla, foram traduzidos em dez temas, debatidos nos doze dias de duração da Conferência. Todo o material do evento foi transcrito e publicado no livro *El Movimiento Revolucionario Latino Americano, versiones de la Primera Conferencia Comunista Latino Americana*, editado pela revista *La Correspondencia Sudamericana*.[61] Na Conferência, foram debatidos novamente temas relacionados ao caráter "semicolonial" dos países latino-americanos, a perspectiva de uma Revolução democrático-burguesa continuou na ordem do dia, e a principal polêmica foi ocasionada pela representação peruana, com o informe "El Problema de las Razas en América Latina", escrito por José Carlos Mariátegui.

Para o PCB, as resoluções da Conferência impactaram em sua estrutura organizativa, pois, além das críticas ao BOC, também foi o ponto inicial do processo de "proletarização" do partido. Entre maio e abril de 1930 foi realizada uma reunião do SSA/IC, com o objetivo de colocar em prática as bases normativas da reunião dos PCs latino-americanos de 1929, e a política da aliança do PCB com o BOC foi definida como uma tática direitista – cujas críticas já haviam sido realizadas no ano anterior. Com base nessa crítica, foram afastados da direção do partido praticamente todos os seus membros fundadores - com destaque para Astrojildo Pereira -, acusados de, inconscientemente, nutrirem atitudes burguesas. Por meio dessa interpretação sectária, foi defendida uma pureza da classe proletária urbana. Os verdadeiros revolucionários seriam os trabalhadores e não os intelectuais comunistas, e em razão disso, os primeiros deveriam guiar os rumos dos PCs. Foi o período do "obrerismo" do partido. Astrojildo Pereira foi destituído da Secretária-geral do PCB em novembro de 1930, afastou-se do partido e retornou somente na década de 1940. O mesmo caminho foi percorrido por Octavio Brandão (DULLES, 1977: 366). Essa desarticulação do núcleo dirigente do PCB acarretou uma intensa disputa política por sua direção no começo de 1930.

O impacto dessa Conferência foi decisivo para modificar as estratégias do PCB nos anos posteriores, como citado por Marly de Almeida Gomes Vianna (2007: 334): "A IC reafirmava o caráter de país semicolonial do Brasil, condenava qualquer aproximação com as forças da pequena burguesia e pregava o fortalecimento bolchevique dos partidos, através de uma política de proletarização de seus quadros."

[61] Os temas debatidos foram os seguintes: "La situación internacional de América latina y los peligros de guerra", "La lucha anti-imperialista y los problemas de táctica de los Partidos Comunistas de la América Latina", "Cuestión Sindical", "Cuestión Campesina", "El Problema de la Razas en América Latina", "Trabajo de la Liga Anti-Imperialista", "Movimiento de la Juventud Comunista", "Cuestiones de Organización", "Trabajo del Secretariado Sudamericano" e "Informe sobre la Solución de la Crisis del Partido Comunista de la Argentina".

A delegação mexicana se fez presente em diversas discussões, contudo, a principal intervenção ocorreu no tópico "Cuestión Campesina", exposta por David Siqueiros, com o pseudônimo de Suaréz. A sessão de sua apresentação foi realizada em 05 de junho de 1929, e Siqueiros retomou novamente a questão do distanciamento da IC à questão camponesa. Polêmico, o muralista posicionou-se contra a tática da aliança democrático-burguesa proposta pela IC e defendeu firmemente a sua posição, em razão das especificidades do México e da experiência da Revolução de 1910.

Ao contrário dos outros PCs latino-americanos - como, por exemplo, o PCB -, o PCM já mantinha uma aliança com a burguesia mexicana. O apoio ao governo de Álvaro Obregón, principalmente contra a rebelião Delahuertista, conferiam aos comunistas mexicanos exemplos negativos do que essa estratégia formulada pela IC poderia acarretar ao movimento comunista de cada país da América Latina.

Além dos debates, a delegação mexicana aproveitou a ocasião para denunciar a repressão do governo, denúncia esta publicada no *La Correspondencia Sudamericana*:

> El asesinato de nuestros dos heroicos camaradas Rodríguez y Gómez, caídos bajo la metralla del pelotón de ejecución, y el cínico y desvergonzado terror desencadenado contra los obreros y campesinos mejicanos, acompañado de la disolución del partido comunista, de la prohibición de la prensa revolucionaria obrera y campesina y de la detención de millares de militantes que sostienen una lucha consecuente contra el imperialismo, *desenmascaran completamente el gobierno sedicente "revolucionario de P. Gil, Calles y consortes, y demuestra a todo el mundo que el gobierno mejicano se ha transformado en un gobierno abiertamente fascista y en un agente del imperialismo norteamericano.*
> (*La Correspondencia Sudamericana*, "Contra la reacción en Méjico", n° 17. 23/08/1929, p.06)

A Conferência propiciou uma intensa troca de informação entre os membros do PCB e do PCM – tema aprofundado no próximo capítulo – e, pelo material levantado, é possível afirmar que este foi o único momento de contato efetivo entre os comunistas dos dois países.

Nos dois casos apresentados, da aliança do PCB com o BOC e do PCM com a burguesia mexicana, evidenciou-se a problemática da implementação integral das diretrizes da IC em diferentes realidades nacionais. Segundo Silvio Pons (2014: 160), na década de 1920, os comunistas em nível global se defrontaram com o desafio de efetivar uma "tradução" nacional da linguagem e das estratégias políticas da IC. Além do Brasil e do México, o Peru também enfrentou querelas em decorrências de suas especificidades nacionais e dos limites em fundar um Partido Comunista em seu país. Todavia, apesar das objeções, a palavra final ficou a cargo da IC e os PCs latino-americanos tiveram que, apesar de todas as limitações,

acatar e seguir impreterivelmente as recomendações dos representantes moscovitas, caso objetivassem fomentar uma revolução comunista em seus respectivos países.

A despeito de sua importância, os debates da Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina ficaram ausentes das páginas do *El Machete*. No caso d'*A Classe Operária*, não tivemos condições de averiguar se houve algum material publicado desse evento, devido à lacuna existente no *corpus* de 59 números, que abrange o período de maio de 1928 até julho de 1929.

O final da década de 1920 representou um *turning point* para os comunistas brasileiros e mexicanos, que vivenciaram momentos de sonhos e também de pesadelos.

2.2. *A Classe Operária*: o peso da "Revolução" (1928 – 1940)

O final do ano de 1928 e o início de 1929 trouxeram um período de esperança para os comunistas brasileiros. A volta de circulação d'*A Classe Operária* e a representação política desempenhada por Octavio Brandão e Minervino de Oliveira tornava esse entusiasmo justificado. Para Edgar de Decca (2004: 81), 1928 foi um ano *sui generis*. Com destaque para as experiências políticas e sociais de São Paulo, segundo o autor, foram germinadas três propostas de "Revolução" Brasileira: 1) a defendida pelo Partido Democrático (PD); 2) a dos representantes tenentistas; 3) a do BOC. Em sua análise, o movimento operário ganhou um grande *status* na sociedade brasileira que não poderia mais ser ignorado:

> Havia, entretanto, algo em comum entre essas diversas propostas de revolução. Tanto aquelas que aceitavam a classe operária como um novo interlocutor político, quanto as que deprimiam a sua participação na luta, visavam, fundamentalmente, cortar desde o início a viabilidade de uma proposta de revolução capaz de alterar radicalmente as regras do jogo. Enfim, não havia possibilidade de encaminhar a luta política sem levar em conta a presença operária, e no entanto, "ganhar" a classe operária para o terreno das oposições significava, fundamentalmente, esvaziar a cada passo a generalização de sua proposta política (ibidem: 91).

Apesar do papel exercido pelo operariado e da vitória eleitoral dos candidatos do BOC/PCB, Dainis Karepovs (2006: 171)[62] demonstrou como a atuação política de Minervino de Oliveira e Octavio Brandão foi duramente contestada, não apenas pela IC, como também pelos comunistas brasileiros. Para o autor, as orientações estabelecidas no VI Congresso da IC

[62] Dainis Karepovs desenvolveu uma leitura do BOC contrária à tese defendida por De Decca. No quinto capítulo do presente trabalho, "Das estrelas às barricadas: o encantamento das Revoluções", retomaremos essa questão com mais profundidade.

de 1928 foram determinantes para o estabelecimento de uma política desastrosa por parte dos interventores comunistas:

> Tal orientação serviu para isolar os comunistas em relação aos interlocutores com os quais vinha desenvolvendo uma política de alianças e serviu também como pretexto para a repressão. Esse curso também fez que os seus parlamentares, Minervino de Oliveira e Octavio Brandão, no exercício de seus mandatos como intendentes do Rio de Janeiro, fossem criticados pelos próprios comunistas pelo fato de apresentarem, entre suas proposições legislativas, propostas visando a melhorias para os bairros pobres em vez de exclusivamente denunciar a burguesia e fazer "discursos revolucionários".

A despeito desses problemas de atuação política, o PCB não se abalou e lançou a candidatura de Minervino de Oliveira para a presidência da República, no pleito ocorrido em 1930. *A Classe Operária* realizou uma intensa campanha, com o lema de que o voto aos candidatos do BOC/PCB era um voto para a Revolução:

> Approxima-se o pleito eleitoral de Março.
>
> As forças politicas da burguezia se movimentam para elle. Os burgueses de todos os matizes se apresentam ao eleitorado, cada qual se esforçando por pintar-se com as cores mais convidativas. E todos elles, quer os conservadores quer os chamados <<liberales>> se dizem amigos dos operários.
>
> Porque esta brusca sympathia pelos operários? Pela simples razão de que estes constituem uma apreciável fracção do eleitorado.
>
> [...]
>
> Além de tudo, o voto nos candidatos do Bloco Operario e Camponez, será um voto de principio.
>
> Votar em Julio Prestes, significa votar na reacção aberta, significa apoiar o imperialismo inglez.
>
> Votar em Getulio Vargas, significa votar na reacção disfarçada, significa apoiar o imperialismo norte-americano.
>
> Votar em Minervino de Oliveira, significa votar pela revolução.
>
> Votar nos candidatos operários, apresentados pelo Bloco Operario e Camponez, será uma formidável manifestação da vontade de lucta das massas trabalhadoras, contra os seus exploradores e opressores, nacionaes e internacionais.
>
> (*A Classe Operária*, "A SIGNIFICAÇÃO DAS ELEIÇÕES PARA O PROLETARIADO", n° 85. 15/02/1930, p.01)

No que pese a importância da campanha, *A Classe Operária* voltou a enfrentar problemas financeiros na sua circulação. Todavia, apesar desses entraves, os editores comunistas se esforçaram em manter o periódico ativo, nas ruas, nas portas das fábricas, entre outros locais, com o objetivo de alavancar a candidatura de seu representante, como foi esclarecido no seguinte calhau:

> Dada a necessidade premente de ser publicado o nosso jornal mais amiudamente, e como não dispomos de machinas capazes para a nossa grande tiragem, vemos-nos forçados a publical-o com 2 paginas apenas, pelo menos, emquanto durar a campanha eleitoral.

(*A Classe Operária*, "A CLASSE OPERARIA", n° 85. 15/02/1930, p.01)

Não obstante todos os esforços propagandísticos desprendidos a favor de Minervino de Oliveira, como a distribuição de cartazes e a publicação n'*A Classe...* de diversos artigos que defendiam a sua vitória, o candidato comunista recebeu uma derrota acachapante ao angariar apenas 534 votos.

Os comunistas brasileiros apontaram fatores internos e externos para o fracasso da disputa eleitoral protagonizada por Minervino de Oliveira. De ordem interna, as lideranças comunistas realizaram uma autocrítica, na qual reconheceram a débil campanha eleitoral promovida pelo PCB. De ordem externa, o BOC sofreu com diversos ataques de forças policiais, que dispersavam seus comícios e intimidavam tanto o seu candidato quanto os seus eleitores. Esses fatores foram explanados em um denso artigo, ao que tudo indica de autoria do CC/PCB, publicado no número 89 d'*A Classe...*:

> A campanha eleitoral conduzida pelo Partido foi fraca, desordenada, tardia. Pouquissimos comícios, pouquíssima agitação impressa, pouquíssimo trabalho organizado. De meados de Dezembro a fins de fevereiro, dois unicos numeros publicados da A CLASSE OPERARIA. Si isto se passou no Rio, peor foi nos Estados (excepto talvez em Santos), ademais da inexperiência geral dos camaradas em questões eleitoraes. O facto é que a nossa derrota foi o resultado logico de impreparação, frouxidão e desorientação da campanha eleitoral do Partido.
>
> É claro que a repressão policial representa papel preponderante como factor da nossa derrota. Ella não nos poupou um minuto, durante mais de 8 mezes (e continua, naturalmente, depois das eleições). Fechou todos os syndicatos revolucionarios, só os reabrindo para entregal-os á direção de agentes policiaes. Prendeu milhares de trabalhadores, expulsando os extrangeiros, espancando, amedrontando. Meetings foram dissolvidos a bala, A CLASSE OPERARIA, de apprehensão em apreehensão, obrigada á clandestinidade mais rigorosa. Os nossos candidatos, ameaçados, encarcerados, insultados, espancados. Em tudo isso, conservadores e liberaes de mãos dadas no combate ao proletariado.
>
> (*A Classe Operária*, "Porque Fomos Derrotados nas Eleições de 1.° de Março", n° 89. 17/04/1930, p.02)

A autocrítica realizada forteleceu as ressalvas apresentadas em 1929 na Conferência dos Partidos da América Latina e, como resultado, a política do "obrerismo", que visava afastar dos quadros dirigentes militantes "burgueses" e intelectuais, foi colocada em prática. Além do revés eleitoral e das mudanças internas, o PCB foi duramente atingido com a subida de Getúlio Vargas ao poder, em outubro de 1930. Vargas e sua Aliança Liberal entraram em choque com a tradicional política dos governadores, que alternava a presidência do país entre representantes de São Paulo e Minas Gerais. Vargas protagonizou um Golpe de Estado

através do qual chegou ao poder, e, à época, esse período recebeu a denominação de Revolução de 1930.[63]

Uma vez na cadeira presidêncial, Vargas modificou diversos aspectos da política e da cultura brasileira e potencializou a perseguição aos comunistas ao instrumentalizar um grande número de mecanismos repressivos. Foi também criado o Ministério do Trabalho, que sancionou em março de 1931 a "lei da sindicalização", que regulamentou diversos direitos trabalhistas. A influência ideológica do PCB no operariado começou a declinar, pois, além de ter de se opor a Vargas, o partido teve que se defrontar com os militantes trotskistas que se reuniram e fundaram a Oposição Leninista do PC do Brasil. Luiz Carlos Prestes[64], o chefe tenentista, que estava exilado, também voltou à vida política, ao lançar manifestos e cartas de apoio ao PCB e de críticas à "Revolução" da Aliança Liberal. Com grande relutância e pressionados pela IC, o PCB aceitou Prestes em suas fileiras somente no ano de 1934.

O peso da "Revolução" de Vargas também se fez sentir n'*A Classe Operária*. Muitos números do órgão central do PCB foram publicados com duas páginas, apresentando-se mais como um panfleto do que propriamente um periódico e, consequentemente, a qualidade gráfica despencou. Os editores comunistas foram forçados a utilizar máquinas "reco-reco", que mimeografavam artesanalmente o original, escrito em máquinas de datilografias e, às vezes, até mesmo à mão. Os seus locais de produção deixaram de ser fixos: alguns números foram publicados no Rio de Janeiro, outros em São Paulo e alguns na Bahia. Contudo, apesar

---

[63] Na historiografia brasileira, há uma intensa discussão, empreendida por Boris Fausto (1997) e Edgar de Decca (2004) sobre esse tema. No quinto capítulo, apresentaremos uma discussão sobre as interpretações realizadas pelos historiadores citados.

[64] **Luiz Carlos Prestes** foi um dos principais nomes do Comunismo brasileiro. Participou das reuniões que arquitetaram a Revolta Tenentista de 1922, contudo, não participou do levante devido aos efeitos da febre tifóide, que contraiu no período. Liderou, ao lado de Miguel Costa, a Coluna Rebelde que percorreu 25 mil quilômetros do Brasil, entre os anos de 1925 e 1927, a fim de derrubar o Governo Federal, objetivo que acabou sendo um fracasso. Em fevereiro de 1927 exilou-se na Bolívia, onde teve o seu primeiro contato com o Comunismo após uma visita de Astrojildo Pereira. Nesse período, recebeu a alcunha de "Cavaleiro da Esperança", decorrente do seu enorme prestígio. Em 1928 mudou-se para a Argentina e chegou a ser sondado pelo PCB, na possibilidade de ser candidato à presidência da República nas eleições de 1930. Recusou, com a alegação de que o Programa dos comunistas possuía diretrizes radicais. Também foi sondado para participar da campanha da Aliança Liberal e encontrou-se com Vargas em duas ocasiões. Apesar desses encontros, não articulou nenhuma aliança com Vargas. Em maio de 1930 lançou o seu famoso Manifesto, onde propôs uma mobilização popular e revolucionária para modificar o Brasil e, em julho do mesmo ano, fundou a Liga de Ação Revolucionário (LAR), de exígua duração. Após a chegada de Vargas ao poder, transferiu-se para Montevidéu e, de lá, em 1931, seguiu para a União Soviética. No "país do socialismo", dedicou-se ao estudo do Marxismo-leninismo e, por orientação da IC, foi aceito como membro do PCB em agosto de 1934. Depois dos eventos da Insurreição Comunista de 1935, foi preso e ficou encarcerado até 1945. Em 1943, mesmo na prisão, foi eleito secretário-geral do PCB. Ao ser libertado, foi eleito senador pelo PCB e exerceu o seu mandato por pouco tempo. Em 1947, o Partido foi novamente posto na ilegalidade e todos os seus parlamentares foram cassados. Voltou novamente a atuar na clandestinidade. Foi perseguido após o Golpe Militar de 1964 e exilou-se na União Soviética em 1971. Voltou ao Brasil oito anos depois, em 1979, no processo da Anistia. Em 1980 rompeu com a nova estrutura do PCB e apoiou o Partido Democrático Trabalhista (PDT) de Leonel Brizola. Faleceu em 07 de março de 1990, no Rio de Janeiro, com 92 anos de idade. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/biografias/luis_carlos_prestes. Acesso em: 5 jan. 2015.

desses entraves financeiros, somados à perseguição policial, *A Classe...* continuou com a sua postura de apoio aos trabalhadores e de oposição a Vargas.

Quando São Paulo se levantou em armas contra Vargas, que entrou para a História como a "Revolução Constitucionalista" de 1932, o governo desmantelou o núcleo dirigente do PCB e a maioria dos seus líderes foi enviada para a Colônia Correcional Dois Rios, localizada em Ilha Grande. Abaixo, seguem duas fotos da repressão que se abateu sobre *A Classe Operária*:



Figs 04 e 05: Espólios da repressão:
Composição tipográfica d'*A Classe Operária* e maquinário tipográfico apreendidos pelo DEOPS-SP em 1932.
Fonte: CEDEM

Todavia, apesar dessa detenção, algumas lideranças conseguiram escapar, e, aos poucos, o PCB se reconstruiu. Segundo Paulo Henrique Martinez (2008), foi nesse período de perseguição que Caio Prado Jr. auxiliou financeira, material e politicamente o partido. O intelectual paulista, partidário do pensamento marxista, defendeu o comunismo em artigos publicados no *Correio da Tarde* e no *Diário da Noite*, ao travar um debate com Plínio Barreto, um dos líderes do movimento de 1930. Caio Prado Júnior também "financiou uma tipografia do PCB de São Paulo e vários mimeógrafos em poder de militantes partidários. A gráfica foi apreendida durante o conflito de 1932." (ibidem: 83). Destaca-se o fato de que, a partir deste "acontecimento, Caio Prado Jr. ofereceu-se para manter uma nova gráfica para o partido, sob a condição de que ele assumisse a direção política e material da mesma. A oferta foi recusada pelo PCB" (ibidem).

Tendo em conta as dificuldades que o partido enfrentava naquele momento, chama atenção a recusa dos comunistas brasileiros em dispor da gráfica oferecida por Caio Prado Jr., sob a condição de que o intelectual paulista tivesse todo o controle do material que seria impresso. Para o partido, era essencial manter o controle total de seu corpo editorial, do conteúdo de suas publicações e do funcionamento de suas oficinas de produções.

Tal afirmação evidencia-se na manutenção, pelo PCB, da publicação não apenas d'*A Classe Operária*, como também de volantes, panfletos e outros materiais impressos. Essa importância da circulação das palavras foi exposta em um pequeno artigo, publicado n'*A Classe...* em agosto de 1934, assinado por Bernardo – possivelmente, um pseudônimo. Ainda que extenso, o artigo em si é interessante, pois demonstra não apenas a relevância, como também um exemplo dos subterfúgios que os comunistas brasileiros utilizaram para difundir e propagar os seus ideais na sociedade:

> Não se deixar esmagar pelas difficuldades, manter a necessária calma nas situações mais difficeis, superar e prevernir as difficuldades com toda responsabilidade – são condições indispensáveis para a realização de um trabalho revolucionário, bolchevista.
>
> Citamos aqui um caso occorrido numa Região do Partido e cuja experiência deve ser aproveitada por todo o Partido:
>
> Na séde da Região X, em 32, os camaradas foram colhidos pela luta feudal-burgueza-imperialista sem nenhuma possibilidade technica para imprimir siquer um manifesto desmascarando as massas o caracter daquella luta. A unica typographia que fazia este trabalho recusara-se a continuar imprimindo o nosso material, receiosa da reacção que cada vez mais a apertava o seu circulo de ferro.
>
> Foi decidido estão que um camarada fosse ao interior do Estado com as instrucções necessárias para resolver o problema.
>
> Na localidade X, importante núcleo industrial da Região (30 leguas distante da séde regional), esse camarada se pôz em ligação com um symphathizante que orientava um grupo local. Esse grupo, ainda sem vida orgânica e política, alimentava a nossa propaganda editando volantes em que eram reproduzidas palavras de ordem do P.C., valendo-se para isto de um poligrapho.
>
> Na noite desse mesmo dia, foi iniciado o trabalho, que se prolongou até o dia seguinte, ao cabo da qual tinha-se imprimido cerca de um milheiro e meio de manifestos, o máximo que poude dar o stencil.
>
> Restava ainda à volta, burlar a vigilância da reacção. Nas estações vigiadas e algumas delas guarnecidas por corpo de <<voluntários>> mobilizados para o golpe, revistava-se as bagagens, embrulhos, etc.
>
> Com a decisão a sangue-frio, na manhã seguinte, o camarada dirigiu-se à estação. Quando transpunha o torniquete, o funcionário que tinha próximo de si um individuo já de idade (sem dúvida alguma autoridade local), interpellou-o sobre o conteúdo do embrulho, ao que este respondeu, sorridente:
>
> - Marmellada... (Nessa localidade fabrica-se muita marmellada).
>
> O funcionário tomou o embrulho, revirou-o, rasgou alguns centímetros na lombada:
>
> - Papelada, não? E devolveu o embrulho, deixando-o passar.
>
> -
>
> Nunca, até ali, na Região X, um manifesto foi tão bem distribuído e causou tão grande repercussão entre a massa trabalhadora. A reacção foi suprehendida ao meio-dia em ponto, quando grupos decididos de communistas forma para as portas das fabricas, empresas (chegando mesmo a penetrar nas officinas de uma grande empresa imperialista de transporte terrestre) distribuir nas mãos dos operários aqueles papéis mal impressos, mas tão terríveis para os ricaços nacionaes e estrangeiros!
>
> Bernardo
>
> (*A Classe Operária*, "VIDA DO PARTIDO. Uma experiência", n° 164. 01/08/1934, p.08)

Ainda que com a tentativa de anonimato, é possível identificar que o caso relatado acima por Bernardo ocorreu de fato em São Paulo. Em 1932, a produção impressa do PCB estava concentrada em seu núcleo paulista, e a capital "cidade da garoa" foi uma grande produtora de marmelada nesse período. O autor, por meio dessa história, objetivou incentivar e inspirar que os outros comunistas enfrentassem as dificuldades e imprimissem periódicos, manifestos, volantes, e outros materiais textuais ligados ao partido. Os militantes deveriam dispor de coragem e também de criatividade para derrubar as barreiras da repressão. A convicção do poder das palavras, por parte dos comunistas brasileiros, foi reafirmada no final do artigo, quando Bernardo citou a importância de distribuir o material impresso do PCB nas portas das fábricas e, assim, estabelecer um contato direto com os trabalhadores fabris. Por mais que as condições materiais e estéticas dos impressos apresentassem uma baixa qualidade, a importância estava no seu conteúdo, na mensagem veiculada, pois, para Bernardo, as palavras comunistas eram terríveis para a burguesia nacional e internacional. Diante disso, de uma forma ou de outra, essas ideias deveriam ser espalhadas para todos os trabalhadores do país.

A saída revolucionária proposta pelo PCB, desde a destituição do núcleo fundador dirigente até junho de 1935, foi formulada em três pontos, que, segundo Marly de Almeida Gomes Vianna (2014: 21), consistia na "união de operários e camponeses, soldados e marinheiros para a instalação, através da luta armada, de um governo de sovietes de operários e camponeses, soldados e marinheiros". Crítica, a autora detectou uma interpretação simplista da realidade brasileira, formulada pelos comunistas brasileiros: "O governo era sempre considerado fascista e a Câmara feudal-burguesa. Além disso, o partido superdimensionava qualquer luta. Um pequeno conflito transformava-se em combate antifascista e antifeudal das massas pré-revolucionárias, prontas a empunhar armas." Por fim, segundo a autora, os comunistas confundiam a sua vontade com a realidade.

Nesse ambiente de instabilidade e luta, foi fundada em março de 1935 a Aliança Nacional Libertadora (ANL). No início, o PCB procurou manter certa distância da ANL,

contudo tornou público seu apoio às demandas defendidas pela nova agremiação[65]. Esse posicionamento de apoio limitado foi exposto por Miranda[66], no texto abaixo:

> O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (S. da I.C.) único partido revolucionário do proletariado já explicou amplamente porque apóia a A.N.L. O Partido está de acordo com as reivindicações constantes do programa da A.N.L. e retirará seu apoio e a desmascará perante o proletariado e as massas populares o papel contra-revolucionario ou fascista da A.N.L. ou de qualquer outra organização semelhantes, si ela deixar de defender as reivindicações e interesses das massas. O Partido retirará todo o seu apoio à A.N.L. quando esta se converter em Partido político e visar a conquista de poder político como finalidade. É nestas condições que o Partido continua dando o seu apoio à A.N.L. esclarecendo sempre a distância que existe entre esta organização e o Partido.
> (*A Classe Operária*, "A reunião da Alliança Nacional Libertadora no Theatro João Caetano", n° 178. 10/04/1935, p.06)

A desconfiança do PCB também estava relacionada com o grande apoio que a ANL recebeu nos seus primeiros meses. Como exemplo, em maio de 1935, a Aliança reuniu cerca de seis mil pessoas e, em julho, Vargas a colocou na ilegalidade. Após o comício de maio, *A Classe Operária* publicou diversos artigos sobre o projeto do Governo Popular Nacional Revolucionário, proposto pela ANL, e defendeu que o povo deveria, enfim, pegar em armas. O n° 184, d'*A Classe...*, de junho de 1935, publicou dois artigos sobre esse tema: "O que é o governo popular nacional revolucionário", de Luiz Carlos Prestes e "Todas as Nossas Forças pela Instauração de um Governo Popular-Nacional-Revolucionário no Brasil", de B.B.B.[67] Essa aliança não ficou restrita no campo da propaganda política, e as duas agremiações colocaram em prática um plano ambicioso.

---

[65] Dentre os planos da ANL, podemos citar como exemplo: 1) Suspensão em definitivo do pagamento das dívidas externas, sob o fundamento de que já haviam sido pagas há muito; 2) Nacionalização imediata de todas as empresas imperialistas, "arapucas" para as quais o povo trabalhava sob terrível exploração; 3) Proteção aos pequenos e médios lavradores; entrega da terra dos grandes proprietários aos camponeses e trabalhadores que as cultivavam, visto serem seus únicos e legítimos proprietários; 4) Gozo das mais amplas liberdades pelo povo, nele incluídos os estrangeiros que aqui trabalhavam e eram tão explorados quanto os brasileiros e 5) Constituição de um Governo Popular orientado somente pelos interesses do povo brasileiro.

[66] **Miranda** foi o pseudônimo utilizado por **Antonio Manoel Bonfim**, provavelmente um dos dirigentes mais controversos da história do PCB. Nascido em Irará, Bahia, Bonfim foi sargento da polícia, aderiu ao LAR de Prestes em 1930 e, depois do fracasso dessa agremiação, entrou para o PCB, em 1932. Pela política do obreirismo, foi alçado ao cargo de Secretário-Geral em 1934, quando adotou o nome de Miranda. Considerado um dos agitadores da Insurreição de 1935, após a derrota desse levante, foi preso em janeiro de 1936, com a sua companheira, **Elza Fernandes**, pseudônimo de **Elvira Cupello Colônio**. Na prisão, ao que tudo indica, Miranda passou a colaborar com o governo e delatou diversos comunistas. Aqui já temos a primeira controvérsia de sua biografia. Há relatos de que a sua colaboração foi ocasionada depois da execução de sua companheira, Elvira Cupello Colônio, pois a mesma havia desobedecido a uma orientação de Prestes e foi considerada uma agente infiltrada. Outra interpretação sustenta que Miranda sempre havia sido um agente da inteligência getulista e que estava infiltrado no PCB. Foi condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional (TSN) e após a sua soltura, em 19 de julho de 1940, sua trajetória tornou-se um mistério (MOREIRA et all; 2011).

[67] Não foi possível descobrir a identidade do autor das iniciais **B.B.B.**

Em novembro de 1935, a ANL e dirigentes do PCB convenceram a IC de que o ambiente político e social do Brasil eram propícios à realização de uma Revolução e orquestraram um plano para derrubar Vargas. Essa insurreição, que recebeu a denominação pejorativa de "intentona", foi descoberta, reprimida e os seus principais líderes foram presos - no terceiro capítulo, analisaremos como esse evento repercutiu entre os comunistas mexicanos.[68]

A derrocada desse levante foi decisiva para os rumos do PCB. O cerco intensificou-se tanto na perseguição aos comunistas como na tentativa de silenciar as páginas d'*A Classe Operária*. Nesse ambiente de incertezas e de luta, muitos militantes deram a sua vida para que o periódico do PCB não fosse apreendido pela polícia - como o sacrifício do Cabo Jofre, apresentado na introdução desse trabalho.

Após o fracasso da sublevação comunista, instaurou-se na sociedade brasileira um ambiente de medo e incertezas. Em 30 de setembro de 1937, o Gen. Goés Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército brasileiro, tornou público, no programa radiofônico *Hora do Brasil*, a descoberta do *Plano Cohen*. Segundo sua explanação, esse plano apresentava a informação de que o PCB estava firme, atuante e articulado com a IC, conspirando para instalar no Brasil uma Ditadura do Proletariado após a derrocada de Vargas. Nada mais distante da realidade. Depois de 1935, o movimento comunista brasileiro estava desarticulado e essa ameaça não passou de uma falácia. Contudo, ao trabalhar com o medo de um "perigo vermelho", Vargas construiu a justificativa que necessitava para decretar o período ditatorial do Estado Novo (1937 – 1945).

Além de acirrar a perseguição aos comunistas, Vargas suprimiu todos os partidos políticos do país e consolidou, a cada dia, seu controle político e cultural. Em maio de 1939, foi regulamentada a Justiça do Trabalho e, dois meses depois, por meio do decreto-lei n°

---

[68] O grupo articulador desse levante foi composto por **Luíz Carlos Prestes**, pela sua companheira **Olga Benário,** e pelos militantes **Rodolfo Ghioldi** e **Arthur Ewert**, sendo que este último utilizou a identidade falsa de **Harry Berger**. A certeza de êxito foi tão intensa, que o Bureal latino-americano da IC que estava sediado em Montevidéu, Uruguai, transladou-se para o Rio de Janeiro. Sob a liderança de Prestes, os insurgentes brasileiros, composto por militares rebelados, se revoltaram nas cidades de Natal e Recife, sendo que, na primeira, conseguiram instaurar um Governo Revolucionário Popular, de trajetória efêmera, que durou de 23 a 25 de novembro de 1935. Ao repercutir no Rio de Janeiro, os militares rebelados contavam com um levante de outros regimentos das forças armadas, o que não se concretizou. O movimento insurgente foi derrotado e seguido do início de uma onda de repressão aos militantes comunistas em solo brasileiro, a qual teve seu auge no Estado Novo, instaurado dois anos após esse episódico dramático. Seus principais líderes foram presos: Prestes e sua companheira Olga Benário foram capturados em 1936. Benário foi entregue à Alemanha Nazista por Getúlio Vargas em outubro de 1936, vindo a falecer no campo de concentração de Barnimstrasse, em 1942. Ghioldi e Ewert também não escaparam ilesos. Ewert enlouqueceu em virtude das torturas da polícia getulista e faleceu em 1947, em um hospital psiquiátrico alemão. Ghioldi, por sua vez, sobreviveu às agruras da prisão (Cf. PINHEIRO, 1991).

1.402, os sindicatos ficaram subordinados ao governo, e, no final do referido ano, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável pela censura no país.

Diante de todos esses atos, o PCB não se silenciou e *A Classe Operária*, com muito custo, continuava saindo às ruas. Foram publicados diversos artigos de oposição ao Estado Novo varguista e de apoio à anistia dos presos políticos, com ênfase ao cárcere imposto a Luiz Carlos Prestes, como podemos conferir no artigo "brasileiros!", publicado em outubro de 1939:

> No discurso pronunciado pelo Sr. Getulio Vargas na A. B. I., pregou S. Excia. a necessidade de unir os brasileiros em torno do ideal comum de engrandecimento da Pátria. Não é outra a aspiração de todos os patriotas. Mas, como unir?
>
> Como unir se o "Estado Novo" é o regime da força, da coação e da violência? Como unir se os interesses do povo não são atendidos, nem siquer ouvidos? Como unir se inúmeros lares brasileiros estão privados de entes queridos atirados nas ilhas e nos cárceres? Como unir se os grupos imperialistas têm as portas abertas para explorar o paiz e o povo impedindo o engrandecimento da Patria?
>
> A união de todos os brasileiros depende da pacificação, e pacificação quer dizer ANISTIA para os presos políticos, quer diser solução pratica por atos, e não por decretos e belos discursos; é preciso que a solução dos grandes problemas econômicos dos quais dependem nossa emancipação não sejam resolvidos em aliança com os imperialistas extrangeiros, que resultarão numa maior escravização do povo e na ruina do Brasil.
>
> Manifestemos, brasileiros, nosso ardente desejo de união para o progresso do Brasil, exigindo Anistia, substituição do regime "estadonovista" por um regime democratico de representação popular e solução imediata em bases nacionais dos problemas ligados á industrialização do paiz.
>
> (*A Classe Operária*, "brasileiros!", n° 218. 26/10/1939, p.05)

No crepúsculo da década de 1930, o PCB, por meio de diversos artigos publicados n'*A Classe...*, defendeu uma União Democrática em oposição ao Estado Novo varguista. Note-se que, no final do artigo acima, foi conclamado que o povo brasileiro deveria lutar pela substituição do regime "estadonovista" por um regime democrático e de representação popular. Logicamente, o PCB colocava-se, novamente, como a vanguarda de um eventual processo de restauração democrática no país. Essa afirmação é confirmada no artigo "Todos de pé contra as manobras dos traidores nacionais e pela união nacional democrática!", publicado no último número d'*A Classe Operária* desse período.

> [...] O P.C.B. apela para todos os elementos sinceramente nacionalistas, democráticos, liberais e progressistas – civis e militares, homens e mulheres, velhos e jovens – afim de que se unam e, através dessa poderosa frente de ação, recobrem de esforços e energias na luta sem tréguas, nem quartel pela Democrácia e pela Libertação Nacional. Unidos, à base de um programa verdadeiramente DEMOCRÁTICO, que de fato atenda as necessidades e aspirações do país e do povo, seremos em breve uma força que nenhum terror policial logrará deter, uma

> força que fará o imperialismo e seus agentes "estadonovistas" morderem irremediavelmente o pé da derrota.
> (*A Classe Operária*, "Todos de pé contra as manobras dos traidores nacionais e pela união nacional democrática!", n° 219. 01/03/1940, p.06)

É possível afirmar que não foi aleatoriamente que o termo *democrático* foi datilografado em letras maiúsculas. Ele se destaca de todo o artigo. O PCB defendeu a união por um programa "verdadeiramente DEMOCRÁTICO", que apresentou muito mais palavras de ordem do que diretrizes programáticas. Ao apelar para uma união de todos os "nacionalistas", "democráticos", "liberais" e "progressistas", os comunistas brasileiros deixaram entrever uma grande mudança de sua atuação política. O discurso nacionalista se sobrepôs ao internacionalismo que tanto figurou nas páginas d'*A Classe...* de outros tempos. Para Marly Vianna (2014: 41), essa mudança de postura do PCB aconteceu depois da implantação da política de União Nacional, e, "com o aval da IC e aceita por Prestes, o jornal do partido [*A Classe...*] atenuou suas críticas ao Estado Novo, deixando espaço para o que chamaram de 'nacionalistas' e 'liberais' do governo e, algumas vezes, apoiando Vargas." A autora sustentou seu argumento a partir da análise do artigo "As promessas do 'Estado Novo'", publicado no n° 218 d'*A Classe...*:

> Não poderão dizer que o Partido Comunista age apaixonadamente, que fazemos oposição sistemática e que temos por objetivo a desordem. Tais acusações não encontram eco no seio do povo, diante da atitude clara e serena que o PC vem assumindo desde longa data. Se é verdade que desde os primeiros dias do golpe de Estado de 10 de novembro, mostramos ao povo as verdadeiras características do "estado novo" como um instrumento do imperialismo e dos açambarcadores, também é verdade que, em face da participação do governo de elementos que se dizem democratas e nacionalistas, por ocasião dos golpes nazi-integralistas e diantes das ameaças imperialistas contra a nossa soberania, o PC fez várias propostas para a modificação do atual estado de coisas, com o expurgo da ala reacionária e fascista, com a concessão da anistia e a volta do país ao regime democrático. **Propusemos a formação de um Governo de Frente Nacional, na base de um programa nacional-democrático, sem fazer restrições a pessoas, inclusive ao senhor Getúlio Vargas.**
> (*A Classe Operária*, "AS PROMESSAS DO 'ESTADO NOVO'", n° 218. 26/10/1939, p.06 – negrito nosso)

O apoio dos comunistas brasileiros a Vargas, como apontado por Marly Vianna, não se evidencia no trecho destacado acima. Apesar da afirmação de que o mandatário brasileiro não seria excluído de um eventual Governo de Frente Nacional, o PCB reforçou a tese de que o Estado Novo era uma ditadura e que deveria ser substituído por um governo democrático. Ou seja, apesar de atenuada, a crítica dos comunistas brasileiros se manteve, a tal ponto, que no número seguinte, 219, de 1° de março de 1940, no artigo "Todos de pé contras as manobras dos traidores nacionais e pela União Nacional Democrática!", o Estado Novo foi

descrito como uma “ditadura getulista”. Não houve um apoio a Vargas, e sim uma moderação nos ataques, pois o PCB se defendeu das críticas de ser um partido que “age apaixonadamente” e que objetivava a “desordem”. Vargas ainda era um inimigo a ser combatido e derrotado.

A despeito do esforço e da importância d’*A Classe Operária* se manter nas ruas, o insuportável peso da “Revolução” de Vargas tornou a sua publicação inviável: primeiramente esta começou a sofrer longos intervalos de um número para outro e, por fim, desapareceu em meados 1940. Abaixo, segue uma imagem da capa e da segunda página do último número que localizamos d’*A Classe...* desse período:


EXIJAMOS anistia para os presos políticos

A CLASSE OPERARIA

A União Soviética na vanguarda da luta contra o imperialismo E PELA INDEPENDÊNCIA DOS POVOS

Todos de pé CONTRA AS MANOBRAS DOS VENDILHÕES NACIONAIS E PELA UNIÃO NACIONAL DEMOCRÁTICA!

Arranquemos Prestes das garras da reação!

MOVIMENTO SINDICAL CARIOCA

BRASILEIRO!

O povo luta para viver

O trotzquismo e suas mascaras

Figs. 06 e 07: 1ª e 2ª página d’*A Classe Operária*, n° 219, de 1° de março de 1940. Fonte: CEDEM

Com a legalidade do PCB em 1945, *A Classe Operária* voltou a ser publicada em março de 1946, novamente com a numeração zerada. Com doze páginas, esse número de reestreia apresentou uma qualidade gráfica de destaque em comparação com outras publicações do período, como analisou Nelson Werneck Sodré (2011: 64): “*A Classe Operária* ressurgiu como legal, em 1946, após o fim da Segunda Guerra Mundial, apresentando-se, então, como dos mais bem feitos jornais do país, com inovações gráficas que surpreenderam a imprensa da época.” Todavia, no que pese esses pontos positivos, não tardou para que o órgão central do PCB voltasse a enfrentar os problemas financeiros e as perseguições que marcaram sua trajetória nas décadas de 1920 e 1930, e, assim, entrou novamente na clandestinidade. Contudo, relutante e teimoso, o periódico comunista brasileiro sempre retornava, recusando-se a ser silenciado, como exaltado em uma palestra de Astrojildo Pereira (1972: 87): “Perseguida, batida, suprimida cem vezes, cento e uma vezes ressuscitou.

A Classe Operária não se extinguirá jamais, porque é imortal como a própria classe que ela encarna e representa na imprensa deste país."

2.3. *El Machete*: o peso da clandestinidade (1929 – 1934)

Ao contrário do PCB e d'*A Classe Operária*, que enfrentaram durante as décadas de 1920 e 1930 intensos períodos de luta e de clandestinidade, para os comunistas mexicanos, serem relegados às sombras após 1929 foi confrontar-se com uma situação inédita e ao mesmo tempo traumática. Nesse ano, Julio Antonio Mella foi morto, especificamente em janeiro, e os líderes camponeses comunistas José Guadalupe Rodríguez e Salvador Gómez foram fuzilados no Estado de Durango, no mês de maio, como mencionado no Capítulo 1. Em junho, o PCM foi colocado na ilegalidade, e tanto sua sede como a gráfica do *El Machete* foram destruídas – conforme mencionado na introdução desse trabalho.

Após a Conferência dos PCs latino-americanos, as fileiras do PCM também sofreram baixas. Contudo, ao contrário do PCB, que realizou essa reconfiguração sob a estratégia do "obrerismo", os expurgos das fileiras do PCM foram praticados tendo por base outras motivações.

O processo de expulsão das fileiras do PCM foi debatido primeiramente no mês de junho e efetivado em setembro de 1929. As acusações foram variadas, contudo todos os expurgados foram acusados de serem "oportunistas de direitas". Dentre os membros desligados nesse período, encontra-se Diego Rivera. As justificativas de sua polêmica expulsão foram confidenciadas por Tina Modotti – que esteve presente na reunião expurgatória do CC/PCM –, em uma carta redigida ao seu amante, Edward Weston:

> ¿Razones? que los múltiples trabajos que ha aceptado [Rivera] a últimas fechas del gobierno, la decoración del Palacio Nacional… son incompatibles con un miembro militante del partido. E incluso el partido no le pidió que dejara sus puestos, todo lo que le pidieron fue que hiciera una declaración pública de que el tener esos trabajos no le impedía luchar contra el actual gobierno reaccionario. Toda su actitud últimamente ha sido muy pasiva en relación con el partido y no quiso firmar la declaración, así que lo echaron… Todos sabemos que esos puestos se los endilgó el gobierno precisamente para sobornarlo y poder decir: 'Los rojos dicen que somos reaccionarios, pero miren, estamos dejando que Diego Rivera pinte todas las hoces y martillos que quiera en los edificios publicos'. ¿Ves la ambigüedad de su posición? (apud VERDUGO, 1985c: 125).

O caso da expulsão de Rivera sintetizou as ambíguas relações dos comunistas mexicanos com o governo. Como o pintor muralista poderia trabalhar para o mesmo governo que perseguia os seus companheiros? Há uma ingenuidade no testemunho de Modotti, quando

esta afirma que o partido apenas exigiu que Rivera emitisse uma declaração sobre o seu papel de contratado e ao mesmo tempo de opositor ao governo mexicano. Cabe destacar que Modotti, até aquele momento, manteve uma relação estreita com Rivera, tendo sido, inclusive, quem incentivou Frida Kahlo[69] a ingressar no PCM. Os comunistas mexicanos supervalorizaram sua força, e, convictos, acreditavam que poderiam combater o governo em seu interior. Assim sendo, Rivera foi expulso e passou a ser atacado pelo PCM nas páginas do *El Machete*, principalmente depois do seu papel decisivo no exílio concedido a Leon Trotski, que trataremos mais adiante.

Sob o peso da ilegalidade e da repressão, o *El Machete* ficou pouco tempo silenciado e voltou a ser publicado em novembro de 1929, a partir do nº 178. Esse exemplar saiu com quatro páginas, e ao contrário dos números anteriores, não imprimiu nenhuma imagem, o que demonstra a dificuldade que os editores enfrentaram nesse período para colocá-lo nas ruas. O editorial desse número apresentou mais detalhes dessas dificuldades:

> Camaradas agentes, suscriptores y lectores de EL MACHETE:
> Estamos atravesando por un período difícil para la salida regular de nuestro periódico único vocero del proletariado mexicano. Por una parte las persecuciones, las represalias constantes del gobierno reaccionario de Portes Gil y Cia., por otra parte la situación económica muy mala en que se encuentra esta Administración, nos impiden satisfacer el deseo de los obreros y campesinos de la República, que quieren que EL MACHETE vuelva a salir cada semana.
> Solamente con la ayuda y con la colaboración de todos los agentes, suscriptores y lectores de EL MACHETE, solamente con el apoyo decidido de toda la masa trabajadora del país, podremos normalizar la edición del periódico, que a pesar de todas las amenazas, persecuciones y represalias seguirá saliendo, enseñando el camino justo al proletariado mexicano.
> Todos los obreros y campesinos, todos los agentes, suscriptores y lectores de EL MACHETE deben ayudarnos moral y materialmente, deben hacer un buen trabajo de repartición del periódico a fin de que no haya en todo el país una sola fábrica, un solo rancho a donde no llegue EL MACHETE; deben hacer un trabajo constante de colecta de fondos, enviarnos lo antes posible el importe de este número y de los atrasados.
> Debido a las dificultades con que hemos tropezado, y al costo de la impresión de este número, nos vemos obligados aumentar el precio del ejemplar por esta vez a 0.10. esperando que todos los compañeros sabrán comprender esta necesidad y responderán con toda consciencia a este llamado, cumpliendo con su deber revolucionario.
> ¡TODOS LOS TRABAJADORES REVOLUCIONARIOS DEL PAIS A AYUDAR A "EL MACHETE", PERIODICO DE LOS OBREROS Y CAMPESINOS!
> La Administración.

[69] **Magdalena Carmen Frieda Kahlo y Calderón**, ou simplesmente **Frida Kahlo**, nasceu em Coyoacán, México, em 1907. Kahlo, a pintora mexicana mais conhecida mundialmente, enfrentou, desde a infância, diversos problemas de saúde. Somente em sua juventude começou a se dedicar à pintura. Em 1928 conheceu Diego Rivera, filiou-se ao PCM e se desvinculou do partido quando da expulsão do muralista em 1929. Ao lado de Rivera, convenceu o presidente Cárdenas e conceder o exílio a Trotski. Foi amante de Trotski, com quem estabeleceu uma relação até meados de 1939. Assim como Rivera, Kahlo também pintou referências à ideologia comunista, como no quadro "El Marxismo dará salud a los enfermos", pintado em seu último ano de vida. Faleceu em julho de 1954, decorrente de uma forte pneumonia (Cf. HERRERA, 2011).

(*El Machete*, "Llamamiento de Administración", n° 178. 07/11/1929, p.01)

Não é demasiado supor que os apelos de solidariedade do texto acima foram atendidos, pois, mesmo nesse período de clandestinidade e de perseguição, o *El Machete* manteve uma regularidade quinzenal em sua circulação editorial. Nessa fase ilegal, foram publicados 139 números.[70] Torna-se digno de nota mencionar que muitos artigos publicados nesses números clandestinos não foram assinados, enquanto outros apresentavam pseudônimos ou as iniciais da identidade do autor. O expediente, com informações sobre o corpo editorial e os locais de redação, que sempre esteve presente nas edições anteriores, também foi suprimido. Esse anonimato, utilizado como uma estratégia de camuflagem diante da perseguição governamental, prática usual de diversas publicações comunistas, foi algo novo para o *El Machete*. De toda sua coleção de 619 edições, somente nos 139 números de seu período ilegal, do nº 178 até o nº 317, não foi publicado o seu expediente.

A repressão não se fez presente apenas para os militantes mexicanos. Estrangeiros que eram membros ou simpatizantes do PCM foram expulsos do país, como Tina Modotti, expulsa em fevereiro de 1930, acusada de participar de um malfadado atentado contra Ortiz Rubio.[71] Diante da repercussão do ato, os comunistas mexicanos se defenderam em um longo manifesto publicado no n° 179 do *El Machete*, de março de 1930. Nesse documento, no qual foram listados todos os comunistas presos ou deportados depois do ataque, foi defendida a tese de que o atentado era a justificativa perfeita que Ortiz Rubio precisava para colocar em funcionamento a sua política repressora. Ao mesmo tempo, o PCM posicionou-se contrário à agressão, pois, segundo trecho do manifesto, uma possível morte do presidente mexicano

[70] A fase ilegal do *El Machete* é um tema de discussão. Usualmente, considera-se que essa fase iniciou-se com o nº 178, de 07 de novembro de 1929, e encerrou-se no nº 302, de 10 de setembro de 1934. Esses 124 exemplares foram reunidos e lançados em uma edição fac-símile, organizada por Arnoldo Martínez Verdugo (1975) e foi base do estudo realizado por Aurora Cano Andaluz (1981). Em que pese a contribuição desses dois trabalhos, consideramos que a fase ilegal do *El Machete* foi mais extensa e encerrou-se no nº 317, de 26 de janeiro de 1935. Sustentamos essa afirmação ao constatar que, somente a partir do nº 318, de 02 de fevereiro de 1935, o órgão central do PCM informou aos seus leitores que voltava a ser publicado legalmente, inclusive com o retorno do expediente em suas páginas, evidenciando que a perseguição do governo aos comunistas do México havia se encerrado.

[71] O atentado ocorreu no dia de posse do Ortiz Rubio, em 05 de fevereiro de 1930. Ao regressar para o Palácio Nacional, depois de percorrer toda a cerimônia de posse, Daniel Flores González disparou seis tiros em direção ao cadillac presidencial, onde estava Ortiz Rubio, sua esposa e sua sobrinha. O então presidente mexicano sofreu um pequeno ferimento na mandíbula, assim como as suas duas acompanhantes, que também foram pegas de raspão pelos disparos. Preso, descobriu-se que Daniel Flores González era um partidário fervoroso de José Vasconcelos, importante personalidade mexicana, que havia concorrido à presidência do México e tinha perdido o pleito para Ortiz Rubio. Cabe destacar que Vasconcelos encontrava-se exilado nos Estados Unidos na época do atentado. Preso e torturado, Daniel Flores González confirmou que agiu sozinho. Morreu logo depois de sua detenção, devido às intensas torturas às quais foi submetido.

apenas colocaria outro em seu lugar e não resultaria na mudança da estrutura política do país - principal objetivo dos comunistas mexicanos.

> [...] Por eso mismo, el Partido Comunista de México no tiene ningún interés en eliminar a un hombre que sabemos sería inmediatamente substituido por otro igual o peor. El Partido Comunista de México lucha por un cambio de régimen, lucha por la destrucción total del orden capitalista y por la implantación de un gobierno de obreros, campesinos y soldados, y para esta lucha organiza y prepara a los trabajadores, mediante la defensa de sus intereses inmediatos combatiendo por la mejora de sus condiciones de vida, contra la racionalización, contra los reajustes, los paros y la falta de trabajo. No es, pues, entre los comunistas donde hay que buscar a los instigadores de ese pobre diablo que echó a perder una muela al Presidente cuando se proponía volarle la tapa de los sesos. ¡Los cupables están allá, del otro lado de la trinchera, en el mismo bando que su fustrada víctima!
> (*El Machete*, "Lo que Significa el Gobierno de Ortiz Rubio. Manifiesto del Partido Comunista de México", n° 179. 15/03/1930, p.03)

Ao defenderem a instauração de um governo de operários, camponeses e soldados, os comunistas se colocavam ao lado da população mexicana em suas necessidades diárias, argumento importante na tentativa de aproximar do partido o povo. Destaca-se também o distanciamento de qualquer vínculo com o atirador, Daniel Flores González. Apesar de Ortiz Rubi representar o governo mexicano e, portanto, ser um adversário, os comunistas condenaram o ataque ao defenderem que o mesmo só foi executado mediante a uma sede insaciável de poder. Ou seja, o próprio governo havia patrocinado essa violência selvagem e sem sentido do qual fora vítima. Todavia, apesar dessa crítica, em nenhuma passagem do manifesto foi defendida uma atitude pacifista.

Outro caso polêmico envolveu a expulsão de David Siqueiros. O pintor muralista foi desligado do partido em 27 de março de 1930 e o seu caso foi exposto no n° 180 do *El Machete*. Segundo o extenso artigo, a exclusão de Siqueiros foi motivada por supostas "atitudes direitistas", mas, principalmente, pelo seu envolvimento amoroso com Blanca Luz Brum. Personagem contraditória, Luz Brum era poetisa e colaboradora da revista peruana *Amauta* e de outras publicações culturais do período. Apesar das suas atividades militantes, o PCM acusou-a de trabalhar como agente do serviço secreto do governo mexicano.[72] Para os comunistas, Luz Brum infiltrou-se no PCM e passou a localização da sede do partido para a polícia mexicana, que havia invadido e detido vários militantes nesse período. Destaca-se no artigo, a descrição do envolvimento de Siqueiros nesse caso:

[72] Segundo Sebastían Rivera Mir, Carlos Monsiváis não duvidou dessa relação entre Luz Brum com o governo mexicano. O escritor mexicano utilizou como argumento o fato da poetisa uruguaia ter se tornado uma defensora da ditadura chilena de Augusto Pinochet e tendo sido, inclusive, condecorada, em seus últimos anos de vida, pelo Gen. golpista (apud RIVERA MIR, 2014: 95).

> De todo lo anterior se deduce: primero, que Siqueiros ha violado la resolución del C.C. en que se ordenó romper sus relaciones con B. L. (Blanca Luz) empleada del Departamento Confidencial de Gobernación; segundo, que B. L. fue puesta en libertad para localizar por su conducto a Siqueiros, y que éste se dejó coger en la trampa que le puso la policía, con la ayuda – conciente o inconciente – de B. L.; tercero, que B. L. y el cónsul de Uruguay, el "anarquista" Falco, han estado sirviendo de instrumento al Secretario de Gobernación Portes Gil, para alejar a Siqueiros del Partido o sacarlo del país; cuarto, que Siqueiros se ha venido prestando a este asqueroso juego, aceptando la "protección" del cónsul del Uruguay, la "amistad" del Jefe del Departamento Confidencial, el "cariño" de Blanca Luz y la "benevolencia" de Portes Gil, que lo dejá en libertad mientras mantenía en prisión a Valentin Campa, miembro del C.C. del Partido y Srio. Gral. De la C.S.U.M. y a veinte compañeros más; quinto, que Siqueiros, con una inconciencia o ma la fe verdaderamente criminal, ha puesto em peligro la oficina reservada del C.C. y a todos los compañeros que en ella trabajaban, dando su dirección a una empleada de Departamento Confidencial de Gobernación.
> (*El Machete*, "David A. Siqueiros Expulsado del Partido Comunista", n° 180. Abril de 1930, p.04)

Salta aos olhos, no relato acima, o ambiente de desconfiança que Siqueiros despertou entre os membros do PCM. O pintor muralista foi seguido e espionado pelos seus supostos camaradas. Além da condenável relação com Luz Brum, os comunistas desconfiaram que Siqueiros estivesse sendo tentado, pelo presidente Portes Gil, a abandonar o PCM. Apesar da suspeita levantada pelos seus atos, Siqueiros não foi atacado diretamente pelos comunistas. Tanto que, no relato acima, ficou evidente um certo cuidado ao apontar que o pintor muralista realizou alguns atos "inconscientemente".

No caso de Luz Brum, não há dados confiáveis de sua ligação com o governo mexicano. Em sua pesquisa, Sebastían Rivera Mir (2014: 95) não encontrou o nome da poetisa uruguaia na lista de funcionários do governo mexicano de 1930. Todavia, o autor justifica o clima de desconfiança traçado pelo PCM, pois "cuando muchos de los latioamericanos militantes fueron perseguidos, encarcelados y expulsados por las autoridades mexicanas, la literata permaneció inmune pese a sua reconocida militância".

Além desse relacionamento com uma pessoa suspeita, Siqueiros foi acusado de praticar, inconscientemente, atitudes "oportunistas e direitistas", iguais às de Diego Rivera no passado. O artigo também apresentou uma descrição do posicionamente crítico do pintor muralista sobre as ações do PCM nesse período de clandestinidade:

> Que las masas trabajadoras de México no se encuentran en una etapa de radicalización, existiendo sólo "gérmenes" de radicalización; ao final admitió que "estamos en el comienzo de una etapa de radicalización", pero afirmó que las masas se muestran por completo apáticas, pasivas y rehacias a la lucha. Siqueiros no ha podido comprender que si las masas no se muestran tan combativas como en otros países, es por la insuficiente actividades del Partido Comunista para contrarrestar la labor de los dirigentes amarillos y la demagogia gubernamental; que a pesar de todo, el gran número de huelgas habidas en los últimos meses es una prueba evidente de la

> radicalización de los obreros, como la toma de los ayuntamientos a mano armada en Veracruz y Michoacan es un síntoma de la radicalización de los campesinos. (ibidem).

No trecho acima, percebe-se que Siqueiros manteve o mesmo posicionamento crítico apresentado na Conferência dos Partidos latino-americanos em 1929: a defesa de uma radicalização revolucionária no México. O PCM repudiou as análises apresentadas pelo pintor muralista e acusou-o de não compreender as ações e dificuldades que o partido enfrentava naqueles anos de ilegalidade. O posicionamento crítico de Siqueiros e a sua desobediência ao não seguir a orientação do partido de se separar de Luz Brum foram considerados atitudes imprudentes pelo CC/PCM. A sua expulsão foi justificada sob a acusação de indisciplina revolucionária, de apresentar atitudes (inconscientemente) direitistas e de participar de uma suposta "oposição comunista", que havia sido encabeçada por Rivera e contava com agentes infiltrados da burguesia de do governo.

Décadas depois, ao relembrar esse fato em sua autobiografia, Siqueiros defendeu-se das acusações do partido e relativizou o seu romance com a poetisa uruguaia. O artista defendeu que o PCM objetivou destruir a sua imagem política, pois temia a grande popularidade e o prestígio que ele tinha perante a população mexicana. Todavia, ao mesmo tempo, esboçou uma compreensão das ações promovidas pelo partido: "En esta actitud el Partido Comunista Mexicano cometió verdadeiras ingenuidades, pero en fin, aquel tipo de ingenuidades producidas por la determinación de ser estrictos en problemas disciplinarios era infinititamente superior a la blandura oportunista con que se le substituyó más tarde (SIQUEIROS, 1977: 282)." O pintor muralista terminou a sua descrição afirmando que, posteriormente, o partido reconheceu o erro que cometera ao desligá-lo e que ele "no había cometido una falta tan grave como para ser excluído del Comité Central y después señalado como cómplice de uma belíssima agente de la policía internacional, que escribía poemas para disimular (ibidem: 283)".

O caso Siqueiros representou uma mudança estratégica do PCM nesse período de clandestinidade. Desde a sua fundação, os principais membros do partido eram estrangeiros e, ao longo dos anos, essa situação passou a incomodar os comunistas mexicanos. Na Conferência dos Partidos latino-americanos, a delegação mexicana - e cabe novamente destacar a participação de Siqueiros nesse evento - denotou uma preocupação com o excessivo número de militantes estrangeiros que chegavam ao México e logo assumiam cargos importantes na direção do PCM. Além das evidências, a acusação acerca de Luz Brum foi influenciada por essa situação incômoda. Além disso, o partido passou a adotar uma

posição mais radical em suas fileiras. Questionamentos não eram mais permitidos e quem esboçasse alguma ressalva às ações do partido logo era taxado de "direitista", "reformista", "trotskistas", entre outros. A disciplina deveria ser seguida à risca.

Para o *El Machete*, a expulsão de Siqueiros foi simbólica. O artista era o único, dentre os fundadores do periódico, que ainda estava no PCM. Xavier Guerrero e Diego Rivera, que participiram de sua criação, não estavam mais no partido: o primeiro estava voluntariamente afastado da agremiação comunista há anos; e o segundo, como já apresentado, havia sido desligado em 1929.

Além dessas questões internas, externamente os comunistas mexicanos também foram golpeados com o rompimento das relações diplomáticas do governo com a União Soviética. Essa cisão ocorreu em 23 de janeiro de 1930 e foi praticamente o último ato de Portes Gil, antes de entregar o poder ao seu sucessor, Pascual Ortiz Rubio. No mês de setembro do referido ano, Ortiz Rubio informou que esse rompimento diplomático foi ocasionado pela tensa relação que se criou entre a União Soviética e a China. O México agiu como mediador entre os dois países, e propôs que tanto um quanto o outro utilizassem o Pacto Kellog-Briand[73] para evitar a eclosão de um conflito armado, o que não ocorreu. Mediante a postura contestatória de Moscou sobre a possibilidade de reconciliação proposta pelo México, Ortiz Rubio justificou, dessa forma, o rompimento diplomático outorgado pelo seu antecessor (CÁRDENAS, 1993: 186-187).

Contudo, oculta nessas manobras diplomáticas, estava a mão manipuladora de Plutarco Elias Calles. Segundo Meyer, Segovia e Lajous (1978: 263), a IC iniciou uma campanha mundial de protesto contra o governo mexicano após o fuzilamento dos líderes comunistas Guadalupe Rodríguez e Salvador Gómez, em maio de 1929. Essa investida incomodou o governo do México, que manifestou seu descontentamento perante a União Soviética. O governo soviético rechaçou as incisivas mexicanas ao afirmar que a IC era uma entidade independente e que, por isso, seus membros não poderiam ser responsabilizados diretamente pelas suas ações. Já com as relações abaladas, podemos entrever que o incidente entre os dois países foi utilizado como uma mera justificativa para o rompimento que o governo mexicano já teria planejado de antemão. Um detalhe bastante relevante foi que essa

[73] Assinado em 27 de agosto de 1928, em Paris, o Pacto Kellog-Briand foi um documento diplomático que defendeu a renúncia da guerra como prática de política entre as nações e que, posteriormente, se revelou um fracasso. A sua primeira versão foi elaborada pelo ministro francês Aristide Briand, que propôs um pacto bilateral de não agressão da França com os Estados Unidos. O secretário de Estado estadunidense, Frank Kellog, com base nessa primeira versão, propôs um documento multilateral de banimento completo da guerra em escala mundial. Em razão disso, o Pacto foi batizado com o sobrenome de seus dois mentores. O Pacto Kellog-Briand abrangeu 62 Estados e foi aderido pelo Brasil em 20 de fevereiro de 1934 (MAGNOLI, 2006: 9).

ruptura diplomática seguiu-se *contra a maré* da conjuntura das relações internacionais do período, quando diversas potências tinham como objetivo normalizar suas relações com o país do Leste Europeu:

> Antes de anunciar la ruptura al poner Calles en conocimiento de Morrow[74] la determinación de proceder en ese sentido, el embajador le pidió que reconsiderase su decisión porque la tendencia internacional en aquellos momentos era justamente la contraria, es decir, normalizar las relaciones con el régimen revolucionario ruso; Inglaterra lo acababa de hacer y era muy posible que los Estados Unidos siguieran su ejemplo. Era indudable – dijo Morrow – que la campaña de propaganda de la Tercera Internacional nunca se habría desatado sin el consentimiento de Moscú, pero también era verdad que se trataba de un organismo independiente y que el gobierno soviético no podía ser señalado, *strictu sensu*, como el responsable de sus acciones. A pesar de todo, Calles mantuvo su determinación; al fin y al cabo, el comercio con los soviéticos era ínfimo, México no perdía casi nada, y se quitaba de encima una legación que sólo le daba dolores de cabeza al hallarse en constante contacto con elementos subversivos y que acababan de ser puestos fuera de la ley (ibidem: 264).

Calles e seus seguidores da cadeira presidencial realizaram uma jogada "zwischenzug".[75] Ao fecharem o cerco contra os comunistas, os mesmos tinham como horizonte decretar um xeque-mate em toda a oposição que poderia surgir na sociedade mexicana. Em decorrência dessa nova política repressora, em novembro de 1930, um comício em homenagem ao 13° aniversário da Revolução Russa foi duramente reprimido pela polícia no Estado de Puebla (El Machete, "El 7. de Nov. en Puebla", n° 187. Novembro de 1930, p. 03). Foi a primeira vez que um ato de celebração a esse acontecimento foi coibido pelo governo mexicano.

Mesmo com todos esses reveses, os comunistas mexicanos mantiveram a publicação do *El Machete*. Primeiramente o órgão central do PCM possuía uma periodicidade mensal, alterada depois para quinzenal e, a partir de 1933, semanal. Ao compararmos com *A Classe Operária*, sobressai-se a regularidade e a qualidade gráfica da publicação comunista mexicana. Porém, nos dois casos, a repressão foi intensa.

No Brasil, o PCB enfrentava o peso da "Revolução" de Vargas. E no México, o PCM também era perseguido, seus membros eram presos ou mortos, e a circulação do *El Machete* também estava proibida, tal qual aconteceu com *A Classe Operária*. Todavia, apesar dessas semelhanças, os comunistas mexicanos conseguiram manter uma circulação regular do seu

---

[74] **Dwight Whitney Morrow** foi embaixador estadunidense no México, entre os anos de 1927 a 1930, e foi um dos articuladores do fim da Guerra Cristera.

[75] Jogada clássica do xadrez, onde o enxadrista realiza um lance intermediário e inesperado para confundir o adversário. Nesse caso, utilizamos essa metáfora para defender a tese que o governo mexicano do Maximato rompeu relações diplomáticas com a União Soviética com a finalidade de enfraquecer a influência do Comunismo no México, e, porventura, atacar toda a sua oposição.

periódico. A tiragem média de cada número foi em torno de 5.000 mil exemplares, uma cifra até surpreendente se levarmos em conta que o periódico estava proibido de circular. Contudo, antes de ser posto na ilegalidade, cada número do *El Machete* possuía uma tiragem de 17.000 mil exemplares.

Ao contrário dos comunistas brasileiros, o PCM foi auxiliado por outros PCs. O PCEUA foi bastante ativo em apoiar financeiramente os seus camaradas mexicanos nesse período, sendo que Nova York sediou um grupo de apoio ao PCM e ao *El Machete* que foi denominado de "Brigada". Segundo levantamento realizado por Aurora Cano Andaluz (1981: 88), nesse período clandestino, o órgão central do PCM foi impresso em uma pequena gráfica denominada "La Aurora", que pertencia a um pequeno grupo de comunistas alemães que estavam instalados no México. Essas mãos estendidas somadas à rígida disciplina interna do partido são fatores que nos auxiliam a entender como, em um período de intensa perseguição, o PCM publicou, ininterruptamente, 139 números do seu órgão central.

Além da perseguição policial, em alguns momentos, os militantes encarregados na distribuição do *El Machete* enfrentaram a resistência de trabalhadores que nutriam uma desconfiança para com os comunistas. Foi o caso de Benita Galeana.[76] A comunista, em relato apresentado por Daniela Spenser (2005), discorreu sobre como enfrentou o machismo dos trabalhadores fabris mexicanos quando distribuía, às escondidas, exemplares do *El Machete* nas portas das fábricas.

> A pesar de que la policía confiscó la imprenta, el periódico del partido, *El Machete,* siguió circulando. Fue entonces cuando la organización le encargó a Benita su distribución. Se paraba las puertas de las fábricas y talleres para entregárselo a los obreros y aprovechaba cada manifestación para repartirlo. El trabajo no siempre fue grato, pues cuando se topaba con obreros que no simpatizaban con los comunistas, tuvo que escuchar hirientes comentarios machistas sobre su persona, pero no flaqueó: "Muchas veces salíamos de allí casi llorando al ver que nuestros mismos hermanos de clase, los trabajadores, nos trataban así, pero cuando nos encontrábamos con otros obreros que nos respetaban y nos sabían tratar como camaradas, se nos olvidaba todo."
>
> Aguantar las majaderías de los hombres era un sacrificio menor de ver que *El Machete* seguía circulando entre los obreros y que el PCM en la clandestinidad no perdía el contacto con los trabajadores (SPENSER, 2005: 153).

[76] **Benita Galeana Lacunza**, escritora comunista, nasceu em Guerrero, no ano de 1907. Ingressou ao PCM na adolescência, foi noiva do militante M. Rodríguez, do qual não dispomos de nenhuma informação de sua biografia. Quando Rodríguez foi expulso do PCM em 1933, acusado de trotskista, Benita Galeana terminou o seu relacionamento e continuou no partido. Envolveu-se com outro comunista Mario Gill, e em 1940 publicou sua autobiografia, na qual criticou os expurgos patrocinados pelo PCM no final da década de 1930. Durante o desfile do 1° de maio de 1952, saltou no carro do então presidente Miguel Alemán, agarrou a sua gravata e exigiu a liberdade de diversos presos comunistas. Visitou a União Soviética no final de 1960 e faleceu na Cidade do México, em 17 de abril de 1995. Sua casa transformou-se na *Casa Museo Benita Galeana*, que consiste de um museu sobre sua vida e também sobre a História do Comunismo mexicano (PABLO HAMMEKEN, 2010a: 33).



Figs. 08 e 09: Casa Museo Benita Galeana: "EL POLI BUSCA A BENITA" e "BENITA PERSEGUIDA POR VENDER EL 'FILOSO'"(N/I)
Fonte: fotos do autor

Galeana foi presa em diversas ocasiões por vender ou distribuir o *El Machete*. No museu que leva o seu nome - e que era a sua antiga residência - existem dois quadros com ilustrações desse período de perseguição. No primeiro, "EL POLI BUSCA A BENITA" (Fig. 08), temos o desenho da comunista se esgueirando em um beco, a fim de se despistar de um policial à paisana, e segurando alguns exemplares do *El Machete* nos braços. No segundo quadro, "BENITA PERSEGUIDA POR VENDER EL 'FILOSO'" (fig. 09), o desenho retrata Galeana fugindo da sombra de um policial e, tomada pelo pânico, deixa cair no chão alguns exemplares do *El Machete*. Apesar da ausência de um cenário no segundo desenho, podemos interpretar que o mesmo é uma continuação da primeira ilustração. No primeiro, ela está sendo procurada e, no segundo, está em fuga.[77] A identificação do *El Machete* nessas duas ilustrações é um exemplo da importância do periódico na trajetória de Benita Galeana.

Ao longo dos primeiros anos da década de 1930, além de promover uma intensa campanha contra o governo mexicano, o *El Machete* também publicou artigos pela volta à legalidade do PCM e pelo restabelecimento das relações diplomáticas do México com a União

[77] Não identificamos o autor das duas ilustrações, por isso utilizamos a siga **N/I**. Ao longo do trabalho, especialmente no capítulo 4, utilizaremos essa sigla quando não foi possível identificar a autoria das imagens, mesmo daquelas assinadas. Os dois desenhos de Benita Galena presente nos quadros são ilustrações militantes. No capítulo 4, trabalharemos com mais densidade acerca dessa denominação.

Soviética. Já no final do ano de 1934, com a campanha presidencial do Gen. Lázaro Cárdenas em curso, vislumbrou-se uma mudança na sociedade mexicana, e os editores comunistas anônimos do *El Machete* articularam um aumento no tamanho do periódico.

No n° 303, de 20 de setembro de 1934, foi publicado um pequeno calhau na primeira página, informando que o *El Machete* recebeu $ 81 dólares e 50 centavos, enviado pela Brigada de Nova York. Tal quantidade seria destinada à manutenção da circulação do *El Machete* e também ao aumento do seu tamanho físico:

> Invitamos desde luego a todas las administraciones y a todos los comités y células del partido, a organizar inmediatamente un verdadero trabajo de choque con la participación de todo el partido organizando verdaderas brigadas de choque, la celebración de contratos de emulación de región a región o en cada lugar, a fin de que nos dé por resultado no solo sostener el aumento en el tamaño del periódico, sino doblar su tiraje y conseguir su legalidad; llevando un registro de todos los participantes más activos en esta campaña, checando su trabajo y participar sus resultados a la administración central.
>
> NUESTRO MACHETE DEBE VIVIR, VIVIRA!!!
>
> (*El Machete*, "Sostened en su nuevo tamaño a 'El Machete"', n° 303. 20/09/1934, p.01)

Pelo trecho selecionado acima, temos um vislumbre não apenas do entusiasmo, como também das estratégias de mudança que o PCM preparou nesse período. Aumentar o tamanho e dobrar a tiragem editorial do *El Machete* foram medidas que poderiam ser interpretadas pelos leitores como uma vitória dos comunistas contra a repressão e a ilegalidade que estes enfrentavam desde 1929.

O *El Machete* encerrou o ano de 1934 com uma campanha para que a sua publicação continuasse semanal e para que a tiragem mantivesse a quantidade de 5.000 exemplares por número lançado. Foram os últimos suspiros de sua época clandestina, sendo que o peso da ilegalidade seria substituído pela força do Gen. Lázaro Cárdenas.

2.3.1. O peso do Presidente Vermelho (1934 – 1940)

O mandato do Gen. Lázaro Cárdenas (1934-1940) representou um período de reconstrução para o PCM. Em dezembro de 1934, já eleito, o novo presidente mexicano libertou diversos comunistas que se encontravam encarcerados nas Islas Marías, e o PCM voltou à legalidade, assim como o *El Machete*. O espaço de atuação na sociedade mexicana foi tão grande nesse período que, em 1936, o órgão central do PCM teve o seu próprio programa de rádio semanal.



Fig. 10. Divulgação do programa radiofônico do "El Machete".
***El Machete*, n° 379. 11/01/1936, p.04.**
Fonte: CEDAP

Além do programa do PCM, os mexicanos também tiveram a oportunidade de ouvir algumas transmissões radiofônicas da União Soviética.

> Nos informan que el día primero de febrero, de las 22 a las 23 horas de Moscú (de las 5 a las 6 de la mañana del día 2), se radiará con onda de 1724 metros al siguiente programa:
>
> I – Hans Eisler, Sinfonieta para música de cámara.
> II – Jos Koffler, Variaciones para orquestra de cuerda.
> III – Franz Szabo, Sinfonieta para pequeña orquestra.
> Director: N. F. Anessow.
>
> Si alguno o algunos de los interesados llegare a captar tal radiación, agradeceremos se sirvan comunicar sus impressiones a la dirección de este semanario: San Diego, núm. 9.
> (El Machete, "TRANSMISIONES DE MOSCU", n° 385. 20/02/1936, p. 03)

Podemos apenas imaginar o impacto e o entusiasmo que um comunista - ou um simpatizante mexicano - teve ao ouvir um programa transmitido direto do "país do socialismo". No final da nota, foi publicada a localização do corpo editorial do *El Machete*, Rua San Diego, n° 09. Esse dado demonstra que os editores da publicação comunistas não tinham mais que camuflar a sua localização nesse período. Mais adiante, trabalharemos com essa questão. Sobre a filiação, na documentação oficial do PCM consta que, em 1939, o número de filiados atingiu a cifra de 35 mil pessoas. Contudo, para Barry Carr (1996: 64), essa estatística tem que ser avaliada com cuidado, pois o recrutamento não foi acompanhado de um trabalho ideológico, e muitos desses filiados nem participaram ativamente das atividades do partido, enquanto outros entravam em um dia e já se desligavam no dia seguinte.

Voltando ao Gen. Cárdenas, apesar das mudanças promovidas e do apoio aos comunistas, em seus primeiros meses de governo, o mesmo foi visto com desconfiança pelo PCM.

No período da campanha eleitoral, o então candidato Gen. Lázaro Cárdenas foi bastante atacado nas páginas do órgão central do PCM, que o qualificou como um aspirante à presidência que utilizava a demogogia e a falsidade. Além disso, os editores do *El Machete* ironizaram a sigla de sua agremiação política, Partido Nacional Revolucionário (PNR),[78] ao afirmar que a mesma significava *Partido de los Nuevos Ricos*.

Após a confirmação da vitória do Gen. Cárdenas, o *El Machete* prosseguiu com o seu ataque e publicou uma série de artigos em que foram colocadas em dúvida as promessas eleitorais do novo presidente mexicano:

> El resultado de las elecciones estaba previsto. El PNR tiene en su poder el aparato gubernamental, las Cámaras Federales y Locales, los fondos públicos, el ejército, la policía, etc., y serán en fin de cuentas los diputados y senadores penerreamos los que digan la última palabra al calificar la elección.
>
> […]
>
> Esa gente está encantada con el trabajo de su partido. Cárdenas continuará la política de sus predecesores y <<dará garantías al capital humano>>, como personalmente lo ha ofrecido. Su discurso pronunciado en vísperas de las elecciones es una recapitulación de las promesas demagógicas que hizo durante la campaña, para asegurarse el apoyo de masas trabajadores. Pero en ese mismo discurso renueva su compromiso de dar garantías al capital y pronto lo veremos presentarse ante el Presidente Roosevelt, en Washington, para ratificar ese compromiso.
>
> (*El Machete*, "EL RESULTADO DE LAS ELECCIONES", n° 296. 10/07/1934, p.02.)

Essa linha editorial agressiva continuou e no nº 309, de novembro de 1934, foi publicado um extenso artigo crítico à política cardenista. Os editores do *El Machete* afirmaram que as mudanças propostas pelo presidente eram falsas, pois manteria a mesma estrutura do PNR. Ademais, formularam também críticas incisivas ao Plano Sexenal.[79] Outro detalhe importante encontra-se na previsão, apresentada no texto, de que o Gen. Cárdenas iria

---

[78] O Partido Nacional Revolucionário (PNR) foi criado em março de 1929 por Plutarco Elias Calles. Em 1938, o Gen. Lázaro Cárdenas modificou o PNR e fundou o Partido da Revolução Mexicana (PRM), que recebeu apoio do PCM. Em 18 de janeiro de 1946, no final do mandato do presidente Manuel Ávila Camacho, que sucedeu Cárdenas, o PRM converteu-se no Partido Revolucionário Institucional (PRI), que desempenhou um papel de intenso controle na vida política mexicana e que segue até os dias atuais. Segundo Pablo González Casanova (1981: 122), a transformação do PRM no PRI seguiu um longo processo de consolidação do poder institucional do México.

[79] O Plano Sexenal foi proposto por Calles no Segundo Congresso do PNR, que definiu as bases da sucessão presidencial de 1934 a 1940. As reformas defendidas nesse plano eram amplas e visavam atingir os campos econômicos e sociais do México. Ao se lançar candidato, Cárdenas colocou o Plano Sexenal como a viga principal de sustentação de sua campanha de mudança da sociedade mexicana e defendeu uma ampla reforma agrária, uma modernização e uma industrialização do México, além de outros pontos reformistas.

instaurar o fascismo no México, guiado por uma política demagógica e de manipulação popular:

> Ante todo debe entenderse que no hay un cambio de gobierno propiamente dicho. El PNR sigue gobernando y Cárdenas fue su candidato. El Plan Sexenal del PNR será la norma del gobierno próximo Presidente; ese Plan tiene un año de estar en pleno vigor y ya sabemos sus resultados: Islas Marías, terror, prohibición de la prensa revolucionaria, asesinatos de campesinos, reajustes, fachización de la Ley del Trabajo, monopolios que suben en forma escandalosa el precio de las mercancías, medidas contra los pequeños comerciantes, empeoramiento de los estudiantes, miseria y hambre para las masas populares; el resultado de esto para los explotadores es: aumento de las utilidades de las empresas imperialistas, acumulación de riquezas de los monopolistas extranjeros y nacionales incluyendo los Calles, Sáenz y Cía.
>
> La odiada política de los imperialismos y de los millonarios del PNR en consecuencia, seguirá en vigor. La fachización en todos los órdenes y los preparativos para ir a la guerra imperialista a favor del imperialismo yanqui, seguirá su marcha si las masas no lo impedimos.
>
> [...]
>
> Pero lo peligroso está en que Cárdenas y los suyos recurren a la más desenfrenada demagogia. Tiene a su servicio agentes experimentados en la labor de engaño a las masas como Toledano y Muñoz Cota. La desesperación de los trabajadores lo arrastra al callejón de nuevas y bien presentadas promesas. La honda división dentro del PNR es un recurso más que los cardenista explotan para hacerse aparecer como "izquierdistas"; sus ataques a la dirección del PNR por no cardenista los presentan ante el pueblo como ataques contra el PNR en sí; de esa manera se esfuerzan por evitarse el desprestigio del PNR y de Calles y socios. Pero es fácil comprender que en realidad son los mismos, y que se trata de una maniobra en manos de politiqueros experimentados.
>
> (*El Machete*, "Cual Será la Política del Presidente Cárdenas", n° 309. 20/11/1934, p.3)

Segundo Michael Löwy (2006: 21) o PCM adotou o termo "nacional-fascismo" na caracterização do governo cardenista[80]. Contudo, ressaltamos que esse conceito foi utilizado apenas nos primeiros dias do novo governo mexicano, uma vez que as políticas reformistas do Gen. Cárdenas, somadas às estratégias das Frentes Populares,[81] alteraram a interpretação, antes crítica, que os comunistas mexicanos tinham acerca do novo governo.

---

[80] O conceito de "nacional-fascismo" foi originalmente elaborado pelo militante comunista italiano Vittorio Codovilla, ao analisar os governos latino-americanos, depois da Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina, no ano de 1929.

[81] A política das Frentes Populares foi formulada em 1935, no VII Congresso da IC. Nessa nova estratégia, os PCs deixaram de lado sua antiga política de Frente Única e adotaram, em seus programas, uma defesa da democracia. As alianças com os governos democráticos foram incentivadas, desde que estes apresentassem, em suas plataformas, programas de objetivos anti-imperialistas e radicais: "Según las decisiones de la Comintern en aquel congreso, los partidos comunistas occidentales sólo podían aliarse con partidos que tuvieran un programa radical, anticapitalista, como preludio para la revolución; pero en la práctica la política frentepopulista les permitía participar en gobiernos socialistas moderados y defender la democracia parlamentaria contra el fascismo. Desistieron, pues, de la agitación por una revolución proletaria y comunista, al menos en el futuro inmediato, apelando en su lugar al nacionalismo local para ganar apoyo" (PRIESTLAND, 2010: 199).



Fig. 11. "CARDENAS SUBE A LA ..."
El Machete, n° 310, 30/11/1934, p.04.
Fonte: CEMOS

Porém, antes de ocorrer essa mudança, os ataques ao Gen. Cárdenas, além de expressos nos textos escritos, também foram representados visualmente, por meio da publicação de algumas caricaturas.[82] Desse material, destacamos a imagem acima relevante publicada no n° 310, de 30 de novembro de 1934, e assinada por LAB.[83]

Na caricatura de LAB, o Gen. Cárdenas aparece no centro da imagem, sentado na cadeira presidencial mexicana. No topo há uma águia, símbolo presente na bandeira do México. Também temos visível, acima da cabeça do novo presidente mexicano, a bandeira do seu país cruzada com a dos Estados Unidos abaixo da sigla do PNR, que podemos interpretar como uma alusão à acusação, formulada pelo PCM, de que o novo presidente atenderia aos desígnios estadunidenses, ou seja, estaria sob a tutela do Imperialismo do país vizinho da fronteira norte. À esquerda de Cárdenas, encontra-se Plutarco Elias Calles, e, à direita, Pascual Ortiz Rubio (com bigode menor), além de outras personagens da política mexicana não identificadas. Tendo o mentor do Maximato à sua esquerda, para os editores do *El Machete*, o Gen. Cárdenas seria apenas mais uma marionete nesse sistema político controlado por Calles.

---

[82] No capítulo 4, trabalharemos com mais profundidade o conceito de *caricatura*.

[83] LAB são as iniciais de **Luis Arenal Bastar**. Ingressou no PCM em 1932 e foi um dos fundadores da Liga de Escritores e Artistas Revolucionários (LEAR) e de seu periódico oficial, o *Frente a Frente*. Em 1937 participou da fundação do Taller de la Gráfica Popular (TGP) participou do atentado contra Trotski ocorrido em 1940, e que foi organizado por Siqueiros. Ambos, Arenal Bastar e Siqueiros, obtiveram asilo no Chile em 1941. Arenal Bastar regressou ao México em 1943, onde viveu até maio de 1985. Pintor e gravurista, publicou diversas charges e caricaturas no *El Machete* e em outras publicações mexicanas (PABLO HAMMEKEN, 2010a: 38).

Mais três referências merecem ser destacadas da caricatura: 1) a suástica nazista entre as palavras “Plan” e “Sexenal”; 2) a legenda abaixo da bancada: “PRESIDENCIA DEL ESTADO BURGUES – ALIADO AL IMPERIALISMO. TERRATENIENTE”; e 3) a imagem de trabalhadores esmagados, com bandeiras de reivindicações sociais. Essas referências traduzem a crítica realizada pelos comunistas mexicanos: o Gen. Lázaro Cárdenas seria o representante do nazi-fascismo no México e nada mudaria em sua gestão presidencial. O texto abaixo da ilustração manteve esse ataque e alimentou um possível levante das massas populares contra o governo cardenista:

> Mientras el PNR desata gritería con motivo de la toma de posesión del Presidente impuesto, los obreros, campesinos y antimperialistas deben responder con el reforzamiento de sus luchas por su mejoramiento efectivo, agrupando las fuerzas para las batallas encarnizadas de la próxima etapa.
> (*El Machete*, “CARDENAS SUBE A LA PRESIDENCIA...”, n° 310. 30/11/1934, p.04)

Apesar desses ataques, no período do Maximato, o Gen. Cárdenas concedeu anistia aos presos políticos, muitos dos quais eram comunistas, e tanto o PCM quanto o *El Machete* voltaram à legalidade na sociedade mexicana. Esse retorno foi celebrado no n° 318, de 02 de fevereiro de 1935:


PROLETARIOS DE TODOS LOS PAISES UNIOS

EL MACHETE

PERIODICO OBRERO Y CAMPESINO.

Organo Central del Partido Comunista de México, Sección de la Internacional Comunista

No. 318. México, D. F. Sábado 2 de Febrero de 1935. Precio: 5 cents.

LA LEGALIDAD DE “EL MACHETE”

Entrevista al Presidente una Comisión de la LEAR

INTENSA LUCHA POR EL RECONOCIMIENTO DE LA URSS

Zafra Sangrienta en Cuba

La Entrevista de Cárdenas con los Líderes Sindicales Reformistas

PALABRAS DE LENIN DE COMPLETA ACTUALIDAD

EL GOBIERNO EJERCE GRAN PRESION CONTRA LAS HUELGAS

LOS CAMPESINOS Y LA POLITICA FACHITIZANTE del PNR

Figs. 12 e 13. Capa do *El Machete*, n° 318, 02/02/1935 e a ilustração ampliada de “EL MACHETE LEGAL!”, de LAB.
Fonte: CEMOS

A legalidade do *El Machete* foi bastante exaltada e noticiada na primeira página do nº 318 e a ilustração, outra de autoria de LAB, mostra uma multidão com semblante feliz, sendo que um trabalhador segura uma placa com o anúncio do retorno do órgão central do PCM. Esses personagens estão marchando e atropelando indivíduos burgueses com expressões de desespero. Ao lado da ilustração de LAB, foi publicado um artigo elucidativo desse processo de legalização. Segundo o texto, o acordo foi realizado entre a Liga de Escritores e Artistas Revolucionários (LEAR)[84] e o presidente Gen. Cárdenas, mediante solicitação da legalidade do *El Machete* e do periódico *Espartaco*. A lista de pedidos incluiu a legalidade do PCM e da Federación Juvenil Comunista (FJC), liberdade para os presos políticos e o restabelecimento das relações diplomáticas com a União Soviética. Em todas as solicitações, segundo o texto, o presidente mexicano foi favorável. No caso da legalidade do *El Machete*, o mandatário redigiu uma declaração aos correios na qual solicitava o registro do órgão central do PCM.

Uma vez atendidos tais pedidos e com uma política que ia ao encontro de várias reivindicações dos comunistas, o *El Machete* alterou sistematicamente o tratamento reservado ao Gen. Cárdenas, que passou a ser apresentado no periódico com respeito, e, em alguns casos, até com lisonjas excessivas. No campo editorial, o anonimato de informações foi deixado de lado com a volta da publicação do expediente; além disso, a qualidade gráfica deu um salto, houve a manutenção de seções fixas e um aumento na publicação de material visual. Na maioria das edições, manteve-se o tamanho *standard*, com quatro páginas. Contudo, tornou-se usual a publicação de números especiais, com oito e até 16 laudas.

Por outro lado, apesar dessa estabilidade, as ações dos comunistas foram ofuscadas pela sombra do Gen. Cárdenas, que conseguiu angariar um imenso apoio da classe trabalhadora do México. Segundo Lyle C. Brow (1971: 34):

> Las tácticas del PCM sufrieron varios cambios durante el periodo de 1934 a 1940. Primero atacado, luego tolerado y finalmente aclamado por el PCM como un presidente progresista, Cárdenas sucesivamente le dio libertades políticas ante su posición y aceptó el apoyo cuando los intereses de su administración parecían coincidir con los de los comunistas.

[84] Carlos Alberto Sampaio Barbosa (2015: 01) traçou um histórico interessante sobre a LEAR: "Essa organização surgiu em 1934 na esteira de movimentos anti-fascistas e de defesa da cultura na Europa como a Associação Internacional de Escritores e Artistas Revolucionários (AIEAR), criada na cidade de Cracovia (Polônia) durante o Congresso Internacional de Cultura Proletária (1930) e que em seguida contou com a adesão dos John Reed Clubs (JRC) dos Estados Unidos e a Associação de Escritores e Artistas Revolucionários (AEAR) da França. A liga mexicana esperava tornar-se a 'seção mexicana' dessas organizações. Seus membros fundadores foram o escritor Juan de la Cabada e os artistas plásticos David Alfaro Siqueiros, Leopoldo Méndez, Pablo O'Higgins, e posteriormente outros artistas e intelectuais se juntaram ao grupo inicial, como Luis Arenal, Germán List Arzubid, José Mancisidor e Julio de la Fuente."

Para David Priestland (2010: 206), a aliança do PCM com o Gen. Cárdenas foi uma tentativa dos comunistas colocarem em prática a estratégia das Frentes Populares no México. Além das novas leis levadas a cabo pelo novo governo mexicano e que iam ao encontro de algumas bandeiras defendidas pelo PCM, após o VII Congresso da IC, realizado em julho de 1935 e que definiu as bases políticas das Frentes Populares, os comunistas mexicanos interpretaram o novo governo cardenista como nacional-reformista e acreditavam que ele possuía bases que deveriam ser defendidas.

Manuel Márquez Fuentes e Octavio Rodríguez Araujo (1973: 207) avaliaram que esse foi um erro primordial cometido pelo PCM nesse período, ao considerar que o PNR e o Gen. Cárdenas seriam os representantes das Frentes Populares no país. A delegação mexicana constituída por representantes do PCM enviada para participar do VII Congresso da IC, de Moscou, tendo como liderança Hernan Laborde[85], já dava sinais das mudanças no relacionamento com o Gen. Cárdenas:

> La delegación del PCM al VII Congreso de la Komintern envía una carta al partido; "Venciendo la resistencia y las vacilaciones que se advierten en la dirección, el partido debe apoyar expresa y categóricamente las medidas del gobierno de Cárdenas contra el imperialismo y la reacción en beneficio de las masas populares. A la vez, el partido debe concentrar real y concretamente el fuego contra el callismo… Debe exigir también la ampliación de la reforma agraria hasta la liquidación del latifundismo… el Partido Comunista debe tomar una posición definida, rechazando los ataques de la Iglesia y apoyando resueltamente la "educación socialista", no por socialista, que no lo es, sino como un programa de reformas democráticas avanzadas en el ramo de la educación pública… (PELÁEZ, 1980: 52).

O primeiro ponto de união dos comunistas com o presidente mexicano foi o confronto do mandatário com Plutarco Elias Calles. Para o PCM, era imprescindível que o mentor do Maximato, principal responsável pela perseguição política que o partido e seus membros sofreram, fosse derrotado e expulso do México. Na segunda metade de 1935, o *El Machete* publicou diversos editoriais e artigos de repúdio a Calles e de aprovação ao governo cardenista. Como exemplo, temos o editorial "Frente Único Popular de Apoyo a Cárdenas" publicado em dezembro de 1935, cujo último parágrafo endossou essa união dos comunistas com o presidente mexicano:

---

[85] **Hernán Laborde** ingressou no PCM em 1925 e participou de diversas ações do Partido ao longo da década de 1920 e 1930. Foi diretor do *El Machete* em diversas fases; foi contra um plano de assassinato de Trotski pleiteado pelo PCM. Foi expulso em 1940, no I Congresso Extraordinário, acusado de oportunismo e de desvios de direita. Fundou outros grupos de apoio aos trabalhadores e camponeses e, em 1950, fundou o periódico *Noviembre* (JEIFETS; JEIFETS & HUBER, 2004: 171).

> No hay tiempo que perder. Hay que empezar enseguida. Tenemos que organizarnos, prepararnos y estar listos para responder en **CUALQUIER MOMENTO Y EN CUALQUIER FORMA**, inclusive en las armas en la mano. Nuestro lema en este momento debe ser: **TODO EL PUEBLO CON CARDENAS, TODO EL PUEBLO CONTRA CALLES**.
> (*El Machete*, "Frente Único Popular de Apoyo a Cárdenas", n° 374. 18/12/1935, p.03 – negrito nosso)

O auge do apoio foi consumado em dezembro de 1935, após a manifestação de 100 mil trabalhadores contra Calles e a favor do Gen. Cárdenas. Em fevereiro de 1936, o Comité Nacional de la Defensa Proletaria organizou um congresso nacional de união entre operários e camponeses, e desse encontro resultou a fundação da Confederación de Trabajadores de México (CTM). Essa organização teve como objetivo unir todos os sindicatos mexicanos.[86] Segundo J. Encarnación Pérez (1985: 162):

> Esta central nació a la lucha del proletariado mexicano con un programa revolucionario, en el que se definía el establecimiento del socialismo como la finalidad mediata de la lucha de la clase obrera mexicana. Se proponía concertar alianzas con fuerzas dispuestas a defender la democracia, en contra el fascismo y el imperialismo, pero, sin menoscabar la independencia del movimiento obrero; por eso se pronunciaba con toda claridad contra la colaboración de clase. En los estatutos agregaba que "tomando en cuenta que México gravita en la órbita del imperialismo, resulta indispensable, para llegar al objetivo primeramente enunciado (el socialismo), conseguir previamente la liberación política y económica del país". Añadía que "la guerra imperialista y el fascismo significan terror y empobrecimiento general de las condiciones de vida del proletariado. Contra ellos lucharán con todas sus fuerzas, oponiendo a la primera, la guerra de liberación nacional en caso de una

[86] A força gravitacional da CTM foi arrebatadora. Em sua fundação, orbitava ao seu redor 200 mil filiados. Em 1937, esse número chegou a 480 mil e, em 1940, a cifra superou o número de um milhão de membros. A disputa pela sua direção foi intensa, e entraram em cena as figuras de **Vicente Lombardo Toledano** e **Fidel Velázquez Sanchéz**, que impuseram uma importante derrota política ao PCM, como descrito por Marcela de Neymet (1981: 127): "En el Congreso Constituyente la mayoría de los delegados apoyó la candidatura del comunista Miguel Ángel Velasco, representante de la CSUM, para el puesto de secretario de Organización de la CTM. Pero Lombardo Toledano, Fidel Velázquez y otros amenazaron con la división en caso de que Velasco ocupara ese cargo. Los comunistas retiran la candidatura. Quedaron, así, Lombardo Toledano como secretario general y Fidel Velázquez como secretario de Organización. En el Comité Nacional quedaron tres comunistas". Dessa forma, tanto Lombardo Toledano quanto Velázquez Sanchéz tiveram um papel importante na história operária mexicana.

Vicente Lombardo Toledano nasceu em Puebla, México, no ano de 1864. Importante líder sindical de aspiração socialista, participou da Confederación Regional Obrera Mexicana (CROM), criada em 1918; publicou livros sobre a condição dos trabalhadores mexicanos, como *La libertad sindical en México*, e foi um grande opositor de Calles. Permaneceu na CROM até 1932, quando saiu, alegando que a organização sindical estava se afogando em um mar de corrupção. Participou da criação da CTM e manteve uma relação tensa com Cárdenas. Em setembro de 1938, fundou a Confederación de Trabajadores de América Latina (CTAL), com o objetivo de unir o movimento operário de toda América Latina. Participou de diversos debates e fundou, ao longo de sua vida, organizações operárias e periódicos. Faleceu em novembro de 1968 (Cf. BOLÍVAR MEZA, 2005).

Fidel Velázquez Sanchéz nasceu em Nicólas Romero, no Estado do México, em 1900. Participou da Unión Sindical de la Industria Lechera, em 1924, e da CTM, em 1936, quando substituiu Lombardo Toledano. Foi dirigente da CTM por mais de 50 anos, na qual, praticamente, se perpetuou no poder. Manteve uma relação estreita com o Partido Revolucionario Institucional (PRI) e foi eleito senador da república em diversas ocasiões (Cf. AGUILAR GARCÍA, 1996). Distintamente, as ações de Lombardo Toledano e a perpetuação de Velázquez Sanchéz na direção da CTM, de 1940 em diante, com o apoio governamental e vinculos com o PRI, proporcionaram um controle significativo sobre a classe trabalhadora urbana do México.

> agresión a nuestro país, y al segundo, la defensa y la ampliación de las libertades democráticas". El lema aprobabo fue: "¡Por una sociedad sin clases!"

O controle da CTM efetuado por Vicente Lombardo Toledano e Fidel Velázquez Sanchéz colocou o PCM em um papel secundário na organização do movimento operário mexicano no período cardenista.

A mudança de postura do PCM diante do Gen. Cárdenas e do PNR foi bastante acentuada e representou um desafio para os editores do *El Machete*. Com tantos artigos e charges críticas direcionadas anteriormente ao presidente mexicano, foi preciso esclarecer aos leitores as razões que levaram o partido e, consequentemente, o *El Machete* a realizar esse giro de 180 graus em sua avaliação sobre o governo. O desafio ficou a cargo de Hernán Laborde, que, em um extenso artigo intitulado "CLARIDAD Y FIRMEZA EN LA POLITICA Y LA TACTICA DEL PROLETARIADO", explicou a aliança entre o PCM e o governo mexicano.

Em linhas gerais, Laborde apresentou o que seria uma "confusão" sobre o significado do governo cardenista. Em primeiro lugar, o dirigente comunista afirmou que essa presidência não era operária e nem camponesa, e sim "Nacional-Reformista". Sob essa definição, o Gen. Cárdenas estaria governando tendo em conta os diversos interesses nacionais e suas mudanças estariam sendo executadas a partir de reformas. Com base nesse argumento e também como uma forma de defrontar os resquícios que poderiam ter sobrevivido do Maximato, Laborde defendeu o apoio total de todos os setores populares ao presidente mexicano:

> Tenemos que a apoyar al Gobierno de Cárdenas como aliados conscientes, sin convertirnos en simple cola del Gobierno, porque el Gobierno representa los intereses de varias clases, de la Nación en su conjunto, y el proletariado tiene sus objetivos propios, su misión histórica de clase, a la que no puede renunciar. Admitimos, sin embargo, la posibilidad de que el Gobierno de Cárdenas, bajo la presión del pueblo organizado y por la incorporación de nuevos hombre representativos de las organizaciones populares, así como por la ampliación y radicalización de su programa, se transforme en un Gobierno Popular Revolucionario, que no solo amplíe los marcos reformistas de la Constitución de Querétaro, sino que los rompa y siente las bases de una nueva legalidad, la legalidad revolucionaria del pueblo en esta nova etapa de su Revolución.
> (*El Machete*, "CLARIDAD Y FIRMEZA EN LA POLITICA Y LA TACTICA DEL PROLETARIADO", n° 391. 11/03/1936, p.04)

Em outra passagem do texto, o dirigente comunista instruiu que somente o operariado poderia guiar os camponeses em seu objetivo de extinguir o latifúndio e, consequentemente, conquistar suas terras reivindicadas. Também argumentou que o Gen. Cárdenas poderia conferir um caráter "Popular Revolucionário" ao seu governo, o que o tornaria um

continuador da Revolução Mexicana de 1910. O apoio dos comunistas ao presidente mexicano nesse período foi incondicional. Em 18 de março de 1938, o Gen. Cárdenas assinou o decreto de expropriação das empresas petrolíferas. O PCM ficou ao lado do presidente e lançou, no dia 23 de março de 1938, um boletim especial do *El Machete*, no qual saudaram com entusiasmo tal medida. Para os editores comunistas mexicanos, a expropriação petrolífera representou um embate do governo com a política Imperialista estadunidense. Inclusive, em vários artigos, foi defendido que a expropriação seria um segundo grito de Independência do México.

Outra medida do Gen. Cárdenas que recebeu o apoio do PCM foi a transformação do PNR no Partido da Revolução Mexicana (PRM). A aprovação por parte dos comunistas evidenciou-se em um longo discurso realizado por Hernán Laborde, na Convenção de fundação do PRM e publicada integralmente no *El Machete*. Abaixo, seguem alguns trechos do seu discurso:

> La transformación del Partido Nacional Revolucionario señala el comienzo de un nuevo capítulo de la Revolución Mexicana.
>
> […]
>
> El Partido Comunista ha afirmado siempre que para asegurar la victoria del pueblo sobre todos sus enemigos hace falta solamente una cosa: la unión del pueblo mismo.
>
> […]
>
> Por eso también, queremos exponer modestamente nuestra opinión en el sentido de que el nuevo movimiento que aquí va a estructurarse, debe dar cabida a todos los mexicanos dignos de este nombre, sin distinción de ideologías o creencias, con la sola condición de que respalden la política emancipadora del Presidente Cárdenas.
>
> […]
>
> En esta coalición de fuerzas populares, en esta concentración organizada del pueblo, nosotros los comunistas pedimos solamente un puesto de lucha y de peligro.
>
> Queremos cooperar, queremos servir, queremos ser útiles a la Revolución y a su gobierno, al pueblo y a la patria.
>
> Queremos que se nos permita arrimar el hombro y poner el pecho en la obra y en la lucha común.
>
> Que se nos señale el sitio y las condiciones en que, dentro del gran Partido de la Revolución Mexicana, podemos cumplir con nuestro deber.
>
> (*El Machete*, "Discurso del Secretario General del Partido Comunista de México en la Convención Constituyente del P.R.M", n° 519. 09/04/1936, p.01 e 10)

O tom de exaltação do dirigente comunista revela, como mencionado anteriormente, o papel de coadjuvante que, paulatinamente, o PCM começou a exercer na sociedade mexicana nesse período. Além de exaltar em demasia a criação do PRM e de qualificar o Gen. Cárdenas como uma grande liderança e um continuador das metas sociais da Revolução Mexicana, salta aos olhos o apelo que Laborde externou, enfatizando o desejo dos comunistas de participar e ajudar o governo: "Queremos cooperar, queremos servir, queremos ser útiles a la Revolución

y a su gobierno, al Pueblo y a la pátria.” A força do presidente mexicano, aos poucos, pesava sobre os comunistas.

No campo internacional, os acontecimentos foram turbulentos. Em julho de 1936 iniciou-se a Guerra Civil Espanhola, que repercutiu intensamente no México. O apoio do governo cardenista para com os combatentes republicanos foi acentuado, inclusive com a venda de armamentos para os defensores da República espanhola, atividade realizada apenas pelo México e pela União Soviética:

> Se enviaron de imediato todas las piezas disponibles en las bodegas del Ejército mexicano e incluso se desmontaron unidades completas de artillería para llevarlas a España. Las fábricas militares mexicanas aumentaron el número de trabajadores, así como los turnos de éstos, para poder entregar más ametralladoras, fusiles y municiones. Cuando este esfuerzo resultó insuficiente, México actuó como pantalla de las operaciones secretas entre la República y otros países. Este apoyo seguiría, en diversos grados, durante todo el conflicto, dejando a México como el único proveedor de armamento fiable para la República española, aparte da la Unión Soviética (OJEDA REVAH, 2004: 139).

O *El Machete* acompanhou o desenrolar dessa guerra com grande interesse. Publicaram-se diversos artigos opinativos e analíticos sobre o conflito espanhol, depoimentos de combatentes que enviavam o seu relato por correspondência, além da publicação de uma grande quantidade de ilustrações e caricaturas sobre o tema. Enquanto o governo mexicano enviava armas, os comunistas criaram um Comitê de apoio às crianças espanholas e organizaram, nas páginas do *El Machete*, a seguinte campanha: “¿Negarías un cigarro a un Amigo?”. Abaixo, segue uma ilustração dessa iniciativa:

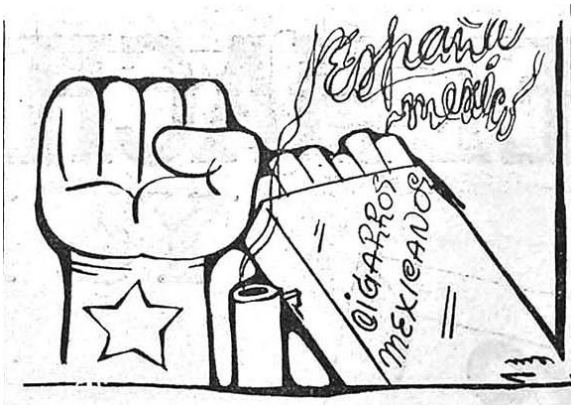


Fig. 14 – Ilustração da campanha
***El Machete*, n° 520, 16/04/1938, p.11**
Fonte: HNDM

Essa propaganda foi realizada de janeiro a maio de 1938 e arrecadou kilos de maços de cigarros que foram enviados para os combatentes republicanos. Segundo a campanha, o objetivo dessa ação foi oferecer um alento para os entrincheirados defensores da República, que estavam lutando contra a ameaça fascista em terras espanholas.

No meio desse clima pacífico do PCM com o Gen. Cárdenas, no início de 1937, Leon Trotski desembarcou no México. Para os comunistas mexicanos, era inadmissível a presença do nêmesis de Stalin no país. Para não criar um atrito com o governo, os membros do PCM concluíram que o Gen. Cárdenas, no auge de sua bondade e "boa-fé", foi ludibriado por Diego Rivera e Frida Kahlo para conceder o exílio ao revolucionário desterrado. O *El Machete* realizou uma intensa campanha de difamação contra o ex-líder do Exército Vermelho. Muitos editoriais, artigos, caricaturas e até uma pequena série de tiras de quadrinhos foi publicada contra o adversário de Stalin - no quarto capítulo, analisaremos uma parcela desse material gráfico. Em abril de 1939, houve uma consulta sobre a possibilidade de um atentado contra a vida de Trotski pelas mãos dos comunistas mexicanos. Marcela de Neymet (1981: 158) apresentou um documento sobre esse tema:

> Un enviado de la Internacional Comunista habla com Hernán Laborde para plantearle "la decisión de eliminar a Trotsky", por lo que se requería su cooperación personal como secretario general del Partido y la de un equipo adecuado para assegurar la eliminación de aquél. Laborde contestó que era un problema delicado, que el PCM consideraba a Trotsky como un político derrotado y que necesitaba unos días para resolverle. El enviado de la III Internacional le indicó que nadie más debía saber de este asunto, pues era "estrictamente confidencial". Sin embargo, Laborde decidió tratar el caso con Valentín Campa y Rafael Carrillo, miembros del Secretariado del Comité Central. Decidieron, después de discutir ampliamente el asunto, que era un grave error el planteamiento el asunto, que era un grave error el planteamiento de la eliminación de Trotsky. Laborde expuso esta decisión al delegado de la Internacional Comunista.

Não era interesante para o PCM se envolver em um atentado contra a vida do líder da IV Internacional. Além da avaliação, que depois veio a se confirmar, de que um eventual assassinato de Trotski lhe concederia o *status* de mártir, internamente, os comunistas poderiam entrar em choque com o governo mexicano, caso participassem do assassinato de uma personalidade importante que teve o seu exílio concedido pelo presidente. Por mais que os artigos, textos e os desenhos atacassem Trotski, em nenhum material foi mencionado algo sobre a sua integridade física. Ele deveria ser expulso do México e não morto. Em suas memórias, David Siqueiros (1977: 355) defendeu que o malfadado atentado contra Trotski, realizado no começo de 1940, foi uma atitude pessoal sua e que não houve nenhum auxílio por parte dos membros do Partido Comunista.

No campo editorial, uma mudança significativa do *El Machete* ocorreu no nº 446, publicado em 07 de novembro de 1936. Por meio da política das Frentes Populares, da liderança exercida pelo CMT e do papel subordinado do PCM, foram retiradas do logotipo do *El Machete* as frases e imagens alusivas ao Comunismo. Foi mantido apenas o desenho do contorno do facão atrás do nome do periódico. Essa mudança não foi apenas ilustrativa, pois revelou o papel coadjuvante que o PCM exerceu no governo cardenista:


EL MACHETE

NUM. 446 | Director: RAFAEL CARRILLO. | Mexico, D. F., Sábado 21 de Nov. de 1936 | Registrado como Art. de 2a. clase en la Oficina Central de Correos con fecha 9 de Julio de 1935.

Fig 15. Logotipo da última fase do *El Machete*
Fonte: CEMOS

Apesar dessas transformações, os ânimos dos editores militantes não foram aplacados. Muitos números foram publicados com seis páginas e sua tiragem aumentou. Como exemplo, o nº 499, de 20 de novembro de 1937, comemorativo da Revolução Mexicana, foi impresso com 31 páginas e teve uma tiragem de 25 mil exemplares, o que comprova o sucesso que o órgão central do PCM atingiu no governo cardenista. Posteriormente, houve também um aumento do seu tamanho para 16 páginas, e na capa tornou-se usual a impressão de tinta vermelha, às vezes no logotipo ou para destacar algumas notícias. O uso da tinta é relevante se considerarmos o custo adicional que o periódico teve de arcar para utilizá-la: a importância de seu uso precisa ser dimensionado retomando o fato que o *El Machete* tinha publicado anteriormente diversas chamadas de auxílio financeiro para se manter em circulação.

Em sua última fase, ocorreu outra alteração significativa na vida editorial do *El Machete*. A partir do nº 526, de 26 de maio de 1938, seu número de páginas foi reduzido para oito, mas, em compensação, sua circulação tornou-se diária. Para explicar essa grande mudança, foi publicada uma entrevista com o próprio editor da publicação desse período, Gonzálo Beltrán[87].

Nela, o editor comunista afirmou que o projeto de tornar o *El Machete* um diário já existia há muito tempo, mas se tornou possível de ser concretizado somente no final da década de 1930. Contudo, quando questionado sobre a questão econômica de manter a

[87] Não localizamos nenhuma referência biográfica sobre **Gonzálo Beltrán**.

circulação diária, Beltrán não hesitou em demonstrar as dificuldades financeiras decorrentes dessa decisão editorial:

> ¿En lo económico...?
> - Como siempre, peor! Tenemos que resolver minuto a minuto el problema del financiamento de nuestro diário.
> ¿Qué ayuda ha recibido la Gerencia para dar este paso?
> - No tenemos más que ayuda que la necesidad y esta hará que el Partido se movilice, como no dudamos, SE MOVILIZARA!...
> ¿Cree Ud. que podrá sostenerse nuestro periódico?
> - Todo depende de las posibilidades para financiar los primeros números. Comer y rascar, camarada, todo es empezar!
> ¿Y no hay perspectiva de que aumentemos el número de páginas?
> - Si somos capaces de interesar al público, de manera que "el filoso" alcance rápidamente una circulación de 30.000 ejemplares, podremos hacer 8 páginas TODOS LOS DIAS.
> ¿La función de "El Machete" diario?
> - Hacer conciencia y así facilitar la gloriosa tarea de nuestro Ejército Nacional, despejando la retaguardia de traidores emboscados!
> (*El Machete*, "El Machete. Un Diario!", n° 526. 26/05/1936, p.07)

Ao tornar-se diário, o *El Machete* deu o primeiro passo para o seu fim. Segundo Valentín S. Campa[88], diretor da publicação comunista nessa fase, sua circulação diária obrigou o PCM a implantar mudanças em seu órgão central. Em um extenso artigo, publicado no n° 598, de 21 de agosto de 1938, Campa anunciou algumas dessas medidas. Em primeiro lugar, o diretor comunista afirmou que os problemas políticos não seriam difíceis de serem solucionados e que o principal obstáculo do periódico era de ordem econômica. Tornou-se necessário aumentar a sua distribuição, angariar mais leitores e potencializar o caixa financeiro para que o *El Machete* continuasse a sua circulação diária. E, para tanto, decidiu-se trocar o seu título:

> Sobre la marcha mejoraremos el periódico al servicio del pueblo. Desde el primero de septiembre saldrá con cuatro páginas más. El quince de septiembre **cambiará su nombre por otro que haga honor a su tradición poniéndose a tono con la política del Partido y con la necesidad de interesar a todos los sectores populares.** El cambio de nombre se iniciará con una edición especial del inicio de la guerra por la Independencia.
> (*El Machete*, "El Buró Político Exige a todo el Partido la Atención a Este Problema de Gran Importancia!", n° 598. 21/08/1936, p.07 – negrito nosso)

[88] **Valentín S. Campa Salazar** ingressou no PCM em fevereiro de 1924. Foi responsável pelas questões sindicais do PCM, participou da fundação da CTM em 1936 e, assim como Hernán Laborde, foi contra o complô dos comunistas mexicanos para assassinar Trotski. Também foi expulso em 1940, contudo, retornou ao PCM em 1959. Foi candidato à presidência pelo PCM nas eleições de 1976 e escreveu obras sobre a história do comunismo mexicano e uma autobiografia (JEIFETS; JEIFETS & HUBER, 2004: 68).

No trecho destacado, Campa defendeu que a mudança do nome do periódico seria necessária para despertar o interesse de todos os setores populares da sociedade mexicana. Em nossa leitura, nas entrelinhas, o *El Machete* não se mantinha mais financeiramente apenas com o apoio dos comunistas e simpatizantes. Em razão disso, a mudança de título seria uma tática de aproximação do periódico com o máximo possível de leitores.

Já discorremos sobre a importância do título para as publicações periódicas. Nesse caso, cabe formular a seguinte questão: por que os editores do PCM decidiram mudar o nome do seu órgão central, com 14 anos de história e identificado com a causa comunista? Como já apresentamos, apesar de estar na legalidade e do grande número de filiados no período cardenista, o PCM não conseguiu atingir o almejado posto de liderança ideológica do movimento operário e da massa camponesa. Um dos fatores desse eclipse foi causado pela imensa sombra projetada pelo Gen. Cárdenas - que nesse período também ficou conhecido como *El presidente rojo* -, além da força de cooptação do governo mexicano e do papel aglutinador exercido pela CTM. Mesmo que o conteúdo do periódico substituto do *El Machete* mantivesse a mesma linha editorial e que a sua direção continuasse a cargo do PCM, ao alterar seu título, essa publicação seria um novo jornal para muitos leitores. Com essa aposta, o substituto do *El Machete* poderia ser identificado com o governo cardenista e não apenas com o PCM. Segundo a leitura dos dirigentes comunistas, explanadas em diversos artigos, ao se tornar um periódico alinhado com o governo, automaticamente, o PCM seguiria os passos da Revolução Mexicana. Pois, como mencionado anteriormente, o governo do Gen. Cárdenas foi considerado a etapa final desse processo revolucionário. Era o peso cardenista nos ombros dos comunistas.

Em editoriais publicados nas edições seguintes, foi relatada a decisão de que o novo nome do periódico seria escolhido por meio da sugestão dos leitores. Contudo, essa nova denominação teria que seguir alguns critérios, "debe ser CORTO, FACIL DE PRONUNCIAR (Y DE GRITAR), NO SECTARIO, y al mismo tiempo EXPRESIVO, QUE DENOTE A UN VOCERO DEL NACIENTE FRENTE POPULAR MEXICANO" (*El Machete*, "El Nuevo Nombre de 'El Machete' ", n° 602. 26/08/1938, p.08). Entre os nomes propostos[89], foi escolhido, em um primeiro momento, *La Voz*, abreviação do nome sugerido de *La Voz del*

[89] Foram sugeridos os seguintes nomes: *Diario del Pueblo*, *El Canón*, *Frente Popular*, *Avanzada*, *Adelante*, *La Verdad*, *Germinal!*, *México Nuevo*, *El Sol* e *El Pueblo*.

Pueblo. Por fim, ficou decidido que o novo periódico se intitularia *La Voz de México*[90], e essa resolução foi publicada na primeira página do nº 613, de 08 de setembro de 1938:

> La edición que "LA VOZ DE MÉXICO" – el nuevo nombre de EL MACHETE – dedicará a la independencia Nacional con motivo de la celebración del próximo 16 de Septiembre, será digna del fausto acontecimiento. 24 páginas como mínimo, abundantes ilustraciones, estudios exclusivos sobre las más destacadas figuras de la Independencia, materiales desconocidos y de extraordinario interés histórico, inclusive un artículo dedicado ao 18o. aniversario del Partido Comunista de México, y la despedida a EL MACHETE: todo esto y más lo hallará el lector en el gran número especial.
> Los pedidos de ejemplares deben hacerse desde luego, para basar en ellos los cálculos de la Administración sobre el tiraje y la distribución - ¡Qué no se haga tarde, camarada!
> (*El Machete*, "La Edición del 16 de Septiembre", n° 613. 08/09/1938, p.01)

La Voz de México foi programado para ser lançado em 16 de setembro, na comemoração dos 128 anos do início da Guerra de Independência do México. A escolha dessa data apresenta outra mudança de estratégia do PCM. Com o objetivo de identificar-se com uma parcela maior da população mexicana e atrelado a um discurso de apelo nacionalista, decidiu-se que o substituto do *El Machete* seria lançado em uma data de comemoração nacional e, como podemos conferir no trecho selecionado acima, esse número seria totalmente dedicado ao tema da Independência, com textos e abundantes ilustrações. Esse recurso visual tinha como objetivo atrair o máximo de leitores em potencial que estariam nas ruas comemorando o Dia da Independência. Também seria publicado um artigo sobre o 18º ano de fundação do PCM e outro de despedida do *El Machete*. Assim, torna-se perceptível como os temas relacionados ao Comunismo ficaram em segundo plano. *La Voz de México* deveria ser uma publicação para o povo do México e não apenas do PCM. Entretanto, o tema da Independência não era inédito para os comunistas mexicanos. Em 16 de setembro de 1936, foi publicado um suplemento especial, totalmente dedicado ao tema da Independência. A mesma homenagem foi realizada um ano depois, no n° 492, publicado em 16 de setembro de 1937, com 52 páginas.

Em 15 de setembro de 1938, saiu o último exemplar do *El Machete*, de nº 619. Esse número contou com doze páginas e publicou em sua capa um texto cronológico sobre a trajetória da publicação comunista. Além desse material, também é destaque nesse número um pequeno artigo, no qual foi apresentado um olhar mais atencioso que *La Voz de México* lançaria em suas páginas aos problemas cotidianos do país:

---

[90] A título de curiosidade, já existiu um periódico com o título de *La Voz de México*. Esse homônimo foi publicado em 196 edições, no período de 17 de abril de 1870 até 30 de dezembro de 1908, e apresentava-se ao público leitor como um "diario politico, religioso, científico y literário de la 'Sociedad Católica'".

> Hasta hoy "EL MACHETE" se ha caracterizado por ser un diario que recoge las palpitaciones más lejanas de la vida nacional. "LA VOZ DE MÉXICO", hará honor a su valiente, firme y sincero antecesor. Su página de información de los Estados hará todo lo posible por superar a la de EL MACHETE, presentando una información amplia, detallada y oportuna. Nuestros corresponsales han manifestado gran entusiasmo y voluntad firme de colaborar con nosotros para que el nuevo diario sea el que refleje con mayor exactitud la vida nacional.
> (*El Machete*, "Las Páginas de los Estados de 'La Voz'", n° 619. 15/09/1938, p.05)

No trecho acima, há nas entrelinhas uma crítica de que o *El Machete* priorizava em suas páginas assuntos de ordem internacional e deixava de lado problemas do dia-a-dia do trabalhador mexicano. Tal lacuna seria preenchida por *La Voz de México*, que "superaria" o seu antecessor focando na publicação de informações mais "amplas" e "detalhadas" sobre os assuntos referentes à vida nacional mexicana. Provavelmente, os temas internacionais que sempre tiveram grandes destaques nas páginas do *El Machete* receberiam um tratamento diferenciado no *La Voz de México*.

Todavia, apesar de toda a campanha realizada, o sucesso dessa "nova" publicação foi exígua. Segundo Barry Carr (1996: 65), em contraste com ápice de 1938, no qual cada número do *La Voz de México* teve uma tiragem de 35 mil exemplares, em 1939, tanto o PCM quanto o seu periódico sofreram os efeitos de uma grave crise financeira:

> [...] A principios de junio de 1939, *La Voz* empezó a aparecer irregularmente, y el 18 de junio suspendió su publicación diaria y volvió a un irregular ritmo semanal. Para diciembre de 1939 su circulación había descendido a 7.000 y, como el periódico reconoció en febrero del año siguiente, un importante porcentaje de ese total "disfrutaba los 'sueño de los justos' como papel para envolver en los hogares de nuestros militantes".

Dessa forma, melancolicamente, o *El Machete* encerrou suas atividades de 14 anos de militância impressa na sociedade mexicana. A Revolução preconizada pelos militantes comunistas em diversos artigos não saiu do papel e o PCM foi relegado a um papel de mero coadjuvante.

No ano de 1940, o final do período cardenista trouxe mudanças marcantes para o México. Uma era se encerrava e outra começava. O PCM também passou por intensas modificações nesse período. De 12 a 18 de março de 1940, aconteceu o I Congresso Extraordinário do PCM. Nesse evento, foi adotada uma linha mais incisiva contra Trotski e o trotskismo no México. Cabe ressaltar que todos os adversários ou divergentes do PCM passaram a receber a denominação de trotskista, mesmo sem possuir alguma conexão ideológica com o líder da IV Internacional.

Outro tema posto em discussão foi o apoio do PCM ao Gen. Cárdenas. Nos debates que se seguiram, evidenciou-se que os comunistas mexicanos estiveram atados no governo cardenista. Uma das causas detectadas dessa "domesticação revolucionária" que se abateu sobre o PCM foi a política de "unidad a toda costa", patrocinada por Earl Browder,[91] dirigente do PCEUA, conforme apresentado por J. Encarnación Pérez (ibidem: 186):

> Si bien había sido una realidad la política izquierdista y sectaria, que en los primeros tiempos del gobierno cardenista estorbó el despliegue de una política justa, y por otro lado era verdad que a raíz de la "unidad a toda costa" el partido marchó en gran medida detrás de la burguesía nacional afectado sensiblemente por la tendencia cardenista, sin exonerar de responsabilidad a los dirigentes mexicanos, era indiscutible que había influido fuertemente en el PCM el peso de la organización comunista internacional.

Tanto Browder quanto a IC foram isentos desse "erro estratégico" e a culpa decaiu sobre diversos dirigentes do PCM. O resultado final foi a expulsão de diversas lideranças do partido, entre eles Hernán Laborde, o que criou uma divisão no seio do movimento comunista mexicano. Em maio, Trotski sofreu um atentado a balas em sua residência localizada em Coyoacán e, em agosto, foi morto por Jaime Ramón Mercader[92], agente secreto a serviço de Stalin. Miguel Ávila Camacho sucedeu o Gen. Cárdenas na presidência mexicana e distanciou-se do PCM, que se afogou em um mar de problemas internos, com intensas crises ideológicas e organizacionais.

A inserção do PCM na sociedade mexicana foi bastante intensa no sexênio do Gen. Lázaro Cárdenas. Paradoxalmente, essa liberdade de ação dos comunistas não se traduziu

---

[91] **Earl Russell Browder** nasceu em 1891 no Kansas. Dirigente do PCEUA manteve uma estreita ligação com o PCM. Em 1937, escreveu uma carta ao PCM no qual esclareceu a importância da criação de uma Unidade Popular e a sua política de "unidad a toda costa", uma estratégia de acabar com um suposto sectarismo dos comunistas mexicanos. Essa estratégia política foi adotada pelo PCM em agosto de 1937, com a benção da IC. Em 1944, já com a nítida derrota do fascismo e do nazismo e com a dissolução da IC, Browder criticou o Comunismo Soviético, acusando-o de ser engessado, e propôs uma estratégia reformista - na qual a luta de classes deveria ceder lugar para reconciliação dos setores sociais em escala nacional e internacional -, que ficou conhecida como "browderismo" (JEIFETS; JEIFETS & HUBER, 2004: 65). Um dos resultados de sua proposta de conciliação foi a dissolução do PCEUA em 1944 e a criação da Associação Comunista Política no mesmo ano. Podemos considerar a política de "unidad a toda costa" com uma espécie de teste do que viria a se tornar o "browderismo", tendo o PCM como uma cobaia desse experimento ideológico.

[92] **Jaime Ramón Mercader del Río Hernandes**, o assassino de Trotski, nasceu em Barcelona, Espanha, em 1913. Combateu na Guerra Civil Espanhola e foi um agente de elite da Narodnyy Komissariat Vnutreennikh Del (NKVD), o Comissariado do Povo para Assuntos Internos da União Soviética, uma espécie de polícia política. Em solo mexicano, se passou por um comerciante estadunidense e se tornou amante de Sylvia Ageloff, secretária de Trotski. Com essa identidade falsa e o relacionamento com Ageloff, Ramón Mercader infiltrou-se no círculo de pessoas próximas a Trotski e, em 20 de agosto de 1940, matou o inimigo de Stalin, ao desferir um golpe mortal de picareta em sua cabeça. Foi preso pela polícia mexicana, torturado e ficou encarcerado por 20 anos. Foi solto em maio de 1960 e mudou-se para Havana, Cuba. Foi condecorado em 1961, com a medalha de Herói da União Soviética e faleceu em 1978, em Havana. Foi imortalizado no filme *The Assassination of Trotsky*, de 1972, ao ser interpretado pelo ator francês Alain Delon, e também no romance *O homem que amava os cachorros*, de Leornardo Padura (2013).

numa efetivação dos seus objetivos. No tabuleiro social do México, o PCM ficou, de um lado, praticamente alheio à disputa da CTM e, de outro, do governo, em função da orientação ideológica dos operários e camponeses mexicanos. A aliança do PCM com o Gen. Cárdenas trouxe, em um primeiro momento, diversas vantagens e promessas para os comunistas mexicanos. Contudo, o peso do Presidente Vermelho prevaleceu; e, o período de 1934 a 1940, representou o auge e a queda do Comunismo mexicano.

2.4. Por dentro do *El Machete* e d'*A Classe Operária*

O jornalismo sim é para a luta,
a sua pena serviu bem à Revolução.
(Anatoli Ribakov, Os filhos da Rua Arbat)

Além da trajetória impressa, investigar o corpo editorial, localizar os locais de produção e traçar os perfis dos correspondentes são elementos importantes nas análises das publicações periódicas, já que nos fornecem informações importantes dos periódicos enquanto *objeto* de pesquisa. Contudo, esse é um dos pontos que mais apresenta dificuldades para o pesquisador da imprensa operária, pois, como já discutido anteriormente, essas publicações procuravam omitir em suas páginas informações importantes, como uma forma de proteção contra a perseguição policial a que eram submetidas.

Todavia, como todas as regras, há também exceções.

O *El Machete* apresenta uma característica *sui generis* sobre essa questão quando comparado com outras publicações comunistas. Publicado na legalidade em quase toda sua vida editorial, foi comum o órgão central do PCM imprimir em suas páginas informações sobre seu corpo editorial, que, como mencionado anteriormente, foi omitido apenas entre o final de 1929 e começo de 1935, durante seu período de clandestinidade. Ao publicar costumeiramente o seu expediente, o *El Machete* diferenciou-se d'*A Classe Operária*, não apenas pelas informações sobre seu corpo editorial, mas também sobre sua circulação - que foi regular -, local de produção, e o espaço dedicado aos seus leitores, entre outros tópicos de sua materialidade, que analisaremos a seguir.

2.4.1. Corpo editorial e locais de produção

O *El Machete* possuiu uma grande rotatividade do seu corpo editorial. A substituição de diretores e a alternância de outros cargos foi um processo regular, sem que houvesse

alguma explicação ao público leitor. O órgão central do PCM também apresentou uma dinâmica peculiar na formação do seu corpo editorial. Em alguns momentos, contou com chefes de redação, diretores de publicidade, entre outros, e em outras épocas, contou apenas com a direção de um único indivíduo. A tabela abaixo ilustra essa grande variedade do corpo editorial da publicação comunista:

EL MACHETE: **Informações do corpo editorial e dos locais de produção (1924 – 1938)**		
Datas	Locais de produção	Corpo editorial
Março a outubro de 1924	Rua Uruguay, n° 160 Cidade do México	Editor responsável: Xavier Guerrero Editores: David Alfaro Siqueiros e Diegor Rivera Chefe de redação: R. Gomez Lorenzo Administração: Arturo Zepeta e Graciela Amador[93]
Outubro de 1924 a maio de 1925	Rua Uruguay, n° 160 Cidade do México	Direção: José Rojas Administração: Graciela Amador
Maio a agosto de 1925	Rua Colômbia, n° 84 Cidade do México	Editor responsável: José Rojas Direção: Xavier Guerrero Administração: M. D. Ramirez.[94]
Agosto de 1925 a maio de 1927	Rua Colômbia, n° 84 Cidade do México	Direção: Rafael Carrillo[95] Administração: Xavier Guerrero
Maio de 1927 a julho de 1929	Rua Messones, n° 54 Av. Hidalgo, n° 49 Cidade do México	Redação: Juan Martínez[96] Administração: Rafael Carrillo
Novembro de 1929 a fevereiro de 1935	Sem informação	Sem informação
Fevereiro a junho de 1935	"Casa del Estudiante", Interior 42, Plaza del Estudiante, Callejón de Girón Cidade do México	Direção: Hernán Laborde
Junho de 1935 a	Rua Riconada de San	Direção: Hernán Laborde

[93] Não encontramos informações que nos permitissem traçar os perfis biográficos de **Arturo Zepeda, José Rojas**, **R. Gomez Lorenzo**.

[94] **Manuel Díaz Ramírez** foi um dos primeiros propagandistas do Marxismo em Veracruz. Fundou diversos comitês de estudos e alguns periódicos de curta duração. Entrou no PCM em 1921 e impulsionou um debate sobre a questão campesina dentro do Partido. Publicou, em 1929, um livro sobre o México em Moscou, foi membro do CC do PCM em 1932 e foi expulso do Partido em 1936 (JEIFETS; JEIFETS & HUBER, 2004: 95).

[95] **Rafael I. Carrillo Azpeitia** formou parte do Partido Socialista Mexicano, do comitê de organização do PCM, em 1921, e participou da linha editorial do periódico de curta duração "El Obrero Comunista". Visitou a União Soviética em 1923 e endossou as filas da resistência antidelahuertista. Esteve envolvido na criação do PC da Guatemala e participou de diversos debates sobre o rumo do Comunismo no México e sobre a questão campesina. Foi eleito Secretário Geral do PCM na V Conferência Nacional do Partido realizada em 1928, e, por questões de saúde, foi substituído por Hernán Laborde um ano depois. Apoiou o governo cardenista, foi contra a participação do PCM no plano para assassinar Trotski, saiu do PCM em 1940, e foi expulso na sequência. Desiludido com o Comunismo, entrou no PRI em 1960, foi diretor da Biblioteca do Congresso do México entre 1967 e 1970, e também dirigiu a Comissão Editorial do PRI, entre os anos de 1973 a 1975 (ibidem: 71).

[96] Não dispomos de informações sobre **Juan Martínez**.

janeiro de 1936	Diego, n° 09, Interior Altos Cidade do México	Administração: Mario Gill[97]
Janeiro a fevereiro de 1936	Rua Soto, n° 83, Altos Cidade do México	Direção: Hernán Laborde Subdiretor: Rafael Carrillo Chefes de redação: Lídio M. Rodríguez e Ignácio León Secretário de Redação: Arturo González Administração: Mario Gill
Fevereiro de 1936	Rua Soto, n° 83, Altos Cidade do México	Alteração da direção. Saiu Hernán Laborde e Rafael Carrillo assumiu o posto de diretor
Fevereiro de 1936 a dezembro de 1937	Rua Soto, n° 83, Altos Cidade do México	Direção: Rafael Carrillo Chefe de redação: Mario Gill Gerência: Gonzalo Beltrán Publicidade: A. C. Vega
Janeiro a setembro de 1938	Rua Soto, n° 83, Altos Cidade do México	Direção: Valentín S. Campa e Gonzalo Beltrán Redação Ignácio León[98]

Tabela 02: Informações do corpo editorial e dos locais de produção (1924 – 1938)



Fig. 16. Oficina do *El Machete* e sede do PCM. Tina Modotti (1927)
Publicada no *El Machete*, n° 83, 08/10/1927, p.2.
Fonte: CEMOS

[97] **Carlos Mario Velasco Gil** ou **Mario Gill** militou no PCM em Tampico e, no ano de 1939, mudou-se para a Cidade do México. Em 1947 foi expulso do PCM e voltou em 1960. Com câncer, tratou-se na União Soviética e morreu em 02 de julho de 1973 (PABLO HAMMEKEN, 2010b: 36).
[98] Não encontramos informações para traçar os perfis biográficos de **Gonzalo Beltrán, Ignácio León** e **Lídio M. Rodríguez**.

Na foto acima, temos a oficina do *El Machete* localizada na Rua Messones, n° 54, localizada no centro da Cidade do México, próxima à Praça do Zócalo. A imagem apresenta a dimensão da legalidade tanto do periódico quanto do PCM na sociedade mexicana no final da década de 1920. Não houve nenhuma preocupação dos comunistas em ocultar a sua sede, e esse excesso de confiança facilitou ao governo de Portes Gil a localização e rápida repressão de seus alvos. Em janeiro de 1929, a gráfica do *El Machete* foi transferida da Rua Messones para a Avenida Hidalgo, n° 49, onde foi fechada, saqueada e destruída. Ao contrário d'*A Classe Operária*, que deslocou seu local de produção para outras cidades e até Estados no Brasil, o *El Machete* sempre foi publicado na Cidade do México, como mostrado na tabela anterior. Em alguns momentos, essa concentração foi um problema para os comunistas mexicanos, pois, o periódico acabou tendo um raio reduzido de circulação no país, e inclusive, houve campanhas para que os militantes e simpatizantes espalhassem o jornal do PCM para além das fronteiras da Cidade do México.

N'*A Classe Operária*, só encontramos informações do seu expediente em sua primeira fase, nas edições publicadas em 1925 e nas primeiras de 1928.

No expediente publicado nos exemplares que saíram em 1925, foi informado que a direção do periódico ficou a cargo de A. A. Brazil de Mattos e que a redação era localizada na Rua Marechal Floriano Peixoto, n° 172, 1° andar, Rio de Janeiro. Destacamos, nas informações acima, a identidade do diretor responsável pelo órgão central do PCB nesse período, A. A. Brazil de Mattos. Não localizamos nenhuma referência sobre essa identidade e, em 1925, Octavio Brandão foi o principal responsável pela publicação comunista. Seria Brazil de Mattos um pseudônimo utilizado por Brandão? Tal questão segue em aberto.

Em 1928, na campanha do BOC, Minervino de Oliveira foi creditado como o diretor responsável pel'*A Classe Operária*. Todavia, quem realmente comandou o periódico nesse período foi novamente Octavio Brandão. Oliveira foi apresentado como o diretor da publicação comunista, como uma forma de impulsionar a sua candidatura. Nesse período, a redação d'*A Classe Operária* estava localizada na Rua Senhor dos Passos, n° 59, 1° andar, Rio de Janeiro. Depois de 1930, na clandestinidade, não obtivemos mais informações sobre o corpo editorial e os locais de produção d'*A Classe Operária*, que variou entre São Paulo e Salvador. Em sua terceira fase, iniciada em 1946, *A Classe Operária* publicou artigos e entrevistas sobre a sua própria história e que nos fornecem algumas informações sobre os percalços de sua circulação nas décadas de 1920 e 1930. No n° 60, publicado em 29 de março de 1947, *A Classe Operária* inaugurou a seção "depoimentos e velhos militantes", na qual a história do PCB seria contada a partir da memória de antigos comunistas. Desses

depoimentos, escolhemos trechos das entrevistas de Carlo Vilanova e Joaquim Francisco da Silva.[99]

Carlo Vilanova inaugurou essa seção. Vejamos um trecho de suas memórias sobre *A Classe Operária*:

> – O nosso querido jornal já em 1929 circulava ilegalmente, enfrentando toda a espécie de repressão policial. Durante muitos anos, foi gerente do jornal o camarada Tercio Santos. O técnico gráfico era Manuel Ferreira da Silva. Sebastião Luiz também estava ligado ao trabalho d'A CLASSE. Lembro-me do camarada Barreira, português de origem, falecido ano passado. Era Barreira quem transportava grande parte da edição d'A CLASSE em seu carinho de mão, clandestinamente. Lutador decidido, Barreira foi duas vezes deportado, mas sempre voltava à luta.
> (*A Classe Operária*, "A formação do Partido Comunista ligada ao movimento sindical". n° 60. 29/03/1947, p.03)

Joaquim Francisco da Silva, por sua vez, em texto publicado no n° 62, de 06 de abril de 1947, também apresentou um relato de sua história com o órgão central do PCB:

> [...] Em 1940, porém, recebi do secretario da região do Rio, que era conhecido por Matias, a tarefa de cuidar da oficina d'A CLASSE OPERARIA, que foi montada na minha própria casa. A 1º de maio daquele ano o Partido lançou volantes com um manifesto contra o Estado Novo. Seguiu-se uma onda de prisões e, por esse motivo, nem sequer um número d'A CLASSE OPERARIA pôde ser tirado pela oficina, de que eu cuidava. Um belo dia a casa foi cercada por uma caravana policial de sete carros chefiada pelo delegado Batista Teixeira.
> (*A Classe Operária*, "O Partido Comunista tem um glorioso passado de lutas". n° 62. 06/04/1947, p.07)

Carlo Vilanova e Joaquim Francisco da Silva retrataram, em suas lembranças, as estratégias e os insucessos dos comunistas brasileiros para colocar *A Classe Operária* em circulação. O esforço de carregar o periódico escondido ou de imprimi-lo clandestinamente comprova a influência que o órgão central tinha nos círculos operários e o perigo que a sua leitura acarretava. Não bastava ao governo apenas silenciar os comunistas: também tinha que calar o seu periódico e, nesse caso, mesmo o Partido estando desarticulado em momentos de intensa repressão, cada número lançado d'*A Classe Operária* era uma comprovação de que, mesmo quebrado, o PCB estava vivo e atuante.

---

[99] **Carlo Vilanova** e **Joaquim Francisco da Silva** tiveram ambos uma participação pioneira na divulgação do Comunismo no Brasil. Vilanova espalhou as ideias comunistas em Alagoas, e Joaquim Francisco foi um personagem importante nos primeiros passos do Comunismo em Pernambuco, tendo participado da fundação do PCB em 1922.

2.4.2. Periodicidade e circulação

Como já apresentado anteriormente, *A Classe Operária* enfrentou diversas tormentas para manter-se em circulação e dependeu, em diversas ocasiões, do apoio de seu público leitor. Apesar de ter sempre se defrontado com esse problema desde a sua fundação em maio de 1925, em cumprir uma meta periódica de publicação, foi somente após o golpe da Aliança Liberal em 1930, e eventualmente com o aumento da repressão anticomunista, que essa questão tornou-se intensamente preocupante para os editores vermelhos. Uma extensa reflexão sobre esse tema adverso e sobre o papel do periódico comunista na sociedade brasileira foi publicada em abril de 1935. Em razão de sua extensão considerável, selecionamos desse texto os seguintes trechos:

> Como jornal ilegal, perseguido e caçado pelos cachorros policiaes a serviço da reacção, "A Classe Operária" vem atravessando, ha uma dezena de anos, todas as dictaduras de terror, desde o inesquecível sitio bernardesco até o actual governo de fome e feroz reação de Getulio.
>
> [...]
>
> "A Classe Operaria" sempre constituiu o pesadelo das camarilhas dominantes. O ódio que o nosso orgam desperta aos que vivem da exploração esfomeadora do povo trabalhador, é de morte.
>
> Porque tanto pavor ao nosso jornal quando os órgãos dos outros partidos (do Integralismo, por exemplo) sahem legalmente e muitas vezes com a ajuda dos fazendeiros e burgueses?
>
> Essa "distincção" é bem significativa e por isso mesmo muito nos "lisongeia"...
>
> Não porque nos conformemos com a reacção. Ao contrario, lutamos para rompe la e sabemos que isto conseguiremos um dia com a força dos grandes movimentos populares, de massa, com a força revolucionaria do proletariado e seus aliados.
>
> Mas o facto de sermos os "mais" visados, os "mais" perseguidos pelos inimigos do proletariado e do povo faz com que estes se apercebam intuitivamente, quem verdadeiramente está do seu lado e quem representa suas legitimas aspirações.
>
> E é porque as massas comprehendem isto que "A Classe Operaria" é lida e apoiada. Dos confis dos Estados mais longínquos nos chegam pedidos insistentes de jornal.
>
> Há caso em que um exemplar só de "A Classe Operaria" corre léguas, de mão em mão, de cidade em cidade, através de vias térreas, até chegar ao ponto de se tornar ilegível de tanto ser pegado, dobrado e desdobrado. Há outros em que operários oferecem importâncias correspondentes a dias de trabalho, a quem lhe arranjar um exemplar de "A Classe Operaria".
>
> "A Classe Operaria", apesar de suas debilidades, tem sido um poderoso fator de agitação, propaganda e organização. Leva as directivas, as palavras de ordem e a linha do P. C. aos rincões mais afastados do paiz. Com as suas orientações se crearam innumeras organizações do Partido, surgindo milhares e milhares de militantes comunistas.
>
> (*A Classe Operária*, "A Classe Operária", n° 178. 10/04/1935, p. 01)

Alguns temas discutidos anteriormente se repetiram no trecho acima, como o tom efusivo do papel do periódico comunista enquanto formador de uma consciência política entre

o operariado, além do temor que a sua publicação despertava entre os círculos burgueses e dominantes. Destaca-se a comparação que o artigo estabeleceu com as publicações integralistas,[100] pois, sobressaiu-se nesse paralelo, um orgulho por parte dos comunistas. Para os editores d'*A Classe...*, enfrentar a repressão, enquanto as publicações fascistas corriam livremente pelas ruas, conferiu uma legitimidade do papel de ameaça ao regime varguista que o periódico do PCB assumiu para si. As perseguições estimulavam os comunistas brasileiros a manter *A Classe...* em circulação, por mais que as dificuldades se mostrassem intransponíveis. Pela articulação de inúmeras organizações e pela conversão de diversos comunistas, o órgão central do PCB praticava a estratégia do *agitprop*.

Ao refletir sobre esse tema, Maria Luiza Tucci Carneiro (2006: 174) definiu a tática governamental de repressão aos periódicos subversivos, tanto comunistas quanto anarquistas, como uma tentativa infrutífera de silenciar esses jornais ideológicos:

> Ao constatarmos a destruição de impressos "subversivos" por ordem de governos definidos como democráticos, torna-se difícil conceituar censura e repressão como posturas características apenas das práticas autoritárias. A "eliminação" de impressos subversivos deve ser interpretada apenas como a "morte simbólica ou física" do documento, visto que as idéias em prol da liberdade de expressão dificilmente serão consumidas pelo fogo. Podemos considerar que os papéis confiscados pela Polícia Política apenas perderam o seu *valor de uso*, que equivale, em parte, à morte social do impresso.

Para os comunistas brasileiros, *A Classe Operária* era vitimada por uma "morte social", mas suas ideias ainda circulavam e convertiam indíviduos ao Comunismo. Todavia, no que pese o tom positivo, as dificuldades materiais do órgão central do PCB evidenciavam-se a cada número lançado. Em um pequeno *box*, publicado nesse mesmo número, foi solicitado aos leitores auxílio para o lançamento da edição especial de 1° de maio de 1935:

> Para a edição especial d'A Classe Operaria de 1 de Maio, pedimos que nos enviem colaborações, fotografias, correpondencias de fabricas, dos campos, navios e quartéis. Pedimos também que nos enviem quantias especiais em dinheiro.
>
> Para facilitar sua impressão e divulgação, A Classe Operaria continuará a sahir neste formato pequeno, que aliás é o formato dos órgão dos Partidos Communistas de vários paizes onde o movimento comunista é ilegal.

[100] Em seu período de legalidade, que foi de 1932 a 1937, a Aliança Integralista Brasileira (AIB) publicou uma quantidade considerável de periódicos, o que certamente preocupou os comunistas brasileiros. Um detalhamento dessa produção foi realizado por Rodolfo Fiorucci (2014: 123): "A AIB lançou mão, portanto, de três tipos de jornais: 1) Circulação Nacional e coordenados pela chefia nacional – *Monitor Integralista* e *A offensiva*; 2) Circulação Provincial ou Regional sob a chefia provincial – *A Razão* (PR), *Século XX* (RJ), *Anauê* (MG), *A voz D'Oeste* (SP), por exemplo; 3) Circulação Local coordenado pelo núcleo municipal (normalmente com tiragens quinzenais ou mensais) – *O Bandeirante* (Caxias do Sul), *Voz do Sigma* (Bagé), *Anauê* (Jaú), entre outros. Essa divisão supõe que a doutrina deveria atingir todos os níveis sociais e regionais do país, sem desprezar qualquer setor ou camada social dentro do território nacional."

> O valor de um jornal mede-se pelo seu conteúdo político e não pelo tamanho do papel.
>
> Para a edição especial de A Classe Operaria, recebemos de um sympahtisante nosso a quantia de cinco mil réis (5$000).
>
> (*A Classe Operária*, "A Classe Operária", n° 178. 10/04/1935, p. 05)

O anúncio foi atendido, pois esse número especial saiu com 16 páginas e publicou diversas fotos e outros materiais, cujo conteúdo será analisado tematicamente nos capítulos 4 e 5. Não temos informações precisas sobre o tamanho com que *A Classe Operária* foi publicada na segunda metade da década de 1930; contudo, levantamos a hipótese de que o periódico comunista saía no formato de tablóide. Nos números lançados nesse período, *A Classe...* publicava os seus artigos divididos em quatro colunas, sendo que a impressão de imagens era algo raríssimo. Provavelmente, a utilização de um formato que permitisse a impressão da publicação em gráficas de pequeno ou médio porte foi o mais importante para os editores comunistas, já que possibilitaria um custo menor na postagem pelos correios em razão do reduzido volume de sua massa física. Somado a esses argumentos, o formato pequeno facilitava a leitura do periódico em ambientes públicos e auxiliava a sua circulação clandestina. Podemos tomar a liberdade de imaginar que um trabalhador tinha facilidade em ler *A Classe Operária* dentro de um bonde ou de uma fábrica, e que o seu pequeno tamanho agilizava que o periódico fosse escondido e eventualmente repassado para frente. Além disso, destaca-se também, no trecho citado, a afirmação de que o tamanho pequeno do periódico do PCB seguia o mesmo formato de outros órgãos centrais, que eram publicados clandestinamente em diversos países. Ou seja, agilidade de leitura e baixo custo de produção eram elementos essenciais para a manutenção e circulação não apenas d'*A Classe...*, como também de outros períodos comunistas que enfrentaram a perseguição e a censura, em seus respectivos governos.

A Classe... conseguiu manter uma reguralidade de publicar, mesmo com uma baixa qualidade gráfica, quatro ou dois números mensais, cada um com oito páginas, ao longo do ano de 1935 – mesmo após os eventos da Insurreição Comunista – e nos dois anos posteriores. Essa precisão na publicação d'*A Classe...* cessou a partir de novembro de 1937, com o advento do Estado Novo. A partir desse momento ditatorial da história do Brasil, mesmo com o esforço assíduo dos editores comunistas e com o auxílio dos leitores, *A Classe...* não conseguiu manter-se nas ruas e desapareceu em meados de 1940.

No campo internacional, ao que tudo indica, *A Classe Operária* não circulou em nenhum outro país. Alguns periódicos internacionais publicavam textos de autores comunistas, contudo, não localizamos nenhuma informação sobre um eventual intercâmbio

com a própria publicação do PCB. Alguns comunistas brasileiros, como Astrojildo Pereira e Octavio Brandão, enviaram textos autorais para *La Correspondencia Sudamericana*, quando ela foi publicada em Buenos Aires no final da década de 1920.

No caso do *El Machete*, suas principais dificuldades a serem enfrentadas foram de ordem econômica, mesmo no período clandestino de 1929 a 1935. O auge do periódico comunista mexicano foi em 1937, quando lançou um número especial sobre a Independência do México, em 16 de setembro do referido ano. Esse número comemorativo atingiu a tiragem de 50 mil exemplares, fato que foi comemorado no n° 493, de 26 de setembro de 1937:



Fig. 17 – Fotos do corpo editorial do *El Machete*, posando à frente dos pacotes com os 50 mil exemplares do número especial de 16 de setembro de 1937
Fonte: CEMOS

As duas fotos acima são interessantes, pois nos apresentam algumas informações do funcionamento do corpo editorial do *El Machete* no período cardenista. Na foto superior, encontra-se o Secretário-Geral do PCM, Hernán Laborde (de óculos ao centro); ao seu lado, sentado e com um chapéu no joelho, temos Rafael Carrillo, diretor do *El Machete*, e ao lado deste, Gonzalo Beltrán, gerente do periódico. Os três estão posando rodeados pela equipe do

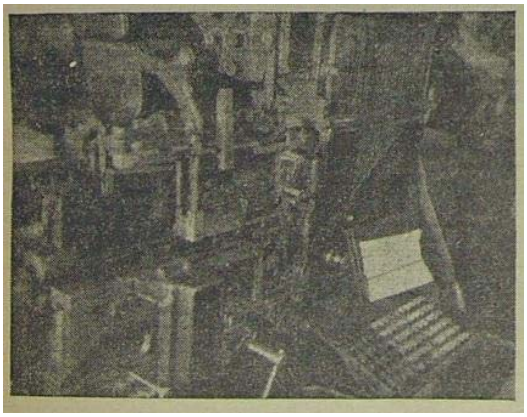
departamento de circulação. Na foto inferior, encontra-se a equipe de redação e administração. Salta aos olhos o caráter de empresa editorial que o *El Machete*, de algum modo, assumiu nesse período, cujo corpo editorial estava dividido entre o Secretário-Geral do Partido, o editor-chefe, o gerente, e os encarregados da circulação, da administração e da redação.

Esse caráter profissional e a legalidade usufruída no perído cardenista inspiraram os responsáveis pela publicação comunista a torná-lo um diário. Ratificada essa deliberação, os editores do *El Machete* necessitaram modernizar sua produção gráfica e o apoio veio do outro lado da fronteira. No n° 515, publicado em 12 de março de 1938, foi anunciada a criação do Comitê Pro-"El Machete", na sede da Associación Mutualista Obrera Mexicana, localizada em Nova York. A fundação desse grupo foi importante no apoio cedido ao *El Machete* e também ao PCM, o que fica comprovado por meio da doação de uma linotipo n° 09 - uma das máquinas tipográficas mais avançadas do período -, quando do aniversário de 14 anos do periódico comunista mexicano:

> Pero en este aniversario EL MACHETE tiene un motivo más de júbilo. Un puñado de obreros residentes en New York, organizados en la "MUTUALISTA OBRERA MEXICANA", le ha regalado un Linotipo Modelo No. 9. Centavo a centavo, festival tras festival, se han convertido en una máquina que de ahora en adelante compondrá las páginas de EL MACHETE. En esta misma sección publicamos algunas fotografías del Linotipo ya funcionando. También la de los camaradas de New York, que con su entusiasmo y esfuerzo han puesto una de las piedras más sólidas de la imprenta de EL MACHETE.
>
> Y decimos una de las piedras más sólidas, porque todavía EL MACHETE no tiene su imprenta. El Linotipo por ser Modelo No. 9, y por ser el único de este modelo que existe en México, requería una reparación de importancia y EL MACHETE no tenía fondos para hacerla. Pero los obreros que en distintas épocas han formado, compuesto y tirado EL MACHETE en diferentes imprentas de esta ciudad, organizados en una Cooperativa, han solucionado el problema. Ellos se comprometieron a costear las reparaciones, a comprar las matrices, la caja de resistencia, el reóstato, en fin, a invertir los $2.400.00 que se necesitaban para ponerlo a marchar y para facilitar todo ello, a encargar tal empresa al compañero Enrique Villarreal, uno de los mecánicos más aptos y conocedores de linotipo que existen en la República. Juntos, Cooperativa y EL MACHETE, utilizarán la máquina y la utilizarán para la obra revolucionaria que ambos desarrollan.
>
> (*El Machete*, "'El Machete' Cumple 14 Años de Vida!!". n° 515. 12/03/1938, p.13)

O apoio foi essencial no plano do *El Machete* de tornar-se diário. Além do suporte financeiro cedido por várias organizações operárias mexicanas, foi celebrado o fato de o linotipo ter sido manejado por Enrique Villarreal, antigo companheiro de Ricardo Flores Magón, ex-membro do PLM e do corpo editorial do periódico *Regeneración*.







Figs. 18, 19 e 20. Na parte superior, foto da Associación Mutualista Obrera Mexicana. À esquerda, foto do linotipo modelo 9. À direita, o linotipo sendo operado por Luíz C. Suárez e por vários integrantes do corpo editorial do PCM (S/A).
Publicado no *El Machete*, n° 515, 12/03/1938, p.13.
Fonte: CEMOS

Novamente, a realidade foi além do entusiasmo dos comunistas mexicanos e poucos meses depois da matéria acima, o *El Machete* passava novamente por dificuldades financeiras para manter sua periodicidade diária. Essa questão foi exposta quando o número que deveria sair em 04 de julho de 1938 não foi publicado, exclusivamente por falta de condições financeiras:

> Nuestro periódico ha dejado de salir el día de ayer, por una sola causa, la que aflije a todos los periódicos revolucionarios, la que ha estorbado toda sua vida, la que es necesario vencer: LA FALTA DE DINERO.
>
> Cuando nos propusimos editar "EL MACHETE" diario, fincamos nuestras esperanzas en la fuerza del Partido, en el cariño que los comunistas tienen a su periódico – arma siempre al servicio de todas las nobles causas. – No hemos perdido ni la confianza ni la seguridad de que tenemos en frente.
>
> Debemos una gran cantidad por papel, otra no menor por impresión, necesitamos hacer frente cada día a gran número de gastos nuevos, inesperados, que aumentan constantemente nuestro ya crecido déficit.
>
> (*El Machete*, "A Sostener 'El Machete' Diario!". n° 558. 05/07/1938, p.07)

Diante de todas essas dificuldades econômicas, os editores do periódico comunista mexicano lançaram campanhas de pedido de auxílio, ofereceram vantagens para assinantes,

ofertaram espaço nas páginas do *El Machete* para publicidade, e, criativamente, no Estado de Hidalgo, foi realizada uma corrida de touros a favor do órgão central do PCM (*El Machete*, "Corrida de Toros a Beneficio de 'El Machete' en Pachuca, Hgo.". 573, 23/07/1938, p.07). Todavia, a iniciativa mais interessante proposta pelo periódico do PCM para equilibrar as suas finanças foi a de um sorteio de loteria, cujo vencedor seria contemplado com uma viagem para a União Soviética.

CONDICIONES
Sorteo del 27 de Julio
(De acuerdo con la lista de esa fecha de la Loteria Nacional).

Para tener derecho a los boletos de la rifa cuyo primer premio es un viaje a la URSS, la única condición que hay que llenar es la de enviar SEIS PESOS, valor de una suscripción por 150 números de EL MACHETE, o de 6 suscripciones de 25 números. Si usted no puede mandar juntas las 6 suscripciones puede enviarlas una por una y al recibir la última le enviaremos su boleto, siempre y cuando no pase de um mes el envío de la primera y la última suscripción.

PREMIOS: - Primer premio, un viaje a la Unió Soviética, con estancia de 15 días en París. ¡TODO PAGADO!!

SEGUNDO PREMIO: - Un lujoso aparato de radio marca Westinghouse de 10 bulbos y onde corta.

CINCO TERCEROS PREMIOS consistentes en magníficos relojes de oro.

CIENTOS DE PREMIOS menores en libros revolucionarios, insgnias de EL MACHETE, etc., etc.

Además, el que coloque más suscripciones en nuestro primer sorteo hasta el 27 de julio, recibirá una medalla de oro y plata con su nombre y el título de Primer amigo de EL MACHETE, y los que ocupen el segundo y tercer lugar tendrán derecho a medallas de plata con los títulos de segundo y tercer Gran Amigo de EL MACHETE.

¡¡TODOS A COLOCAR SUSCRIPCIONES!!
NO LO DEJE PARA MANANA
HOY MISMO

(*El Machete*, "Vea con sus Ojos la Realidad Socialista!", n° 540. 01/06/1938, p.08)

No decorrer do mês de junho, novas informações sobre essa campanha foram publicadas no órgão central do PCM. Cartas de leitores que se inscreveram foram publicadas, assim como balancetes de arrecadações. Algumas matérias turísticas sobre a União Soviética também figuraram em diversos números, estrategicamente impressas depois da chamada para a inscrição no sorteio. Sem sombra de dúvida, essa foi uma tática de propaganda, que os editores utilizaram para convencer cada leitor do *El Machete* a participar dessa chance ímpar de visitar o "país do socialismo". Para incentivar a adesão dessa campanha, o n° 553, de 27 de junho de 1938, publicou um texto sobre mexicanos que estavam realizando aulas de russo, visando preparar-se para a viagem, caso tirassem a sorte grande no sorteio da loteria do dia 27 de julho.

No dia 28 de julho, foram publicados os números sorteados:

Primer Premio
2, 647
Segundo Premio
13, 580

Los camaradas que tengan esos números, deben comunicarse imediatamente con la Administración de EL MACHETE, para ver quien fue el agraciado con el VIAJE A LA URSS!!
(*EL Machete*, n° 577. 28/07/1938, p. 01)

De início, já temos alguns dados que não correspondem ao primeiro anúncio do sorteio: não há nenhuma referência do terceiro prêmio em diante, que foi divulgado no mês de junho. E também não foi tornado público se algum concorrente ganhou ou não o primeiro e o segundo prêmio. Depois desse exemplar de divulgação dos números sorteados pela loteria nacional, não foi publicado nas edições posteriores, nenhuma informação sobre o resultado do sorteio. A ausência de notícias salta aos olhos, uma vez que foram quase dois meses de intensa campanha. Ao que tudo indica, nenhum leitor do *El Machete* teve a sorte de ganhar essa viagem para a União Soviética, com um bônus de 15 dias em Paris.

2.4.3. Correspondentes e leitores

Ambas as publicações comunistas contaram com a participação de correspondentes e publicaram os seus relatos em diversas edições.

No caso específico d'*A Classe Operária*, a publicação de textos de correspondentes ocorreu com regularidade somente nas edições de 1925. A importância desse material foi no sentido de apresentar aos leitores brasileiros informações sobre as condições de trabalho e denúncias de exploração que ocorriam em outras regiões do país, fora do eixo Rio - São Paulo. Nos anos posteriores, esse tipo de material foi publicado escassamente, tendo em vista as dificuldades enfrentadas pela publicação comunista, conforme já destacamos em vários pontos anteriores. A publicação de cartas também foi uma raridade nas páginas do órgão central do PCB.

Em contrapartida, no *El Machete*, o uso de material de correspondentes foi recorrente, sendo que houve até mesmo a realização de concursos para escolher novos integrantes para assumirem esse posto. Como exemplo dessa regularidade, nos números publicados entre os anos 1926 a 1928, Diego Rivera desenhou dois selos para a seção "Correspondencia del Taller y del Campo", no qual apresenta dois trabalhadores escrevendo à luz de velas para o *El Machete*:



Fig. 21. "Correspondencia...". Diego Rivera (1926-1928)
Publicada no *El Machete* de 1926 a 1928.
Fonte: CEMOS

Além dos correspondentes, as duas publicações também contaram com a contribuição de diversos redatores. Torna-se uma missão árdua elaborar uma lista sobre eles. N'*A Classe Operária* a maioria dos textos não foi assinada, e alguns apresentaram apenas pseudônimos ou apenas as iniciais do seu respectivo autor. Se, por um lado, n'*A Classe*... temos uma ausência de informações, no *El Machete* há um excedente de dados. O periódico comunista mexicano publicou uma grande quantidade de textos, artigos, notas, entre outros, que foram assinados, alguns anônimos e outros com pseudônimos. Como exemplo, Júlio Antonio Mella, que participou do periódico mexicano na segunda metade da década de 1920, assinou vários de seus artigos com os pseudônimos de Cuauhtémoc Zapata e Kim - este último seria uma abreviatura de Kommunistichesky Internacional Molodiozhi.

O público leitor teve um papel diferenciado no *El Machete*, tanto que, como já apresentado anteriormente, foram os leitores da publicação comunista mexicana que escolheram o novo nome que a publicação do PCM adotou em setembro de 1938.

Um último aspecto a ser tratado refere-se à recepção das matérias publicadas nos periódicos comunistas, um campo para o qual apresenta desafios de análise. A recepção não será analisada com densidade na presente pesquisa, pois, não apresentaria resultados satisfatórios. Ambos os periódicos publicaram textos densos sobre o Comunismo e a situação política e social de seus respectivos países. Martha Ledesma Medrano (1992: 217) traçou uma análise interessante sobre as práticas de leitura do *El Machete*:

> Dentro de los artículos de El Machete encontramos que varios de ellos, están escritos con conceptos que difícilmente un obrero o campesino pudieran comprender. El nivel de estudio en la mayoría de la población era bajo, que no fácilmente el trabajador captaba la mensaje del artículo.

Alguns desses entraves de leitura também podem ser detectados n'*A Classe Operária*. Não obstante, foi comum no Brasil o uso de rodas de leituras, nas quais um operário mais letrado lia e traduzia para os seus companheiros os textos densos do órgão central do PCB.

Como apresentamos na introdução, esses trabalhadores eram os *lesender Arbeiter* do movimento comunista mexicano e brasileiro. E, apesar das dificuldades, para os integrantes do PCM e do PCB, a leitura do *El Machete* e d'*A Classe Operária* os ajudariam a responder à seguinte questão: "Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas?"

***

Pelo exposto, há mais pontos de distanciamento que de proximidade entre *A Classe Operária* e o *El Machete*, assim como do PCB e do movimento comunista brasileiro com o PCM e o movimento comunista mexicano. Contudo, apesar das diferenças, houve momentos em que esses dois universos se encontraram e estabeleceram pontos de conexões. Alguns deles serão descortinados no próximo capítulo, quando esses olhares se cruzaram.

3. Olhares cruzados: contatos da imprensa comunista mexicana e brasileira

Todo o planeta estará nos
espasmos da revolução
(Henry Miller, Pesadelo Refrigerado)

3.1. O Internacionalismo Proletário

Os militantes comunistas mexicanos, brasileiros, latino-americanos e de outras nacionalidades se consideravam irmãos, integrantes de uma verdadeira fraternidade mundial. As barreiras nacionais, culturais e linguísticas, entre outras, não representavam um muro de obstrução que poderia impedir que esses seguidores do Comunismo construíssem uma identidade política-cultural em comum. Tal sentimento de igualdade e solidariedade sem fronteiras foi fruto do Internacionalismo Proletário, cujos primeiros alicerces foram fincados no Século XIX.

Em seu verbete sobre tal termo, no *Dicionário de Política*, Aldo Agosti (1991) defendeu que o Internacionalismo, enquanto conceito, formulou-se na segunda metade do Século XIX e foi bastante saudado pela classe burguesa, que interpretava nessa ideia o fim das barreiras nacionais e a criação "de um sistema de instituições e normas supranacionais, como a arbitragem obrigatória e as cortes internacionais de justiça, ou a utopia da completa liberalização das trocas comerciais, visando a ajustar as relações mundiais a uma suposta harmonia de interesse de todos os povos". Torna-se relevante frisar que esse Internacionalismo "burguês" foi um dos pilares de defesa da política econômica do Liberalismo. Não obstante, o contraponto a este conceito caracterizou-se por outra leitura da ideia do Internacionalismo, o Proletário:

> A consciência da existência de uma solidariedade internacional entre os trabalhadores dos diversos países parece mais ou menos contemporânea ao aparecimento dos primeiros movimentos operários organizados, em torno de 1830. São diversos os fatores que estimulam o seu crescimento: a emigração maciça, a concorrência nos mercados mundiais, a vontade dos trabalhadores de diversos países se apoiarem reciprocamente nos respectivos conflitos econômicos, a comunhão dos ideais democráticos, a tendência à defesa da independência das pequenas nacionalidades, a defesa da paz e a difusão do ideal socialista da emancipação da classe operária (AGOSTI, 1991: 643).

O projeto de uma união proletária em escala global, nos termos da citação acima, foi peremptório para a fundação da já citada AIT em 1864. Devemos nos ater ao dado de que, antes de tal empreitada, Marx já havia defendido uma união sem fronteiras entre a classe

proletária no *Manifesto Comunista* e na *Ideologia Alemã*. Essa aliança também foi defendida entre anarquistas e socialistas.

Apesar do desmantelamento da AIT em 1876 e da exacerbação do sentimento nacionalista – acentuado pelo estouro da Primeira Guerra em 1914, que resultou na implosão da Segunda Internacional, dois anos depois –, o Internacionalismo Proletário continuou presente como projeto social para diversos militantes opositores ao *status quo* capitalista. Diante desse quadro, não causa surpresa a constituição de uma rede de solidariedade proletária em apoio à Revolução Russa que, em seus anos iniciais, contou com a presença de socialistas, anarquistas, intelectuais, entre outros. Mesmo após o afastamento do apoio libertário, a solidariedade e o Internacionalismo Proletário continuaram sendo elementos importantes para a solidificação do processo revolucionário soviético e de sua expansão no mundo.

O Internacionalismo Proletário esteve presente nas relações entre comunistas brasileiros e mexicanos no período abrangido pelo presente trabalho. Porém, de formas distintas.

A Classe Operária publicou poucos artigos em solidariedade aos comunistas mexicanos, sendo que, nas décadas de 1920 e 1930, as matérias referentes à América Latina tiveram uma presença exígua em suas páginas.[101] Em contrapartida, o *El Machete* dedicou um grande espaço para os comunistas brasileiros, com destaque para a repercussão da Insurreição de 1935, que analisaremos adiante. A América Latina também obteve grande atenção no órgão central do PCM. Como exemplo, foram publicados diversos artigos sobre o movimento sandinista na Nicarágua, e, como já mencionado, o PCM atuou na fundação do PC da Guatemala, na década de 1920. Com a presença de Julio Antonio Mella, de 1926 a 1930, o *El Machete* concedeu um grande espaço em suas páginas para as críticas à ditadura cubana liderada por Gerardo Machado y Morales (1925 – 1933). Nesse caso, a situação política do país caribenho foi bastante explorada no *El Machete* até a morte de Mella, em 1929 (Cf. LEDESMA MENDRANO, 1992).

Apresentado esse quadro, analisaremos no presente capítulo as matérias do México que foram publicadas nas páginas d'*A Classe Operária* e algumas matérias do Brasil que

[101] Do pouco material localizado, encontra-se um pequeno artigo sobre a participação do PCA nas eleições argentinas de 1928 (*A Classe Operária*, n° 01. 01/05/1928, p. 01); um manifesto da organização de mulheres do Uruguai, publicado em 1929 (*A Classe Operária*, n° 65. 20/07/1929, p. 02); Em 1930 foi publicada uma tradução, de um manifesto do SSA/IC contra a Guerra do Chaco (*A Classe Operária*, n° 86. 22/02/1930, p.01) e, em 1935, foi publicado uma denúncia contra a perseguição do governo cubano ao Partido Comunista da ilha caribenha (*A Classe Operária*, n° 176. 23/03/1935, p.03-04).

foram publicadas no *El Machete*. Assim, objetivaremos investigar como foram construídos os olhares cruzados entre essas duas publicações comunistas.

3.2. Olhares brasileiros sobre o Comunismo mexicano

O México foi noticiado nas páginas d'*A Classe Operária* em julho de 1929, no n° 63. Com o título "TAMBEM NO MEXICO AUGMENTA A REACÇÃO", esse artigo, denunciou aos leitores da publicação comunista brasileira a repressão imposta ao PCM e ao *El Machete* no final da década de 1920 e os fuzilamentos de José Guadalupe Rodríguez e Salvador Gómez. Os editores d'*A Classe...* caracterizaram o governo mexicano de Portes Gil, sob o comando invisível de Calles, como "pequeno-burguês" e manipulado pelo Imperialismo estadunidense. Na avaliação esboçada no artigo, essa política de repressão orquestrada pelo duunvirato Calles/Portes Gil contra os comunistas também colocava na berlinda os ideais da Revolução Mexicana:

> A revolução mexicana que tanto sangue verteu – a custa dos operários e camponeses, foi, sobretudo, um movimento contra os latifundistas e os imperialistas. Tomada, porém, a direção do movimento revolucionario pelos elementos da pequena burguezia representada por Calles, apresentou-se para estes o seguinte dilema: ou capitular ante as forças do imperialismo, criar novas camadas de exploradores no interior do paiz e, ainda, pactuar com os latifundistas vencidos; ou deixar que a Revolução seguisse seu curso, proporcionando as reivindicações do campo e dos operarios, realizando uma effectiva e constante ofensiva contra o imperialismo e as velhas classes governantes.
>
> [...]
>
> A situação é clara: ou a revolução democratica segue seu curso no México, passando por sobre os traidores Plutarco Calles e Portes Gil, ou com o triunfo do governo reaccionario da pequena-burguezia, conquista o imperialismo um ponto estratégico contra a America Latina.
>
> A revolução deve continuar. Assim pensa e fará o Partido Communista do México, em que pese a reação.
>
> (*A Classe Operária*, "TAMBEM NO MEXICO AUGMENTA A REACÇÃO", n° 63. 06/07/1929, p.01)

Além da denúncia da política de Calles, dois pontos merecem ser destacados: 1) os editores d'*A Classe...* apresentaram o processo revolucionário mexicano pelo prisma da teoria da Revolução democrático-burguesa; 2) Calles e Portes Gil desviaram a Revolução Mexicana do seu curso natural, ante suas submissões ao Imperialismo (estadunidense), e caberia ao PCM reconduzi-la ao seu curso natural. Já apresentamos como a tese da Revolução democrático-pequena-burguesa de Octavio Brandão foi um dos pilares ideológicos da práxis do PCB durante décadas. Essa leitura de que a Revolução Mexicana não havia acabado e que era um processo democrático-burguês não foi uma exclusividade dos comunistas brasileiros.

Os próprios membros do PCM consideravam que a Revolução que moldou o México moderno se caracterizava como um processo democrático-burguês (no quinto capítulo, pelas palavras dos próprios comunistas mexicanos, analisaremos essa questão com mais profundidade). Por ora, cabe destacar que essa leitura foi apresentada e defendida na Primeira Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina, como podemos conferir nas resoluções publicadas em sua íntegra na revista *La Correspondencia Sudamericana*, n° 15, de agosto de 1929, editada pelo SSA/IC.

O primeiro artigo desse número especial apresentou uma defesa da realização da Conferência e um resumo da situação do Movimento Comunista na América Latina. Abaixo, seguem alguns trechos dessa análise, com destaque para a situação mexicana do final da década de 1920:

> En Méjico, donde la pequeña burguesía mantuvo la ilusión entre las masas trabajadoras, que serían cumplidas las reivindicaciones de la **revolución democrática-burguesa** – entrega de la tierra a los campesinos, ayuda a los mismos, jornada de ocho horas, leyes protectoras de los trabajadores, gobierno popular, etc. – y seguiría "evolucionando" hacia un régimen socialista, ha ido cayendo poco a poco bajo el predominio del imperialismo – especialmente americano – hasta que al aparato gubernamental ha pasado completamente a manos de los agraristas y de los militares que realizan la contrarrevolución. La masa trabajadora de ese país comprende ahora claramente que solo los obreros y campesinos pueden llevar a cabo la **revolución democrático-burguesa**, traicionada por la pequeña burguesía, y se proponen luchar con las armas en la mano para conquistar el poder, para el pueblo trabajador, o sea, estableciendo un gobierno obrero y campesino.
> (*La Correspondencia Sudamericana*, "La importancia de la Primera Conferencia Comunista Latino-Americana", n° 15. ?/08/1929, p.02- negrito nosso)

Pelos trechos destacados acima, percebe-se que o artigo publicado em *La Correspondencia Sudamericana* segue a mesma linha argumentativa do texto d'*A Classe Operária* sobre a caracterização da Revolução Mexicana. Todavia, a teoria da Revolução democrático-burguesa não se fixou apenas no exemplo mexicano. Em outro trecho publicado dessas resoluções, foi afirmado que, apesar das especificidades existentes entre os países latino-americanos no período, as revoluções patrocinadas pelos seus respectivos PCs deveriam seguir essa linha teórica revolucionária:

> Esa situación demandó de la Conferencia un estudio prolijo sobre el carácter de la revolución en América latina y la Conferencia unánimemente estableció que dadas las condiciones de nuestros países, agrarios y dependientes del imperialismo, esa revolución sería una **revolución democrático-burguesa**, cuya forma de poder político debía ser la del gobierno obrero y campesino.
>
> Pero, establecido que el carácter de la revolución sería democrático-burgués ¿significa que esa revolución debía ser dirigida por la pequeña burguesía, por la burguesía industrial naciente, y que el proletariado debía dar simplemente su apoyo dejando que el poder cayera en manos de la pequeña burguesía, considerando que

> históricamente todavía no le ha llegado su turno? Absolutamente, no. Las reivindicaciones de la revolución democrático-burguesa pueden llevarse a la práctica – y esa revolución transformarla dinámicamente en revolución proletaria – solamente si el proletariado tiene la dirección de la misma. (ibidem, p.04- negrito nosso).

O conceito democrático-burguês revolucionário não foi uma especificidade do PCB. Como apresentado no trecho acima, essa ideia estava em sintonia com a leitura revolucionária que os PCs latino-americanos realizaram sobre suas condições de protagonizarem um levante no continente. E o México dava exemplos de como essa Revolução não deveria ser seguida.

Outro trecho relevante do artigo d'*A Classe Operária* – que não foi explorado pelo(s) seu(s) autor(es) – encontra-se no alerta de que uma possível vitória da burguesia mexicana resultaria na conquista de um ponto estratégico do Imperialismo estadunidense no continente americano. A localização geográfica do México e sua proximidade com os Estados Unidos sempre foram questões delicadas que produziram – e ainda produzem – momentos de tensões entre os dois países. A fundação do PCM seguiu essa lógica estratégica, pois contou com a participação direta de membros da IC. Segundo Pablo Yankelevich (2009), o governo estadunidense monitorou ativamente o México na década de 1920, a partir de uma leitura errônea que qualificou o governo de Calles como "bolchevique" e que poderia expandir sua influência para o sul dos Estados Unidos, para a América Central e também para a região sul-americana. Ou seja, o México realmente possuía e ainda possui uma localização estratégica muito importante no continente americano.

Em outro trecho do artigo, os editores d'*A Classe...* associaram os infortúnios e sucessos dos camaradas mexicanos com o próprio destino do movimento comunista latino-americano. Os comunistas do México não estavam isolados, e o apoio divulgado pelo órgão central do PCB seria uma comprovação da solidariedade do Internacionalismo Proletário que essas duas agremiações políticas compartilharam:

> Mas, como dissemos, o triumpho dos operarios e camponezes do México significaria um triumpho de todos os anti-imperialistas da América Latina, contra o Imperialismo "yankee", que agora reclama a pacificação do paíz.
>
> Significaria, também, um profundo golpe na reação internacional, que estende suas garras sobre todos os povos latino-americanos, o Brasil com especialidade. Dahi a necessidade da mais ampla solidariedade com o proletariado e os camponezes do Mexico, com suas organizações revolucionarias, que agora sofrem a reação pelos "trabalhistas", que mais uma vez traíram a Revolução.
>
> (*A Classe Operária*, "TAMBEM NO MEXICO AUGMENTA A REACÇÃO", n° 63. 06/07/1929, p.03)

Para encerrar, o(s) autor(es) colocaram um retrato de José Guadalupe Rodríguez para ilustrar a matéria. De autoria de Diego Rivera, essa mesma imagem foi publicada no n° 166 do *El Machete*, lançado em maio de 1929. Abaixo, seguem as duas ilustrações:



Figs. 22 e 23: Lado a lado, retrato de José Guadalupe Rodríguez, de Diego Rivera. *El Machete*, n° 166, de 25/05/1929 e *A Classe Operária*, n° 63, 06/07/1929. Fonte: HNDM/CEDEM

Indubitavelmente, os editores d'*A Classe Operária* tiveram em mãos esse exemplar do *El Machete*, do qual retiraram as informações sobre o fuzilamento de José Guadalupe Rodríguez e também a cópia do desenho de Rivera. Essa aquisição foi revelada no n° 65 do órgão central do PCB, publicado em 20 de julho de 1929, em outro artigo sobre a situação mexicana. Com o título "Como foi assassinado o camarada J. Guadalupe Rodriguez", esse pequeno texto, ilustrado com uma foto do rosto de Calles, revelou ao leitor que as informações publicadas foram retiradas do "exemplar de 25 de maio corrente do órgão do Partido Communista do México, o 'El Machete', de n° 166". O conteúdo do artigo, traduzido do órgão central do PCM, apresentou novamente uma descrição detalhada do fuzilamento do líder comunista mexicano e encerrou com as já habituais palavras de união e de apoio aos camaradas mexicanos. Provavelmente, o contato entre os editores da publicação do PCB com os membros do PCM ocorreu na Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina. O número do *El Machete* foi publicado em maio de 1929, a Conferência ocorreu em junho e as matérias referentes ao México foram publicadas nas edições de julho d'*A Classe Operária*. Por essa sequência de meses, podemos inferir que, a partir da Conferência..., os comunistas do PCB conseguiram informações e materiais sobre a situação mexicana, os quais foram

posteriormente levados para o Brasil e serviram de fontes de informações para os artigos publicados n'*A Classe...* sobre a repressão ao movimento comunista no país asteca.

Os comunistas brasileiros também utilizaram o México como exemplo em outros debates realizados nas páginas do órgão central do PCB. Um desses embates foi com o jornalista e político Mário Pinto Serva.[102]

No n° 63, o mesmo em que foi publicado o primeiro material sobre o México, os editores d'*A Classe Operária* apresentaram em suas páginas uma resposta para algumas declarações realizadas por Pinto Serva. O autor de *Pátria Nova* havia dito, em meados de 1929, que o movimento comunista estava sob o signo da derrota. Como exemplo, Pinto Serva discorreu sobre as derrotas eleitorais dos PCs da Alemanha e da Argentina e afirmou que nos Estados Unidos, onde o operariado gozava de diversos direitos e bem-estar social, não existia nenhuma agremiação política comunista – o que, obviamente, foi um erro do intelectual brasileiro, pois os Estados Unidos, no período, também tinha o seu Partido Comunista. Abaixo, segue a resposta d'*A Classe...*:

> Para os comunistas alimentarem essa ilusão, teriam que fazer como o sr. Serva: não aproveitar as lições da história. Agora mesmo, o México nos fornece um excellente exemplo. Dentro em breve, terá logar a eleição da presidencia da Republica. O governo mexicano, aterrorizado pelas probabilidades de victoria dos comunistas, fechou o jornal o Partido Communista Mexicano, prendeu e deportou seus "leaders" mais influentes e declarou na ilegalidade o partido do proletariado. E o sr. Serva ainda nos vem com o argumento de que o comunismo está falido, porque não conseguiu vencer nas eleições da Allemanha!...
> (*A Classe Operária* – título rasurado – n° 63. 06/07/1929, p.02).

No trecho acima, para o autor, identificado apenas como "Um operário, ex-democratico, agora communista", a repressão do governo de Portes Gil ao *El Machete* e ao PCM teria sido uma reação à ameaça que os comunistas mexicanos representaram nas eleições de 1930. Fica a dúvida de onde o autor conseguiu essas informações. Em 1929, o PCM e seu braço eleitoral, o B.O. y C., estavam desarticulados. Ao justificar a repressão do governo de Portes Gil como resposta a um receio de uma possível vitória eleitoral do PCM, o autor do artigo d'*A Classe Operária* realizou uma leitura equivocada da situação mexicana e,

[102] **Mário Pinto Serva** nasceu em São Paulo no ano de 1881 e morreu em 1962. Seguidor dos ideais iluministas, participou da fundação da Liga Nacionalista, do Partido Democrático e do Partido Constitucionalista. Apoiou Vargas em 1930 e depois se opôs ao governo na Guerra Civil de São Paulo, dois anos depois. Foi eleito deputado da Constituinte de 1934 e foi autor das leis do Voto Secreto e da Alfabetização. Foi também um defensor do papel da educação como elemento de modernização da sociedade e que a Democracia só poderia se consolidar com um povo esclarecido e instruído. Entre suas obras, está *Pátria Nova*, lançada na década de 1920, onde expos as suas ideias sobre educação, democracia e política.

eventualmente, enalteceu em demasiado o alcance da influência dos representantes comunistas no país asteca.

Apesar das dificuldades, podemos esboçar uma explicação para essa leitura realizada pelo autor do artigo do periódico comunista brasileiro. Até o momento, identificamos que os membros do PCB utilizaram apenas um número do *El Machete* como fonte fidedigna de notícias sobre o México no ano de 1929. Assim como *A Classe Operária*, muitos artigos publicados no *El Machete* elevaram a atuação do PCM na sociedade mexicana. Não é demasiado recordar que os periódicos comunistas foram utilizados como verdadeiras armas de combate pelos PCs, e a maioria dos seus textos alternava o seu conteúdo entre denúncias e propagandas ideológicas do Comunismo. Com essa estratégia propagandística, muitos fatos divulgados na imprensa comunista estavam distantes do que realmente estava acontecendo. O importante não era meramente informar, e sim afirmar e conquistar adeptos a sua causa de emancipação social. Outrossim, para os editores do órgão central do PCB, era importante demonstrar aos seus leitores que os comunistas de outras regiões também eram audaciosos e lutadores. Esse heroísmo revolucionário, personificado na imagem dos seguidores da Revolução Russa, foi um elemento importante na difusão do discurso de propaganda política e ideológica realizada pelos periódicos comunistas. Como mostraremos no tópico seguinte, a mesma estratégia discursiva foi realizada pelos editores do *El Machete* sobre o Brasil.

Infelizmente, em nosso arquivo só dispomos de duas edições do ano de 1929 d'*A Classe Operária*, o que nos impediu de investigar se houve a publicação de outras matérias sobre o México ao longo do referido ano.

O país mexicano voltou às páginas d'*A Classe Operária* no n° 85, publicado em 15 de fevereiro de 1930. Com o título "Contra o Governo Fascista do México Assassino dos Trabalhadores", esse artigo foi apresentado pelo órgão central do PCB como um manifesto assinado pelo SSA/IC. Em seu conteúdo, o texto segue a mesma linha argumentativa das matérias analisadas nas páginas acima. Manteve-se o tom de denúncias contra o governo mexicano e o pedido de solidariedade aos membros do PCM.

Originalmente, esse artigo foi publicado na revista *La Correspondencia Sudamericana*, n° 24, de 15 de janeiro de 1930, sob o título "¡Contra el Gobierno fascista mexicano!". Além desse trabalho traduzido pelos editores d'*A Classe Operária*, tal número de *La Correspondencia*... abriu suas páginas com um longo artigo intitulado "EL FASCISMO MEXICANO". Apesar de não estar assinado, pelo uso da primeira pessoa do singular, ao que tudo indica, esse texto foi escrito por algum membro do CC do PCM. Ao contrário do artigo assinado pelo SSA/IC, esse texto de abertura trouxe novas informações sobre os embates dos

comunistas mexicanos. Foi informado que o PCM expulsou diversos membros de suas fileiras, com destaque a Diego Rivera, acusados de serem oportunistas e de manterem vínculos com o governo mexicano. Intitulados de "comunistas autóctonos", esses renegados fundaram a Liga Nacional Campesina e o Partido Nacional Comunista, de curta duração, e realizaram uma campanha no qual denegriram a imagem do PCM. Um dia antes da publicação desse número de *La Correspondencia*... em 14 de janeiro de 1930, a Confederación Sindical Latinoamericana, junto com representantes de centrais operárias de 17 países, entregaram ao embaixador mexicano em Buenos Aires uma nota de protesto contra a perseguição do governo de Portes Gil aos comunistas do PCM e também de outras entidades operárias independentes do país asteca (NEYMET, 1981: 75).

Após a publicação dessa matéria, o México voltou a ter espaço nas páginas d'*A Classe Operária* apenas em 1937, no n° 208, publicado em 02 de fevereiro. Esse pequeno texto apresentou um trecho do discurso realizado por Hernán Laborde, na 9ª Convenção do PCEUA, sobre a postura do PCM diante do governo do Gen. Cárdenas:

> Julgo necessário repetir e sublinhar mais uma vez nossa declaração, já repetida várias vezes, de que o governo de Cárdenas não é um governo communista, não é um governo proletário, não é um governo de operarios e camponezes. Mas, apenas um governo burguez nacional-reformista, com muito sérias vacilações e conceções ao imperialismo, e em cujo seio há homens de direita, porem um governo de typo avançado, com uma marcada orientação de esquerda que tem suas causas firmadas em peculiaridades históricas e sociaes de nosso paiz, na combatividade e experiência revolucionaria do povo mexicano e particularmente na lucta tradicional e continua dos camponezes pela terra.
>
> Apoiamos o Governo de Cardenas porque trata de restringir e restringe em certa medida a exploração do paiz pelo capital extrangeiro, e favorece em certa medida o desenvolvimento econômico independente do paiz.
>
> Porque lucta para liquidar o latifundismo semi-feudal e distribue terra e dá credito aos camponezes com mais vantagens do que os governos anteriores.
>
> Porque respeita em geral as liberdades e os direitos democráticos.
>
> Porque fomenta a educação e lhe imprime um conteúdo anti-feudal, nacionalista e avançado.
>
> (*A Classe Operária*, "PORQUE O PARTIDO COMMUNISTA DO MEXICO apoia o Governo Cardenas", n° 208. 02/02/1937, p.6).

O pronunciamento de Laborde apresentado acima seguiu a mesma linha argumentativa do seu artigo "CLARIDAD Y FIRMEZA EN LA POLITICA Y LA TACTICA DEL PROLETARIADO", publicado no n° 391 do *El Machete*, lançado em março de 1936 e analisado no capítulo anterior. No entanto, torna-se relevante frisar que o trecho acima foi a única referência que encontramos sobre o Gen. Lázaro Cárdenas nas páginas do periódico comunista brasileiro.

Mesmo sem apresentar muitas informações sobre a situação do PCM em 1937, o excerto de Laborde é importante em sua defesa de uma aliança dos comunistas com o governo mexicano. Apesar de definir o governo cardenista como "burguês nacional-reformista", Laborde argumentou que o mesmo estava implantando políticas sociais e combatia a exploração do capital estrangeiro, ou seja, do Imperialismo estadunidense. Em outras palavras, os comunistas deveriam apoiar o Gen. Cárdenas, apesar de todas as suas ressalvas, como uma estratégia de oposição à extorsão econômica das políticas imperialistas. Essa defesa de Laborde vai ao encontro da mudança de estratégia adotada pelo PCB após a derrota da Insurreição de 1935, como analisou Marly de Almeida Gomes Vianna (2007: 350):

> Com a prisão de Prestes, o secretariado nacional – que, com exceção de Miranda, conseguira manter-se ileso – mudou-se para o Recife, voltou ao Rio, transferiu-se para São Paulo, retornou ao Rio. Acuado pela repressão, o SN viu-se isolado do partido, que começou a rearticular-se estadualmente, com mínimas ligações com a direção nacional, dando margem a várias interpretações da situação, várias propostas de ação e a fracionismos. Apesar das andanças pelos estados, da luta pela sobrevivência e do isolamento do partido, foi um período de reflexão política. A prioridade da luta eram a anistia aos presos políticos, a oposição a Getúlio nas eleições previstas para o início de 1938 e, principalmente, a mudança do caráter da revolução brasileira. Apreciando agora a derrota de novembro como o resultado de um erro estratégico, e sem nenhuma autocrítica mais profunda sobre as causas que originaram tal erro, o SN passou a defender uma revolução democrático-burguesa que fortalecesse e ampliasse o capitalismo, tendo a burguesia nacional como protagonista dessa revolução. Nessa época, o partido adotou o conceito de burguesia nacional [...].

Essa alteração de estratégia foi apresentada nos artigos "SIM: -- 'O P.C. NÃO DEIXARÁ DE SER P.C.'", assinado pelo pseudônimo de Ararigboia, publicado no n° 206 d'*A Classe Operária*, de 27 de dezembro de 1936, e no "A situação brasileira e a posição do P.C.B.", de autoria da redação do periódico comunista brasileiro, publicado no n° 208, a mesma onde foi impressa o trecho do discurso de Laborde.[103]

Se os comunistas mexicanos poderiam se unir com a burguesia de seu país e combater o Imperialismo, porque a mesma tática não poderia ser utilizada pelos comunistas brasileiros?

Todavia, apesar dessas análises elaboradas, o advento do Estado Novo em 1937 foi um duro golpe para os membros do PCB. A aliança comunista-burguesa realizada no México não pôde ser utilizada como exemplo pelos comunistas no Brasil. Depois da publicação do trecho

[103] Esses dois artigos apresentaram um debate entre Ararigboia e um certo "Camarada X", sobre as mudanças estratégicas do PCB. O primeiro defendeu arduamente o discurso de união dos comunistas com a burguesia, e o segundo criticou duramente essa posição adotada pelo PCB. Infelizmente, não temos a identidade dessas duas personagens. Uma análise sobre essa querela pode ser consultada em Dainis Karepovs (2003: 157-164).

do discurso de Laborde, não localizamos mais nenhuma referência do México nas edições seguintes d'*A Classe Operária*.

As matérias publicadas sobre o país asteca foram traduções de outras fontes, e não houve, por parte dos membros do PCB, uma análise independente e densa sobre a as estratégias, erros e acertos dos comunistas mexicanos. Os editores d'*A Classe Operária* olharam para o México dentro de um amplo contexto do Comunismo latino-americano. As matérias de 1929 foram publicadas no auge do debate sobre as estratégias dos Partidos Comunistas da América Latina, definidas na Conferência de Buenos Aires. Já o pequeno texto de 1935, por sua vez, esteve atrelado ao influxo autocrítico do PCB, propiciado pela derrota da Insurreição Comunista e pelo auge da estratégia das Frentes Populares. Em resumo, o México não despertou muito interesse entre os editores d'*A Classe Operária*. O mesmo, não pode se dito sobre o outro lado.

3.3. Olhares mexicanos sobre o Comunismo brasileiro

Em contraste com as análises apresentadas no tópico acima, o Brasil Comunista despertou um grande interesse entre os editores do *El Machete* e recebeu um grande espaço em suas páginas. Antes mesmo de tornar-se órgão central do PCM, o *El Machete* publicou duas matérias sobre o Brasil no ano de 1924: "La Obra del Bolchevismo" e "Una República Sud-Americana Donde se Queman las Obras de Marx y Bujarin".

O primeiro artigo, publicado no n° 20, de 07 de novembro de 1924, foi uma tradução realizada pelos comunistas cubanos do periódico *Boletin del Cigarrero*, de um texto em que Octavio Brandão analisou efusivamente os primeiros anos da Revolução Russa. Em tom elogioso, Brandão interpretou *a obra do bolchevismo* como um processo redentor que deveria ser seguido por todos os defensores da liberdade e de uma sociedade mais justa.

O segundo texto, apresentado como uma carta, foi publicado no n° 26, de 18 a 25 de dezembro de 1924, e também consistiu de uma tradução. Contudo, ao contrário do texto de Brandão, esse trabalho foi realizado pelos próprios editores do *El Machete* e sua autoria foi creditada ao Secretário Internacional do PCB – provavelmente, Astrojildo Pereira. Essa carta apresentou aos leitores da publicação mexicana uma descrição de diversos atentados infringidos pela polícia brasileira ao PCB desde sua fundação em 1922, além de relatar casos de destruição de obras comunistas. Em determinado trecho, foi afirmado que a direção dos correios de Porto Alegre ordenou que centenas de exemplares do *Manifesto do Partido Comunista*, impresso pela primeira vez em terras brasileiras, fossem queimados. Em outro

caso, foi denunciada a apreensão do livro *Rússia Proletária*, de Octavio Brandão, no Rio de Janeiro. Outras acusações envolveram a prisão de militantes comunistas, a proibição de circulação de periódicos operários, e o saque de algumas centrais sindicais, como o caso da agremiação de Artes Gráficas, localizada em São Paulo. Construiu-se nessa carta um verdadeiro cenário de terror para os comunistas brasileiros. Indignados, os editores do *El Machete* manifestaram solidariedade aos seus camaradas do Brasil:

> La anterior carta revela muchas cosas que los trabajadores de México no saben en su totalidad. El terror blanco de la burguesía brasileña, movida y controlada por el imperialismo inglés, deja atrás los métodos de represión salvaje que está en vigor en Guatemala, en Cuba, en Haití, en Filipinas, en Honduras, en Nicaragua, etc., etc. La clase obrera revolucionaria del Brasil bajo una dictadura implacable del capitalismo internacional, que pretende impedir su organización de combate.
>
> Los trabajadores de México estamos en el deber de prestar apoyo a nuestros hermanos del Brasil, protestando con firmeza ante la Embajada brasileña en este país. Que millares de cartas de protesta recibidas por el representante diplomático del sanguinario Gobierno del Brasil, indiquen a su feroz burguesía que una solidaridad inquebrantable une a los trabajadores revolucionarios de ambos países, y que esta solidaridad ha de llegar más allá de las cartas de protesta.
>
> ¡Abajo el Gobierno del Brasil, instrumento del imperialismo inglés!
>
> ¡Viva el Partido Comunista Brasileño!
>
> (*El Machete*, "Una República Sud-Americana Donde se Queman las Obras de Marx y Bujarin", n° 26. 18-25/12/1924, p.03)

Inspirados pela carta-denúncia do PCB, os editores do *El Machete* afirmaram que a repressão promovida pela burguesia brasileira, cunhada de *Terror Branco*,[104] foi a mais cruel, em comparação com outras realidades latino-americanas. Cabe destacar, que no período de publicação desse texto, o Brasil, sob o governo de Artur Bernardes, foi palco de diversos levantes tenentistas, inclusive a Revolta Paulista,[105] sendo que a repressão do governo foi bastante intensa. Ademais, depois da publicação desse texto, em 26 de dezembro, zarpou do Rio de Janeiro o primeiro navio de presos políticos em direção à Colônia-prisão de Clevelândia, localizada na região do Amapá. O segundo parágrafo do texto também merece destaque, pois demonstra a solidariedade dos mexicanos para com os comunistas brasileiros, ao estimular um protesto na embaixada brasileira do México.

---

[104] Ao afirmar que o Brasil estava sendo vítima do *Terror Branco* burguês, os editores mexicanos utilizaram uma simbologia das cores em seu argumento. O conceito de *Terror Branco* refere-se à oposição exercida pelo *Exército Branco*, que combateu o seu homônimo *Vermelho* representado pelas forças bolcheviques, entre os anos de 1918 a 1921, no período da Guerra Civil Soviética, antes da consolidação da Revolução. A cor branca também representa a monarquia e a ordem, em contraste com a cor vermelha, que representa as forças do movimento revolucionário do proletariado.

[105] Em julho de 1924, diversos militares se rebelaram contra o governo, se sitiaram em São Paulo e exigiram a renúncia de Artur Bernardes. Acuado, Bernardes ordenou um ataque aéreo e a cidade de São Paulo foi bombardeada. Derrotados, os militares que participaram desse levante se reorganizaram nas famosas Colunas Tenentistas, que teve em Luís Carlos Prestes seu maior protagonista.

A representação do Brasil foi um alvo privilegiado para os comunistas mexicanos. Em outros artigos publicados no *El Machete*, tornou-se usual a convocação de protestos em defesa dos comunistas diante da representação diplomática brasileira em terras mexicanas.

Em 1930, no período de clandestinidade do PCM, o Brasil não foi esquecido:

> En los últimos tiempos, el gobierno del Brasil, instrumento de la burguesía y del latifundismo, ha recrudecido las persecuciones contra el Partido Comunista brasileño y contra las organizaciones revolucionarias en general. Las aprehensiones de militantes, los asaltos a los locales obreros, la caza de los comunistas en la ciudad y el campo, son hechos diarios en la república que gobierna el lacayo Washington Luis.
>
> Para protestar contra este régimen de terror blanco, la Juventud Comunista de México llevó a cabo el 12 de abril una manifestación ante la Embajada del Brasil en la ciudad de México. Aunque la prensa burguesa aprovechó lo apartado del edificio de la Embajada para silenciar este acto. El señor ministro y los vecinos de Tacubaya sí pudieron tomar nota de la protesta, por los numerosos vidrios rotos. Cada piedra arrojada contra las ventanas iba envuelta en un papel que contenía frases de solidaridad hacia los trabajadores brasileños, y de condenación a sus verdugos reaccionarios. El siguiente mensaje fue enviado dentro de una botella al embajador brasileño:
>
> <<La Juventud Comunista de México, por su conducto, dirige el presente mensaje al Presidente de la República del Brasil, para notificarle que nos hacemos solidarios de la actitud asumida por nuestros compañeros comunistas en esa república, y a la vez protestamos enérgicamente por la represión tan brutal que están siendo objeto – Queremos hacer constar que estaremos con nuestros compañeros hasta el final de la lucha, que culminará con la implantación de la dictadura del proletariado en el Brasil y en México – ¡Abajo el gobierno reaccionario del Brasil! ¡Abajo el imperialismo y sus agentes, las burguesías nacionales!>>
>
> El Partido Comunista prepara una nueva manifestación de protesta contra la reacción brasileña.
>
> (*El Machete*, "!Abajo el Gobierno Reaccionario del Brasil!", n° 180. Abril de 1930, p.03).

De acordo com o trecho acima, as manifestações de apoio ao PCB foram levadas a cabo pela Juventude Comunista do México (JCM). Na clandestinidade e com a intensa onda de repressão, o PCM evitou as aparições públicas. No conteúdo da carta de repúdio, colocada dentro de uma garrafa destinada ao cônsul brasileiro, a JCM reafirmou o apoio aos seus camaradas do Brasil e prometeram a realização de novos protestos, até que a Ditadura do Proletariado fosse implantada nos dois países. Não sabemos se houve mais manifestações de solidariedade ao PCB, uma vez que não localizamos mais nenhuma matéria sobre o Brasil publicada no *El Machete* ao longo do ano de 1930.

Após esse período, o movimento comunista brasileiro chamou atenção dos editores do *El Machete* depois dos eventos da Insurreição Comunista de 1935. Com grande repercussão entre os membros do PCM, as consequências desse evento foram debatidas intensamente nas páginas do *El Machete*.

3.3.1. A "Revolução" brasileira nas páginas do *El Machete*

No ano de 1935 o *El Machete* publicou sete textos referentes ao Brasil. O primeiro foi um informativo sobre o fim de uma greve dos correios ocorrida no Rio de Janeiro e em São Paulo, e, no decorrer desse mesmo artigo, os leitores comunistas foram informados de uma greve da marinha mercante brasileira que teria mobilizado cerca de 100.000 pessoas. Seguindo o tom esfuziante que a imprensa comunista sempre dedicou a esse tipo de notícia, as informações dessa paralisação da marinha foram recheadas de adjetivos, e chegou-se a afirmar que o mercado entre Brasil, Argentina e Uruguai estava suspenso, em razão do protesto dos trabalhadores (*El Machete*, "FORMIDABLES HUELGAS EN BRASIL", n° 315. 12/01/1935, p.04). Sem informar o ponto originário dessa informação, torna-se um desafio descobrir as fontes que os editores do periódico comunista mexicano utilizaram para redigir essa notícia. Todavia, o interesse em relação ao Brasil foi tão intenso que, em 06 de abril de 1935, o *El Machete* informou, em uma pequena nota, a promulgação da Lei de Segurança Nacional (LSN) ou, como ficou conhecida, a "Lei Monstro".[106]

> El Gobierno reaccionario de Getulio Vargas en el Brasil, agudiza la represión contra las masas trabajadoras. Ante las protestas y el descontento de los explotados brasileiros, el Gobierno responde con una persecución brutal y dicta leyes llamadas de "seguridad nacional", que no son otra cosa que medidas de tendencia claramente fachistas. Según esas leyes de "seguridad nacional" se considera como delito, la huelga de los empleados públicos, la propaganda de las doctrinas revolucionarias, etc., etc. Es decir los obreros , campesinos, empleados públicos y demás capaz explotadas de la población, serán considerados como traidores a la "patria" y juzgados sumariamente cuando intenten luchar contra las brutales formas de opresión a los tienen sometidos los capitalistas nacionales y extranjeros.
> (*El Machete*, "MEDIDAS FACHISTAS DEL GOBIERNO BRASILERO", n° 331. 06/04/1935, p. 04)

Destaca-se, na nota acima, a rapidez de divulgação da LSN no *El Machete*. Para esclarecer, essa lei repressora foi promulgada em 04 de abril e, dois dias depois, já foi

[106] "A Lei de Segurança Nacional, promulgada em 4 de abril de 1935, definia crimes contra a ordem política e social. Sua principal finalidade era transferir para uma legislação especial os crimes contra a segurança do Estado, submetendo-os a um regime mais rigoroso, com o abandono das garantias processuais. A LSN foi aprovada, após tramitar por longo período no Congresso e ser objeto de acirrados debates, num contexto de crescente radicalização política, pouco depois de os setores de esquerda terem fundado a Aliança Nacional Libertadora. Nos anos seguintes à sua promulgação, foi aperfeiçoada pelo governo Vargas, tornando-se cada vez mais rigorosa e detalhada. Em setembro de 1936, sua aplicação foi reforçada com a criação do Tribunal de Segurança Nacional. Após a queda da ditadura do Estado Novo em 1945, a Lei de Segurança Nacional foi mantida nas Constituições brasileiras que se sucederam. No período dos governos militares (1964-1985), o princípio de segurança nacional iria ganhar importância com a formulação, pela Escola Superior de Guerra, da doutrina de segurança nacional. Setores e entidades democráticas da sociedade brasileira, como a Ordem dos Advogados do Brasil, sempre se opuseram à sua vigência, denunciando-a como um instrumento limitador das garantias individuais e do regime democrático". Tal lei está disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/LeiSegurancaNacional.

publicada no órgão central do PCM. Outro detalhe significativo foi a afirmação de que essa lei era de teor fascista. Como será percepítvel adiante, o periódico comunista mexicano usualmente classificou o governo varguista de fascista, para denegri-lo, combatê-lo e colocá-lo ao lado dos adversários dos defensores do Comunismo Mundial.

Contudo, o destaque do Brasil nas páginas do *El Machete* ocorreu após a Insurreição Comunista de 1935. A primeira referência a esse evento foi publicado em uma pequena coluna na capa de n° 365, de 27 de novembro de 1935: "La 'Alianza Nacional Libertadora' Inicia la Gran Revolución por la Independencia de la Rep. De Brasil. Se Apoderan de la Ciudad de Natal!!".[107] Ao que tudo indica, essa matéria foi apenas um informativo dos acontecimentos da capital do Rio Grande do Norte, no final de 1935.

Ao contrário de um senso comum bibliográfico sobre o tema, que também está presente no título da coluna do *El Machete*, o levante de Natal não foi orquestrado pela ANL. Segundo o estudo realizado por Homero de Oliveira Costa (1995) essa insurreição foi comandada pelos militares do 21° Batalhão de Caçadores (BC). No dia 23 de novembro de 1935, a célula comunista do PCB de Natal tentou convencer os militares do 21° BC a não se levantarem em armas, pois essa seria uma ação prematura. Diante da insistência demonstrada pelos soldados, os comunistas decidiram apoiar a insurgência e Natal foi rapidamente tomada. Sob o lema de "Pão, Terra e Liberdade", o proclamado governo popular revolucionário ficou sob a direção do sapateiro comunista José Praxedes. No dia seguinte, 24, Recife foi também tomada por militares simpatizantes do Comunismo. O governo provisório de Natal caiu em 26 de novembro de 1935 (manteve-se por apenas três dias) e os rebelados de Recife foram derrotados no dia 25 (um dia depois de terem tomado o poder). Diante desses fatos, a direção nacional do PCB viu-se obrigada a antecipar e a colocar em marcha a sua insurreição nacional. Comandados por Luíz Carlos Prestes e Olga Benário, e com o apoio dos agentes da IC, Rodolfo Ghioldi e Arthur Ewert, foi programada uma grande sublevação em vários Estados brasileiros. Todavia, o chamado revolucionário só foi ouvido na capital federal, Rio de Janeiro. Assim como os eventos ocorridos em Natal e no Recife, a ação comunista no Rio de Janeiro também foi rapidamente desmantelada pelo governo.

Para Anita Leocadia Prestes (2001) a derrota de 1935 desarticulou totalmente o PCB. Com dificuldades de restabelecer uma rede de contatos com a IC, que foi desmontada, os comunistas remanescentes se viram obrigados a adotar a tática de União Nacional.

---

[107] Infelizmente, o conteúdo da matéria está ilegível.

A coluna no *El Machete* foi publicada dias depois da queda da ação comunista ocorrida em Natal e em Recife. Logicamente, os editores do PCM não estavam ainda cientes da reação do governo varguista, que foi o tema do n° 369, de 30 de novembro de 1935, que publicou em sua capa a seguinte chamada: "SOLIDARIDAD A LAS MASAS POPULARES DEL BRASIL!! Getulio Vargas Desencadena Feroz Represión." Primeiramente, destaca-se a importância desse acontecimento, pois ocupou o espaço da matéria de capa desse número – foi a única matéria do Brasil publicada com esse destaque em toda a coleção do *El Machete*. Infelizmente, essa matéria está, em sua quase totalidade, ilegível. Pelos poucos pontos visíveis, é possível detectar que foi informado que a imprensa brasileira noticiou a derrota dos levantes comunistas no país. Todavia, em seu final, foi publicado uma defesa e um chamado de solidariedade aos insurgentes comunistas, pois, segundo o texto, a Revolução iniciada no Brasil ainda não havia sido inteiramente derrotada. Ao contrário da realidade dos fatos, os comunistas mexicanos interpretaram que a reação de Vargas ocasionou apenas um recuo das forças do PCB e não um golpe fatal. Essa leitura equivocada foi retomada no artigo "LA REVOLUCION EN EL BRASIL APENAS COMIENZA", publicado no n° 382 do *El Machete*, de janeiro de 1936. Abaixo, segue o seu primeiro parágrafo:

> Rompiendo el anillo de hierro de la censura en el Brasil, podemos hacer hoy la primera narración completa y veraz, desde el punto de vista proletario, del levantamiento armado en aquel país. Un mensajero especial sacó el siguiente informe fuera de las fronteras del Brasil, enviándolo por correo aéreo a Nueva York. (*El Machete*, "LA REVOLUCION EN EL BRASIL APENAS COMIENZA", n° 382. 22/01/1936, p.03)

Chama atenção o fato de o periódico mexicano afirmar que o material relacionado sobre o Brasil foi obtido por uma fonte "especial", que no momento se encontrava nos Estados Unidos. Infelizmente, ao longo do texto não é mencionada a identidade desse mensageiro. Para os editores do *El Machete*, o Brasil estava passando por um momento de intensa censura, e por isso os mesmos se viram obrigados a colher informações sobre os acontecimentos brasileiros por meio do seu vizinho do norte. Cabe aqui um questionamentos sobre o suposto "anel de ferro" da censura brasileira, defendido pelos comunistas mexicanos.

A vitória da investida governamental sobre esses três levantes foram alardeadas pela grande imprensa do período. Com exemplo, o n° 20.283 d'*O Estado de S. Paulo*, publicado em 28 de novembro de 1935, imprimiu em sua capa uma chamada positiva sobre o fim da insurreição na capital: "FOI PROMPTAMENTE DOMINADA A SUBLEVAÇÃO TENTADA HONTEM PELA MADRUGADA EM DOIS QUARTEIS DO RIO DE

JANEIRO". Logo abaixo dessa manchete, foi publicado o seguinte enunciado: "Energio e rápido ataque às posições pela acção conjunta de diversas armas de guerra – O sr. Getulio Vargas assiste à rendição do quartel da Praia Vermelha – Prisão dos principaes chefes. A POPULAÇÃO CARIOCA CONSERVA-SE TRANQUILA." O periódico *O Globo* também celebrou esse acontecimento, e o seu número publicado em 30 de novembro de 1935, apresentou em sua capa a seguinte chamada: "SOVIETS NO BRASIL. Confirma-se a campanha do GLOBO contra as atividades extremistas da Alliança Nacional Libertadora". O n° 12.588 d'*O Correio da Manhã*, publicado em 30 de novembro, também seguiu a mesma linha editorial das duas publicações mencionadas acima, e publicou uma declaração de apoio do governo argentino: "A Argentina ao lado do Brasil para attender a qualquer providencia attinente á repressão do movimento". Os exemplos acimam demonstra como Vargas divulgou ao máximo a sua vitória sobre os comunistas, e como assinalado por Marly de Almeida Gomes Vianna (2011: 403): "O governo explorou ao máximo os acontecimentos de novembro de 1935."

Em outro trecho, a matéria apresentou um resumo dos primeiros dias da Insurreição Comunista, por meio de uma linguagem ideológica e de apoio às ações da ANL. Os últimos parágrafos do texto manteve essa estrutura narrativa e ainda forneceu informações sobre a suposta "Revolução" brasileira:

> **LLAMADO A LA NACION**
>
> Haciendo la declaración de que éste era el principio de la Revolución Nacional Libertadora del imperialismo, se proclamó el Gobierno del Pueblo. Su programa de lucha era el mismo de la Alianza Nacional Libertadora, bajo la dirección del gran LUIS CARLOS PRESTES.
> El primer Gobierno Nacional Revolucionario del Pueblo en América Latina, inmediatamente llamó al resto del país para unirse en la lucha contra el imperialismo y por la liberación del Brasil.
>
> Al día siguiente los soldados y los obreros de Recife secundaron el levantamiento bajo la dirección de Castes y Meireles. El pueblo ayudaba a los levantados. Los batallones se unieron. Marchando desde los cuarteles y los distritos obreros de Recife – puerto importante en el Noreste de Brasil – los revolucionarios se posesionaron de los barrios ricos, destrozando toda la resistencia que se les puso por las hordas fachistas.
> (*El Machete*, "LA REVOLUCION EN EL BRASIL APENAS COMIENZA", n° 382. 22/01/1936, p.04)

Nos trechos destacados, a Insurreição do Brasil foi descrita como o "Primeiro Governo Nacional Revolucionário do Povo da América Latina", que vai ao encontro da tese de Michael Löwy (2006) de que o levante do Brasil, foi a primeira ação revolucionária no continente latino-americano que contou com uma liderança comunista. Ao contrapor com o sangrento

levante camponês ocorrido em janeiro de 1932, em *El Salvador*, Löwy (ibidem: 24 – negrito nosso) defendeu o caráter pioneiro dos levantes brasileiros de 1935:

> A outra (e última) tentativa de insurreição com a liderança comunista na América Latina foi a rebelião vermelha de 1935 no Brasil. Não obstante, o levante foi radicalmente diverso do de El Salvador, tanto em estilo como em substância. Em primeiro lugar, não foi realmente uma insurreição popular com base de massas, mas, essencialmente, uma rebelião militar fracassada. Em segundo lugar, o programa do movimento não era socialista, mas unicamente nacional-democrático. **Em terceiro lugar, essa ação de 1935, ao contrário da de El Salvador, foi discutida, decidida e, em parte planejada pelo Comintern.**

É inegável a experiência pioneira da Insurreição de 1935, contudo, como destacado no trecho acima, Löwy afirmou que parte da estratégia revolucionária foi traçada pela IC. Em sua leitura sobre esse evento, o apoio logístico de Olga Benário, Rodolfo Ghioldi e Arthur Ewert, e o debate que foi realizado sobre as condições revolucionárias do Brasil, no VII Congresso da IC, realizado em julho de 1935, corroboram essa tese. Todavia, Marly de Almeida Gomes Vianna (2011: 408) rebateu esse argumento, que posteriormente foi utilizado por Vargas para a criação do Estado Novo:

> A difundida tese do papel do Comintern como instigador e condutor dos movimentos de 1935 não encontra qualquer apoio nos fatos documentados, e o "dedo de Moscou" não pôde ser comprovado nos levantes. A Internacional Comunista, não é demais repetir, se não era indiferente aos destinos do movimento revolucionário brasileiro – que lhe anunciaram ser promissor – manteve-se numa expectativa conivente em relação ao que ocorria no Brasil. Além do mais, desde a morte de Lenin, em 1924, e com a plena vigência a partir de 1927, o objetivo do Comintern deixara de ser a revolução mundial e se concentrara na defesa do Estado soviético. Não houve sequer uma diretiva interna para o início dos levantes. A eclosão das insurreições nos três locais onde ocorreram apresentou graus elevados de autonomia, e o PCB, a reboque dos acontecimentos ou detonador deles, não conseguiu imprimir às revoltas qualquer caráter político-partidário.

A leitura de Gomes Vianna é interessante, pois destaca o papel relutante e limitado do PCB nos levantes de Natal e Recife. Não é demasiado frisar que o partido só teve uma posição ativa nos eventos ocorridos no Rio de Janeiro.

Concomitante a isso, outro ponto que merece ser analisado no artigo do *El Machete* refere-se à apresentação de Luís Carlos Prestes aos leitores do periódico comunista mexicano:

> Haciendo la declaración de que éste era el principio de la Revolución Nacional Libertadora del imperialismo, se proclamó el Gobierno del Pueblo. Su programa de lucha era el mismo de la Alianza Nacional Libertadora, bajo la dirección del gran LUIS CARLOS PRESTES.
> (*El Machete*, "LA REVOLUCION EN EL BRASIL APENAS COMIENZA", n° 382. 22/01/1936, p.04)

Em primeiro lugar, o lendário líder comunista brasileiro é descrito pelo adjetivo "gran" ("grande"). Em segundo, o seu nome foi impresso com letras em caixa alta, o que produz um efeito visual de destaque para o leitor do artigo. Ou seja, o "Cavaleiro da Esperança" é a personagem de referência desses eventos revolucionários no Brasil. Enfatiza-se que no momento de publicação da referida matéria, Prestes e sua companheira, Olga Benário, estavam foragidos no Brasil. Conforme dito anteriormente, ambos foram capturados e presos em março de 1936.

Todavia, também devemos nos ater à data da publicação do artigo. Como mencionado, tanto os eventos da Insurreição Comunista quanto a sua derrota aconteceram nas últimas semanas de novembro de 1935. A matéria acima foi publicada em janeiro de 1936, e não há nenhuma referência à repressão que se abateu sobre os insurgentes brasileiros. Tal matéria passa ao leitor a sensação de que a Insurreição foi vitoriosa e de que o Brasil estava sendo comandado por um Governo Nacional Revolucionário. Dificilmente, os comunistas mexicanos não tiveram acesso a informações sobre a derrota dos seus camaradas brasileiros, e essa matéria foi muito mais propagandística do que informativa.

A repercussão continuou e uma nova matéria foi publicada no n° 389 do *El Machete*. O PCM lançou três edições especiais com essa numeração. Esse momento de euforia deveu-se à realização, entre os dias 21 e 24 de fevereiro de 1936, do Congreso Nacional de Unificación Proletaria, que resultou na fundação da CTM (PELÁEZ, 1980: 55).

A matéria "La Revolución Brasilera", assinada por Luis Machado – sobre o qual, infelizmente, não dispomos de material para traçar sua biografia – apresentou uma cronologia de todos os acontecimentos de novembro de 1935 e suas reviravoltas, como o autor atestou no primeiro parágrafo: "Resumamos en primer lugar las luchas revolucionarias de los días 22 27 de novembre, fijemos su grandiosa importancia histórica y esta bluzcamos la situación actual y las perspectivas" (El Machete, "La Revolución Brasilera", n° 389. 22/02/1936, p.03).

Além do balanço cronológico, Machado relatou os infortúnios dos planos insurrecionais dos comunistas no Rio de Janeiro e a reação do governo federal. O autor também publicou uma versão em espanhol do manifesto de 28 de novembro de 1935, de autoria de Luís Carlos Prestes. Contudo, destaca-se o final do artigo, em que, apesar da intensa repressão, Machado manteve a sua fé ideológica na "Revolução" brasileira:

> Hay la reacción, pero hay también la revolución. La ola de huelgas no se detendrá. El pueblo demuestra su apoyo a los revolucionarios. Las medidas de excepción que el gobierno tiene la intención de aplicar contra los revolucionarios no harán más que

> aumentar las fuerzas aliancistas. La unanimidad entre las clases dominantes no se realiza. En el interior, sobre todo en el Nordeste, continúa la lucha, y alcanzará los campesinos. La Revolución brasileña ha comenzado, nada puede detenerla.
> (*El Machete*, "La Revolución Brasilera", n° 389. 22/02/1936, p.04)

Para Machado, as ações insurgentes de 1935 representaram um embate contra o Imperialismo estadunidense, e, mesmo ao apresentar informações atualizadas sobre o desenrolar da Insurreição, o autor descreveu com entusiasmo os comunistas brasileiros e sua luta, e, assim, conclui seu texto de forma otimista, sem destacar a repressão governamental sofrida. Para Machado, o povo brasileiro estava do lado dos revoltosos.

Outro ponto de destaque está na afirmação de que a luta alcançará os camponeses. Essa suposta união da massa camponesa do Brasil aos insurgentes nunca se concretizou. Anos depois, em 1954, o próprio Prestes reconheceu essa debilidade de se estabelecer uma aliança com os trabalhadores do campo nas ações de 1935, o que fez com que se comete-se, em suas palavras, "o grave erro de precipitar a insurreição quando eram ainda débeis nossas forças na classe operária e, por falta de apoio na massa camponesa, quase inexistente a aliança operário-camponesa" (apud DULLES, 1977: 427). Além das matérias, *El Machete* também se utilizou de elementos visuais para comentar a situação brasileira. Abaixo seguem duas ilustrações referente ao Brasil nesse período, quando Prestes foi, enfim, preso:



Fig. 24 e 25. Ilustrações publicadas nas terceiras páginas das edições de n° 395 e 404 de *El Machete,* respectivamente, em 28 de março e 25 de abril de 1936
Fonte: CEMOS

A primeira ilustração, sem autoria, mostra um militar com uma espada ensanguentada no braço direito, cavalgando um cavalo de faces monstruosas, que galopa por cima de sombras de corpos, onde se lê "Brasil". Pela legenda, podemos afirmar que a personagem militar é uma referência direta à figura de Getúlio Vargas. Contudo, não se sabe se o militar realmente é uma representação gráfica de Vargas, pois dois detalhes merecem ser destacados: 1°) a personagem ostenta um longo bigode, o que não condiz com o rosto de Vargas na época; 2°) a vestimenta militar não corresponde às roupas que Vargas utilizava em 1936. As imagens em que Vargas aparece ostentando esses uniformes militares são de 1930, logo após a derrubada de Washington Luís. Ou seja, mesmo sendo representativo, o militar da charge não possui semelhanças diretas com Getúlio Vargas, o que torna peculiar o seu uso nesse desenho, e coloca em dúvida se os editores do *El Machete* conheciam de fato a imagem do líder do golpe de Estado de 1930.

Não encontramos essas discrepâncias visuais na outra imagem. Publicada um mês depois e assinada apenas com siglas GFP, o desenho é um retrato de Luís Carlos Prestes, na prisão, seguido das legendas "Por un Brasil Libre" e "Contra el Imperialismo". O olhar do desenho de Prestes é emblemático, pois produz um efeito de serenidade e determinação para o leitor.

Os comunistas mexicanos sabiam de fato quem era Luís Carlos Prestes? Levantamos essa questão, pois o *El Machete* publicou diversas notas em apoio ao "Cavaleiro da Esperança" e em repúdio ao seu cárcere. Todavia, quem seria esse brasileiro que o periódico comunista mexicano clamava que fosse libertado da repressão de Vargas? Uma biografia seria fundamental para apresentá-lo aos leitores do periódico e, consequentemente, angariar o máximo de apoio dos mexicanos nessa campanha.

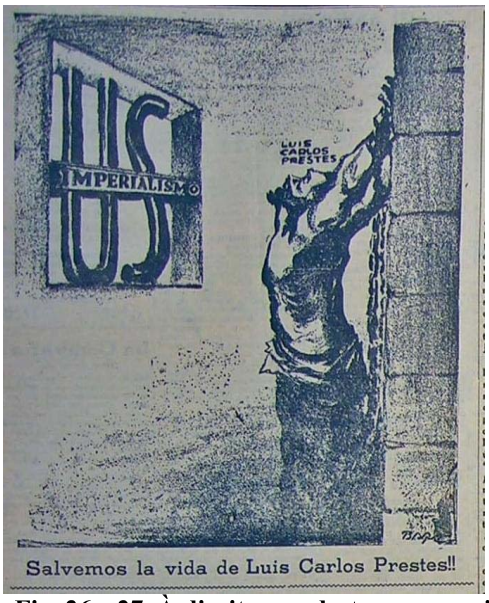




Fig. 26 e 27. À direita, em destaque, a caricatura representando a prisão de Prestes. À esquerda, a página completa onde foi publicada a caricatura e o texto de Juan Vargas na terceira página do n° 393, de 21 de março de 1936
Fonte: CEMOS

O primeiro ensaio biográfico de Prestes foi publicado no n° 393 do *El Machete*, de 21 de março de 1936. Esse longo perfil foi escrito pelo comunista argentino Juan Vargas, para a revista *Claridad.* A primeira parte do artigo de Juan Vargas ocupou todo o espaço editorial desse número e foi seguida de uma ilustração da prisão do líder comunista brasileiro (figs. 26 e 27).

Denso e extenso, o texto de Juan Vargas apresentou uma narrativa heroica sobre Prestes que inicia-se com menção às Revoltas Tenentistas de 1920. Segundo o autor, foi a partir desses levantes que a verdadeira personalidade de Prestes emergiu. Pelo texto, tem-se a impressão que o "Cavaleiro da Esperança" foi um predestinado em insurgir-se contra a burguesia e em apoio aos anseios sociais do povo brasileiro. O artigo apresenta uma longa análise do Brasil da década de 1920, dentro de uma leitura comunista, segundo a qual o Imperialismo estadunidense estaria comandando a exploração proferida pela classe burguesa do país tupiniquim. A partir desse dado, Juan Vargas justificou os levantes tenentistas, como uma contraposição a essa influência do Imperialismo dos Estados Unidos. Não à toa, na ilustração, as grades da prisão de Prestes estão transmutadas na sigla dos Estados Unidos e com a denominação "Imperialismo". O discurso visual messiânico do líder comunista também ressoa na ilustração. Prestes está sem camisa, com os braços extendidos, numa posição de martírio, como se estivesse crucificado em uma cruz, uma alusão que podemos nos remeter ao suplicio de Jesus Cristo. Na leitura bíblica, Cristo lutou pela libertação da humanidade e por isso foi crucificado, e Prestes, estava lutando pela libertação do povo, não apenas do Brasil

como de toda a América Latina. O desenho vai ao encontro da narrativa grandiosa que o artigo construiu sobre o "Cavaleiro da Esperança", como um predestinado e como um salvador.

No encerramento do texto, o PCB aparece como a única liderança capaz de guiar esses ímpetos revolucionários e, em nenhum momento, foi mencionado o período de estranhamento que os comunistas brasileiros tiveram com Prestes.

O texto é tão extenso que sua publicação continuou no número seguinte, 394, publicado em 21 de março de 1936. Nessa segunda parte, foram enfocadas a criação da ANL e a efêmera trajetória da Insurreição Comunista. Merece destaque o trecho no qual Juan Vargas justificou as razões dos insucessos do levante comandado por Prestes:

> Es infantil suponer que un hombre de la talla intelectual, de los quilates revolucionarios, experimentado en años de rudas batallas como Prestes, se decidirá a comprometer la suerte de los trabajadores brasileños y sus aliados en un "putsh" militar. En este caso es necesario pronunciar la palabra "provocación". Es evidente que elementos turbios, sobornados por la reacción, actuaron maquiavélicamente, engañando a los militares que participaron en el movimiento antirreaccionario de noviembre. Se penetra en los lindes de lo ridículo, de la ignorancia o de la tergiversación malévola con el solo pensamiento de una revolución "comunista" sin el proletariado, sin el pueblo, circunscripta a 3 o 4 cuarteles aislados. Únicamente aquellos que se han propuesto desacreditar y preparar el asesinato de Prestes pueden asignarle su responsabilidad bajo el aspecto y circunstancias en que tuvieron lugar los sublevamientos. Existen, si, presunciones para vislumbrar el engranaje de una potente maquina revolucionaria, una de cuyas principales ruedas eran los regimientos sublevados y a sublevarse apoyados quizás por las otras ruedas, pocas y turbinas decisivas, de los obreros, campesinos pobres y desposeídos y los elementos pequeño burgueses liberales.
>
> (*El Machete*, "Luis Carlos Prestes", n° 394. 26/03/1936, p.03)

Para Juan Vargas, Prestes não foi responsável pela derrota de 1935, e sim uma vítima de militares subornados. Deve-se destacar também que, para o autor, o levante não pode ser considerado comunista, uma vez que não teve a participação do operariado e do povo. Interessante essa afirmação, pois, posteriormente, como já apresentado, essa ausência popular foi utilizada como uma das explicações para a derrota da insurgência. Todavia, apesar da prisão de Prestes, que, segundo Juan Vargas, estava com a vida ameaçada, o longo texto encerrou-se de maneira otimista. A "máquina revolucionária" estava obstruída, mas não estava destruída!

Outra biografia foi publicada no n° 404, especial de 1° de maio de 1936. Esse número saiu com oito páginas e vendido a 10 centavos. Ao se tratar de uma edição comemorativa, esse exemplar circulou com uma tiragem expressiva na Cidade do México.

A biografia foi escrita por Octavio Brandão, e, apesar de não haver referências sobre seu local original de publicação, levantamos a hipótese que o texto foi retirado da *La Correspondência Internacional*, que publicou nesse período vários textos do antigo comunista brasileiro. Antes de analisarmos o artigo em si, não é demasiado retomar que, no período de sua publicação, Brandão estava afastado do PCB e vivia na União Soviética, onde enfrentou as agruras do primeiro plano quinquenal, o Terror Stalinista e, posteriormente, a invasão da Alemanha Nazista (AMARAL, 2007: 265).

O texto de Brandão abordou o nascimento de Prestes, em 1896, até a sua prisão, ocorrida em 1936. Na mesma linha argumentativa do trabalho de Juan Vargas, Prestes foi retratado como um autêntico herói do Brasil, que sempre lutou contra as injustiças ao lado do povo. Essa estratégia narrativa evidencia-se quando Brandão descreveu a situação do "Cavaleiro da Esperança" em seu exílio na Bolívia, depois de percorrer 25 mil quilômetros no interior do Brasil, com sua Coluna homônima: "Prestes, en destierro, vive muy pobremente en un pueblecillo muy pobre (Puerto Suárez). Habita una cabaña miserable. Come poco. Cae enfermo de paludismo, ¡este hombre delgado, pálido, pobre, es la esperanza y la fuerza del pueblo brasileño!" (El Machete, "Luis Carlos Prestes Campeón de la Liberación Nacional del Brasil", n° 404, 01/05/1936, p.03). Além dessas qualidades pessoais, Brandão também enfatizou a força ilibada de Prestes, ao descrever o seu contato com a ideologia comunista, e a sua prisão exercida pelo governo varguista:

> Prestes estudia el marxismo-leninismo. Llega a ser miembro del Partido Comunista del Brasil.
> La ola del movimiento obrero y nacional-revolucionario, sube. La Alianza de liberación nacional llega a ser una organización de masas y las masas proclaman como jefe a Prestes, el jefe del movimiento nacional-revolucionario, el campeón de la liberación del pueblo brasileño.
> La ola sube al asalto de las ciudadelas del imperialismo. La vanguardia del pueblo brasileño lucha contra el gobierno de traición nacional. Y una vez más, el pueblo pronuncia con veneración el nombre de Luis Carlos Prestes.
> Ahora, Vargas, tipo horrible de traidor y verdugo, vergüenza nacional, acaba de detener a nuestro camarada Prestes, el hijo querido del pueblo brasileño. Por esto pedimos la ayuda del proletariado internacional, de las masas trabajadoras del mundo entero, de todos los liberales, demócratas, de todos los hombres honrados, que para liberar a Prestes inmediatamente. Prestes es el representante de las aspiraciones de nuestro pueblo.
> Amigos de la libertad de todos los países, escuchad nuestro grito: Ayudadnos a libertar a Prestes, el héroe revolucionario de nuestro pueblo.
> (*El Machete*, "Luis Carlos Prestes Campeón de la Liberación Nacional del Brasil", n° 404. 01/05/1936, p.03)

O artigo transmite a ideia de que no Brasil houve uma comoção nacional de repúdio à prisão de Prestes e que a ANL possuía diversos seguidores entre os setores populares.

Conforme já exposto, como efeito da repressão de Vargas, a ANL foi desarticulada em 1936. Ou seja, essas informações estavam totalmente defasadas em relação à realidade brasileira. Brandão encerrou o texto com uma convocação nacional pela liberdade de Prestes.

Quase dois anos depois da publicação desse texto, o *El Machete* concedeu um espaço em suas páginas para uma biografia de Getúlio Vargas, que também foi escrita por Octavio Brandão. Com o título "La Historia de Un Bandido Fachista", esse texto apresentou Vargas como uma pessoa inescrupulosa, sedenta de poder e representativa de todos os vícios sociais da burgueisa. Segundo Brandão, a personalidade de Vargas sempre foi inescrupulosa e ele era discipulo de Santo Inácio de Loyola, Nicolau Maquiavel, Mussolini e Hitler. Sob o lema de "tudo é permitido...", Vargas construía a sua política dissimulada no Brasil, e que somente o povo, ao lado dos comunistas, poderia detê-lo:

> Getulio Vargas es un político burgués, semifeudal, cuya familia es de origen señorial del extremo sur. El y toda su familia son conocidos como contrabandistas de ganado; con "este negocio" hicieron todos sus fortunas.
>
> Vargas es muy astuto. Es discípulo de Loyola, de Maquiavelo, de Mussolini y de Hitler. Toda su filosofía se resume en las siguientes palabras. "Todo es permitido…"
>
> La historia de Vargas, el antiguo contrabandista de ganado, es la de la traición, el engaño, la corrupción constante. Lo emplea siempre. No tiene ni principio ni escrúpulos. "Todos es permitido..."
>
> El Pueblo brasileño lucha y luchará contra Vargas y el fachismo. La unión de todas las fuerzas democráticas jugará un papel decisivo en la lucha contra éstos, y a favor de Prestes y sus compañeros, que son los que representan la verdadera república democrática.
>
> (*El Machete*, "La Historia de Un Bandido Fachista", n° 518. 02/04/1938, p. 07 e 11)

Quando o periódico comunista mexicano publicou a biografia de Vargas, o Brasil estava sob a ditadura do Estado Novo, o que explica a grande defesa democrática que Brandão destacou no fim do seu texto. Novamente, cabe retomar, que nesse período os comunistas brasileiros colocaram-se em defesa da Democracia, como uma forma discursiva de combater Vargas, que representava o Fascismo em terras tupiniquins.

O *El Machete* publicou diversas notas ao longo do ano de 1936 pela liberdade do "Cavaleiro da Esperança". Muitas delas foram impressas na primeira página do órgão central do PCM, o que comprova a importância com que os comunistas mexicanos trataram da prisão do líder comunista brasileiro. Sobre essa afirmação, merece destaque uma nota publicada no n° 431, de agosto de 1936:

> La suerte del jefe del frente Popular del Brasil, LUIS CARLOS PRESTES y de los 16.000 antifachistas presos en las mazmorras de Getulio Vargas, se encuentra en las manos de las masas populares de todos los países.

> […]
> Se quiere aplicar la pena capital a nuestro "caballero de la Esperanza". El proceso de los diputados progresistas no es sino el preludio de la tragedia. Es preciso responder al llamamiento que la madre de Preste lanza al mundo. Luchando sin tregua por la libertad de Luis Carlos Prestes, símbolo de las luchas libertadoras de los pueblos latinoamericanos.
> Las protestas deben ser dirigidas al Embajador del Brasil en México e directamente al sanguinario Getulio Vargas.
> (*El Machete*, "No Descansemos Hasta Libertar a Prestes", n°431. 15/08/1936, p.04)

Nos trechos acima, chama atenção o elevado número de presos políticos no governo varguista, um total de 16 mil pessoas. Segundo Paulo Sérgio Pinheiro (1991: 322), em um primeiro momento, foram presas cerca de seis mil pessoas. De 27 de novembro de 1935 a 31 de maio de 1936, foram detidas 7.056 pessoas, e posteriormente, 6.052 foram postas em liberdade. A nota do *El Machete* foi publicada em agosto de 1936 e não apresenta essa atualização de dados. Podemos levantar a hipótese de que essa grande quantidade de presos reforçou a tese de que a ANL era realmente uma organização de grande penetração ideológica no interior das massas populares. A nota também afirma que Prestes representa os anseios de liberdade de todos os latino-americanos, deixando de ser um líder apenas no Brasil.

Em outro trecho, a nota também se coloca a favor da grande campanha que Leocádia Felisardo Prestes, mãe do "Cavaleiro da Esperança", realizou nesse período. Após a repressão de Vargas, a mãe de Prestes realizou uma grande campanha pela libertação de seu filho, de Olga Benário e também de Anita L. Prestes, sua neta. A ligação de Leocádia Prestes com o México foi bem profunda, como analisado por Guilhermo Palacios (2008: 315):

> Leocádia Felisardo Prestes e sua filha, Lygia, mãe e irmã de Luís Carlos Prestes, desejavam transferir-se para o México, procedentes de Paris, em busca do apoio de personalidades e organizações trabalhistas mexicanas para libertar Luís Carlos, preso no Rio de Janeiro. Embora seja desconhecida a data de seu ingresso, finalmente ambas residiram na capital mexicana, onde dona Leocádia faleceu em 1943.

A mãe de Prestes se tornou-se uma figura pública no México e apesar de seus apelos, morreu antes de ver seu filho ser libertado da prisão, o que ocorreu apenas em 1945.

A campanha pela liberdade de Prestes demonstra a sintonia do PCM com o governo do Gen. Lázaro Cárdenas. Antes mesmo da prisão do líder da ANL em março de 1936, o México esboçava críticas à repressão de Getúlio Vargas: "Durante janeiro e fevereiro, centenas de cartas e telegramas continuaram chegando à embaixada brasileira no México com protestos pela perseguição que o governo de Vargas havia empreendido contra os comunistas (PALACIOS, 2008: 282)."

O apoio do Gen. Cárdenas a Prestes gerou alguns atritos entre a diplomacia mexicana com a brasileira, e, no mês de maio de 1936, quando o *El Machete* publicou a biografia de Prestes escrita por Octavio Brandão, foi realizada uma grande manifestação na representação brasileira localizada na Cidade do México:

> Em maio, houve protestos diante da Embaixada brasileira, que foram muito alardeados pela imprensa do Rio de Janeiro, com artigos que afirmavam que havia se dado um assalto seguido de apedrejamento, razão pela qual o governo federal do Brasil havia disposto uma guarda armada para proteger a Embaixada mexicana no Rio de Janeiro de possíveis represálias. A representação brasileira na Cidade do México de fato havia sido cercada por enfurecidos manifestantes, mas a polícia havia intervindo e realizado algumas prisões momentâneas, com o que a própria embaixada considerou o assunto encerrado (ibidem: 285).

Este foi o maior incidente registrado sobre tal questão entre o México e o Brasil, sendo que sua repercussão não foi ignorada pelo órgão central do PCM. O n° 410 do *El Machete*, de 27 de maio de 1936, trouxe em suas páginas uma extensa matéria sobre essa manifestação.

Na primeira parte da matéria, com o título "Son Aprehendidos Por Pedir la Libertad de Luis Carlos", encontramos uma descrição detalhada sobre a manifestação em prol da liberdade de Prestes. De acordo com a matéria, na sexta-feira, dia 22, cerca de 40 pessoas se dirigiram em direção à embaixada do Brasil com o objetivo de entregar ao cônsul um manifesto assinado por membros de organizações de trabalhadores do México em apoio à ANL e contra a prisão de seu líder. O diplomata brasileiro Carlos Alves de Souza, além de não receber o grupo, chamou a polícia, com a justificativa de que estava ocorrendo um tumulto na frente da sede. A matéria relata que, em um primeiro momento, 18 pessoas foram presas e, dois dias depois, liberadas.

Os editores de *El Machete* afirmaram que a redação do periódico recebeu diversas cartas de repúdio à atitude da embaixada brasileira e, inclusive, até chegaram a entrevistar Gastón Lafarga, apresentado pelo periódico como um militante comunista que esteve presente no ato. A entrevista de Lafarga foi publicada na segunda parte da matéria, "El Brasil al Margen de La Ley", e foi dividida em cinco pontos.

No primeiro, Lafarga afirmou que o ato não tinha nenhuma ligação com o movimento comunista, que foi liderado por diversas frentes populares e operárias do México e que o documento a ser entregue possuía 300 assinaturas. No segundo ponto, explicou que nenhuma ofensa foi dirigida ao cônsul ou ao governo do Brasil, e frisou a existência de 18 mil presos políticos em território brasileiro. Na terceira parte, Lafarga citou as organizações representadas no ato em frente à embaixada e questionou o direito de um embaixador prender

pessoas da nacionalidade do território no qual tal ela está instalada. Na quarta parte, o entrevistado fez um relato detalhado das prisões realizadas. Segundo seu testemunho, os presos na embaixada foram levados para a 7ª delegacia de polícia no México e tratados como presos políticos, chegando inclusive a serem vítimas de "tortura mental". Uma mulher que estaria presente teria sido assediada por um comandante da referida delegacia. Apesar dos abusos relatados por seus companheiros, Lafarga enfatizou os objetivos do ato, e novamente clamou pela liberdade de Prestes, como podemos conferir no final de sua entrevista:

> Estamos satisfechos de haber servido de motivo para evidenciar al gobierno del Brasil. A tal gobierno, tal embajada. Sólo pedimos que en este momento en que está siendo juzgado Prestes se levante en todo el país una ola de protestas contra los hechos que denunciamos, dirigida en lo que toca la Embajada del Brasil, a su Presidente, Dr. Getulio Vargas, Rio de Janeiro, Brasil y en lo que toca al gobierno de México, al Presidente Cárdenas.
> (*El Machete*, "El Brasil al Margen de La Ley", n° 410. 27/05/1936, p.04)

Apesar de todos esses esforços internacionais, como já mencionado, Prestes continuou encarcerado. Para os editores comunistas do *El Machete*, o governo de Vargas estava assumindo características fascistas, tese apresentada no n° 481, de junho de 1937: "Presta la sentencia de Luis Carlos Prestes por el tribunal Especial del Brasil, marca con caracteres mayúsculos la brutal fascización del Gobierno de aquel país" (*El Machete*, "Por la Vida de Prestes", n° 481, 20/06/1937, p.03).

Prestes só foi libertado em 1945, quando o PCB conseguiu, por um breve período, a sua legalidade política, como consequência do final da Segunda Guerra Mundial. No México, o sucessor do Gen. Lázaro Cárdenas, Manuel Ávila Camacho, não se envolveu nessa campanha pela liberdade de Prestes, que foi perdendo fôlego ao longo dos anos. O assunto veio novamente à tona em razão do falecimento de Leocádia Felisardo Prestes, em 1943. Como já mencionado, a mãe de Prestes tornou-se uma personagem popular no México. Quando faleceu, o Gen. Lázaro Cárdenas, então Secretário da Defesa Nacional do governo de Ávila Camacho, solicitou a Vargas permissão para que Prestes fosse ao México presenciar o enterro de sua mãe. Vargas negou veemente o pedido.

A campanha pela liberdade de Prestes e dos presos políticos do Brasil percorreu diversos países. Espanha, França, Inglaterra, Suiça, Holanda, Suécia, Estados Unidos, Canadá, Argentina, Uruguai, Chile, Colômbia, Cuba, Nicarágua, Nova Zelândia e Austrália (Cf. PRESTES, 2013). Segundo o levantamento realizado por Anita Leocadia Prestes (ibidem: 55), o *El Machete* teve um papel preponderante na campanha que foi realizada no México.

Prestes concentrou as atenções dos artigos, colunas e editoriais do *El Machete* que defenderam a libertação de todos os presos políticos do Brasil. Apesar dos apelos plurais, o "Cavaleiro da Esperança" foi a personagem principal dessa campanha levada a cabo pelo órgão central do PCM. Apenas outro encarcerado do período recebeu atenção nas páginas do periódico comunista mexicano: Rodolfo Ghioldi.

Responsável pelo relatório de avalição do PCB em seu processo de ingresso na IC em 1924, Ghioldi estabeleceu uma ligação estreita com o movimento comunista brasileiro. Após a derrota do levante no Rio de Janeiro, o comunista argentino conseguiu escapar da polícia varguista em um primeiro momento, contudo, foi capturado no início de 1936, quando tentou deixar o país.

A primeira referência dedicada a Ghioldi foi publicada no n° 404 do *El Machete*, que saiu no comemorativo 1° de maio de 1936. Essa pequena coluna imprimiu uma foto do dirigente comunista, e denunciou a sua detenção junto com a de sua esposa. Em tom alarmante, foi exposto que Ghioldi e sua companheira estavam sendo torturados, assim como os 17 mil presos políticos brasileiros. A coluna apelou pela liberdade de todos os presos e orientou que o público leitor, como forma de repúdio, enviasse cartas para a embaixada brasileira no México:

> El sanguinario gobierno del Brasil, dirigido por el muñeco Getulio Vargas, tiene entre sus garras al compañero Rodolfo Ghioldi y a su esposa, los que han sido sometidos a las más espantosas torturas.
>
> El camarada Ghioldi fue detenido casi al mismo tiempo que Luis Carlos Prestes y como él, su vida corre inminente peligro. Se sabe que por terribles torturas a que los han sometido los verdugos brasileros, su estado de salud es pésimo. ¡La vida de esos dos abnegados militantes, como las de los 17.000 presos, depende de la protesta enérgica de todos los hombres concientes y libres de la América entera!
>
> El camarada Ghioldi es considerado como el mejor dirigente teórico de la América del Sur y en virtud de sus grandes capacidades, fue elegido miembro del Comité Ejecutivo de la Internacional Comunista, en el último Congreso Mundial.
>
> "EL MACHETE" hace un urgente llamamiento a todas las organizaciones y personas a efecto de que protesten ante la Embajada y Consulados Brasileros, por la detención y monstruosas torturas del camarada Ghioldi. La dirección es la siguiente: Embajada del Brasil, Calle Tiber No. 132. México, D. F. Teléfones Ericsson 4-13-38.
>
> (*El Machete*, "Ghioldi Dirigente Argentino Preso y Torturado en las Mazmorras del Brasil", n° 404. 01/05/1936, p. 04)

A segunda matéria manteve a mesma estrutura e foi publicada no n° 408, de 17 de maio de 1936, no qual denunciou-se um suposto desaparecimento de Ghioldi. Os editores do periódico do PCM aproveitaram esse caso para criticarem e cobrarem uma postura mais ativa dos simpatizantes e comunistas mexicanos:

> Hace días nos ha llegado la noticia de que Rodolfo Ghioldi, Secretario General del Partido Comunista Argentino y uno de los líderes nacionales más queridos por el pueblo hermano de Argentina ha caído baja las garras de Vargas. Y hoy nos informan que el gobierno brasilero lo ha hecho desaparecer.
>
> Este es el edificante cuadro que ha sabido pintar en las fértiles llanuras brasileras el sangriento pincel de Vargas, hábilmente manejado por la mano yanqui.
>
> En todo el mundo, a la vez que se lucha por la libertad de Thaelmann, a la vez que se combate al terror fachista en Alemania, en Italia, en Austria, etc, las masas se están movilizando alrededor de los nombres de Prestes, Ghioldi, de Ewert, de César Vilar, empuñando la bandera de su liberación como el símbolo de sua propia lucha.
>
> Y aquí en México, ¿qué hemos hecho por ellos? ¿Qué paso en firme hemos dado para lograr su liberación? Nuestro silencio es la prueba de nuestra inactividad, que de seguir sería una verdadera vergüenza para México, y sobre todo para su proletariado y su Partido Comunista.
>
> Debemos movilizar al pueblo todo de México, debemos darle a conocer la verdad acerca de lo que sucede en el Brasil y en los demás países del Continente donde reina el terror más bestial y debemos por fin, dar forma a su protesta, modelar en movimientos de masas el odio espontáneo que sienten los mexicanos ante todas las dictaduras y contra todos los tiranos (¿qué mejor demonstración de ello que la reciente expulsión del viejo Calles?).
>
> (*El Machete*, "RODOLFO GHIOLDI HA DESAPARECIDO", n° 408. 17/05/1936, p. 04)

O suposto desaparecimento de Ghioldi foi apenas mencionado no primeiro parágrafo da matéria em tom vago, sem muitos detalhes. Além do dirigente comunista argentino, o texto acima apresentou um pequeno panorama de outros presos políticos, como Ernst Thälmann – dirigente do Partido Comunista Alemão, que estava detido pela Gestapo desde 1933 –, César Vilar – membro do Partido Comunista Cubano, que também estava preso –, além dos casos Prestes e Arthur Ewert. Ao mencionar essas detenções, a matéria do *El Machete* criou um cenário internacional de luta contra o fascismo. Enquanto os comunistas e os defensores da liberdade do Brasil, Alemanha, Itália, Áustria, Cuba, entre outros países, lutavam contra a ameaça fascista, qual era a postura dos militantes mexicanos? Esse foi o principal questionamento da matéria.

Plutarco Elias Calles foi expulso do México em 09 de abril de 1936, e, segundo o texto, a mobilização do povo mexicano foi decisiva para que o líder do Maximato saísse do país asteca, fato que consolidou o governo do Gen. Lázaro Cárdenas. Se o povo mexicano possuía esse grande poder, deveria utilizá-lo novamente. Não apenas a favor da libertação de Ghioldi, Prestes e dos presos brasileiros, como também, dos seus camaradas que estavam enfrentando o Fascismo em seus respectivos países. Em suma, o povo mexicano deveria sair da sua zona de conforto e colocar-se também na luta contra essa ameaça, pois, essa passividade, segundo o texto, era uma vergonha não apenas para o PCM, como também para todo o povo mexicano.

Ghioldi não estava desaparecido e continuou preso no Brasil até 1940. O líder comunista argentino voltou a chamar atenção do *El Machete* em 1938, depois do seu julgamento e da sua condenação, ratificado pelo Tribunal Militar brasileiro, em 08 de setembro de 1937. A matéria, "Rodolfo Ghioldi Debe Volver a su Patria Argentina", publicou uma ilustração do rosto do comunista argentino, descreveu o seu precário estado de saúde decorrente das intensas torturas da qual foi vitimado, publicou na íntegra o seu discurso de defesa, e, por fim, defendeu que o líder comunista deveria ser repatriado a sua pátria de origem. Abaixo seguem alguns trechos dessa matéria:

> Dos años y médio lleva ya en las prisiones de la reacción brasileña Rodolfo Ghioldi, prestigiosa figura intelectual de la Argentina, gran luchador antifascista, fundador y dirigente del Partido Comunista Argentino.
>
> […]
>
> Como tal debe ser liberado de la prisión lejana, donde sua vida corre peligro, a no mediar la protesta y la movilización de los trabajadores y de los círculos intelectuales, en cuyos medios goza de sólida reputación.
>
> Lo exige así el estado de su salud, fuertemente quebrantada. Ha perdido casi todos los dientes y su régimen alimenticio es sumamente precario. Sin embargo, sus carceleros no han podido doblegar la firmeza de su carácter, como bien lo demostró ante el tribunal militar que lo juzgó el 8 de septiembre de 1937 condenádolo a cuatro años y medio de prisión.
>
> […] Es un timbre de honor para todos los argentinos concientes pregar por obtener su repatriación, su retorno al país. Ante el Ministerio de Relaciones Exteriores, ante la embajada argentina en Brasil, debe hacerse sentir el sentimiento solidario de nuestro pueblo, la voz enérgica y potente que reclame el retorno de Rodolfo Ghioldi a su hogar, a su patria.
>
> (*El Machete*, "Rodolfo Ghioldi Debe Volver a su Patria Argentina", n° 603. 27/08/1938, p. 05 e 08)

Ao contrário dos textos que foram publicados em 1936, acima, os editores da publicação comunista mexicana defenderam que Ghioldi fosse repatriado para a Argentina. Nesse período, o país vizinho do Brasil estava vivenciando o período da *democracia fraudulenta*. Segundo José Luis Bendicho Beired (1996: 51):

> O período que vai da eleição de Justo [Gen. Augustín P. Justo, realizada em novembro de 1931] até 1943 foi a época da *democracia fraudulenta.* Entre as características mais notáveis figuraram a corrupção governamental, a realização de contratos com empresas e governos estrangeiros lesivos ao interesse nacional, o emprego constante da fraude eleitoral, e a perseguição a setores políticos e sindicais vinculados ao radicalismo e à esquerda.

Apesar dessas características negativas, para os comunistas mexicanos, a única salvação de Ghioldi seria o seu retorno ao seu país natal, o que ocorreu dois anos depois, em 1940. Ao regressar para a Argentina, o líder comunista continuou com a sua militância e organizou uma coalizão antifascista no país, que não foi colocada em prática, em decorrência

do golpe militar de 04 de junho de 1943. Apesar desse e de outros reveses, Ghioldi atuou ativamente na vida política argentina e faleceu em 03 de julho de 1985, com 88 anos de idade.

***

Pelo material apresentado e analisado, fica perceptível que o *El Machete* utilizou uma varieda de fontes ao buscar informações sobre o Brasil, principalmente depois da Insurreição de 1935. O órgão central do PCM construiu uma realidade de luta levada a cabo pelos comunistas brasileiros, contudo, apesar da propaganda e do apoio à liberdade dos presos políticos – com destaque a Prestes – os leitores do *El Machete* leram informações desencontradas com o que estava ocorrendo de fato no Brasil. Todavia, o apoio internacionalista e a solidariedade comunista foi o ponto central desse material impresso. Os comunistas mexicanos deveriam estender a mão e lutar pelos seus camaradas brasileiros e o alvo escolhido para essas manifestações de solidariedade foi a embaixada do Brasil.

Já no caso d'*A Classe Operária*, o México não despertou tanto interesse, e as poucas matérias publicadas foram retiradas de apenas um número do *El Machete* e de outra fonte não especificada. O contato do PCB com outros PCs latino-americanos ocorreu na Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina, realizada em 1929, em Buenos Aires. Não coincidentemente, foi nesse ano que *A Classe...* cedeu mais espaços em suas páginas para os comunistas mexicanos e latino-americanos. No que pese a intensa repressão das décadas de 1920 e 1930, indubitavelmente, tanto o México quanto os outros países do continente americano, não despertaram tanto interesse no órgão central do PCB.

Contudo, com todas as diferenças e limitações, tanto o PCB quanto o PCM, procuraram apoiar-se em momentos de dificuldades e se conectaram guiados por uma solidariedade internacional, por meio da qual se viam como camaradas com um mesmo ideal, o da libertação que a Revolução Mundial Soviética promoveria pelo mundo.

Além da linguagem textual, uma conexão entre ambas as publicações comunistas pode ser estabelecida pelo material visual que foi publicado em suas páginas. Esse material será o tema de análise do próximo capítulo.

4. Além das palavras: imagens, arte e propaganda política

O essencial é invisível aos olhos.
(Antoine de Saint-Exupéry,
O Pequeno Príncipe)

A União Soviética criou um verdadeiro arsenal visual quando se consolidou como uma alternativa social diante da realidade capitalista. Cartazes, filmes, folhetos, fotografias, fotomontagens, esculturas, entre outros, foram criados para transformar em imagens os textos propagandísticos, doutrinários e pedagógicos, cujo conteúdo defendia um mundo novo e horizontalizado, que seria construído pela afirmação, em nível mundial, da realidade comunista.

A relação da arte com a Revolução Russa entrou em debate na década de 1920, e cabe assinalar que Lenin preocupou-se com o uso político da propaganda. Após sua morte, em 1924, e com o início da ascensão de Stalin ao poder, o debate sobre essa questão intensificou-se na União Soviética. Em 1925, os dirigentes bolcheviques ratificaram o documento intitulado "Sobre a política do partido no campo literário", que fundamentou as primeiras bases do que se tornaria o "realismo socialista".

Os escritores Máximo Gorki e Alexander Fadeïev, aliados com o intelectual Andrei Jdanov, foram os representantes oficiais dessa nova linha política e cultural da União Soviética. Em 1929, Fadeïev expôs a supremacia da política do PCR diante da pluralidade artística, ao afirmar que todo artista deveria servir conscientemente à causa da transformação social do mundo, ou seja, à causa do país da Revolução Russa (Cf. STRADA, 1987). A partir de 1932, as discussões sobre as experiências culturais da União Soviética definiram o conceito de "realismo socialista", que foi alçado ao status de política de Estado sob o controle de Andrei Jdanov. Ao supervicionar as produções artísticas com mão-de-ferro, o "realismo socialista" também ficou conhecido como "jdanovismo", neologismo que utilizou como raíz temática o sobrenome do seu principal regulador, citado acima.[108]

Em linhas gerais, a arte comunista do "realismo socialista" ou "jdanovismo" sedimentou-se em quatro características: realidade cotidiana, visão heroica, pensamento veiculado por imagens e utilitarismo estético (NAPOLITANO, 2011: 49). Os artistas e

[108] Para Marcos Napolitano (2011: 47), Realismo Socialista e *jdanovismo* não foram sinônimos, e sim elementos complementares: "Freqüentemente, os dois conceitos – "realismo socialista" e "jdanovismo" são utilizados como sinônimos, mas na verdade são pólos complementares de um mesmo processo histórico, de oficialização da produção estética e cultural que, dada a influência do PCUS sobre os partidos comunistas de outros países, acabará servindo de base doutrinária para a arte engajada de esquerda do pós-guerra."

intelectuais deveriam comprometer-se com o projeto revolucionário soviético e produzir uma arte voltada à classe trabalhadora da cidade e do campo, que se chocaria com produções artísticas consideradas "burguesas".

Para os bolcheviques, essa estratégia de propaganda pelas palavras e pelas imagens não foi uma novidade. Segundo Sergei Tchakhotine (1967: 333), no período da Guerra Civil, os comandados de Lenin recorreram à criatividade e a todos os mecanismos disponíveis para manter em funcionamento a sua estratégia propagandística:

> Os métodos mais modernos foram empregados no combate: boletins aos milhões, jornais ilustrados, fotografias, cartazes, vitrinas, equipes de agitadores inundando os mercados, os trens e lugares públicos, até ao cinema e às caravanas de propaganda: Trotsky viajava, por exemplo, num trem especial, organizado como um escritório de propaganda, com vagão impressor, outro com exposição dos modelos dos materiais de divulgação, etc.

Além dessas características internas, a estatização da propaganda política pela União Soviética esteve em sintonia com as transformações das produções culturais e dos meios de comunicação a partir da década de 1930. Segundo Maria Helena Rolim Capelato (2009: 39), foi a partir do decênio supracitado que a "propaganda política entendida como fenômeno de massas adquiriu enorme importância" e sua estratégia básica foi o uso da sedução como um "elemento de ordem emocional de grande eficácia na atração das massas". A União Soviética Stalinista, a Alemanha Nazista, a Itália Fascista, o Brasil Varguista, a Argentina Peronista e o México Cardenista são alguns exemplos de como os governantes utilizaram as imagens e outras linguagens artísticas para conquistar o apoio de suas respectivas massas.

Os comunistas brasileiros colocaram em prática a sua interpretação do "realismo socialista" somente a partir de 1945, quando o PCB usufruiu de um curto período de legalidade política resultante das alianças realizadas durante o período da Segunda Guerra Mundial. Em comparação com os comunistas brasileiros, o contato do PCM com a concepção artística soviética foi realizado precocemente. Em 1927, David Alfaro Siqueiros, sua esposa Graciela Amador e Diego Rivera visitaram a União Soviética na condição de representantes do PCM nas celebrações do decenário da Revolução Russa. No "país do socialismo", os três estiveram em contato com diversos intelectuais bolcheviques, e as discussões referentes à relação entre a arte e a política revolucionária soviética influenciaram tanto Siqueiros quanto Rivera. Após o regresso da comitiva mexicana, em junho de 1928, Rivera realizou uma conferência livre, na qual palestrou sobre sua estadia no país da Revolução Russa (*El*

Machete, "Delegados Mexicanos que Regresan de la Unión Soviética", n° 119. 16/06/1928, p.01).

Nesse mesmo período, Rivera também estava em processo de finalização dos murais do 3° nível da Secretaría de Educación Publica (SEP) - alguns dos quais, cabe destacar, foram divulgados no *El Machete*.[109] Nesse nível do edifício, encontram-se suas principais pinturas que apresentam uma leitura visual da ideologia comunista e que ficaram conhecidas como a obra sequencial "Corrido de la Revolución". Trata-se de uma série formada por 26 murais que, colocados lado a lado, apresentam uma alegoria visual de uma Revolução – nos moldes soviéticos – no México.[110]

O mural de abertura dessa obra é uma das imagens mais emblemáticas da produção muralista mexicana, denominada "En el arsenal" (Fig. 28), cuja foto foi impressa e divulgada na primeira página do *El Machete*, no n° 152, de 16 de fevereiro de 1929, fato que demonstra o interesse do partido em divulgar as obras de Diego Rivera que, em específico, apresentam uma identificação visual direta com o Comunismo. No centro do mural, nos deparamos com a imagem de Frida Kahlo, companheira de Rivera, distribuindo armas para os revolucionários. Cabe destacar que 1928 foi o ano em que Rivera conheceu Kahlo e também o ano de filiação desta artista ao PCM, de forma que essa pintura também foi uma maneira do muralista homenagear sua futura companheira de toda a vida, com quem compartilhava os mesmos ideais revolucionários.

---

[109] Formado por três níveis – o térreo e dois andares do edifício – que foram pintados de 1923 a 1928, os murais de Diego Rivera na SEP suscitaram diversas análises e investigações. A obra sequêncial "Corrido de la Revolución" está localizada na parte sul do 3° nível. O 1° nível (térreo) é formado por uma sequência temática de murais sobre o trabalho e as festas na sociedade mexicana. O 2° nível (primeiro andar) é formado pelos escudos dos Estados mexicanos e por símbolos representativos de diversas disciplinas e artes. Já o 3° nível (segundo andar), além do "Corrido de la Revolución", na parte norte foram pintados murais de líderes revolucionários, como Emiliano Zapata, Felipe Carrilo Puerto, entre outros. Segundo os estudos realizados por Renato González Mello (2002: 39-64), Rivera inseriu elementos maçônicos e alegóricos da irmandade secreta Rosacruz "Quetzálcóatl". As sociedades secretas tiveram um papel importante no período da Revolução Mexicana e Rivera só admitiu a sua relação com elas em 1954, quando reingressou no PCM. Alguns elementos visuais da Maçonaria, do Cristianismo, da Rosacruz, do Comunismo, do Indigenismo e do Nacionalismo mexicano estão presentes, em níveis diferentes, nessas variadas obras murais. Contudo, pelo objetivo proposto no presente capítulo, apenas nos concentramos nessa leitura específica do Comunismo presente no mural "En el Arsenal".

[110] Para detalhes, consultar: http://www.sep.gob.mx/es/sep1/sep1_Tercer_Nivel#.VPMfkS7Ei9g. Acesso em 28 de fev. 2015.



Fig. 28: "En el arsenal", Diego Rivera (1928)
Tercer nível, Muro sur. SEP
Fonte: Foto do autor

No lado direito central da obra, localizamos as imagens de Siqueiros, Julio Antonio Mella e Tina Modotti (ordenados da esquerda para a direita). Todos eram filiados ao PCM em 1928 e esse mural sintetiza o principal objetivo dos comunistas mexicanos naquele período: desempenhar o papel de vanguarda na Revolução Comunista que se vislumbrava no horizonte. Essa afirmação é reforçada por mais dois elementos presentes na imagem: 1) acima da imagem de Kahlo, encontra-se um trabalhador com o braço esquerdo em riste, apontando em direção aos camponeses - o que pode ser entendido como um aprofundamento da Revolução pela união das forças do campo com as das fábricas - e, com o braço direito empunhando a bandeira da União Soviética. Ele seria o guia dos revolucionários armados e, nesse sentido, a bandeira soviética lhe concede um caráter de legitimidade para desempenhar esse papel de condutor, ou seja, a Revolução deveria ser inspirada pelo exemplo soviético; 2) no canto direito superior, Rivera retratou um grupo de camponeses empunhando uma bandeira vermelha, com as iniciais da Liga Nacional Camponesa (LNC) e com o lema "Tierra y Libertad".[111] Cabe destacar o aspecto de curiosidade retratado nos camponeses: eles estão do lado de fora, montados e com olhares de interesse voltados para o interior da fábrica, onde os operários estão de saída e armados.

Uma interpretação possível de ser realizada estaria no papel de liderança exercida pelos trabalhadores fabris. Na imagem, Kahlo e o PCM armavam os operários, que ao saírem

[111] "Tierra y Libertad" foi o lema original do PLM, comandado por Ricardo Flores Magón, no início do Séc. XX. Com o desenrolar da Revolução Mexicana, essa máxima foi apropriada por Emiliano Zapata e tornou-se o grito de guerra dos camponeses mexicanos.

da fábrica, se depararam com os camponeses que já estavam em luta. Agora, cabia aos operários unirem-se a eles. À frente da bandeira da LNC, visualizamos a mão aberta de um operário, sinalizando para os camponeses pararem. Destaca-se que, na imagem, os trabalhadores do campo estão desarmados e a mão aberta pode ser interpretada como um gesto de liderança dessa massa, a ser exercido pelos trabalhadores das fábricas. Essa leitura vai ao encontro das teses defendidas pela IC, na qual os camponeses possuíam um potencial revolucionário, contudo, deveriam ser guiados pelos trabalhadores operários, fieis aos ideais da Revolução Soviética. Ou seja, Rivera pintou nesse mural o início de uma Revolução Comunista no México, seguindo a orientação ideológica da IC.

Por meio do exemplo destacado do mural de Rivera, podemos afirmar que, em alguns casos, antes da consolidação da orientação artística e propagandística da União Soviética, pintores e escritores, entre outros intelectuais e artistas, já realizavam essa tarefa de apoio irrestrito ao Comunismo soviético. Para os militantes dos PCs, a propaganda visual do ideal da Revolução Russa – nosso foco de pesquisa nesse capítulo – foi uma estratégia natural de combate. Assim, charges, caricaturas, ilustrações militantes, Histórias em Quadrinhos (HQs), fotografias, fotomontagens, entre outras, foram as principais armas imagéticas utilizadas nas páginas das publicações oficiais tanto do PCB e, em especial, do PCM.

4.1. Imagens de combate: charges, caricaturas e ilustrações militantes

As charges e as caricaturas exerceram um importante papel nos meios impressos a partir do Século XIX. Dotadas de uma linguagem visual satírica e humorista, em pouco tempo essas expressões artísticas caíram no gosto dos leitores e se tornaram componentes importantes dos periódicos, conforme defendido por Rodrigo Pato Sá Motta (2006: 19):

> Uma evidência forte da raiz popular da caricatura é o modo como foi apropriada pela imprensa jornalística. No início, os desenhos eram gravados e impressos em formato unitário, vendidos ao público das grandes cidades por ambulantes ou em estabelecimentos comerciais. A grande procura e as vendagens decorrentes provocaram, no início do século XIX, o aparecimento de publicações periódicas exclusivamente dedicadas à sátira e, simultaneamente, a incorporação das caricaturas aos jornais da nascente grande imprensa. A importância conferida aos grafismos cômicos por alguns jornais fez com que começassem a ser publicados em destaque, às vezes na primeira página. A simbiose entre caricatura e imprensa diária foi profunda, a ponto de parecer pobre e incompleto um jornal que não contasse com pelo menos um desenhista de humor.

Apesar do excerto acima ser referente à grande imprensa, a importância das imagens gráficas apontadas por Motta também pode ser notada na imprensa operária, ou, no caso

específico do presente estudo, na imprensa comunista. Como exemplo, o n° 30 do *El Machete*, publicado na última semana de fevereiro de 1925, divulgou a comercialização de charges, caricaturas e outros desenhos originários de seus números anteriores: "LOS DIBUJOS DE 'EL MACHETE'. Lista de los que Serán Expuestos y Vendidos a Beneficio del Periódico, el Sábado 24, en la Velada de Lenin". Nesse catálogo, foram elencados 40 desenhos, cuja variação de preço foi de $5,00 a $20,00 pesos mexicanos. Com problemas financeiros, os editores do *El Machete* aproveitaram a ocasião da comoção pela morte de Lenin para vender as principais ilustrações publicadas nos 29 números anteriores. Ademais, em duas ocasiões, o periódico mexicano também promoveu concursos de desenhos. O primeiro foi anunciado no n° 34, publicado na semana de 12 a 19 de março de 1925, intitulado "Concurso de Dibujos Proletarios"[112]. O segundo seria anunciado em 20 de março de 1934, na edição de no n° 300:



Fig. 29. "De Nuestro Concurso".
El Machete, n° 300, 20/03/1934, p.01.
Fonte: CEMOS

Os dois concursos mencionados evidenciam o interesse e a importância das imagens gráficas para o *El Machete*.

Ao estudar essas expressões artísticas, Gawryszewski (2008: 10-12) discutiu as diversas interpretações em torno das charges e caricaturas. De acordo com sua análise, ambas se aproximam devido a seu componente de humor gráfico. Porém, enquanto a charge retrataria satiricamente fatos políticos ou situações sociais recentes, a caricatura seria centralizada na ridicularização de personagens públicos ou indivíduos conhecidos:

[112] Infelizmente, esse anúncio está borrado no número de nossa coleção. Apenas o título do concurso está legível.

> Já a caricatura não visa essencialmente a reflexão, a crítica. Sua função seria reproduzir o personagem em si mesmo, ou seja, seu limite é a própria composição física do retratado, sua resposta está no excesso: o orelhudo, narigudo, barrigudo. Sua marca seria a extravagância, o exagero nos traços, na semelhança (ibidem: 12).

Ao investigar a produção iconográfica da imprensa comunista brasileira de 1945 a 1958, Gawryszewski (ibidem: 24 – negrito nosso) formulou os conceitos de caricatura e charge ideológicas:

> Assim, poderíamos definir a ***caricatura ideológica*** como: imagem de personagem política, podendo abranger também fato político envolvido na questão proposta na ilustração, com a agressividade como essência. O humor não é seu objetivo final, mas pode existir de forma irônica visando denunciar o caráter do retratado. O uso do grotesco, da zoomorfia, da busca da equivalência com uso de símbolos políticos é uma de suas possibilidades. Quanto à definição de ***charge ideológica***, podemos manter as mesmas características da caricatura, apenas se dirigindo ao fato político em especial, destacando-se o uso de símbolos.

Os conceitos de caricatura e charge ideológicas formuladas pelo autor são abrangentes. Em tais conceituações, podemos enquadrar produções iconográficas anarquistas, comunistas e também as de grupos conservadores, como as apresentadas no trabalho de Rodrigo Patto Sá Motta (2006). Entretanto, posto que as charges e caricaturas publicadas na imprensa comunista estão categorizadas pela proposta de Gawryszewski, resta ainda um terceiro tipo de imagem gráfica a ser definida. Estamos nos referindo às ilustrações militantes.

Além das charges e das caricaturas, a imprensa comunista também produziu desenhos de exaltação à imagem dos trabalhadores, das lideranças e de personagens inspiradores. Tal apologia visual desses indivíduos exemplares da cultura comunista foi realizada por meio de desenhos apolíneos dos corpos e retratos fidedignos de suas fisionomias, a maioria na posição de perfil. Como apresentaremos adiante, os perfis podem apresentar um sentido de liderança, uma vez que a personagem retratada está com o olhar fixo para o horizonte. Dentre os significados possíveis para o substantivo *horizonte*, detacamos sua definição de *dimensão futura de algo*. Nessa perspectiva semântica, ao olhar para o horizonte, a personagem estaria visualizando o futuro, que, no caso específico, seria a concretização de uma sociedade comunista.

Nessa categoria, Stalin, Lenin, Marx e Engels são exemplos de personagens que foram retratados de perfil e, no caso da imprensa comunista brasileira, temos como exemplo as imagens de Luiz Carlos Prestes. A mesma linguagem positiva foi utilizada para ilustrações de trabalhadores fortes e anônimos, com corpos bem definidos e exercendo seu ofício com assiduidade.

Dito isto, passemos à definição dos desenhos de exaltações como ilustrações militantes que foram bastante divulgadas nas páginas dos periódicos, panfletos, livros, e outras produções impressas dos PCs.

4.1.1. Charges comunistas

A Classe Operária publicou pouquíssimas imagens em seus números lançados nas décadas de 1920 e de 1930. Essa escassez de material visual pode ser explicada pela dificuldade material – incluindo a perseguição policial e os déficits financeiros, entre outros – que o órgão central do PCB enfrentou nesse período para sair às ruas, principalmente após a vitória de Getúlio Vargas (ver Capítulo 2). As pesquisas realizadas sobre a produção imagética da imprensa comunista brasileira concentraram-se, principalmente, no período de 1945 em diante (Cf. TAVARES, 2009 & GAWRYSZEWSKI, 2010), em virtude da ausência produtiva desse material em períodos anteriores. Cabe ressaltar, no entanto, que o mesmo não ocorreu no tocante ao *El Machete*. A dificuldade em equilibrar o material analisado das duas publicações já foi exposta na introdução. Assim, para o presente capítulo, foi realizada uma seleção rigorosa do extenso material publicado no órgão central do PCM, ao passo que, da publicação comunista brasileira, analisamos praticamente todas as imagens que saíram em suas páginas.

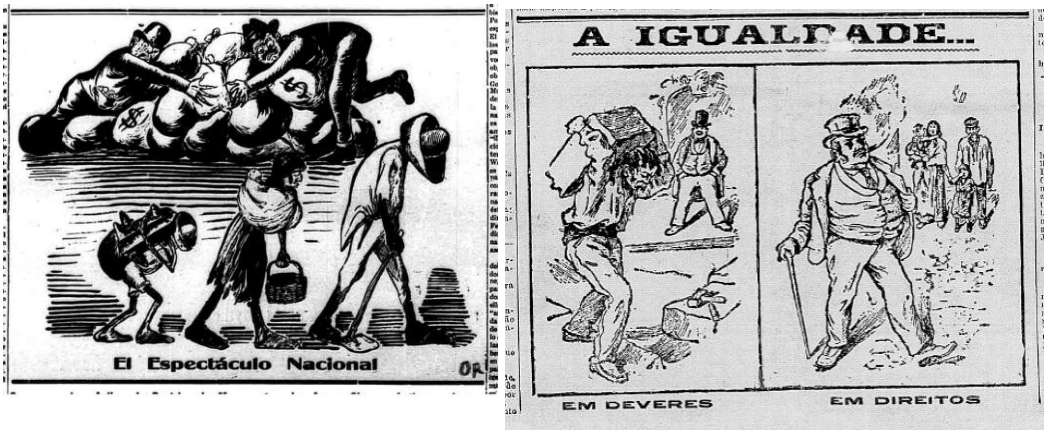


Fig. 30 e 31: Lado a lado, as charges "El Espetáculo Nacional", de Diego Rivera e "A IGUALDADE" (S/A).[113] *El Machete*, n° 13, 11 a 18/09/1924, p. 02 e e *A Classe Operária*, n° 07, 13/06/1925, p. 01.
Fonte: HNDM/CEDEM

[113] Utilizaremos a sigla **S/A** para as imagens que não apresentam autoria ou outros dados que permitam identificar a sua procedência.

As imagens acima são exemplos clássicos de charges ideológicas, ou, pela nossa definição proposta, comunistas. No primeiro desenho, "El Espetáculo Nacional", de Diego Rivera, temos uma representação visual da exploração burguesa na sociedade mexicana, cujas condições opostas de vida são retratadas em um mesmo espaço visual do desenho. Na parte superior, os capitalistas, bem vestidos e calçados, lançam-se, individualmente, à tarefa de abraçar uma montanha de sacos de dinheiro; ao passo que, abaixo deles, em um contraponto visual, uma família de trabalhadores camponeses prossegue em sua caminhada de vida, andando em fila indiana, cabisbaixos, descalços e com roupas esfarrapadas.

Publicado n'*A Classe Operária*, o outro desenho, intitulado "A IGUALDADE", sem autoria, apresenta a mesma linguagem visual de abuso social, porém valendo-se de dois quadros como espaço visual. No primeiro, o protagonista do desenho é um trabalhador que, com grande esforço, carrega uma pedra enorme para preencher um buraco na rua, tendo, ao fundo, como testemunha de seu esforço, um burguês, que o observa em posição inativa, com as mãos no bolso. Já no segundo quadro, o protagonista é este mesmo burguês, que numa atitude altiva, com uma postura de homem realizador, caminha sobre o terreno aplainado pelo trabalhador, o qual aparece ao fundo do desenho, com sua família, em uma postura de quem apenas observa a história de sucesso do burguês realizador. Considerando a imagem, o título ("A IGUALDADE...") e as duas legendas ("EM DEVERES" e "EM DIREITOS"), temos um sentido satírico e de denúncia nessa charge: na sociedade capitalista, a igualdade é representada pelos deveres do trabalhador em ser explorado para assegurar os direitos do patrão.

A contradição, destacada visualmente por meio dos dois quadros apresentados lado a lado, está no significado dos termos *deveres* e *direitos*. Não há coerência social no capitalismo e a igualdade do título não passa de letra-morta. A mesma relação contraditória apresentada pela imagem e pelo texto está presente também na charge de Rivera: o espetáculo nacional da sociedade mexicana seria a exploração dos camponeses. Um último elemento importante para análise de ambos os desenhos consiste da representação da família. Nas charges, os trabalhadores explorados são retratados com seus familiares, ao passo que o burguês está sozinho. Ou seja, de um lado temos o amor e a união (Comunismo), enquanto que do outro temos a mesquinhez e o individualismo (Capitalismo). As duas imagens trabalham com uma visão dualista de contraposição entre o Trabalhador *versus* o Burguês, ou, ainda, o Pobre *versus* o Rico. As abordagens binárias, em geral, são de fácil compreensão e difusão, sendo, portanto, propícias para uma linguagem de convencimento, característica dos periódicos comunistas.

A religião foi outro tema bastante presente nas críticas apresentadas nas charges. O *El Machete* atacou duramente a religiosidade - muito em razão do conflito da Cristiada (ver Capítulo 1) - e associou-a ao Imperialismo, como podemos conferir adiante.

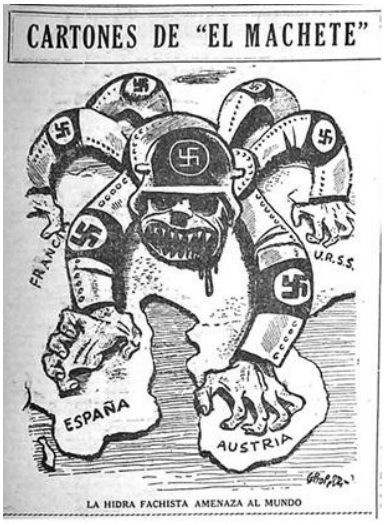


Fig. 32: "IMPERIALISMO E CLERO" (S/A).
***El Machete*, n° 52, 15/10/1926, p. 01**
Fonte: CEMOS

Inicialmente, as charges do *El Machete* associaram a religião com a exploração capitalista. Foi usual a publicação de imagens com padres de um lado e burgueses do outro. Contudo, o tom de crítica foi aumentando e as charges passaram a associar o clero ao imperialismo, como podemos conferir no desenho acima. Pela imagem, tanto a Igreja quanto o Capitalismo imperialista eram aliados – cada um representado por um braço – e, juntos, estavam empenhados em enganar os trabalhadores. Um detalhe importante está no anel da mão que representa o clero, que é o *anulus piscatoris*, símbolo oficial do Papa, o que significa que a crítica da charge é direcionada à Igreja católica em específico. Esse discurso visual-textual foi muito forte, uma vez que o Imperialismo foi – e, talvez ainda seja, para grupos autodenominados de esquerda – uma questão delicada na sociedade mexicana. Da mesma forma, por meio dessa associação entre religião e imperialismo, a publicação comunista atacava, a um só tempo, dois de seus adversários.

A seguir, destacamos outra charge que merece atenção em nossa análise, publicada no órgão central do PCB e que visou a defesa da União Soviética e uma crítica ao clima bélico que assombrou o imaginário comunista no decorrer da década de 1930. Com a crescente ameaça da Alemanha nazista, ambas as publicações comunistas estamparam em suas páginas textos alarmantes sobre uma possível guerra, que se esboçava no horizonte.





Figs. 33 e 34: Lado a lado, as charges (N/I)[114] publicadas em *A Classe Operária*, n° 169, 12/09/1934, p. 03, e no *El Machete*, n° 438, 16/09/1936, p. 03.
Fonte: AEL/CEMOS

Na primeira charge, publicada em 1934 nas páginas de *A Classe Operária*, temos um burguês metamorfoseado em um monstro mecanizado com olhos de canhão e uma arma de fogo na mão esquerda e que, apesar de dominado pelos braços de trabalhadores, esboça uma ameaça à China, União Soviética e América do Sul. Ao analisar esse desenho, Rodrigo Rodrigues Tavares (2009: 39), por sua vez, deteve-se no posicionamento geográfico dos países e do continente retratado na charge:

> [...] Mapa *sui generis* em que a cartografia é completamente torcida para satisfazer os interesses da URSS. Novamente, o apelo aos trabalhadores de todo o mundo tem o caráter de defender a União Soviética, para onde a bola metálica aponta, enquanto a China e a América do Sul surgem no desenho porque o primeiro estava em um processo de guerra civil enquanto a inclusão do segundo visava atender o público alvo do apelo.

A legenda da charge - não analisada por Tavares - também apresenta informações relevantes. O enunciado "Os punhos de ferro dos trabalhadores saberão deter a offensiva guerreira do imperialismo sanguinário!" revela a identidade do mostro agressor, que seria o Imperialismo. A flexão verbal "saberão" indica uma ação futura a ser exercida pela classe trabalhadora, isto é, bloquear a ação do monstro burguês capitalista. Ao apresentar no desenho uma ameaça potencial à União Soviética, a charge exaltou que somente os trabalhadores do mundo poderão proteger o "país do socialismo". A centralidade geográfica do país soviético no desenho vai ao encontro da tese do "socialismo num só país", que conferiu à União

[114] Apesar de já citado no capítulo 2, retomamos aqui que utilizaremos a sigla **N/I** para as imagens cujas autorias não conseguimos identificar em nossa pesquisa, apesar de terem sido publicadas com a assinatura do desenhista.

Soviética o *status* de "pátria do proletariado mundial", como declarou Stalin em 1° de agosto de 1927: "Internacionalista é quem, sem reservas, sem hesitações, sem condições, está pronto para defender a URSS, porque a URSS é a base do movimento revolucionário mundial" (apud PONS, 2014: 117).

Uma linguagem visual semelhante encontra-se na charge destacada ao lado, intitulada "LA HIDRA FACHISTA AMENAZA AL MUNDO",[115] publicada em 1936 pelo *El Machete*. Nela é apresentado um monstro portando um capacete nazista e com seis braços, que tocam partes do mapa identificadas como Espanha, Áustria, França e União Soviética, denunciando, desta forma, o perigo da expansão do nazismo na Europa.

Cabe ressaltar que as imagens publicadas pelos dois periódicos recorreram à prática visual do zoomorfismo - bastante utilizado também nas charges anarquistas -, técnica gráfica no qual o corpo humano é mesclado com o de um animal ou de criaturas monstruosas. Outro ponto a ser destacado é que as duas ilustrações são do mesmo autor, afirmação que defendemos tendo em conta o fato de a assinatura de ambas as charges serem idênticas (figs. 35 e 36) e o estilo do traço do desenhista, conforme podemos visualizar, por exemplo, nos traçados das mãos do mostro burguês (fig. 37) e da hidra fascista (fig. 38):



Figs. 35 e 36: Lado a lado, as assinaturas da charge publicada n'*A Classe Operária* (lado esquerdo superior) e da publicada no *El Machete* (lado direito inferior)
Fonte: AEL/CEMOS



Fig. 37 e 38: Lado a lado, detalhe das mãos esquerdas da Charge publicada n'*A Classe Operária* e da ilustração do *El Machete*
Fonte: AEL/CEMOS

[115] Hidra: "Serpente monstruosa, de sete ou nove cabeças, que renascem à medida que são decepadas. Comparada muitas vezes aos deltas dos grandes rios, com seus múltiplos braços, enchentes e vazantes" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009: 492).

As duas mãos são semelhantes. Os dedos abertos, como garras, quando analisados lado a lado, parecem ser da mesma criatura. Tendo em conta que o desenho d'*A Classe Operária* foi publicado em 1934 e o do *El Machete* em 1936, é possível afirmar que a imagem do periódico comunista mexicano foi uma releitura do desenho presente no periódico comunista brasileiro. O monstro burguês (fig. 33) está deitado de bruços, segurado por quatro braços que representariam a força da classe trabalhadora. Nota-se a mesma disposição visual nas duas charges no tocante à posição de bruços da criatura central e no número de braços apresentados no desenho. A hidra fascista (fig. 34) está de bruços rastejando e possui seis braços, três de cada lado. Ao colocarmos as duas ilustrações lado a lado, visualizamos que no desenho do monstro burguês, se somarmos os dois braços deste com os quatro braços dos trabalhadores que o detém, teremos seis braços dispostos no desenho da mesma forma, isto é, três de cada lado. Apesar dos braços da primeira charge (fig. 33) serem de trabalhadores, o desenho está na mesma disposição visual dos tentáculos da segunda figura (fig. 34).

Além dessa semelhança da disposição visual do desenho, as duas criaturas possuem dentes afiados. Por conseguinte, a hidra pode ser interpretada como uma evolução da ameaça do monstro burguês, ou seja, do Nazismo em comparação com o Imperialismo. A charge do *El Machete* foi publicada no momento de consolidação da luta antifascista sancionada no VII Congresso da IC de 1935 (ver Capítulo 2). Ou seja, o inimigo não era mais o monstro burguês imperialista, e sim a hidra fascista que espalhava seus braços pela Europa. Infelizmente, não foi possível identificar o autor das charges por meio da assinatura, uma vez que ambas as publicações não apresentaram nenhuma informação sobre o mesmo. Contudo, encontramos em outros números do *El Machete* charges ou ilustrações referentes à Guerra Civil Espanhola que contém essa mesma assinatura das imagens analisadas acima.[116] Esse artista poderia ser espanhol? Apesar do risco de cairmos no campo da especulação, essa afirmação de sua nacionalidade apresenta pontos de sustentação, como o grande interesse do ilustrador em produzir diversas imagens sobre o conflito espanhol e a ortografia dos nomes dos países em seus desenhos. Na charge da "hidra fachista..." os países estão originalmente nomeados em espanhol, como "España" e "Francia". Já no desenho publicado n'*A Classe Operária*, houve

[116] Entre os anos de 1935 a 1938, o órgão central do PCM publicou uma seção intitulada "Cartones de 'El Machete'". Nesse espaço, usualmente presente na 3ª página, próximo do editorial, foi impressa diversas charges, caricaturas e ilustrações militantes, de temas internacionais, como a ameaça nazista e o desenrolar da Guerra Civil Espanhola, como também de temáticas internas da política e da sociedade mexicana. Foi nesse espaço que as ilustrações do artista supracitado foram publicadas.

claramente uma alteração no desenho que permitiu a identificação dos nomes dos países em português.



Fig. 39: Detalhe da parte inferior da charge publicada n'*A Classe Operária*.
Fonte: AEL

No detalhe da imagem acima, evidencia-se que a identificação da China, da União Soviética e da América do Sul não é original da charge, pois destoa do traçado da imagem. Provavelmente, os nomes foram datilografados em um pequeno papel e colados em cima da nomenclatura original do desenho. Essa alteração foi importante para atingir os leitores brasileiros d' *A Classe Operária*.

Por fim, é preciso destacar que não localizamos nenhuma outra ilustração feita por esse artista nos números do *El Machete* publicados anteriormente ao ano de 1936, o que confirma que os editores d'*A Classe...*, comparados com os do periódico comunista mexicano, tiveram um contato pioneiro com o material do autor. A origem das charges também é outra incógnita. A circulação de imagens foi intensa e era usual a prática de retirar as ilustrações de uma publicação e colocá-las nas páginas de outra, sem creditar o local primeiro de sua impressão. Os editores d' *A Classe Operária* retiraram essa charge de outra publicação? É bem provável, contudo, esse é o limite, em termos de hipóteses de pesquisa, que nos permitimos traçar. Já no caso do *El Machete*, pela grande quantidade de ilustrações que foram publicadas desse artista, conjecturamos que o mesmo produziu charges especialmente feitas para a publicação comunista mexicana ou que os editores do PCM tiveram um contato constante com outros periódicos em que essas ilustrações foram publicadas originalmente.

O *El Machete* publicou diversas charges ao longo de toda a sua coleção, que merecem uma análise a parte. Passemos agora às caricaturas.

4.1.2. Caricaturas comunistas

O recurso ilustrado das caricaturas foi bastante utilizado para humilhação e crítica direta aos inimigos do PCM e do PCB. Nessa categoria de ilustração jocosa, as imagens

deveriam apresentar um traço idêntico da fisionomia do indivíduo retratado, pois a identificação do leitor com o mesmo deveria ser objetiva e imediata.





Figs. 40 e 41: Lado a lado, as caricaturas "Adão e Eva no 'Paraiso' fascista"(N/I), publicada em *A Classe Operária*, n° 164, 01/08/1934, p. 02, e "HITLER Y MUSSOLINI 'NEUTRALES'" (S/A), publicada no *El Machete*, n° 432, 20/08/1936, p. 03. Fonte: AEL/CEMOS

Nessas duas caricaturas, temos a identificação imediata de Mussolini e Hitler. No desenho d'*A Classe Operária*, "Adão e Eva no 'Paraíso' fascista", cuja autoria não foi possível identificar, os dois líderes foram retratados em uma alegoria do Éden bíblico. Hitler, no papel de Eva – destaca-se o detalhe do mesmo estar trajando um sutiã com as suásticas – corta o globo terrestre e oferece metade para Mussolini, no papel de Adão. A legenda apresenta um hipotético diálogo do líder nazista para com o seu congênere italiano: "Hitler a Mussolini: Divvidamos eáta maçã, meu Benitozinho". A maçã é o globo repartido por Hitler. A linguagem carinhosa de sua fala, "Benitozinho", destoa pela sua afeição excessiva. Ao ser retratado como a mulher da perdição bíblica, fica o questionamento se haveria também na caricatura uma crítica à orientação sexual do líder nazista.

Já o *El Machete* publicou uma quantidade superior de caricaturas do Führer e do Duce, sendo que nesse material ambos foram retratados como assassinos, monstros, entre outros. Os

artistas dessas imagens utilizaram uma linguagem visual do terror – em detrimento da sátira ou da humilhação –, como podemos conferir no desenho anônimo acima (fig. 41), em que Hitler e Mussolini, empunhando armas que gotejam sangue, surgem ameaçadores sobre um vilarejo espanhol, consistindo o desenho, portanto, de uma crítica direta em torno da falsa neutralidade que ambos haviam se comprometido a exercer na Guerra Civil Espanhola.

O traço de ambas as imagens também deve ser considerado na análise. Na primeira caricatura (fig. 40) o desenho é limpo. Os corpos estão bem definidos e o humor satírico fica por conta da representação de Mussolini e Hitler em roupas íntimas. A violência de ambos os líderes políticos é dissolvida/neutralizada pela situação absurda em que são retratados na caricatura. Já no caso da imagem publicada no *El Machete* (Fig. 35), Mussolini e Hitler foram desenhados ameaçadoramente: não há situação cômica e o excesso de sombra confere ao desenho uma atmosfera de terror e ameaça. Ainda que ambos os desenhos tenham considerado o corpo avantajado do líder fascista italiano, na caricatura d'*A Classe Operária* ele é apresentado de forma burlesca e, no desenho do *El Machete*, ocorre exatamente o oposto. Nesta última caricatura, tanto a fisionomia de Mussolini quanto, especialmente, a de Hitler são especialmente ameaçadoras, efeito obtido através do exagero nas sombrancelhas grossas levantadas, em sinal de agressividade, e na ausência de um sinal visual de seus olhos e boca.

Os inimigos internos não escaparam desse ataque visual.



Fig. 42. "6 annos de dictadura, 3 revoluções" (S/A).
***A Classe Operária*, n° 205, 05/12/1936, p.04.**
Fonte: CEDEM

A relação de imagem e texto é essencial para a compreensão de charges e caricaturas. Acima temos um exemplo dessa afirmação. Sem autoria, o desenho dialoga com o texto, que apresenta uma crítica ao discurso de Getúlio Vargas, colocado como representante do povo brasileiro. Logo abaixo do título "6 annos de dictadura, 3 revoluções", temos o seguinte enunciado: "Como nos dias tumultuosos da campanha revolucionaria, ainda hoje, o sr. Getulio Vargas encarna os anseios, as aspirações e a vontade do povo brasileiro. – *Do discurso do sr. Lima Cavalcanti no banquete ao ministro Agamenon Magalhães.*"[117] A defesa de Vargas pronunciada por Cavalcanti é confrontada na caricatura logo abaixo de sua fala. No desenho, Vargas, empunhando a bandeira do Imperialismo, corre dos tiros de três carabinas e puxa para junto de si um membro do movimento integralista. No canto inferior esquerdo, um homem – que representa o povo – aponta para essa cena e reforça a crítica do argumento de Cavalcanti, com a seguinte fala: "O Povo – Quem chama isso de <<encarnar os anseios e a vontade do povo>> nunca viu um MONSTRO ODIADO..." As datas nas carabinas representam três momentos de levantes armados contra Vargas: 1°) 1931, em outubro desse ano, no Recife, o 21° Batalhão de Caçadores insurgiu-se e, apesar do apoio popular, foi duramente reprimido. Derrotados, esse batalhão foi transferido para Natal; 2°) 1932, refere-se ao levante do estado de São Paulo contra o Governo Federal; 3°) 1935, refere-se à Insurreição Comunista, cuja lembrança ainda estava viva para os comunistas no período de publicação dessa caricatura.

A caricatura questiona como Vargas poderia representar a vontade do povo se reprimiu esses três levantes contra o seu governo. Essa é a contradição que a personagem que representa o povo evoca: somente acredita no pronunciamento de Lima Cavalcanti quem não conhece realmente o "Monstro Odiado", ou seja, Vargas. A alcunha de "monstro" foi utilizada pelos editores d'*A Classe Operária* em seus textos críticos ao controverso político brasileiro. Nesse mesmo número, foi publicada uma nota de um pequeno protesto dirigido ao líder do Partido Liberal: "ACUANDO O MONSTRO. Os syndicatos bahianos estragaram a digestão do dictador Getulio Vargas."

---

[117] Jornalista, **Carlos de Lima Cavalcanti**, nasceu em Pernambuco, em 1892. Apoiou Getúlio Vargas em 1930 e foi nomeado interventor federal de do Estado de Pernambuco. Enfrentou um levante armado em outubro de 1931, protagonizado pelo 21° Batalhão de Caçadores, situado na capital pernambucana. Enviou seis mil homens para auxiliar o governo federal contra os combatentes paulistas de 1932, e, dois anos depois, em 1934, indicou **Agamenon Magalhães**, seu aliado, para assumir o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Para maiores detalhes de sua biografia, consultar: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/carlos_de_lima_cavalcanti. Acesso em 10 fev. 2015.

Destaca-se também a estratégia de leitura da caricatura. Em primeiro lugar, o leitor da publicação comunista brasileira teria primeiramente acesso à declaração elogiosa de Lima Cavalcanti, depois, visualizaria a caricatura de Vargas em fuga, e, por fim, leria a afirmação do personagem do povo, cujo alerta afirma que somente quem não conhece realmente o presidente acreditaria que este encarnaria a vontade dos brasileiros, pois, na realidade, ele não passaria de um monstro. Com essa tática, a legenda do povo, somada à caricatura, anula o enunciado elogioso abaixo do título. O traço do desenho é bem simples, o que destoa de outras imagens caricaturais, que, como já citado, valorizam principalmente a fisionomia da personagem criticada. Vargas foi retratado por duas características bastante utilizadas por outros caricaturistas: o seu nariz avantajado e o seu topete.[118]

Ao intitular a ilustração como "6 annos de dictadura, 3 revoluções", os editores comunistas d'*A Classe Operária* enalteceram os levantes contra Vargas e os interpretaram como sublevações da insatisfação popular contra o governo brasileiro da década de 1930. Contudo, essa interpretação foi bastante simplista.

No caso da Guerra Cívica de São Paulo, os líderes paulistas exigiram o fim do governo provisório em voga desde 1930 e a normatização da legislação e do processo eleitoral. Ou seja, foi uma revolta legalista e que não teve como objetivo alterar a ordem social, característica que a qualificaria como um processo revolucionário de fato. Já os acontecimentos de 1931 e 1935 possuem um significado distinto e uma ligação entre si. Em 29 de outubro de 1931, no primeiro aniversário do governo de Vargas, em Recife, oficiais inferiores e soldados da tropa federal do 21° Batalhão de Caçadores, com apoio popular, levantaram-se em armas. A revolta durou 12 horas e os insurgentes foram derrotados. Os sublevados desejavam a deposição de Lima Cavalcanti do governo de Pernambuco e questionaram os rumos da política varguista. Alguns participantes dessa ação estiveram presentes na Insurreição Comunista de 1935 (ver Capítulo 3), como enfatizado por Marly de Almeida Gomes Vianna (2011: 292):

> Recife era o centro político do Nordeste e fora palco de várias conspirações e rebeliões militares, estando ainda viva na lembrança de todos a revolta, em 1931, do 21° BC, sediado em Recife na época e que motivara sua transferência para Natal, trocado com o 29° de lá, o que não impediu que as conspirações continuassem.

Seria errôneo acusar os comunistas brasileiros de não terem conhecimento das distinções entre esses três acontecimentos opositores ao regime varguista. Fragilizados após a

[118] Essa afirmação é endossada pelas caricaturas de Vargas publicadas na revista de humor *Careta*. Para maiores detalhes, consultar: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_anos.htm.

derrota de 1935, o PCB lutava com todas as forças de que dispunha para combater Vargas. A repressão foi intensa em 1936, com prisões e execuções de diversos comunistas. A caricatura "6 annos de dictadura..." é um exemplo de como essa oposição também se enveredou para o campo da propaganda. O essencial para os comunistas brasileiros foi defender uma unidade de toda a oposição que Vargas enfrentava e colocá-la ao lado do povo, que estaria sendo enganado pelo governo e não enxergava a sua verdadeira face.

O *El Machete* também publicou diversas caricaturas ofensivas aos seus adversários internos, como Plutarco Elias Calles e outras personalidades do campo político mexicano.

Ademais, além das charges e caricaturas, uma terceira categoria de desenhos também foi publicada nas páginas dos dois periódicos, as ilustrações militantes.

4.1.3. Ilustrações militantes

O *El Machete*, em grande medida, além de desenhos de críticas sociais e de ataques aos inimigos: publicou também imagens de exaltação ao operariado, à Revolução Russa e aos seus principais dirigentes, as quais denominamos *ilustrações comunistas*. No caso d'*A Classe Operária*, encontramos poucas imagens desse material.

Ao inverso das técnicas das charges e caricaturas, o traço das ilustrações militantes era limpo, definido, e as personagens retratadas não apresentavam nenhuma distorção anatômica nem foram desenhadas em situações vexatórias ou humilhantes. Pelo contrário, valorizaram-se, nessas imagens, situações de união, luta, disciplina, entre outros, sempre com a orientação da ideologia comunista ou do papel vanguardista da União Soviética.

A ilustração a seguir, proveniente d'*A Classe Operária*, foi publicada no número de estreia de sua segunda fase, em 1° de maio de 1928.

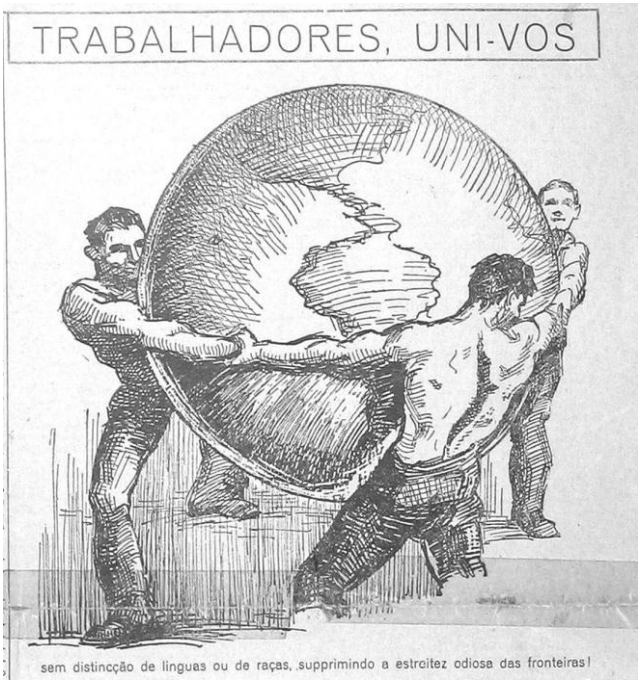


Fig. 43. "TRABALHADORES, UNI-VOS" (S/A).
***A Classe Operária*, n°01, 01/05/1928, p.01.**
Fonte: AEL

No desenho, temos a imagem de três homens abraçando o globo terrestre, com o enunciado da sentença do Manifesto do Partido Comunista, "TRABALHADORES, UNI-VOS", seguida de uma legenda de defesa do Internacionalismo: "Sem distinção de línguas ou de raças, supprimindo a estreiteza odiosa das fronteiras!" (*A Classe Operária*, "TRABALHADORES, UNI-VOS", n° 01. 01/05/1928, p.01).

Rodrigo Rodrigues Tavares (2009: 32-33) analisou essa ilustração anônima e destacou a mensagem de unidade, passada tanto pela imagem, quanto pelo enunciado: "Para reforçar a união, o dorso dos trabalhadores, justamente a parte em contato com o mundo, está despido para que nada se enterponha entre eles e o mundo." A posição geográfica do país no desenho também chamou a atenção do autor, para o qual "A ênfase no Brasil também ocorre pois é a parte do mundo que recebe a luz, não contém hachuras, e é o trabalhador em contato com a América do Sul, que está em primeiro plano".

Sem identificação, podemos levantar a hipótese de que o autor do desenho era brasileiro, em virtude do destaque dado ao país tupiniquim, aspecto investigado na análise de Tavares. A ilustração dialogou perfeitamente com o conceito do Internacionalismo Comunista da IC, sendo que a crítica às fronteiras nacionais presente na legenda reforçou essa mensagem. Contudo, apesar dos elementos visuais, que poderíamos afirmar que são

atemporais, o desenho acima foi publicado em um contexto que também tem de estar presente em sua decodificação.

Como já apresentado (ver Capítulo 1), esse número d'*A Classe Operária* apresentou uma retomada das atividades do partido e do periódico, depois de três anos de publicação interrompida. O substantivo "união" foi citado em diversos artigos desse número, tanto no editorial, quanto nos textos. A união evocada pelos trabalhadores no desenho também representou o momento do PCB no final do decênio de 1920. O partido necessitava da união dos trabalhadores brasileiros para manter-se ativo e atuante no campo político e ideológico. Também foi nesse momento que a aliança com o BOC intensificou-se e, novamente, a vitória só seria possível se houvesse uma coalizão entre todos os trabalhadores do país. Essa união deveria ser efetuada imediatamente.

Outras ilustrações dialogaram entre si nas duas publicações comunistas.

A seguir (figs. 44 e 45), visualizamos dois desenhos que apresentam a mesma mensagem: o povo organizado, em protesto nas ruas. Na imagem d'*A Classe Operária*, a multidão marcha com um cartaz com os dizeres: "Pão, Terra e Liberdade". Ao lado da ilustração, foi publicado um trecho de uma carta de Prestes, com a defesa da implementação de um "Governo Popular Nacional Revolucionário", que seria uma etapa para a consolidação do Poder Soviético no Brasil. Cabe ressaltar que essa ilustração foi publicada meses antes da Insurreição Comunista de 1935.



Figs. 44 e 45: Ilustrações superiores (S/A) da *A Classe Operária,* n° 184, 20/06/1935, p. 01 e do *El Machete*, n° 224, 01/05/1932, p. 01.
Fonte: AEL/CEMOS

O desenho publicado no *El Machete* apresenta a mesma linha narrativa, no qual, visualizamos trabalhadores em marcha, na direção de uma barreira policial, que protege um burguês ao fundo. As frases das placas empunhadas pelos manifestantes apresentam as máximas do imaginário comunista, tais como: "Defendeo la Unión Soviética", "Viva el Partido Comunista", "Abajo el gobierno fachista", entre outros. Esse desenho foi publicado no 1° de maio de 1932, quando o PCM estava em seu período de ilegalidade na sociedade mexicana. As duas ilustrações, além de apresentarem o mesmo significado, foram publicadas no espaço superior de seus respectivos números, diagramação que conferem às imagens sua importância em termos de direcionamento da leitura.

Se esse material foi escasso nas páginas d'*A Classe Operária*, o mesmo não foi constatado no *El Machete*. O órgão central do PCM publicou uma grande quantidade e variedade de ilustrações militantes que, além de abordar temas recorrentes do discurso comunista, como o 1° de maio, a Revolução Russa e a defesa da União Soviética, ainda tiveram a inspiração de um tema da história mexicana: a Revolução de 1910.



Figs. 46 e 47: Ilustrações sobre a Revolução Mexicana de Luis Arenal e Cardenio.
***El Machete*, n° 366, de 20/11/1935, p. 01.**
***El Machete*, n° 508, de 22/01/1938, p. 05.**
Fonte: HNDM

As duas imagens acima são exemplos de como a Revolução Mexicana inspirou a criação de ilustrações militantes.[119] A primeira é uma xilogravura[120] de Luis Arenal e foi publicada no número comemorativo do 25º aniversário da Revolução Mexicana. Em seu trabalho, Arenal ilustrou a luta de três camponeses revolucionários contra a trindade adversária da sociedade mexicana: o callismo, o clericalismo e o Imperialismo. Destaca-se na imagem a figura de Calles, ajoelhado e com a face pisoteada por um revolucionário. No canto inferior direito, temos a imagem de um clérigo, que é associado, também, ao Imperialismo. A questão da reforma agrária está igualmente presente. Enquanto Calles segura em sua mão um papel escrito "nuevos latifundios", os camponeses, vitoriosos, exibem uma bandeira com o rosto de Emiliano Zapata e o seu famoso lema de luta, "Tierra y Libertad". Apesar do retrato de Calles, não categorizamos essa imagem como uma caricatura, pois a mesma não apresenta nenhuma deformidade dos personagens retratados e nem uma situação de humor. A mensagem é clara: a Revolução Mexicana não acabou e continuará combatendo os inimigos do México.

Na ilustração ao lado, Cardenio desenhou três homens – um soldado, um operário e um camponês – que estavam no "camino de la revolución" e foram barrados pelas forças reacionárias, representadas por cachorros selvagens, identificados como o fascismo, o oportunismo, a imprensa reacionária e o parasitismo. Essa ilustração representa o período da aliança das Frentes Populares e, apesar da mudança dos adversários, em comparação com a xilogravura de Arenal, temos um discurso visual semelhante: a Revolução de 1910 não chegou ao seu estágio final e deverá continuar confrontrando os inimigos da sociedade mexicana.

Uma mudança significativa está na representação dos personagens revolucionários. Se antes eles eram identificados apenas como camponeses, no ano de 1938 os operários e os soldados também se tornaram representantes da Revolução Mexicana.[121] Destaca-se na ilustração a feição serena dos revolucionários: apesar da ferocidade dos cachorros reacionários, o soldado, o operário e o camponês foram desenhados com fisionomia serena e

---

[119] A biografia do autor da primeira imagem (fig. 45), **Luis Arenal Bastar**, ou LAB, já foi apresentada no capítulo 2. Sobre o autor da imagem ao lado (fig. 46), **Cardenio**, não conseguimos obter dados para traçar sua biografia.

[120] As xilogravuras são desenhos entalhados em um pedaço de madeira, deixando em relevo a parte no qual se pretende reproduzir. Pinta-se a parte do relevo do desenho e, no terceiro passo, utiliza-se uma prensa para pressionar o pedaço de madeira e fixar o desenho no papel ou em outras plataformas. Cabe destacar que o desenho no papel sai ao contrário da imagem esculpida no pedaço de madeira.

[121] A presença dos soldados pode ser lida de forma simbólica, após a reforma do PRN para PRM no qual o Gen. Cardenas criou diversas seçoes de divisões do novo partido. Uma delas foi composta por militares/soldados.

parecem praticamente ignorar os animais. A autoconfiança deles remete ao discurso de um suposto caminho inexorável da Revolução Mexicana.

O retrato de grandes personagens e lideranças também foi outro elemento importante na produção de ilustrações militantes. Em 1934, no 17° aniversário da Revolução Russa, o *El Machete* publicou um número especial que, com detalhes de tintas vermelhas em seu logotipo e na manchete de capa, retomou uma tradição antiga do periódico. Em suas memórias, Siqueiros (1977: 218) recordou que, na elaboração do *El Machete*, "Lo imprimíamos a dos tintas, rojo y negro, lo que nos permitía darle una gran vivacidad de color".

A seguir, apresentamos a imagem desse número especial. O efeito visual obtido nessa edição foi positivo. Como podemos conferir na imagem, dificilmente esse exemplar passou despercebido entre os operários e camponeses mexicanos. A cor vermelha destacou o principal objetivo dessa edição: exaltar os feitos da Revolução Russa. Na caricatura, outro trabalho de Luis Arenal, temos a imagem de Lenin, na liderança de um exército revolucionário, armado e empunhando a bandeira vermelha com os dizeres "Revolución Mundial". No plano de fundo, temos o desenho de seis fábricas, representadas pelos seguintes países: Estados Unidos, Cuba, Polônia, México, União Soviética e China. Os nomes desses dois últimos países estão em vermelho e com as bandeiras soviéticas flamulando acima, cuja mensagem é: a União Soviética e a China tinham realizado a sua Revolução Comunista, que se espalharia pelos outros países.



Figs. 48 e 49: Primeira página do *El Machete*, n° 307, de 30/10/1934, ao lado, em primeiro plano, a caricatura de LAB.
Fonte: HNDM

Por meio da representação dos países como fábricas, novamente, temos o discurso do operariado industrial significado como o "motor" desse processo revolucionário. Na parte inferior da imagem, Lenin, liderando, à frente dos demais, pisoteia a igreja, os bancos, os burgueses e a bandeira da Alemanha Nazista, em uma alusão à suposta iminente derrota dos inimigos da Revolução Soviética. A disposição da fisionomia do antigo líder dos bolcheviques foi desenhada de perfil, o que lhe conferiu um sentido de liderança dos revolucionários. Conforme mencionado anteriormente, essa posição corporal foi bastante utilizada no desenho dos traços de outros líderes comunistas.



Fig. 50: "Las Cuatro columnas Ideológicas del Socialismo" (S/A).
***El Machete*, n° 465, 18/03/1937, p.01.**
Fonte: CEMOS

Na ilustração acima temos um exemplo dessa técnica. Marx, Engels, Lenin e Stalin foram retratados de perfil, sendo que sua posição enfileirada, que vai do autor do *Manifesto do Partido Comunista* até o líder georgiano, enfatizou uma escala evolutiva do Socialismo, com Marx e Engels como seus criadores, e Lenin e Stalin os responsáveis por colocarem-no em prática - o primeiro, por liderar a Revolução Russa; e o segundo, por consolidá-la em sua estratégia do "socialismo num só país". A face de Stalin em primeiro plano coloca-o como o definidor do Socialismo, além de ser a única "coluna ideológica" ainda viva à época.

As ilustrações militantes não foram exclusividades da imprensa comunista. Essas imagens gráficas também foram utilizadas na imprensa anarquista, contudo, foi nos jornais dos PCs ou de seus simpatizantes que elas foram adotadas em larga escala.

As charges, as caricaturas e as ilustrações militantes definiram visualmente - por meio do humor, crítica e exaltação - a interpretação social que esses periódicos partidários procuraram transmitir aos seus leitores. A principal característica dessas imagens de combate era apresentar uma mensagem clara em seus desenhos. Tanto os líderes quanto as personagens criticadas deveriam ser facilmente identificados pelo leitor, sendo que o recurso verbal das legendas e dos textos foi essencial na complementação da decodificação dos desenhos.

Além das charges, das caricaturas e das ilustrações militantes, outro produto gráfico também foi imprenso nas páginas do *El Machete* e d'*A Classe Operária*: as Histórias em Quadrinhos (HQs).

4.2. Histórias em Quadrinhos (HQs)

As narrativas gráficas ou HQs, apesar da sua disseminação nos meios de comunicação, ainda são um produto cultural que encontram resistências enquanto *tema* ou *fontes* nas pesquisas históricas. Segundo Márcio dos Santos Rodrigues (2011: 18), esse rechaço talvez "esteja associado a uma trajetória histórica marcada pelo preconceito, que as relegou (as HQs), por diversas ocasiões, à condição de passatempo trivial, sem maiores ambições". Todavia, apesar dessa concepção pré-concebida apontada pelo autor, as HQs são um produto visual no qual imagem e texto se fundem para criar uma narrativa que vai do entretenimento ao humor e também às críticas sociais. Na definição de Camilo Riani (2002: 34), HQ é uma "história desenhada/desenvolvida em distintas etapas/quadros seqüenciais, com roteiro e trama". Apesar do intenso uso de balões de diálogos, quadros narrativos e onomatopeias, a estrutura narrativa de uma HQ pode ser constituída apenas pelo uso das imagens.

É consenso entre os pesquisadores do tema que as HQs modernas foram criadas em 1895, por Richard Felton Outcault, com o lançamento da tira "Yellow Kid", considerado o primeiro personagem fixo de quadrinhos. As "tirinhas" em quadrinhos são histórias curtas, de três ou quatro quadros sequenciais que começaram a ser publicados em periódicos a partir do Séc. XIX. Atualmente, praticamente todo jornal possui uma seção de tiras de quadrinhos, que normalmente são publicados nas páginas de variedades ou entretenimento. Márcio dos Santos Rodrigues (2011: 45) definiu as HQs como um gênero intermidiático, pois, a mesma dialogaria com diversos gêneros discursivos e, por essa razão, não possuiria uma metodologia definitiva de investigação. Contudo, apesar dessa ressalva, o autor conseguiu traçar um quadro metodológico de análise das HQs ao destacar a "ênfase especial ao aspecto narrativo

dos quadrinhos, considerando que eles se estruturam por meio de uma narrativa que articula imagens justapostas, acrescidas de elementos verbais ou não (ibidem: 46)".

Dito isto, analisaremos duas séries de tiras que foram publicadas no *El Machete* e n'*A Classe Operária*. Algumas delas dialogaram com caricaturas e ilustrações militantes.

4.2.1. Muñecon y Muñequito

As tiras do *El Machete* foram publicadas nos números lançados ao longo do ano de 1937. A primeira que analisaremos provém de uma série intitulada "Muñecon y Muñequito"[122]. O anúncio dessa série foi publicado no n° 452 do *El Machete*, de 02 de janeiro de 1937. Pela propaganda, o principal objetivo dessas tiras foi apresentar ao leitor "una historieta que lo hará reír de sábado a sábado".



Fig. 51: "MUÑECON Y MUÑEQUITO"(S/A)
***El Machete*, n° 452, 02/01/1937, p.04.**
Fonte: HNDM

A identificação das caricaturas é obvia: Muñecon seria Diego Rivera de mãos dadas com Muñequito, que seria Trotski.

A tira de estreia, "No es el 'León' como lo Pintan", foi publicada no n° 453 do *El Machete*, de 09 de janeiro de 1937:

[122] Muñecon é um substantivo masculino que designa pessoas que possuem pouco caráter ou força de vontade, e que são facilmente manipuladas, como um boneco de ventríloquo.



Fig. 52: "No es el 'León' como lo Pintan" (S/A)
***El Machete*, n° 453, 02/01/1937, p.04.**
Fonte: HNDM

No quadro 1, Muñequito (Trotski) está em pose, montado em um cavalo e apresenta a seguinte orientação ao pintor: "No te olvides de pintarme una piocha – barba incipiente – como la de Lenin...". No quadro 2, outra orientação: "Y con esa arrogancia de Stalin!". No quadro 3, o pintor se revela, pois Muñecon (Rivera), entusiasmado, segura os ombros de Muñequito e diz: "Mas quedado magnifico! Pareces un revolucionário." No quadro 4, três ajudantes estão carregando um quadro em direção ao "Club de los ególatras" e no desfecho, no quadro 5, o resultado final é de Muñequito, montado em um cavalo robusto, com armas em punhos e fardado. Muñequito contempla o quadro, ao lado de uma personagem incrédula, e exclama: "Esse soy **Yo**!".

A narrativa da tira critica a imagem revolucionária construída ao redor de Trotski, que gostaria de ser identificado como Lenin – a piocha – e, ao mesmo tempo, ter a arrogância de Stalin. Na tira, a construção de sua imagem ficou ao cargo de Rivera, cujo atelier de trabalho seria um "clube de ególatra" – uma crítica realizada pelos comunistas mexicanos acerca de sua personalidade. O quadro final demonstra que a imagem de Trotski, como um revolucionário, um líder, não poderia estar mais distante da realidade, e o título da tira enalteceu essa tese: no enunciado "No es el 'León' como lo pintam", o termo León utilizado com aspas questiona o fato de Trotsky, apesar de ter efetivamente este nome, não possuir as qualidades nem ser reconhecido como um líder tal qual o imaginário sobre o leão, tido popularmente como o rei das florestas.

A crítica irônica direcionada Trotski e a Rivera continuou na segunda tira, publicada no n° 454, de 16 de janeiro de 1937, intitulada "El Hombre de las Ideas".



Fig. 53: "El Hombre de las Ideas" (S/A)
***El Machete*, n° 454, 16/01/1937, p.04.**
Fonte: HNDM

No quadro 1, Muñequito expõem um pensamento de ação para o seu amigo: "Oye, Muñecon. Tengo una idea. Algo formidable!". Na sequencia, Muñecon senta e ouve atenciosamente o plano do seu amigo: "Conmover al mundo ¡Fijate!". No quadro 3, expõe: "Con los elementos que tenemos ahora, con los de clase media, con los dorados, con Morones y Calles, con Franco, Mola y Cabanellas, con los curas y otros revolucionarios como estos." A conclusão desse plano, para o espanto de Muñecon, foi revelado no quadro 4: "Podemos fundar la INTERNACIONAL N° 7.897.999!". Na sequencia, uma mulher, provavelmente empregada de Rivera, atende o telefone e responde: "¡PRONTO! Aqui em Coyoacan ¡PRONTO!PRONTO!" A tira se encerrou com uma ambulância, *La Castañeda*, *Reformadora de tornillos*,[123] no qual o motorista informou que atendeu uma chamada: "Un loco en Coyoacán. Pues, no pude ser más que en casa de Muñecon". Um balão de diálogo é direcionado para o interior da ambulância e indica a fala do seu paciente, Muñequito: "Lenin lo decia!".

A IV Internacional, sob a liderança de Trotski, foi efetivamente fundada em 03 de setembro de 1938, em Paris, e contou com a presença de 30 delegados, representando 12 países. O brasileiro Mário Pedrosa estava entre eles. Contudo, a tira, de 1937, já ironizou esse plano de Trotski em fundar uma nova Internacional, em oposição à IC soviética. A legitimidade de uma nova agremiação de união do operariado em nível global foi criticada no quadro 3, quando Muñequito citou para Muñecon os seus aliados: a classe média, os dorados, Calles, Franco, entre outros. Ou seja, todos adversários dos comunistas e do operariado. A própria sanidade mental do antigo revolucionário bolchevique foi colocada em questão, quando, no final da tira, Muñequito é levado por uma ambulância, citando Lenin e totalmente ignorante de sua situação atual.

[123] Tornillos são parafusos, e sua falta indica, é uma forma popular de indicar que uma pessoa possui pouco juízo ou se comporta de forma imprudente. Reformadora de tornillos é uma expressão que indica "colocar os parafusos no lugar".

A terceira tira foi publicada no n° 458, em 16 de fevereiro de 1937. Cabe destacar que as duas anteriores saíram em dois números sequenciais, 453 e 454.[124]



Fig. 54: "EL MAL DE TROTZKY" (S/A)
***El Machete*, n° 458, 16/02/1937, p.04.**
Fonte: HNDM

No título da tira, temos a presença de um ato falho. Para manter a linha narrativa proposta, o correto seria "EL MAL DE MUÑEQUITO" e não "EL MAL DE TROTZKY", lapso que identifica o revolucionário exilado alvo da crítica em questão. A tira inicia com um homem barbudo correndo, com a seguinte indagação: "Para que me querrán en casa de Muñecon tan urgentemente?". Na sequência, esse personagem, identificado apenas como Bracaman, encontra-se com Muñecon, que lhe esclarece o problema: "Oigame Bracaman: tengo um huesped que sufre una influencia extraña – imaginese que se pasó una semana encerrado en el mingitorio." No quadro 3, diante da dúvida de Bracaman, Muñecon vai até um quarto, coloca a cabeça debaixo da cama e diz: "Y ahora hace três días que no sale debajo de la cama." A história termina com Trotski sentado em uma cadeira, de pijama, tremendo de medo e com a revelação de Bracaman para um Muñecon desmaiado: "Su huesped lo que tien es mas miedo que una cucaracha!"

Essa tira foi publicada no segundo mês do exílio de Trotski no México. Em 23 de janeiro de 1937, período em que se iniciou em Moscou o segundo processo de expurgos comandados por Stalin. Foi a partir desse período que Trotski começou a sua campanha contra o líder soviético e em prol de sua inocência diante de acusações de ser traidor, espião nazista, entre outros, promovidas pela IC. Nas análises dos comunistas mexicanos, essas manifestações do exilado não passavam de uma atitude desesperada e o mesmo estaria com medo da justiça revolucionária de Moscou. Essa tese foi defendida em diversos artigos que foram publicados nos números de fevereiro de 1937. Para o PCM, o medo de Trotski não

[124] Esse intervalo entre as duas primeiras e a terceira tira que pode ter sido motivado por diversos fatores, tanto internos, como o aproveitamento de espaço das páginas do periódico comunista, quanto externos, como um possível atraso de entrega do trabalho pelo ilustrador, que talvez quebrou uma sequência de publicação desse material visual.

passava do arrependimento do culpado, e esse sentimento covarde era o seu "mal", explorado ironicamente na tira.

A última tira dessa série foi publicada no n° 462, de 20 de fevereiro de 1937.



Fig. 55: "Mejorando la 'Técnica Mexicana'" (S/A)
***El Machete*, n° 462, 20/02/1937, p.04.**
Fonte: HNDM

Com o título "Mejorando la 'Técnica Mexicana'", o quadro inicial da tira mostra uma reunião, na qual Muñequito, empolgado, discursa para Muñecon e quatro mulheres semelhantes com cinturões de balas cruzadas no corpo, e diz: "Oye, Muñecon: como la técnica mexicana es muy mala, he inventado un aparato para trasmitir mis discursos. Invita a mis admiradores. Voy a probar el aparato." Admirado, Muñecon exclama: "Es un gênio!". No quadro 2, com todos os presentes – as quatro mulheres, mais um homem branco, um negro e Muñecon –, Muñequito usa ensandecidamente sua máquina. As onomatopeias do segundo quadro, somadas com a expressão da personagem, já demonstram que algo não está saindo como esperado. No próximo quadro há uma explosão e a tira termina sua história no quarto quadro, com os dois personagens pendurados em uma fiação elétrica e com as roupas rasgadas. No quadro, Muñequito diz para um Muñecon nervoso: "No cabe duda: tengo que modificar la técnica mexicana!".

Tendo em conta que as transmissões radiofônicas foram as principais armas utilizadas por Trotski em seu exílio no México, a tira ironizou essa tática utilizada pelo ex-líder do exército vermelho e sua tentativa de continuar a luta política contra a União Soviética Stalinista.

As tiras "Muñecon y Muñequito" foram publicados em números do *El Machete* de janeiro e fevereiro de 1937, ou seja, nos meses iniciais do exílio de Trotski no país mexicano. Todavia, apesar de serem apenas quatro tiras, elas demonstram o espaço que Trotski ganhou ostensivamente nas páginas da publicação mexicana.

Somando os textos e as caricaturas, talvez o antigo líder do Exército Vermelho tenha sido a personalidade mais atacada pelo *El Machete*. Com humor, tanto nos traços quanto nos

textos, as tiras de "Muñecon y Muñequito" desqualificaram todos os atributos positivos que Trotski poderia ter: sua coragem, inteligência e carisma foram ironizados, bem como o seu principal aliado, Diego Rivera. Além disso, o traço de ambos no desenho assemelha-se à proposta de caricaturas, já analisadas anteriormente.

4.2.2. História D"A CLASSE OPERÁRIA"

Em 1945, o Brasil retomou o caminho da democracia. Fatores de ordem externa, como o final da Segunda Grande Guerra e, de ordem interna, como a crescente pressão da sociedade brasileira por mudanças, levaram Getúlio Vargas a decretar o fim do Estado Novo e restaurar a ordem democrática. Nesse cenário, presos políticos foram anistiados, entre eles, Luiz Carlos Prestes, que, como mencionado anteriormente, estava encarcerado desde 1936. O PCB foi legalizado e isso permitiu que intelectuais e artistas engrossassem as suas fileiras. Assim, foi nesse período que Graciliano Ramos aderiu ao PCB e Jorge Amado, então deputado federal, tornou pública a sua ligação com o Partido, vínculo que possuía desde a década anterior. Após a sua libertação, Prestes chegou à liderança do PCB ao ser alçado ao cargo de Secretário-Geral do Partido, e Astrojildo Pereira, que havia deixado o partido em consequência do obreirismo (ver Capítulo 2), também retornou. Um ano depois, em 1946, *A Classe Operária* voltou a ser publicada e inaugurou a sua terceira fase.

O entusiasmo com a volta da publicação do órgão central foi imensa por parte dos integrantes do PCB, a ponto de, no número de estreia, de 09 de março de 1946, serem publicados três artigos sobre a trajetória do antigo periódico comunista. A saber: "ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA d'a classe operária", de Rui Facó[125], "A nossa CLASSE OPERÁRIA", de Luiz Carlos Prestes e "A 'CLASSE' ERA PÃO E LUZ", de Jorge Amado. Escritos com uma linguagem eloquente, tais textos se utilizaram dessa estratégia discursiva para ganhar o apoio e a simpatia dos leitores do periódico e reforçar o seu ingresso nas fileiras do partido, que, naquele período, estava passando por uma reestruturação.

Além desses artigos, também foi publicada uma tira em quadrinhos, denominada "História D 'A CLASSE OPERÁRIA'".

[125] Escritor e jornalista, **Rui Facó** foi um nome importante do comunismo brasileiro. Nascido no Ceará, em 1913, foi autor de diversos livros, que discutem a questão social no Brasil, com destaque para "Cangaceiros e Fanáticos: gênese e luta", obra clássica que foi publicada em 1963, após a sua morte. Para mais detalhes de sua vida, consultar o site www.ruifaco.com.br.



Figs. 56, 57 e 58. As três tiras da série "História D'A CLASSE OPERÁRIA'", publicada nas nos nºs. 01, 02 e 03 da *Classe Operária*, respectivamente em 09, 16 e 23 de março de 1946
Fonte: CEDEM

A série de tiras "História D'A CLASSE OPERÁRIA'" foi publicada nos três primeiros números de 1946, respectivamente nos dias 09, 16 e 23 de março, e foram ilustradas por Percy Deane[126]. Em dez quadros, o autor resumiu cerca de 20 anos de história do órgão central do PCB.

No primeiro arco gráfico (fig. 56), estão os anos iniciais do periódico. No quadro inaugural dessa série, encontra-se o desenho de quatro homens, cuja legenda descreve a

[126] Infelizmente, não foi obtivemos nenhuma informação sobre **Percy Deane**.

decisão de se fundar *A Classe Operária*, a partir da Conferência dos Delegados do PCB, realizada em 22 de fevereiro de 1922 (ver Capítulo 1). No segundo quadro, que traz um homem lendo o periódico comunista, a legenda descreve o lançamento do número de estreia e algumas características do seu conteúdo. Já na sequência, nota-se a sombra de um soldado empunhando um fuzil e o visual obscuro do desenho conecta-se com o clima sombrio da legenda, que descreve o fechamento *d'A Classe Operária* em 1925. No último quadro dessa primeira sequência, há um jovem, uma mulher e um homem de meia idade lendo *A Classe Operária.* No desenho, o periódico está pendurado, provavelmente, no que seria uma banca de jornal. Essa legenda merece destaque, pois, ao tratar de um breve período de legalidade do órgão central do PCB, apresenta alguns locais onde o periódico era lido e também alguns dados de sua tiragem: "Tiragem prevista: – de 2 a 4.000 exemplares. No número 11 tem atingido 9.500 exemplares. Os primeiros números do jornal saíram em plena legalidade. Era lido em toda a parte: – nos bondes, nos trens, nas bancas da Cantareira e vendido na Galeria Cruzeiro."

O segundo arco gráfico (fig. 57) cobriu a fase seguinte d'*A Classe Operária*, iniciada em 1928, até a sua distribuição clandestina, depois do Golpe de Getúlio Vargas, de 1930. O primeiro quadro dessa sequência apresenta dois homens conversando sorrateiramente, e um deles está segurando um jornal com o título "07 de novembro". Pela legenda, somos informados de que esse foi um número clandestino e especial, lançado em comemoração ao 8º aniversário da Revolução Russa, em novembro de 1925. No segundo quadro, há uma caricatura de Luiz Carlos Prestes, com barba, referente ao seu período de exílio na Bolívia. A legenda traz a informação do relançamento d'*A Classe Operária*, em maio de 1928, e da publicação do manifesto de Prestes. Esse documento foi publicado na 92ª edição, de 03 de julho de 1930, e suscitou intensos debates entre os comunistas do PCB. Cabe ressaltar, que os comunistas brasileiros foram bastante reticentes ao ingresso de Prestes ao Partido e até mesmo chegaram a ir contra a IC, que os orientava a aceitar o antigo líder tenentista em suas fileiras. O 3° e último quadro é dedicado às atividades clandestinas de circulação d'*A Classe Operária* depois de 1930.

Deane caracterizou esse período com o desenho de um trabalhador negro, ao lado de uma caixa com a seguinte advertência: "CUIDADO! NÃO APROXIME DO FOGO!". A legenda também contém informações interessantes sobre a logística dessas estratégias em manter a circulação do periódico:

> A distribuição da A CLASSE era uma das mais perigosas tarefas dos militantes comunistas. A CLASSE era encaixotada juntamente com outros caixotes de maçãs, laranjas, bananas, etc., e enviada para um camarada no Mercado Municipal, de onde saía para diversos pontos do país. Os caixotes destinados aos Estados eram embarcados a cargo de companheiros da Marinha Mercante. Havia sobre eles inscrições assim: "Cuidado, Não aproxime do fogo". Essas inscrições eram senhas.

No terceiro e último arco gráfico dessa série (fig. 58), no primeiro quadro, consta outra caricatura de Prestes, dessa vez sem barba, e a legenda rapidamente informa do seu ingresso ao PCB e do apoio do partido à ANL. O segundo quadro apresenta o desenho de uma gráfica clandestina, no meio do mato em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, e a legenda descreve as dificuldades d'*A Classe Operária* em se manter em circulação, tendo que recorrer a oficinas clandestinas, que muitas vezes eram invadidas por policiais. Para finalizar, no terceiro e último quado, temos o desenho de três rostos, dois homens e uma mulher, à frente de uma bandeira escrita "Abaixo o fascismo", trazendo o seguinte texto em sua legenda:

> Circulou até 1940, março. A guerra contra o nazi-fascismo exigia uma luta mais ampla do que através de um jornal ilegal. Quando a A CLASSE foi apreendida, em 1940, no Engenho do Mato, a polícia levou todo o material e prendeu três companheiros, que foram barbaramente espancados na Central, onde já estavam detidos e sendo torturados outros militantes.

Além do relato sobre a repressão policial, destaca-se a afirmação de que "A guerra contra o nazi-fascimo exigia uma luta mais ampla do que através de um jornal ilegal". Ao ler atentamente essa frase, indaga-se se houve uma intenção de Deane em explicar esse interlúdio de seis anos de interrupção d'*A Classe Operária*, de 1940 a 1946, ao afirmar que o temor de uma expansão nazi-fascista e a iminência da Segunda Grande Guerra permitiram que se considerasse que o principal inimigo a ser combatido pelo PCB fosse de ordem externa e não interna. Por isso, nesse período, *A Classe Operária* teria perdido a sua principal função, que seria a de orientar a eclosão de uma Revolução Comunista no país. Outro ponto de destaque foi do protagonismo de Prestes na história do partido e do seu órgão central, como destacado nas tiras. Para Marly de Almeida Gomes Vianna (2011), após 1945 construiu-se um discurso positivo e supervalorizado da participação do papel de Prestes nos anos anteriores de luta do PCB, como uma tática de fortalecer e promover a sua imagem para os militantes comunistas brasileiros.

A publicação dessa série de tiras gráficas demonstra uma mudança no periódico comunista, que, nesse período, não publicou apenas textos, mas também desenhos e fotografias, o que uniu texto e imagem em um discurso visual comunista. Outro fator

importante para essa pluralidade de material publicado nas páginas d'*A Classe Operária* foi uma ressonância do "realismo socialista". Segundo Alberto Gawryszewski (2010: 9), o impacto no Brasil dessa diretriz estética deve ser relativizado: "Na verdade foi mais uma orientação que do que uma influência. Os temas das ilustrações, dos poemas, dos romances entre outras produções artísticas e literárias enfocavam o cotidiano urbano e rural com os seus problemas, lutas e, principalmente, conquistas."

O traço de Deane também merece destaque. Em seus desenhos, o artista economizou na caracterização dos cenários, mas utilizou com frequência, em cada quadro, um jogo de luz e sombra que realçou a expressão combativa de Prestes e das personagens anônimas. Ao retratar os momentos de repressão, Deane desenhou cenários obscuros e sombrios, o que visualmente tentou transmitir, em imagens ao leitor, os momentos tensos atravessados pelo PCB e pela *A Classe Operária.*

Ao contrário das tiras analisadas anteriormente, a "História D'A CLASSE OPERÁRIA'" foi sequencial. Tanto, que os textos abaixo das ilustrações foram numerados do 01 ao 10.

Outras tiras foram publicadas nos números posteriores d'*A Classe Operária*, de 1946 em diante. Todavia, os temas dessas HQs eram de fatos contemporâneos à década de 1940 e, por essa razão, optamos por não analisa-los. No caso da "História D'A CLASSE OPERÁRIA'", cabe ressaltar que o seu conteúdo foi referente à nossa temporalidade de estudos, isto é, as décadas de 1920 e 1930.

As três tiras de HQs analisadas neste capítulo apresentaram propostas distintas. "Muñecon y Muñequito" foi mais um produto visual da propaganda anti-trotskista levada a cabo nas páginas do *El Machete* e apostou em um conteúdo voltado ao humor e à sátira. Os seus desenhos caricatos, o uso de balões de diálogos e onomatopeias foram importantes para completar o caráter satírico das ilustrações. "História D'A CLASSE OPERÁRIA'" foi composta por outra proposta visual-textual. As ilustrações não utilizaram do traço das caricaturas, e sim um retrato das personagens a serem retratadas nos quadros. A composição textual também foi distinta. Valorizou-se o uso de textos explicativos na base das ilustrações, o que foi essencial para a decodificação das imagens. Ademais, o uso de tiras de HQs nas duas publicações comunistas, seja para atacar um adversário ou exaltar a história de outros indivíduos e do próprio periódico em questão, demonstra a importância desse recurso gráfico nos meios impressos e o seu potencial de comunicação para com o público leitor.

4.3. Imagens fotográficas e propaganda política

Além das imagens gráficas – charges, caricaturas, ilustrações e HQs – as imagens fotográficas constituem outro produto visual bastante utilizado na propaganda política dos impressos comunistas. O seu caráter de *captura da realidade* a distingue de outros produtos visuais. Segundo Carlos Alberto Sampaio Barbosa (2006: 17), "Desde a época de sua descoberta, a fotografia adquiriu um certo *status* de credibilidade" e foi utilizada como "um dos instrumentos importantes na conquista de coração e mentes". A credibilidade apontada por Barbosa foi importante para o uso de fotografias nos periódicos. Lorenzo Vilches (1993: 19) também sublinhou essa tese ao afirmar que, no caso especifico dos periódicos, as fotografias produzem uma "impressão de verdade".

Já é fato conhecido a manipulação de imagens fotográficas levadas a cabo pelo regime stalinista. Como uma forma de adulterar o passado, no melhor estilo orwelliano de *1984*, ao apagar certas personalidades em determinadas imagens, como Trotski, e se auto-inserir em outros momentos importantes da história soviética, Stalin reescreveu a sua própria história, e as imagens fotográficas, pelo seu "*status* de credibilidade" foram utilizadas como uma prova desse novo passado reconstruído. A técnica da fotomontagem foi essencial para essa modificação visual utilizada pelo regime stalinista. Todavia, a presença desse processo técnico já estava em discussão na União Soviética antes da ascensão de Stalin. De acordo com Annateresa Fabris (Cf. 2005), Gustav Klutsis, Alexandr Rodtchenko e El Lissitzki,[127] representantes da vanguarda soviética, foram importantes para a constituição de uma configuração militante e política com as fotomontagens. A autora atribuiu a Klutsis e à União Soviética um papel preponderante nessa nova aplicação do processo de montagem fotográfica, em comparação com outras "experimentações dos artistas ocidentais":

> Essa diferença é afirmada no âmbito soviético por Gustav Klutsis, que discrimina duas correntes no interior da técnica: a fotomontagem formal, derivada do exemplo da publicidade norte-americana, própria dos dadaístas e dos expressionistas; e a **fotomontagem militante e política, criação exclusiva da**

[127] **Gustav Klutsis** nasceu em Rüjiena, Latvia, em 1895. Lutou na Primeira Grande Guerra, filiou-se ao PCR, e foi um dos grandes nomes da vanguarda construtivista e da arte política soviética. Apesar da sua filiação ao PCR e dos seus trabalhos de propaganda soviética, foi uma das vítimas do Terror Stalinista. Faleceu em Moscou, no ano de 1938.
Alexandr Rodtchenko nasceu em São Petesburgo, Rússia, em 1891. Também foi um nome importante da vanguarda construtivista, além de ter sido artista plástico, escultor e fotógrafo. Sua versatilidade foi importante em modelar as bases da propaganda visual soviética. Morreu em Moscou, no ano de 1956.
El Lissitzki nasceu em Pochinok, no ano de 1890. Além de sua participação na vanguarda construtivista, foi um nome importante no desenvolvimento do Suprematismo e sua concepção artística foi bastante utilizada na arquitetura. Faleceu em Moscou, no ano de 1941.

> **União Soviética.** O artista fazia brotar o caráter único da fotomontagem militante de sua conexão com a política revolucionária, o progresso industrial e tecnológico e as novas formas da cultura de massa. Afirmava ainda que o uso da fotomontagem como novo método de arte datava de 1919-1920, estabelecendo uma prioridade em relação às experiências alemãs (FABRIS, 2005: 100 – negrito nosso).

No âmbito dessas discussões, a fotografia e sua montagem foram utilizadas como instrumentos visuais comprometidos com a causa revolucionária e com a propaganda política conduzida pela União Soviética.

As imagens fotográficas estiveram presentes em diversos números do *El Machete*. Novamente, em comparação com *A Classe Operária*, foi publicada uma quantidade superior de fotografias nas páginas do periódico comunista mexicano. Contudo, apesar desse desnível quantitativo, algumas fotos publicadas no órgão central do PCB apresentaram uma leitura visual semelhante à do impresso mexicano. Um exemplo foi o 1° de maio de 1928.

As três fotografias abaixo foram publicadas no mesmo dia, 05 de maio de 1928, e realizaram uma cobertura das manifestações do dia do trabalho ocorridas quatro dias antes. É relevante ressaltar que os dois periódicos, no uso das imagens, apresentaram um mesmo discurso visual ao seu público leitor. As imagens apresentadas são panorâmicas - recurso utilizado com o objetivo de capturar o máximo de manifestantes nas imagens. No caso d'*A Classe Operária*, foram tiradas três fotos, que depois foram agrupadas em uma única imagem – dando ao leitor do jornal a sensação de ter diante de seus olhos uma grande panorâmica da manifestação. Já no *El Machete*, tivemos duas fotos tiradas: uma que foi publicada na capa e a outra que foi publicada na última página do periódico. O protagonismo de ambas as imagens foi reservado ao operariado, que não estava em celebração, e sim, protestando no dia de sua categoria. No Brasil, a passeata foi realizada na Praça Mauá, no Rio de Janeiro, que no período era um local estratégico para manifestações. No México, o mesmo ato foi realizado na frente da sede do PCM e depois os trabalhadores marcharam pela Avenida Madero, no centro da Cidade do México. Abaixo, seguem as fotos:





Figs. 59, 60 e 61. Fotos das manifestações de 1° de maio de 1928 (S/A)
***A Classe Operária*, n° 02. 05/05/1928, p.01**
***El Machete*, n° 113. 05/05/1928, p.01 e 04**
Fonte: AEL/CEMOS

Além das fotos dessa manifestação, *A Classe Operária* publicou uma imagem da Coluna Prestes (n° 63, 06 de julho de 1929, p.01) e uma quantidade limitada de fotos de personalidades da política nacional e internacional. Em relação ao *El Machete*, cujos números publicados na década de 1920 tivemos condições de analisar na íntegra, detectamos que a maioria das fotos impressas publicadas era relacionada a conteúdos de temáticas nacionais. Imagens de outras manifestações, de militantes comunistas mexicanos, entre outros, estiveram presentes nas páginas do órgão central do PCM. A partir de 1934, com a consolidação do "realismo socialista", houve uma mudança significativa: foram publicadas imagens não apenas dos líderes, mas também da vida cotidiana da União Soviética. Annateresa Fabris (2005: 118) relacionou a expansão da propanda política soviética à publicação da revista *USSR na Stroike*. Essa revista, publicada de 1930 a 1941, foi dirigida pelos artistas vanguardistas Gustav Klutsis, Alexandr Rodtchenko, El Lissitzki, entre outros, e o seu conteúdo foi composto por diversas fotomontagens e fotos que exaltaram a imagem não apenas de Stalin, como também do povo soviético. Para a autora, foi essencial para a União Soviética veicular uma imagem positiva, o que serviu para encobrir a situação crítica que a população enfrentou naquele período. Da mesma forma, essas imagens de euforia e fortuna negavam qualquer possibilidade de questionamento dentro do PCR e consolidaram a política stalinista do "caráter monolítico do partido":

> Longe da imagem de união e felicidade divulgada pela propaganda oficial, a sociedade soviética vivia um momento particularmente difícil: o nível de vida do operariado industrial havia piorado em virtude do escasso desenvolvimento da indústria de bens de consumo; a aplicação violenta da coletivização forçada no campo teve como conseqüências uma drástica redução da produção agrícola e a oposição à política governamental de quase todos os camponeses, inclusive aqueles das camadas inferiores.

> A técnica da manipulação torna-se difusa, pois o Partido Comunista da União Soviética não tolerava debates internos, nos quais poderiam vir à tona os contrastes existentes no interior da sociedade e, muito menos, que tais controvérsias chegassem à opinião pública. Por isso, em 1933-1934 é suprimida a democracia interna, com a transformação da doutrina leninista do "centralismo democrático" na doutrina stalinista do "caráter monolítico do partido" (FABRIS, 2005: 117).

Todavia, essas fotografias positivas do regime soviético não foram publicadas apenas no *EL Machete*. Cabe ressaltar que localizamos a circulação desse material no número especial d'*A Classe Operária*, de 1° de maio de 1935:

Publicadas em sentido vertical, as duas fotos a seguir (figs. 62 e 63) propagandearam uma imagem de "união e felicidade" do povo soviético, como apontado por Fabris. Na primeira imagem, temos um grupo de trabalhadores sentados e tocando alguns instrumentos. A legenda apresenta a seguinte descrição: "Camponezes na União Soviética, divertindo-se. No governo Operario e Camponez, a fome, misérias e exportações só existem nas histórias contadas pelos livros ou pelos mais velhos, que viveram a vida martyrisada do antigo regime". Além da exaltação da vida no país comandado por Stalin, houve também uma comparação com o Brasil. Na segunda imagem temos um homem maquiando uma mulher, com a seguinte descrição na legenda: "Camponezes se caracterizando para uma representação teatral. No Brasil, a maioria dos camponeses nunca viram um theatro".



Figs. 62 e 63. "NA UNIÃO SOVIÉTICA" (S/A).
***A Classe Operária*, n° 180. 01/05/1935, p.03**
Fonte: AEL

Não foi informada no periódico do PCB a procedência dessas duas fotos, e tampouco podemos afirmar com certeza que todos os retratados eram camponeses. Se na primeira imagem podemos idenficar os homens retratados como trabalhadores do campo, o mesmo não

ocorre com as mulheres da foto ao lado. Todavia, a mensagem dessas fotos é clara: na União Soviética os trabalhadores se divertem, tem acesso à cultura e possuem uma vida idílica.


Uma habitação camponeza no Brasil. Desta marca existem algumas na União Sovietica, mas como museu, (lembrança do czarismo)

Fig. 64. "DE BARRA DO PIRAHY".
***A Classe Operária*, n° 180. 01/05/1935, p.03**
Fonte: AEL

A comparação distoante do Brasil com o país da Revolução Russa foi apresentada em mais uma foto, publicada na mesma página e ilustrou uma matéria de denúncia. A foto (fig. 64) foi publicada na matéria "DE BARRA DO PIRAHY", que denunciou a exploração da fazenda "Canto Alegre". Segundo a matéria, essa fazenda era de propriedade do major Gomes da Graça, que ordenou ao administrador, Antonio Abreu, que espancasse o camponês Sebastião Severino e ameaçasse outro trabalhador, identificado como Antonio Clemente, pelo fato de o mesmo ter se recusado a vestir uma camisa dos Integralistas. O texto finaliza com a denúncia de que o major Gomes de Graça era um membro do grupo fascista brasileiro. Subentende-se que a foto que ilustra essa matéria é da fazenda denunciada. Ademais, destaca-se a legenda: "Uma habitação camponesa no Brasil. Desta marca existem algumas na União Soviética, mas, como museu, (lembrança do czarismo)". Novamente, a dura realidade brasileira foi comparada à suposta idílica realidade soviética. Esse número publicou outras fotos denunciativas das péssimas condições sociais de vida do Brasil, como de duas crianças desnutridas (pg. 02). Além disso, na capa foi impressa uma foto de Stalin, abaixo da machete "O GRANDE CHEFE DA REVOLUÇÃO MUNDIAL", cuja matéria realçou adjetivamente o líder soviético, no melhor estilo do "culto à personalidade", sendo que essa foi a única foto de Stalin publicada n'*A Classe Operária* no período de entre-guerras.



Fig. 65: "O GRANDE CHEFE DA REVOLUÇÃO MUNDIAL" (S/A)
***A Classe Operária*, nº 180. 01/05/1935, p.01**
Fonte: CEDEM

Jorge Ferreira (2002: 221) defendeu que a exaltação ao líder soviético no Brasil foi construída após a vitória dos aliados na Segunda Grande Guerra: "No Brasil, o culto a Stálin iniciou-se mais tarde, particularmente após a II Guerra. As exaltações ao líder bolchevista na imprensa comunista brasileira repetiam a propaganda extravagante e pouco elaborada dos soviéticos." Contudo, indícios do culto ao líder soviético já estão presentes nessa matéria de abertura do número especial d'*A Classe Operária* publicada em 1935.

A foto de Stalin no centro da primeira página não serviu apenas como uma ferramenta visual e ilustrativa desse texto biográfico e enaltecedor. É um componente imagético que está em sintonia com as palavras. A força da imagem de Stalin, o perfil de sua face e a sua postura de liderança reafirmam a descrição do texto, que o retrata como o líder cuja tarefa é guiar o país da primeira revolução proletária do mundo, conhecedor dos caminhos do labirinto das teorias marxistas, e defensor da classe proletária. Ferreria está correto em afirmar que somente após a Segunda Grande Guerra a imagem de Stalin foi explorada pela imprensa comunista brasileira. O breve período de legalidade do PCB somado à qualidade gráfica d'*A Classe Operária* nos números publicados a partir de 1946 e o aparecimento de outros títulos comunistas (como por exemplo o periódico *A Tribuna Popular*) são elementos que explicam o uso sistemático de exaltação a Stalin. Apesar de ser apenas uma página somada a uma fotografia, a matéria "O GRANDE CHEFE DA REVOLUÇÃO MUNDIAL", d'*A Classe Operária* de 1935, já apresenta elementos visuais e textuais que seriam explorados de forma insesante a partir do final da década de 1940. Mesmo com uma intensidade tímida, antes do

período apontado por Ferreira, nos círculos comunistas brasileiros, a imagem de Stalin já era exaltada.

Como mencionado anteriormente, a quantidade de fotografias publicadas nas páginas do *El Machete* foi bastante superior em comparação com *A Classe Operária*. Além das fotos e fotomontagens de Stalin, diversas imagens sobre a vida na União Soviética foram impressas nas páginas da publicação comunista mexicana. Até mesmo foi criada uma seção intitulada "Gráficas mundiales", para a impressão exclusiva de diversas fotos, a maioria do país soviético. As imagens de exaltação ao "país do socialismo" fascinava o leitor da publicação comunista mexicana.

As duas páginas a seguir foram publicadas no número especial do 1° de maio de 1938. Praticamente todo ilustrado, esse número apresentou diversas imagens, e, como podemos visualizar, a exaltação e o elogio à União Soviética foram os elementos centrais da linha editorial desse exemplar. Diversos setores da sociedade foram apresentados em imagens eufóricas, nas quais o povo soviético protagonizou a superioridade do mundo socialista.



Figs. 66 e 67. "Y en la Union Sovietica paz, trabajo y alegria de vivir!" (S/A).
***El Machete*, n° 521. 01/05/1938, p.17-18**
Fonte: CEMOS

A título de exemplificação, no canto superior da página 17 (fig. 66), temos a imagem de diversos trabalhadores, acrescida da legenda: "Los trabajadores rusos, dueños de sus propios destinos, sonríen alegres. Atención especial a la defensa de obreiros ante las Autoridades del Trabajo". No canto superior da página seguinte, de n° 18 (fig. 67), temos o *close* de uma esportista soviética, seguida da legenda: "En la Unión Soviética florece el

deporte y la Cultura Física, por la satisfacción plena de las necesidades materiales". Outros elementos visuais compõem as duas páginas, como as fotos de Lenin, Stalin e Kalinin, e de trabalhadores operando uma locomotiva, bem como imagens do Exército Vermelho.

A distinção da União Soviética, apresentada tanto pelas fotos quanto pelos textos, estava na disciplina do trabalhador, que além de suas tarefas diárias, ainda dispunha de tempo para estudar e para praticar esportes. Como apontado por Toby Clark (2000: 91-93), ao contrário da Alemanha nazista, que cultivou a imagem de um corpo perfeito para difundir o seu discurso de superioridade racial, o esporte na União Soviética foi exaltado como uma forma de combater o ócio individual. Os corpos perfeitos dos cidadãos do "país do socialismo" estavam relacionados diretamente com o trabalho e com as forças de produção:

> Durante todo el período soviético la concepción del deporte resultó inseparable de la del trabajo y, por tanto, estuvo directamente vinculada a los objectivos económicos del Estado. Al igual que los instrumentos de sus fábricas y granjas, los cuerpos de los soviéticos se consideraban que formaban parte de las <<fuerzas de producción>> de la nación.

O discurso positivo da união do trabalho, do esporte e da cultura, tornou-se uma tríade da propaganda soviética, e essa superioridade do mundo socialista foi defendida em diversas imagens.

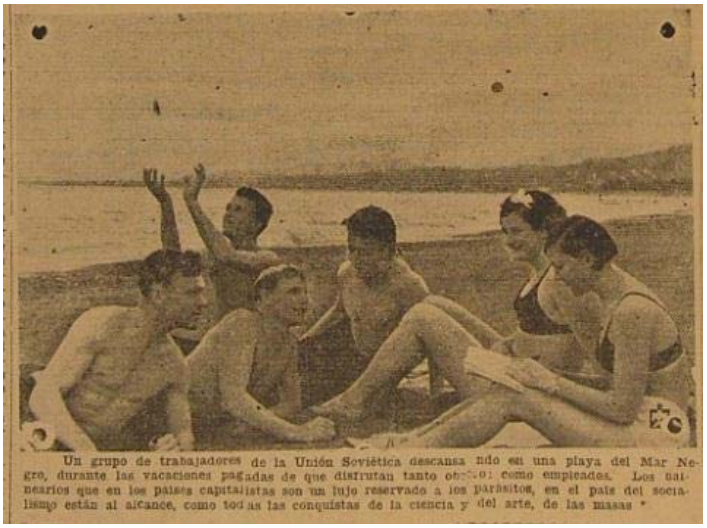


Fig. 68. *El Machete*, n° 579. 30/06/1938, p.05
Fonte: CEMOS

A foto acima é outro exemplo dessa estratégia propagandística. Na imagem, temos seis jovens, quatro homens e duas mulheres, numa praia, em um momento de lazer. Os homens

estão descansando, um está bricando e uma das mulheres está lendo um livro. Destaca-se a legenda da foto:

> Un grupo de trabajadores de la Unión Soviética descansando en una playa del Mar Negro, durante las vacaciones pagadas de que disfrutan tanto obreros como empleados. Los balnearios que en los países capitalistas son un lujo reservado a los parasitos, en el país del socialismo están al alcance, como todas las conquistas de la ciencia y del arte, de las masas.

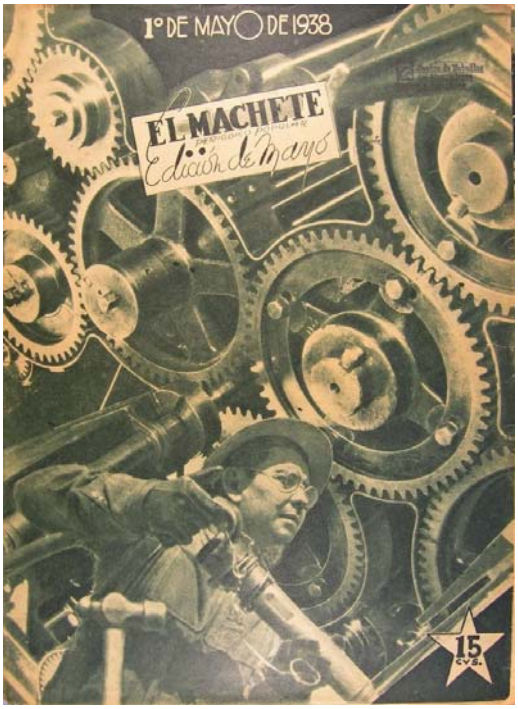
O impacto dessas fotos para o leitor mexicano do *El Machete* deve ter sido significativo. Nas fotos de propaganda, os homens e as mulheres do "país do socialismo" eram compostos por pessoas belas, de corpos definidos, e sempre sorridentes. Praticamente, a União Soviética era apresentada como um paraíso para os trabalhadores. A imagem dos corpos perfeitos foi significativa, pois, representava visualmente a superioridade dos seguidores da ideologia comunista. Pela grande quantidade de imagens da União Soviética que foram publicadas no *El Machete*, entre 1934 e 1938, fica a dúvida da origem desse material visual. Infelizmente, nenhum dado sobre a procedência dessas imagens fotográficas foi apontado nas páginas do órgão central do PCM, o que também ocorreu no caso das duas fotos publicadas n'*A Classe Operária*.

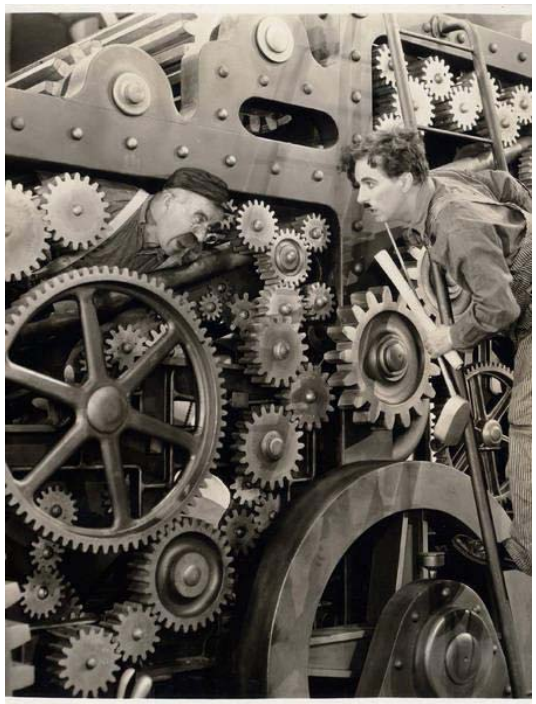
Além da União Soviética, a revista *USSR na Stroike* circulou em outros países, sendo que possuía versões traduzidas para o alemão, inglês, francês e espanhol (FABRIS, 2005: 18). Fica a dúvida se os editores do *El Machete* tiveram algum contato com essa publicação. Levantamos essa questão, pois, o objetivo da *USSR na Stroike* foi difundir imagens fotográficas da "heroica saga da população soviética" e essa linha editorial esteve presente, como apresentado, nas fotos publicadas pelo órgão central do PCM. Annateresa Fabris não indicou os outros países em que essa revista circulou. Contudo, por ela ter sido traduzida para o espanhol e para o inglês, podemos supor que a mesma circulou na Espanha, na Inglaterra ou nos Estados Unidos. Nesse caso, a possibilidade de um contato dos comunistas mexicanos com a publicação soviética seria mais concreta, pois, a partir de 1934, o PCM estreitou seus laços com o PCEUA, além do forte contato com a Espanha no período. Todavia, pela ausência de dados mais concretos, essa é apenas uma hipótese que podemos levantar.

A publicação de fotomontagens também foi bastante difundida nas páginas do *El Machete*. As imagens clássicas de Stalin ao lado de Lenin realçaram diversos textos eloquentes ao líder comunista, assim como outras imagens que o mesclava com o Exército Vermelho e o povo soviético. Em seu processo de composição, a fotomontagem é realizada

pelo recorte de uma foto, que é inserida com outras, resultando em uma imagem mesclada.[128] Por meio desse processo, foram publicadas outras fotomontagens no *El Machete*, como fotos de Cárdenas mescladas com imagens do povo reunido ou de outros aliados do PCM.

Uma fotomontagem interessante foi publicada na capa do número especial do *El Machete* de 1° de maio de 1938. Nela, temos um trabalhador dominando uma imensa engrenagem de máquinas industriais. Esse maquinário, composto por rodas dentadas, parafusos, entre outros, é bastante semelhante ao da estrutura fabril apresentada no filme "Modern Times", de Charles Chaplin.





Figs. 69 e 70. Lado a lado, a capa do *El Machete*, n° 521 de 01/05/1938, e cena do filme "Modern Times" (1936), de Charles Chaplin. Fontes: CEMOS e http://www.charliechaplin.com/en/films/6-modern-times

Acima, evidencia-se um diálogo da capa do *El Machete* com o filme de Chaplin. O maquinário ao fundo de ambos é praticamente idêntico. Todavia, apesar desse contato visual, podemos levantar o questionamento se realmente houve uma referência proposital da capa da publicação comunista mexicana com o filme. *Modern Times* foi lançado em 1936 e o número especial do *El Machete* foi publicado dois anos depois, em 1938. Uma busca em nosso arquivo de pesquisa permitiu confirmar que os membros do PCM assistiram ao filme de Chaplin no ano de seu lançamento. O impacto foi tão significativo que até foi publicada uma análise do filme no periódico:

[128] Esse é apenas um exemplo. Existem outros meios de produção de fotomontagens que não será explorado aqui.

> ¿Está Chaplin en decadencia? ¿Por qué la gente no rio tanto, viendo "Tiempos Modernos", como reía viendo "Fiebre de Oro" o "Luces de la Ciudad"? Efectivamente, algo ha cambiado en el viejo Chaplin. Quien pretendía advertir síntomas de decadencia en el gran payaso puede hacerlo. Pero quien, al ver "Tiempos Modernos", piense sólo que un payaso está en decadencia, no es, en verdad, ni perspicaz ni sincero.
>
> En "Tiempos Modernos" la comicidad del hombrecillo no brilla como en las cintas anteriores; se pierde en la comicidad de la sociedad misma: ya no es él quien da la impresión de lo absurdo sino el mundo que antes parecía razonable y natural. El payaso no es el derrotado de antes, sino un ser capaz de burlarse de las ridículas preocupaciones de los demás. Chaplin ha localizado las causas del mal y le ha perdido todo el respecto a las leyes de la sociedad actual. Es alegre, despreocupado y capaz de soñar y enfrentarse con todas las fuerzas hostiles.
>
> La crítica de la sociedad capitalista es ocasión, en esta película, de cuadros de gran valor revolucionario. El trabajo "a la cadena", satirizando genialmente, y la brutal represión policíaca, puesta en escenas intensas, fueron trozos que la censura mutiló, pero que a pesar de todo, constituyen un claro indicio de lo evidente que resulta ya para todo el mundo, la injusticia monstruosa de la actual organización social.
>
> Chaplin, por razón de su origen y educación, no es revolucionario al cien por ciento; por eso el final de su película no constituye una solución desde el punto de vista revolucionario. ¿Cómo acabar con este mundo inhumano, mecanizado e injusto? No lo dice: no intenta decirlo siquiera, pero nos pone ante la mente la siguiente afirmación: por encima de todas las preocupaciones inherentes a este régimen, por encima de todas las fuerzas que aplastan, denigran y ofenden la personalidad humana, hay una fuerza elemental que al fin resultará triunfante: el hombre.
>
> (*El Machete*, "Tiempos Modernos", n° 428. 01/08/1936, p.03)

No início da análise, o filme de Chaplin é exaltado pela sua crítica à alienação promovida pelo sistema capitalista. Contudo, no final da análise, o filme é questionado, pois não apresentara, segundo a visão dos comunistas mexicanos, uma saída para o injusto sistema capitalista. Inclusive, no último parágrafo, foi afirmado que pela sua origem e educação, Chaplin não era um revolucionário cem por cento. Ao questionar o suposto dilema do filme, em apresentar uma saída positiva para a alienação do Capitalismo, o texto encerrou apontando a solução para esse problema: o homem, que seria a força elementar e que sairia triunfante no final.

Essa análise está presente na capa do *El Machete*. Enquanto que no filme de Chaplin o trabalhador foi tragado pela máquina e chegou ao ponto de perder a razão, ao passo que a fotomontagem do *El Machete* defendeu outra ideia: a de que o homem domina a máquina. Ou seja, uma leitura totalmente oposta à do filme de Chaplin e que vai ao encontro da concepção clássica do pensamento marxista, que defende o domínio do homem sobre os meios de produção. Inclusive, com uma exaltação às máquinas.

Outras fotos e fotomontagens foram publicadas em diversos números do *El Machete*, contudo, a seleção das imagens acima atingiu o objetivo proposto nesse capítulo.

***

Pela variedade do material visual analisado nesse capítulo – charges, caricaturas, ilustrações militantes, HQs, fotos e fotomontagens – perceptivelmente as imagens foram importantes para a propaganda política levada a cabo nas páginas das publicações comunistas do PCB e do PCM.

O *El Machete* publicou um amplo leque de material visual. As condições materiais favoráveis, a legalidade do PCM e a própria proposta do periódico, que em seu início, no ano de 1924, teria de ser uma revista totalmente ilustrada, são fatos que explicam essa atenção e cuidado que os editores da publicação comunista mexicana dedicaram às imagens. De toda a sua coleção, os números publicados no sexênio cardenista (1934 – 1936) imprimiram uma grande variedade de imagens, inclusive, com edições que foram totalmente ilustradas. A ligação do PCM com a LEAR nesse período foi outro fator importante no intercâmbio entre os artistas que produziram uma arte militante no período. Além do *El Machete*, outra publicação importante do período foi o periódico *Frente a Frente*, da LEAR. Colocados lado a lado os dois periódicos apresentam uma trajetória semelhante nesse período, pois compartilharam da mesma rede de circulação (Cf. BARBOSA, 2015) – tanto no interior do México, quanto em nível internacional – e em alguns casos, artistas da LEAR contribuíram no *El Machete* – como ocorreu com Luis Arenal Bastar.

No cenário brasileiro, a publicação de material visual n'*A Classe Operária* foi bastante escassa, contudo, suas ilustrações e fotografias dialogaram com as imagens do *El Machete*. A publicação de ilustrações militantes, de exaltação a União Soviética e aos líderes comunistas foi uma característica distinta, que serviu a propaganda política produzida pelas duas publicações. Cabe ressaltar, que esse tipo de ilustração foi um aspecto bastante utilizado pela imprensa dos PCs, e pode ser configurado como um padrão para esse tipo de publicação. Ou seja, foi um aspecto da *tipografia comunista* publicar essas imagens apologéticas ao "país do socialismo" e aos seus principais líderes – tanto soviéticos, quanto nacionais.[129]

Enquanto no México a relação entre os artistas com o PCM estabeleceu-se na década de 1920, o mesmo no Brasil só aconteceu em 1940, como por exemplo, Cândido Portinari que somente nesse período, relacionou-se com o PCB. Antes, há registro de vínculos do PCB com

[129] Seria enriquecedor a realização de uma comparação mais ampla, em nível continental, de outras publicações comunistas dos PCs de países latino-americanos, com o objetivo de detectar *se* e *como* essa *operação tipografica* foi realizada em outros títulos impressos.

intelectuais escritores, como no caso de Jorge Amado. Todavia, em decorrência da intensa perseguição varguista, esse contato foi bastante estreito.

A questão do "realismo socialista" também foi distinta no movimento comunista dos dois países. Antes de essa orientação artística ter se tornado uma política do Estado Soviético, como já defendido no início desse capítulo, artistas como Diego Rivera e David Alfaro Siqueiros já estavam comprometidos com essa linguagem visual revolucionária, ao produzirem uma arte militante.

Além das imagens, outros pontos de conexão entre os comunistas mexicanos e brasileiros, e de seus respectivos órgãos centrais, foram estabelecidos nas comemorações de datas importantes, e em análises sobre o conceito de Revolução. No capítulo seguinte, analisaremos esses pontos de convergência revolucionária.

5. Das estrelas às barricadas: o encantamento das Revoluções

¡Amo la Revolución como amo al vulcán;
a la Revolución porque és Revolución!...
Pero las piedras quedan arriba o abajo,
después del cataclismo,
¿qué me importan a mí?...
(Mariano Azuela, Los de Abajo)

5.1. (R)Evoluções...

O estudo sobre os conceitos é um campo relativamente "novo" na academia brasileira, tanto, que há uma ausência de referências sobre esse tema nos principais centros de pesquisa do país. A metodologia de pesquisa sobre tal assunto possui algumas vertentes. Para John G. A. Pocock (2003: 67), pode-se estabelecer uma ligação entre os conceitos e a história do pensamento político, no qual "linguagens, idiomas ou retóricas podem ser definidos como um fenômeno político". O autor estabeleceu uma reflexão profícua, na qual a linguagem possui uma função política associada ao contexto histórico de cada período investigado, que vai além de interpretar os conceitos apenas como textos ou palavras. Nesse caso, os conceitos são discursos ativos e operantes na sociedade.

Além de Pocock, Reinhart Koselleck (2006: 62) também se debruçou sobre os significados dos conceitos, incluindo, em específico, um termo que nos interessa: Revolução. Segundo o autor "O conteúdo semântico do termo "revolução" não é unívoco. Ele varia desde sangrentos movimentos de deposição e/ou golpes políticos e sociais até inovações científicas decisivas, podendo significar tudo ao mesmo tempo, ou apenas um desses sentidos exclusivamente". Apesar dessa pluralidade, Koselleck avaliou as mudanças que esse conceito sofreu depois da Revolução Francesa de 1789. Antes desse evento cataclísmico, a palavra Revolução era utilizada para referenciar os movimentos das estrelas, ou seja, o seu sentido era astrológico. Foram os acontecimentos franceses que deram um novo sentido a tal termo, que, a partir de então, passou a significar também um movimento de mudança social protagonizada pelos indivíduos sociais. Além de Koselleck, Hannah Arendt (1988) também analisou as mudanças de sentidos sobre esse conceito.

Além dessas alterações semânticas, Koselleck (ibidem: 69) estabeleceu oito estágios de modificação do sentido do conceito de Revolução: 1°) após a experiência francesa, o termo Revolução assumiu uma conotação de "coletivo singular"; 2°) a partir também dessa data, tal conceito representou uma aceleração do tempo; 3°) foi criado o coeficiente dinâmico de

"revolucionário"; 4°) Revolução foi significado como um "conceito perspectivista dentro da história da filosofia"; 5°) representou também uma passagem de uma Revolução política para uma revolução social; 6°) o conceito de Revolução possui a partir desse momento duas perspectivas, uma geográfica (universal) e outra temporal (permanente, até atingir os seus objetivos); 7°) como divisão semântica, temos o termo revolucionamento, o verbo revolucionar e o substantivo revolucionário, no qual significa que os homens podem fazer revoluções; 8°) ao conseguir a sua legitimidade, há também os antônimos de Revolução, como os processos de "reação" e "contra-revolução".

As definições de Koselleck são bastante pertinentes em nossa pesquisa. A Revolução Russa assumiu uma perspectiva geográfica universal, e passou a ser um exemplo a ser seguido. Para Hobsbawm (1998: 266) esse caráter universalista e impactante no mundo causado pela Revolução Soviética é um dos componentes que explica o seu grande interesse suscitado entre diversos pesquisadores. Além disso, a definição semântica proposta por Koselleck é pertinente, pois, nos artigos, textos e outros escritos analisados na presente pesquisa, além de verbo, o conceito de Revolução também se apresentou por meio de adjetivo substantivado, isto é, com valor morfológico de substantivo. Simbolicamente, o ser revolucionário seria uma hidra, cujas cabeças representariam "um símbolo antiético de desordem e resistência, uma poderosa ameaça à construção do Estado, do Império e do capitalismo", em seu estado de confronto contra o semi-deus Hércules, o mito representativo da ordem burguesa e do controle sistemático do trabalho (LINEBAUGH & REDIKER, 2008: 11).

O início da operacionalidade do conceito de Revolução, com os eventos franceses de 1789, esteve presente nas doutrinas radicais de todos os opositores do *status quo*, e converteu-se em um modelo de comparação de eventos revolucionários posteriores. A força da Revolução Francesa foi – e ainda é – tão presente no discurso político que, em seus primeiros anos, a Revolução Russa foi associada a ela, como analisou Marc Ferro (1984: 56):

> Lenin era assimilado a Robespierre, e, com base nesse terreno conhecido, podiam-se opor partidários da "indulgência" a partidários da "intransigência". Lenin eliminava partidos, tal como Robespierre eliminara os girondinos, os indulgentes. Ora, os revolucionários russos analisavam os eventos um pouco do mesmo modo. Em alguns casos, Fevereiro de 1917 era comparado a 1789, e Outubro, à ditadura jacobina; em outros, 1905, a 1917, Outubro ao Terror; logo após, passou-se a identificar a NEP com o Termidor.

Poderíamos realizar críticas a possíveis anacronismos presentes nessa comparação, contudo, é um aspecto relevante a constatação levantada por Ferro de que a imagem da

Revolução Francesa teria se inserido no imaginário dos comunistas após a vitória de 1917. Nesse sentido, como trabalhado por Pocock, os conceitos e as linguagens políticas não são apenas palavras, pois se inserem nas sociedades – fato que nos motiva a abarcar um estudo sobre a palavra Revolução, pois a mesma traduziu uma visão de mundo entre os militantes comunistas nas primeiras décadas do século XX e definiu suas identidades políticas e culturais.

Apresentado esse quadro teórico, o conceito de Revolução circulou com intensidade no continente latino-americano e tornou-se relevante, principalmente pela Revolução Mexicana de 1910 e, posteriormente, pela Cubana de 1959. Não seria demasiado afirmar que esses eventos foram os embriões da criação de um discurso operativo, no qual a América Latina, durante quase todo o Século XX, foi o palco privilegiado e laboratório para "Revoluções".

As páginas do *El Machete* e *A Classe Operária* discutiram ativamente os nuances da ideia de Revolução em seus projetos de emancipação nacional e de simbiose com a concepção universalista da Rússia Soviética. Para discorrer sobre esse tema, o roteiro de análise desse capítulo seguirá os textos comemorativos da Revolução Russa, do 1° de maio e as reflexões sobre as suas próprias revoluções nacionais, a mexicana e a brasileira.

5.2. Revolução Russa

A Revolução Russa sempre foi comemorada com entusiasmo pelos comunistas mexicanos e brasileiros. Encontros e manifestações foram organizados - muitos deles com embates contra autoridades –, sendo que os periódicos comunistas sempre procuraram, na medida do possível, lançar edições especiais de celebração desse evento. Ao comparar o *El Machete* com *A Classe Operária*, encontramos, no primeiro, uma quantidade maior e mais rica de matérias e edições especiais sobre os feitos dos bolcheviques, o que nos obrigou a realizar uma seleção criteriosa desse material. Já no caso do órgão central do PCB, não encontramos nenhum número especial sobre a Revolução Russa. Na introdução, já foi exposto os motivos desse desnível entre o material impresso do periódico comunista mexicano com o brasileiro, que serão retomados quando necessários.

O primeiro número do *El Machete*, no qual a Revolução Russa recebeu destaque de capa, foi a de n° 87, publicada em 05 de novembro de 1927, com a chamada "¡DIEZ AÑOS DE GOBIERNO PROLETARIO!". Com oito páginas, esse número especial publicou ilustrações positivas sobre a União Soviética, além de fotos de Lenin, de sua esposa Nadežda

Krupskaja, e de outros líderes soviéticos. Somado as imagens, esse número trouxe diversos artigos e textos sobre a União Soviética e os rumos de sua Revolução. Muitos desses trabalhos foram traduções de textos de Lenin e de declarações oficiais da IC. Deles, destacamos o artigo "¡Diez años de Revolución Victoriosa!", publicado na 7ª página e que, ao que tudo indica, é de autoria do CC do PCM.

A questão mais importante desse extenso artigo está na elaboração de um discurso de união entre a Revolução Russa com a Mexicana. Logo em seu primeiro parágrafo, foi celebrado o fato de que no dia 07 de novembro seriam comemorados os dez anos da Revolução Russa e, no dia 21 do mesmo mês, 17 anos da inacabada Revolução Mexicana. No trecho abaixo, essa estratégia discursiva de união entre os dois processos revolucionários torna-se mais evidente:

> Las dos revoluciones – la Rusa y la Mexicana – deben estar vivas en la mente de la clase trabajadora, Una como la gran enseñanza táctica de nuestra época, como la manera por la cual los desposeídos deben "expropiar a los expropiadores". La segunda como el resultado de un levantamiento popular que ha tenido la virtud de despertar a las masas trabajadora, de facilitar su organización y educación, pero que no estará completa si no cuando haya realizado el programa de la primera.
> La primera revolución fue posible por circunstancias económicas y políticas aprovechadas hábilmente por un partido proletario revolucionario.
> La segunda, que no debe levarse adelante y extenderse en todos sus efectos y enseñanzas, para que estas sirvan de base a las luchas futuras, sólo alcanzará la victoria definitiva por circunstancias económicas y políticas, que una conmoción mundial puede acarrear, aprovechadas por un partido marxista revolucionario.
> Ese Partido marxista revolucionario, es ahora, después de la Revolución Rusa, una organización mundial: la INTERNACIONAL COMUNISTA, cuya sección es el Partido Comunista de México.
> (*El Machete*, "¡Diez años de Revolución Victoriosa!", n° 87. 05/11/1927, p.7)

Acima, na leitura dos editores comunistas, a Revolução Mexicana ainda era um processo inacabado, pois faltou uma liderança ideológica e uniforme em guiar os camponeses que haviam se insurgido com armas em punhos. Obviamente, nessa retórica, o PCM se autoproclama no papel de vanguarda, pois, era o representante da IC em terras mexicanas. Além de manter uma unidade entre os comunistas, esse discurso era importante de ser defendido, pois apresentava uma base de explicação para os "insucessos" da Revolução Mexicana no final da década de 1920 e indicava o caminho pelo qual ela deveria trilhar.

Um ano depois, o n° 138, publicada em 07 de novembro de 1928, manteve a mesma estrutura comemorativa do n° 87. Também com oito páginas, esse número publicou novamente as fotos de Lenin, Marx e Engels, além de imagens do Exército Vermelho Soviético. Foi também convocada uma celebração, marcada para as 19h30, no "Salón Alhambra", localizado na Rua Netzahualcóyoll, n° 126, na Cidade do México. No roteiro de

sua programação, estavam agendados discursos das principais lideranças do PCM, a exibição da última parte do clássico "Octubre" de Sergei M. Eisenstein, lançado em janeiro de 1928, e o encerramento, que teria todos os participantes entoando a canção da Internacional. Cabe ressaltar o clima de legalidade que pairava sobre o PCM, pois, os mesmos apresentavam publicamente os locais de suas celebrações, os horários e até o cronograma das festividades.

Os textos publicados nesse número podem ser divididos entre artigos de conteúdo histórico, traduções de escritos de Lenin e da IC, e de análises dos comunistas mexicanos. Dessa segunda parte, foram publicados os seguintes textos: "¡Once años de gobierno proletario!", pelo CC do PCM; "La Revolución Rusa y Mexicana", de Rafael Carrillo e "Dos Revoluciones", de Hernán Laborde. Tornou-se quase um padrão, entre os comunistas mexicanos, uma comparação da Revolução Russa com a Mexicana. No texto "¡Once años...", além da exaltação à União Soviética, o CC do PCM afirmou que o operariado mexicano deveria absorver os ensinamentos e as vitórias da Revolução Russa, para reflexionar e questionar os rumos do seu homônimo mexicano. Rafael Carrilo manteve essa mesma linha argumentativa em seu artigo e destacou novamente o forte papel do Partido dos Bolcheviques, que impediram a Revolução de se desviar do seu curso vitorioso. Uma análise diferente ficou a cargo de Laborde. Em seu texto, o dirigente comunista discorreu sobre as diferenças entre a União Soviética e o México e os pontos de distanciamento dos seus processos revolucionários, com o objetivo de esclarecer eventuais confusões que uma comparação entre ambas poderia suscitar. Abaixo, apresentamos a sua conclusão:

> Conclusiones: en Rusia ha sido hecha una revolución socialista; en México, una revolución burguesa. El proletariado mexicano puede decir que la lucha por su emancipación está por comenzar. Pero la revolución burguesa mexicana nos ha dejado una conquista positiva: la organización de las masas obreras y campesinas y el despertar de su conciencia de clase, que se manifiesta, sobre todo, en el nacimiento y desarrollo del Partido Comunista de México. En adelante, la lucha deberá ser del proletariado, con las masas campesinas y bajo la dirección del Partido Comunista, contra la joven burguesía nacional que detenga el poder en beneficio de sus intereses. La próxima revolución deberá ser la revolución socialista y su forma de gobierno, una vez triunfante, la Dictadura del Proletariado.
> (*El Machete*, "Dos Revoluciones", n° 138. 07/11/1928, p.2)

Ao apresentar essas definições entre as duas Revoluções, a russa como socialista e a mexicana como burguesa, Laborde manteve a exaltação da União Soviética e propôs que uma ditadura do proletariado em terras mexicanas deveria se tornar realidade. Mais adiante, trataremos com mais detalhe dessa leitura realizada por Laborde, do caráter burguês da Revolução Mexicana. Para o momento, destacamos, no trecho acima, o discurso de que o processo revolucionário soviético tornou-se não apenas um exemplo a ser seguido, como

também, um parâmetro de comparação para os comunistas mexicanos da Revolução de 1910. Ao vislumbrarem o programa soviético, o PCM voltou-se também para a sua realidade e analisou o desenrolar de sua Revolução e esse momento de comemoração foi aproveitado para que se realizasse uma crítica interna. Afinal, onde a Revolução Mexicana se desviou do seu caminho? Onde ela errou? Ao formularem essas questões, a resposta estava do outro lado do Atlântico e das notícias, em sua totalidade panfletária, que o regime soviético espalhava pelo mundo.

Se as edições do *El Machete* publicadas no mês de novembro, tanto em 1927 como em 1928, apresentaram as mesmas características ao celebrarem a Revolução Russa, uma mudança ocorreu no ano seguinte. Depois de um período de inatividade, em decorrência da repressão de Portes Gil, como já discorrido nos capítulos anteriores, o primeiro número do período ilegal do *El Machete*, de n° 178 e publicada em 07 de novembro de 1929, apresentou em sua capa a chamada "Doce años de Revolución Victoriosa". Ao contrário das anteriores, esse n° foi publicado em quatro páginas e não imprimiu nenhuma foto, resultado das dificuldades que os editores comunistas enfrentaram ao colocar clandestinamente esse número nas ruas. As diferenças não ficaram apenas na questão material, pois o conteúdo desse artigo apresentou uma análise diferente, quando comparado com os artigos publicados sobre a Revolução Russa nos dois anos anteriores.

Em seus parágrafos iniciais, temos as usuais congratulações e a linguagem grandiloquente ao processo revolucionário soviético. Em suas linhas, encontramos nesse texto a descrição da divisão ideológica do mundo, entre apoiadores e adversários do Socialismo. Entre os inimigos do Comunismo no México, o artigo apontou os sindicatos "amarelos", o governos, os fascistas, e também Diego Rivera, em consequência de sua expulsão do PCM. Ao contrário dos outros artigos que se concentraram apenas no México, nesse, a América Latina foi inserida pelos comunistas mexicanos em seu projeto de expansão da Revolução Russa, como podemos conferir no trecho abaixo:

> En la América Latina, el terror blanco trata de diezmar a nuestras organizaciones. La policía fabrica "complots" o se levantan acusaciones de "traición a la patria"; se acusa de espionaje y de estar vendidos al "oro de Moscú" a los militantes revolucionarios, azuzando contra ellos toda la furia patriotera de la pequeña burguesía y de los elementos atrasados del proletariado y de la clase campesina.
> (*El Machete*, "Doce años de Revolución Victoriosa", n° 178. 07/11/1929, p.1)

Um ponto relevante está na acusação de que os partidários do bolchevismo foram tachados de "traidores da pátria" e seduzidos pelo "ouro de Moscou". Cabe destacar que o

"ouro de Moscou" – como ficou conhecida a "ajuda financeira fraternal" que o PCR doou para as seções internacionais da IC – foi o alvo de críticas de diversos opositores da Revolução Russa. Realmente houve essa forma de patrocínio para encorajar o estalo de outros processos revolucionários pelo globo, contudo, até a atualidade, ainda não há uma definição do total de valores que a IC doou para os seus Partidos filiados. A ausência de referências sobre a Revolução Mexicana, que permeou os textos anteriores sobre o aniversário da Revolução Russa, também é outro ponto a ser destacado.

N'*A Classe Operária*, o primeiro material localizado sobre o tema foi um pequeno artigo, publicado no n° 7, de 10 de novembro de 1931. Anônimo, o artigo relatou as comemorações do aniversário da Revolução Russa realizadas em São Paulo, Santos e no Rio de Janeiro. O texto também denunciou a morte de trabalhadores no meio dessas festividades operárias, como podemos conferir abaixo:

> Como sabem os trabalhadores, a 7 de Novembro ultimo transcorreu o 14o anniversario da revolução proletária que na Russia derrubou o poder da burguesia para instaurar, em seu lugar o governo dos operários e trabalhadores pobres.
>
> O proletário de todos os paizes comemorou com demonstrações na rua, essa grande data, para demonstrar ao imperialismo e às burguezias como ha de lutar contra a intervenção imperialista na União Soviética já esta sendo tentada por meio da guerra chino-japoneza.
>
> Tambem no Brazil essa data foi comemorada com luctas.
>
> [...]
>
> No Rio de Janeiro o Partido Communista realizou um comicio na Estação Central com a presença, tambem de grande numero de operarios.
>
> O local, que estava transformado numa verdadeira praça de guerra, não aterorizou entre tantos operarios. Em dado momento a policia intervem atirando contra a massa e contra um dos oradores, o camarada João Alencar, jovem operario tecelão, de 22 anos apenas e secretario da Federação da Juventude Communista do Brazil. Esse heroico camarada morreu instantaneamente!
>
> Assim vão se sucedendo as victimas de reação fascista que o governo, a mando da burguesia, vae desencadeando sobre os elementos mais combativos da classe trabalhadora!
>
> Há dois mezes, cahia em Santos, varado por uma bala da policia o bravo luctador, o operaria estivador negro Herculano de Souza. Agora é o operaria Alencar. E amanhã, com a lei marcial pendente sobre a cabeça dos trabalhadores, mais victimas tombarão para satisfazer a sede de sangue da burguesia.
>
> Sim! Isso succederá si os trabalhadores tiverem ainda ilusões com esse governo fascista e todos os demais lacaios da classe burguesa, si não reagirem, manifestando contra a brutal reacção que está desencadeando sobre a classe trabalhadora!
>
> (*A Classe Operária*, "O 14o. anniversario da União Sovietica", n° 7. 10/11/1931, pág. 3)

Perseguido pelos aparelhos repressores instaurados por Vargas, *A Classe Operária* aproveitou o tema das comemorações da Revolução Russa para realizar duas denúncias. Em primeiro lugar, houve uma crítica à invasão do Japão na região da Manchúria, localizada no nordeste da China, ocorrida em setembro do referido ano, e em segundo lugar, às mortes aos

assassinatos de João Alencar e Herculano de Souza. O primeiro, João de Alencar, era membro da Juventude Comunista Brasileira (JCB) uma ramificação do PCB e fundada em 1927. Sobre Herculano de Souza o único dado biográfico apresentado pelo periódico é a sua função como estivador no porto de Santos, o que demonstra que a repressão não abateu apenas militantes comunistas. A "lei marcial" citada no trecho do artigo e apresentada como responsável por essas mortes refere-se à "lei de sindicalização" promulgada em março de 1931, que, além de instaurar a submissão dos sindicatos ao governo, também proibiu a propaganda de ideologias consideradas radicais nos interiores das fábricas.

Ao definirem o governo varguista como fascista, os editores d'*A Classe Operária* tinham como modelo de comparação a Itália governada por Benito Mussolini e a ameaça, cada vez mais anunciada, do nazismo de Hitler. Se o projeto político do PCB era trazer a Revolução Russa para terras brasileiras, seu adversário, Vargas, teria o mesmo projeto de importação do fascismo. Ou seja, os sistemas políticos e as convulsões sociais da Europa foram utilizados como modelos explicativos da realidade brasileira.

Por fim, chama atenção quando o artigo se refere aos *Soviets,* o conselho de operários. Como demonstrado por Daniel Aarão Reis Filho (2003), os *Soviets* tiveram um papel importante na Revolução Russa de 1905 e na vitoriosa de 1917. No período em que o artigo d'*A Classe Operária* foi publicado, novembro de 1931, os *Soviets* estavam desarticulados e Stalin havia chegado ao poder. Ou seja, verifica-se uma discrepância entre o que realmente estava em curso no "país do socialismo" em comparação com o que era publicado nas páginas do órgão central do PCB.

Seis anos depois da publicação dessa matéria, em plena deflagração do Estado Novo, *A Classe Operária* reservou um espaço no n° 207, publicada em novembro de 1937, para celebrar os feitos dos revolucionários soviéticos há 20 anos. Com o título "Vinte anos de poder soviético", o artigo relatou novamente para os seus leitores a luta dos bolcheviques para consolidar a sua Revolução e como esse acontecimento foi importante para propagar um sentimento de esperança a todos os trabalhadores do mundo. O texto não se ateve apenas em elogiar o regime soviético, pois procurou também informar os rumos que a União Soviética estava seguindo naquele momento:

> Hoje, ao comemorar seu vigésimo aniversario no poder, a União Soviética comemora ao mesmo tempo, o triunfo de seu Segundo Plano Quinquenal[130] que a

[130] Os Planos Quinquenais foram instalados por Stálin e tinham como principal meta, recuperar a economia soviética que estava quebrada, depois de tantos anos de guerra. Originalmente planejado em quatro fases, somente as duas primeiras foram realizadas, o 1° de 1928 a 1932 e o 2°, no qual o artigo fez referência, de 1933

> coloca definitivamente entre as grandes potencias do mundo, a única de economia Socialista, a unica a dar um bem estar completo às massas. Rodeiam-na a admiração e o entusiasmo de milhões de oprimidos dos paizes capitalistas e coloniais, e o odio de classe dos exploradores do Universo que vivem á custa da miseria e do sangue dos trabalhadores.
> (*A Classe Operária*, "Vinte anos de poder soviético". n° 207. ?/11/1937, p. 2)

Para o PCB, a longínqua União Soviética e seus habitantes não estavam isolados. Havia a crença, entre os comunistas não apenas do Brasil como de outros países, de que eles também faziam parte do processo revolucionário soviético. Assim, cada vitória do regime bolchevique era comemorada como uma conquista dos comunistas de outros países.

Em outro trecho do texto, foi denunciado que a Alemanha, a Itália e o Japão, se uniram para sabotar a União Soviética, por meio do envio de espiões fascistas sanguinários para Moscou. Contudo, foi relatado que essa infiltração estava sendo desbaratada pelos serviços de inteligência soviética que, ao localizarem tais agentes, os puniam severamente: "Quando porém a vigilancia proletária descobre tais criminosos, pega-os pela góla e leva-os para o unico lugar digno deles: **o muro de fuzilamento**" (ibidem – grifo nosso). No momento em que esse artigo saiu n'*A Classe Operária*, estava em andamento os Grandes Processos de Moscou. Esses julgamentos sumários, comandados por Stalin, resultaram no fuzilamento de diversos dirigentes comunistas, inimigos políticos, entre outros adversários do líder soviético. Tais vítimas eram apresentadas à sociedade como espiões e inimigos da Pátria, e, por isso, deveriam sofrer a pena máxima, ou seja, a morte. Sem muitos detalhes, esse parágrafo faz referência a esses Processos, que os adversários de Moscou batizaram como o "Terror Vermelho". A ausência de uma criticidade nessa nota, em nossa hipótese, esta relacionada a três fatores: 1°) o fato de que as informações que chegavam para os comunistas do Brasil, nesse período de exacerbação da perseguição de Vargas, eram escassas e filtradas pela IC. Logicamente, os membros do PCB não levavam em conta as matérias críticas da União Soviética que foram publicadas nos jornais de grande circulação; 2°) a crença inabalável, naquele período, em relação à União Soviética. Para o PCB, assim como para o PCM e para os comunistas espalhados ao redor do mundo, o regime soviético era a personificação dos seus ideais de vida e, nesse sentido, era perfeito. Ele deveria ser seguido e não questionado. Ocorriam execuções e a o país comunista afirmava que os condenados eram traidores, que suas mortes eram medidas extremas para preservar a Revolução e, portanto, seriam

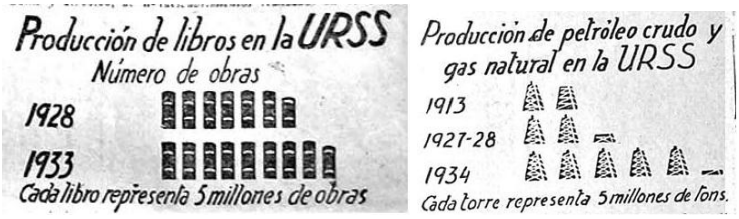
---

a 1937, que modernizou a indústria pesada russa e os seus bens de consumo. O 3° plano não entrou em vigor, em razão do estalo da 2° Grande Guerra. Segundo Daniel Aarão Reis Filho (2003: 93): "Foram construídas oito mil indústrias ao longo dos anos 30. Não apenas em crescimento quantitativo, mas sobretudo qualitativo, traduzido no aparecimento de novas cidades e regiões industriais e novos setores, como química, eletrotécnica, aeronáutica, automóveis, construção de máquinas etc".

justificáveis; 3°) O contexto interno. Defender o país soviético foi um alento e uma inspiração para os membros do PCB. Em um período de intensa perseguição, censura, prisões e mortes, cada notícia publicada sobre a força e a coragem dos soviéticos tornava-se um lembrete, para esses comunistas, da razão de sua luta. Apesar de todas as dificuldades, era válido manter-se em pé e continuar resistindo, pois eles também poderiam, em sua vitória, mandar os seus inimigos também para um muro de fuzilamento. No último parágrafo do texto, essa esperança na vitória tornou-se evidente:

> Que o nosso Partido do Brasil estude a experiência russa, rica de ensinamentos e saiba tirar as lições necessárias para a nossa libertação nacional e social. Ao mesmo tempo, compreendendo a importancia da U.R.S.S., dedique sua atividade quotidiana á defesa do paiz do Socialismo, o grande baluarte da luta pela Paz, pela Democracia e contra a barbárie fascista.
> (ibidem)

O PCB não teve a oportunidade de colocar em prática os ensinamentos de Moscou, como pregado acima. Com a instalação do Estado Novo, os comunistas ficaram mais isolados, as comemorações do aniversário da Revolução Russa praticamente se extinguiram e o advento da Segunda Grande Guerra inviabilizou o plano em realizar no Brasil, uma Revolução no modelo soviético. No caso mexicano, o *El Machete*, em seu período de ilegalidade, conseguiu publicar outras edições especiais sobre a Revolução Russa. Em 30 de outubro de 1934, o n° 307 do órgão central do PCM publicou uma edição especial com artigos comemorativos da Revolução Russa, da inserção das mulheres no país soviético, além de traduções de textos de Lenin e da IC. A mesma linha editorial foi utilizada em 1935, na edição comemorativa do 18° aniversário da Revolução Soviética. Além dos textos apologéticos usuais, esse número publicou textos sobre a vida cultural no "país do socialismo", além de um relato pessoal de Hernán Laborde, de sua visita a União Soviética. O progresso do país moscovita, tanto no campo político, cultural, econômico e social, foi descrito em texto e apresentado em alguns desenhos ilustrativos:



Figs 71 e 72: Producción de libros, petróleo crudo y gas natural (S/A)
***El Machete*, n° 362, de 07/11/1935, p. 02 e 03**
Fonte: CEMOS

Os dois desenhos acima ilustraram matérias sobre o desenvolvimento cultural e econômico da União Soviética. Apesar da simplicidade do traço, a mensagem das ilustrações é bem simples: a produção de livros, de petróleo e gás natural no "país do socialismo" aumentou em grandes escalas. O autor desconhecido dos desenhos escreveu que cada livro e cada torre representavam o mesmo número: cinco milhões. O essencial, tanto dessas imagens, quanto dos textos, foi continuar a propaganda política e positiva sobre a União Soviética, mesmo que a precisão dos dados publicados fosse questionável.

Em 1937, foi publicado o último número comemorativo do *El Machete* sobre a Revolução Russa, com 14 páginas. Novamente, foram publicados diversos textos positivos sobre a União Soviética e o progresso parecia inexorável no país comunista. O teatro apresentava obras esplêndidas, o cinema foi saudado com entusiasmo, os atletas soviéticos eram os melhores do mundo, o analfabetismo estava sendo erradicado, os salários aumentavam significamente, entre outros. Esses foram os temas de diversos textos que foram publicados nesse número especial. Ao se deparar com esse número, o leitor do periódico comunista mexicano tinha a sensação, que na União Soviética, o céu era o limite. O editorial aproveitou essa edição comemorativa, para defender a reaproximação diplomática do México com o país soviético, que só ocorreu em 1945, no final da Segunda Grande Guerra.

A Revolução Russa foi um projeto, um exemplo e um significado da vida de diversos militantes comunistas no México e Brasil. A cada texto publicado sobre o aniversário desse acontecimento, os editores comunistas mexicanos e brasileiros, exaltaram os seus feitos e também elaboraram análises sobre como colocar o México e o Brasil no caminho dessa Revolução Mundial.

Além dessas edições e dos artigos publicados sobre esses *10 dias que abalaram o mundo*, outro acontecimento foi especial para os editores e leitores do *El Machete* e d'*A Classe Operária*: o 1° de maio, dia do trabalho.

5.3. 1° de maio

No 1° de maio de 1886, foi realizada uma manifestação de milhares de trabalhadores em Chicago, Estados Unidos, cuja ação foi pautada por diversas reivindicações trabalhistas, entre elas, a redução da jornada laboral para oito horas diárias – era comum, que um dia de trabalho atinge-se até treze horas. Os trabalhadores ficaram quatro dias parados, e o choque contra as forças policias não tardou a ocorrer. A repressão foi intensa pela parte da polícia, que vitimou dezenas de sindicalistas e prenderam os seus principais líderes, a saber: Sam

Fieldem, Michael Schwab, Oscar Neeb, Albert Parsons, Georg Engel, August Spies, Adolph Fischer e Louis Lingg. Desses, Fieldem e Schwab foram condenados à prisão perpétua, Neeb a quinze anos de encarceramento, Parsons, Engel Spies e Fischer foram enforcados em novembro de 1887 e Lingg suicidou-se na prisão. Todos ficaram conhecidos como "os mártires de Chicago". Com a grande repercussão desse massacre, a II IC, formada em 1889, definiu a data de 1° de maio como o dia de luta para os trabalhadores de todo o mundo. A força simbólica dessa data é relevante, pois, socialistas, anarquistas e depois comunistas de diversos países, sempre utilizaram esse dia para promover manifestações, propagandear a sua ideologia e reivindicar melhores condições para os trabalhadores (WOODCOCK, 1981: 30-32).

No México, a primeira referência ao 1° de maio data de 1892, quando foi realizada uma manifestação pacífica na Cidade de Chihuahua, localizado ao norte do país. Em 1912, houve um pequeno encontro realizado pelo Partido Socialista, e, em maio do ano posterior, a Casa del Obrero Mundial (COM) de orientação anarquista, realizou uma grande manifestação de comemoração desta data, em plena Cidade do México, no período da Revolução. Apesar dos dois registros anteriores, segundo Miguel Rodríguez (1995: 387) o evento organizado pela COM, é considerado pela historiografia como a 1ª celebração do 1° de maio no México.

No Brasil, a primeira celebração do 1° de maio registrada, ocorreu em 1895 pelo Centro Socialista da Cidade de Santos. Ao longo do primeiro decênio do Século XX, essa data foi comemorada entre anarquistas e socialistas. No segundo decênio, os comunistas também se inseriram nas reuniões operárias de maio, e, em 1925, no mesmo dia de lançamento d' *A Classe Operária*, o presidente Artur Bernardes decretou o 1° de maio como feriado nacional. A partir de 1930, Vargas percebeu a importância dessa data e a transformou em data oficial. Não seria demasiado afirmar que Vargas a cooptou, pois, reprimiu outros grupos que decidissem realizar manifestações nesse dia comemorativo, e, utilizou essa data para divulgar suas plataformas de leis trabalhistas. Não à toa, o atual filme *Getúlio*, que narra os últimos dias de Vargas antes do seu suicídio em 1954, foi lançado em 1° de maio de 2014. Ou seja, apesar de não possuir a intensidade de outrora, a ligação de Vargas com o dia do Trabalho, é um discurso que persiste até os dias atuais.

1° de maio de 1925 foi um ponto de conexão entre o *El Machete* e *A Classe Operária.* Enquanto o periódico mexicano tornou público a sua filiação ao PCM, no Brasil, saiu à primeira edição o órgão central do PCB. Abaixo, seguem as duas capas das referidas publicações:


A CLASSE OPERARIA

Aos trabalhadores das idades e dos campos

1º DE MAIO O que é e o que pretende ser este jornal

O CANTO IMMORTAL DOS TRABALHADORES

"Fac-smile" do 1º numero da A Classe Operaria, publicado a 1º de Maio de 1925


EL MACHETE

PERIODICO OBRERO Y CAMPESINO

Con las victimas proletarias de Chicago en 1886, nació el 1o. de mayo, POR ESTO ES UN DIA DE ENERGICA PROTESTA de las masas oprimidas: ataquemos a los que festinan con francachela y payasadas pintorescas: EL FRENTE UNICO DE LOS TRABAJADORES DE HOY

MITIN DE PROTESTA

La garra latifundista

Manifiesto del Partido Comunista de México

FRENTE UNICO PROLETARIADO

VIVA EL

1o. DE MAYO DE 1925

Manifiesto del 1o. de Mayo a los trabajadores de la America Latina, salud a todos.

Resumen del 2do. Congreso del Partido Comunista de Mexico

NOTA DE LA ADMINISTRACION

A LOS PANADEROS

Camarada trabajador: Si tú lees la prensa burguesa, nos traicionas; si ayudas ésta, salvas tu propia causa

Fig. 73 e 74: Fac-símile da capa do número de estreia d' *A Classe Operária*, publicada em *A Classe Operária*, n° 180, de 01/05/1935.
Capa de *El Machete*, n° 35, de 01/05/1925.
Fontes: CEDEM/CEMOS

Não localizamos, nos centros de pesquisa consultados, o primeiro número d'*A Classe Operária*. A imagem acima (fig. 73) foi retirada de um fac-símile publicado no número especial 180, publicado em 1° de maio de 1935. Essa capa ilustrou o artigo "DEZ ANNOS À FRENTE DA LUTRA CONTRA O FEUDALISMO E O CAPITALISMO", assinado apenas por Sylvio, apresentado como um velho militante do PCB. Nesse texto, comemorativo dos 10 anos d'*A Classe Operária*, Sylvio fez um breve quadro histórico da trajetória do periódico comunista. Apesar da baixa qualidade gráfica do material, temos como visualizar alguns pontos que foram tratados nesse seu número de estreia, como um histórico do 1° de maio, uma apresentação da missão do periódico aos leitores, e no centro, há o texto "O CANTO IMORTAL DOS TRABALHADORES", ilustrado com três caricaturas. Delas, só identificamos até o momento, a figura á direita, do anarquista Neno Vasco.[131] Torna-se curioso a imagem de um militante anarquista na capa de estreia d'*A Classe Operária*, uma vez que houve um confronto ferrenho entre os libertários e os comunistas do Brasil.

[131] Português, **Neno Vasco** nascido como **Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós e Vasconcelos**, formou-se em direito, emigrou para o Brasil em 1901, juntou-se a seu pai e, uma vez estabelecido em São Paulo, entrou em contato com a corrente anarquista do Brasil. Participou de diversos periódicos libertários e regressou a Portugal em 1911 (RODRIGUES, 1993: 93).

No *El Machete*, além dos artigos referentes à história do 1° de maio, também foram publicados textos sobre a estratégia política do periódico que, a partir desse momento, o deixaria de braços dados com o Comunismo: a criação de uma Frente Única proletária. Na capa (fig. 74), temos um exemplo dessa empreitada na imagem de autoria de Xavier Guerrero, na qual, em escala ascendente, temos um punho fechado, um martelo, uma foice e uma estrela – símbolos do Comunismo Soviético – envolvidos pela frase "VIVA EL FRENTE UNICO PROLETARIO". Essa imagem é parte integrante do texto "Manifiesto del Partido Comunista de México", no qual foi apresentado aos leitores do *El Machete*, o papel de vanguarda do PCM na luta para que operários e camponeses pudessem lutar pelos seus direitos. A Frente Única seria a principal estratégia de luta contra a burguesia e em prol da verdadeira Revolução Social nesse período. Em outra passagem do manifesto, foi conclamado que os trabalhadores não festejassem o 1° de maio, pois, essa data deveria ser tratada para recordar os "mártires de Chicago", pois, em lugar de festejos, os verdadeiros revolucionários deveriam aproveitar esse dia para realizar uma autorreflexão sobre a exploração do Capitalismo, e, consequentemente, criar os mecanismos para derrotá-lo.

No ano de 1928, outras comemorações sobre o 1° de maio foram realizadas. *A Classe Operária* retornava a sua circulação, e em sua reestreia, n° 01, de 1° de maio do referido ano, foi publicada uma chamada para que os trabalhadores se dirigissem à Praça Mauá, no Rio de Janeiro, às 14hs. A cobertura desse comício foi publicada no número seguinte, 02, datada de 05 de maio de 1928. No editorial desse número, a grande imprensa foi acusada de ludibriar os seus leitores, em suas matérias referentes às comemorações do Dia do Trabalho:

> 1) Mystificação da quasi totalidade da imprensa burguesa, tentando fazer do 1° de maio data de "confraternização das classes". Nada menos que isso! Porém, isso quer dizer o seguinte: reconhecimento da força proletaria latente. Temendo atacar o proletariado, no dia em que este passa em revista suas forças, os lacaios da imprensa capitalista procuram mystificar as significação essencialmente luta-de-classe, anti-capitalista da magna data proletariana.
> (*A Classe Operária*, "1° DE MAIO DE 1928". n° 2. 05/05/1928, p.1)

O entusiasmo entre os editores do PCB é perceptível no trecho destacado acima, que confirma a existência de uma disputa pelo significado do 1° de maio. Enquanto os jornais burgueses noticiaram esse dia como uma data comemorativa, *A Classe Operária* afirmou que foi um dia de luta. Ao creditar uma força latente ao operariado, o órgão central do PCB procurou qualificá-lo como portador de uma potência oculta, um vulcão prestes a entrar em erupção.

A comemoração do 1° de maio de 1928, publicada nas páginas d'*A Classe Operária*, foi na realidade um comício do PCB e do BOC. Essa afirmação tem por base o texto de capa "As comemorações proletárias do 1° de maio" em que foi apresentado um resumo de toda a atividade realizada na Praça Mauá, desde sua abertura, até o encerramento, com todos os participantes cantando o hino da Internacional, além de uma descrição resumida das declarações de todos os oradores, com destaque para a intervenção de Octavio Brandão, candidato do BOC no referido ano. Além da disputa com a imprensa burguesa destacada no trecho, os comunistas, segundo o relato do periódico, também rivalizaram a liderança ideológica desse dia com os anarquistas, sendo que, no final, é afirmado que os seguidores da Revolução Soviética haviam vencido tal disputa ideológica:

> A imprensa burguesa já noticiou detalhadamente o que foram as comemorações do 1° de maio.
>
> Alguns jornaes que se fingem defensores das "classes populares" não puderam deixar de reconhecer que o comício da praça Mauá correu sob os pavilhões vermelhos da maioria de nossas associações proletarias grande massa de trabalhadores.
>
> [...]
>
> Nem o individualismo anarchista nem o opportunismo democrático-burguez, conseguiram seduzir o proletariado consciente do Rio a 1ª de maio deste anno.
>
> Isto nos enthusiasma e acentua em nós a confiança que temos no destino da classe operaria do Brasil sob a orientação segura e eficiente do seu partido de classe. (*A Classe Operária*, "As comemorações proletárias do 1° de Maio". n° 2. 05/05/1928, p.1)

Além dos detalhes sobre a manifestação operária, que segundo o(s) autor(es) da matéria estava sob o domínio dos "pavilhões vermelhos" comunistas, chama atenção o trecho no qual os anarquistas foram comparados com a burguesia. O individualismo ácrata e o oportunismo burguês foram apresentados como posturas nocivas ao operariado. Somente a eficiência de um partido de classe, ou seja, do PCB, poderia direcionar corretamente o ódio latente dos trabalhadores brasileiros. Esse discurso não surpreende quando, em sua conclusão, o texto conclama que os trabalhadores votassem nos candidatos comunistas do BOC. Apesar dos embates contra os anarquistas, foi publicado um trecho da fala do delegado dos marmoristas identificado apenas como Diz, que pediu a liberdade de Domingos Passos, importante personagem da História do Anarquismo do Brasil, que ficou conhecido como o "Bakunin Negro".

Nesse mesmo ano de 1928, o *El Machete* lançou um exemplar especial, n° 112, em 1° de maio. Como nas edições anteriores, foram publicados novamente artigos sobre a história da data e das vítimas de Chicago, além de uma foto – infelizmente muito borrada – de uma

grande manifestação realizada em Moscou. No texto "PRIMERO DE MAYO", os editores do *El Machete* procuraram demonstrar aos seus leitores como esse dia especial foi comemorado no "país do socialismo":

> En la Unión Soviética se trabaja siete horas. La tierra es de los campesinos y las fábricas son de los obreros.
>
> En la URSS se constituye una nueva sociedad.
>
> En este día no se trabaja allá, no se descansa. El proletariado ruso ve al proletariado hermano de los demás países, y vigila las fronteras amargadas por los capitalistas.
>
> Defiende con las armas en la mano su Constitución, que nadie puede reformar sin su permiso.
>
> Y marcha adelante, siempre adelante!
>
> (*El Machete*, "PRIMERO DE MAYO". n° 112. 01/05/1928, p.3)

No pequeno trecho acima, os trabalhadores soviéticos foram apresentados como estando no controle do seu meio de produção, como os donos das fábricas; e os camponeses, por sua vez, donos de suas terras. Contudo, para manter esses direitos, ambos precisavam lutar. Tanto que não há descanso, pois, quando não estão trabalhando, vigiam as fronteiras da Revolução. Ao apresentar esse quadro, os editores da publicação comunista mexicana tinham como objetivo incentivar a luta dos operários e camponeses em seu país. Ao invés dos usuais textos pedagógicos, dessa vez foi utilizada a comparação para passar essa mensagem. O penúltimo parágrafo, no qual é defendido que os trabalhadores da União Soviética defendessem a Constituição e que não permitissem que a tocassem sem consultá-los, foi um recado direto aos mexicanos, para que os mesmos se opusessem a qualquer iniciativa de alteração na Constituição Mexicana de 1917. O artigo encerra com uma exaltação ao PCM, com a afirmação de que os seus quadros de filiados quintuplicaram e que, apesar da perseguição, o *El Machete* circulava regularmente nas ruas da Cidade do México. Essa imagem positiva do trabalhador soviético e o dado de que as fileiras do PCM não paravam de crescer foram utilizados como uma propaganda não apenas das benesses da Revolução Russa, como também da importância da luta pelo Comunismo no país asteca. O Éden revolucionário soviético também poderia ser construído na terra do Muralismo.

No primeiro ano de seu período de ilegalidade, o 1° de maio não foi esquecido pelo *El Machete*. O n° 180, publicada em abril de 1930, publicou uma convocação em sua capa: "PRIMERO DE MAYO BAJO LA CONTRARREVOLUCION". Nesse artigo, os editores do periódico comunista chamaram os trabalhadores e os camponeses da Cidade do México para participarem de uma manifestação contra o governo de Pascual Ortiz Rubio, no Dia do Trabalho. Com uma escrita animadora, em outra passagem do artigo, o PCM colocou-se

novamente na liderança dos operários e camponeses e afirmou que os mesmos não estavam sozinhos em sua luta:

> Pero la clase obrera de México, en su parte más avanzada – el Partido Comunista, - ha sabido resistir la ofensiva y mantenerse firme, cumpliendo por encima de todos los obstáculos su misión de vanguardia dirigente, a la cabeza de todos los oprimidos que luchan por su emancipación. Con la ayuda resuelta del proletariado internacional (manifestaciones en los Estados Unidos, Argentina, **Brasil**, Alemania, etc.), los obreros y campesinos de México han sabido hacer comprender la burguesía mexicana y a sus amos imperialistas que nada ni nadie podrá encadenar el movimiento revolucionario ni destruir a su vanguardia, el Partido Comunista.
> (*El Machete*, "PRIMERO DE MAYO". n° 180. ?/04/1930, p.3 – negrito nosso)

Evidencia-se no trecho acima o discurso do Internacionalismo operário, na afirmação de que estão ocorrendo manifestações em outros países em apoio aos trabalhadores mexicanos. Nesse período de ilegalidade do PCM e do *El Machete*, foi importante não esmorecer, mesmo com a repressão do governo mexicano. As últimas palavras do trecho destacado acima foram um recado direto aos agentes repressores comandados por Ortiz Rubio, ou seja, de que o PCM e o Movimento Comunista no México, apesar dos esforços repressivos, não poderiam ser destruídos.

Na última página desse número, foi publicado o pequeno texto "El Gobierno Prepara el Primero de Mayo", no qual foi denunciado como o governo mexicano planejava a comemoração desta data com a finalidade de manipular os trabalhadores mexicanos. Houve nesse momento uma disputa sobre o "verdadeiro" 1° de Maio: de um lado, temos a visão dos comunistas de que essa data deve ser celebrada com luta, em uma manifestação contra o governo. Do outro, temos a visão do governo, de que não seria tolerado nenhum incidente, e que esse dia deveria ser comemorado com festas. No número seguinte, foi relatado o embate entre essas duas interpretações sobre o Dia do Trabalho:

> La jornada del Primero de Mayo prueba que la línea de nuestro Partido y de la Internacional Comunista es justa. Los manifestantes de México, D.F., a pesar de su número relativamente reducido, supieron hacer frente a la policía y defender, contra sablazos y caballazos, su derecho de la calle; grupos considerables de obreros de organizaciones amarillas, inclusive de desocupados, se agregaron a nuestra manifestación y nos sostuvieron en la lucha contra la policía, a pesar del escaso o ningún trabajo previo localizado entre ellos […]
> (*El Machete*, "LAS ENSEÑANZAS DEL PRIMERO DE MAYO". n° 181. ?/05/1930, p.3)

No relato acima, há uma sensação de que houve uma união em torno do PCM, contra as forças governamentais nas comemorações do 1° de maio na Cidade do México. Ao

colocar-se no centro gravitacional, com outros segmentos subalternos da sociedade mexicana orbitando em sua volta, o PCM objetivou apresentar aos seus leitores um exemplo de como seria a Frente Única, ou seja, todos os explorados lutando contra o governo, sob a liderança dos comunistas.

Os embates pelo 1° de maio não ficaram restritos apenas ao México: também ocorreram no Brasil. Antes de Vargas chegar ao poder em outubro de 1930, no mês de maio, houve represálias contra os comunistas na Praça Mauá, empreendidas pelas forças policiais, como nos apresenta Paulo Sérgio Pinheiro (1991: 246):

> Enquanto os líderes comunistas Otávio Brandão e Astrojildo Pereira são escorraçados do partido pela IC em Buenos Aires, no dia 1° de maio de 1930, o PCB tenta realizar um comício na praça Mauá, no Rio de Janeiro, que é dissolvido com violência por largos contingentes de policiais que enchiam os carros com manifestantes presos (entre os quais Minervino de Oliveira, Paulo e Fernando de Lacerda, Sadi Garibaldi e Laura Brandão, mulher de Otávio Brandão). Contra todas as evidências de arbítrio – que não seria afetado pela revolução de 1930 – o chefe de polícia do Distrito Federal vê nessa ação repressiva uma demonstração de legalidade: "Mesmo em face da pregação de doutrinas políticas exóticas, a prevenção da polícia não impede manifestações pacíficas, promovidas sem clandestinidade, nos limites constitucionais do direito de reunião. Nesta capital, a existências de pequenos grupos de operários que se dizem filiados ao comunismo, tendo até representantes no Conselho Municipal [refere-se a Otávio Brandão, eleito pelo BOC], constitui a mais eloqüente demonstração da vigência das rigorosas práticas republicanas".

O quadro da manifestação de maio de 1930 ocorrida no Brasil é bem distinto do quadro mexicano apresentado. Contudo, temos que levar em consideração que o *El Machete* comumente publicava matérias elogiosas e grandiloquentes sobre a atuação do PCM na sociedade mexicana, o que constitui textos de conteúdo mais propagandísticos do que de informativos. Todavia, em 1930 o PCB passou por um período de intensa crise. Minervino de Oliveira havia conseguido apenas 500 e poucos votos nas eleições presidenciais realizadas em março do referido ano, e a repressão, como demonstrado no trecho citado de Pinheiro, foi camuflada por um discurso de legalidade democrática. No relato do chefe de polícia, o Comunismo foi apresentado como uma "doutrina política exótica", ou seja, ideias subversivas que vinham do exterior e manipulavam as ações dos trabalhadores brasileiros. Tal interpretação já foi discutida e desconstruída (SOUSA, 2012: 46-49), contudo, ela foi bastante utilizada para justificar a repressão não apenas contra os comunistas, como também, diante dos militantes anarquistas em períodos anteriores.

Em 1935, meses antes da Insurreição Comunista, *A Classe Operária* publicou um número especial no mês de maio. Esse número especial (já nos referimos a ele no capítulo 2 e

3) publicou uma variedade de textos. Foram publicados artigos sobre o cotidiano e a cultura dos trabalhadores da União Soviética, sobre a situação do operariado brasileiro e um resumo da história do PCB e d'*A Classe...* . De inusitado, houve a publicação de um texto sobre a questão indígena do Brasil. Ao contrário dos anteriores, esse número não publicou nenhum artigo histórico sobre o 1° de maio. Em um texto, assinado por Medina,[132] que traçou um quadro da repressão imposta aos operários, em 1935:

> O proletariado brasileiro chega a este 1 de Maio em plena atmosfera da "Lei Monstro". Dezenas de trabalhadores, de militares, estudantes e intellectuaes pobres estão nas prisões, nas ilhas sob trabalhos forçados. A reação continua a afiar as garras. Os trabalhadores são perseguidos, presos, assassinados emquanto os integralistas continuam a se armar, a fazer provocações.
>
> A situação é extremamente grave. Diariamente se preparam golpes ameaçando atirar a juventude trabalhadora na carnificina das guerras internas em beneficio dos donos de fabricas, senhores de terras e imperialistas extrangeiros.
> (*A Classe Operária*, "MOBILISEMOS AS FORÇAS OPERARIAS". n° 180. 01/05/1928, p.8)

Em abril de 1935, como mais um ato de represália aos comunistas e outros adversários políticos, foi promulgada a LSN ou "Lei Monstro". Como já apresentado anteriormente, essa diretriz foi bastante utilizada na aplicação da repressão direcionada aos membros do PCB, o que dificultou seus projetos de mobilização nacional, e foi uma arma importante que Vargas utilizou para frear o intenso crescimento da ANL, ocorrido nos primeiros meses de 1935, ganhava muito espaço e apoio entre os trabalhadores e os descontentes com o governo. Se por um lado, a ANL poderia ser utilizada pelo PCB, por outro, os fascistas Integralistas, liderados por Plínio Salgado, também se consolidavam a cada dia. O texto de Medina encerrou-se com um apelo a união de todos os operários contra a "Lei Monstro", contra o governo e contra os Integralistas. Ou seja, eram muitos inimigos a serem combatidos, e o ponto máximo dessas tensões, foi a Insurreição Comunista ocorrida em novembro. Se no Brasil o clima foi tenso, o mesmo não pode ser dito sobre o México.

No segundo ano do governo do Gen. Lázaro Cárdenas, o 1° de maio foi uma data de festa para o PCM e para o *El Machete*. Tanto o Partido quanto seu órgão central estavam na legalidade e ambos vislumbravam um caminho positivo na política mexicana. No n° 385, publicado em 1° de maio de 1935, o PCM convocou uma grande manifestação no Dia do Trabalho, como uma demonstração da Frente Única, que, enquanto projeto entre os comunistas brasileiros, foi uma realidade entre os comunistas mexicanos. Essa também foi a

[132] **José Medina** foi um militante sindicalista e ocupou o cargo de Secretário-Geral do PCB nos anos de 1943 a 1945 (informação passada pelo Prof. Dr. Marcos Tadeu Del Roio).

primeira manifestação dessa data ocorrida no governo cardenista, o que também evidencia a grande expectativa que ela causou. Depois de cinco anos de perseguição, como seria para os comunistas mexicanos comemorar o Dia do Trabalho ao lado do governo?





Fig. 75 e 76: Charge de L.A.B, publicada na capa do *El Machete*, n° 385, de 01/05/1935, alusiva a Frente Única mexicana. Fotos das comemorações do 1° de maio organizado pelo PCM, publicada na capa do *El Machete*, n° 386, de 05/05/1935. Fontes: CEMOS

As comemorações foram positivas. A cobertura do evento foi publicada no n° 386, de 05 de maio de 1935. Logo na capa, foram impressas quatro fotos (fig. 76) sobre a mobilização do PCM nesse dia festivo. Na primeira foto, temos o CC do PCM reunido, e, abaixo em sequência, algumas imagens da manifestação realizada na Cidade do México. Também foi informado que comparecerem 80 mil pessoas nesse evento, sendo que 50 mil eram representantes da Frente Única. Esse dado foi bastante exaltado, como um exemplo da força política e de mobilização do PCM:

> En México las demonstraciones de frente único han sido en gran parte un resultado de la actividad tesonera y entusiasta de los comunistas y obreros revolucionarios, que desde Abril de 1933 (Conferencia Nacional de Frente Único) no han cesado de luchar contra todos los obstáculos, dificultades, maniobras, intrigas y desconfianzas, para realizar el frente único de acción que las masas necesitan y quieren.
>
> El Partido Comunista ha jugado audaz y enérgicamente su papel en esta jornada. El Partido puso sus mejores esfuerzos en la tarea de hacer de este Primero de Mayo una verdadera jornada de lucha en frente único, por las reivindicaciones inmediatas de los trabajadores, contra la explotación capitalista e imperialista, contra el fachismo y la guerra, y de imprimirle un carácter internacionalista, de solidaridad con todos con todos los trabajadores del mundo. El Partido se esforzó por mostrar (particularmente en el mitin del Anfiteatro Bolívar, la noche del día Primero,) cómo las luchas cotidianas y particularmente el desarrollo del movimiento huelguístico, a

> base de frente único amplio, y a través de la lucha por la unidad completa, por la central sindical única del proletariado, debe conducir a las batallas finales por el poder, por el Gobierno Obrero y Campesino y por la sociedad socialista.
> (*El Machete*, "EL 1° DE MAYO, EL FRENTE UNICO Y EL PARTIDO COMUNISTA". n° 386. 05/05/1935, p.3)

Apesar do número expressivo de participantes desse 1° de maio, pelo texto do *El Machete* evidencia-se um esforço do PCM em justificar a sua participação nesse grandioso evento. Em dois momentos do segundo parágrafo, encontramos a afirmação de que o PCM esforçou-se para transformar esse Dia do Trabalho em uma data de luta da Frente Única mexicana. Torna-se compreensível esse intento dos editores do *El Machete* em deixar a sua marca nesse evento, uma vez que a figura do Gen. Lázaro Cárdenas exerceu uma forte atração entre as camadas sociais do México. As críticas direcionadas a Cárdenas foram realizadas com cuidado, uma vez que o presidente mexicano foi o responsável em legalizar o periódico e de encerrar a perseguição aos comunistas. Foi uma situação delicada para o PCM, que aos poucos deixou essa postura defensiva de lado e adotou um discurso de apoio a Cárdenas. Por outro lado, até que ponto essas 50 mil pessoas que apoiaram a Frente Única nesse dia, estavam realmente comprometidas com a ideologia comunista? Recordemos as análises de Barry Carr em sua afirmação de que, nesse período, o PCM tinha um grande fluxo de movimentação de filiados. Muitos entravam e também saiam das fileiras do Partido. Não coincidentemente, em outro extrato do trecho acima, encontramos a afirmação de que o PCM estava lutando para constituir uma "unidade completa" entre os trabalhadores da cidade com os do campo. As massas estavam nas ruas e quem iria guiá-las? Esse foi o desafio que esse 1° de maio mostrou aos membros do PCM.

Apesar dessas questões levantadas, nos anos anteriores, o *El Machete* lançou edições especiais sobre essa data. Com exemplo, segue abaixo a capa do número do 1° de maio de 1936, bastante ilustrada e com diversos detalhes em vermelho. A arte da capa destaca-se pelo seu cuidado, que sem sombra de dúvida, *seduziu* os leitores mexicanos. Na xilogravura da capa, temos diversos personagens que representam as organizações sindicais e populares do México: à frente, temos um operário com a sigla do PCM em seu peito; ao seu lado direito, um homem com a sigla PNR; em suas costas, outro operário com a sigla FPM; à direita, um homem com a sigla da LEAR na mão esquerda, com uma estrela vermelha; atrás, uma camponesa com a sigla EUPDM; em suas costas, outro trabalhador com a sigla UCN; e por fim, distante dessas personagens, temos mais um trabalhador com a sigla CTM. A principal mensagem que a capa transmite é de união entre todas essas organizações, pois, todos estão empunhando uma bandeira vermelha, com a forma de um coração e com os dizeres:

"UNIDAD NACIONAL DE TODAS LAS FUERZAS POPULARES. EL 1° DE MAYO DE 1936." O discurso de união não poderia ser mais claro. Abaixo, segue a imagem da referida capa:



Fig. 77: Capa do n° 404 do *El Machete*, de 01/05/1936
Fonte: CEMOS

O Dia do Trabalho sempre esteve ligado com *A Classe Operária*. Em sua terceira fase, na curtíssima legalidade de 1946, foi lançado um número especial dessa data. De todos os artigos publicados, um em especial, merece uma análise: "1° de Maio. De 1886 a 1946", de Astrojildo Pereira. Nele, um dos fundadores do PCB realizou uma descrição panorâmica do Dia do Trabalho, de sua origem sangrenta de 1886, passando por datas significativas da História Operária do Brasil:

> No Brasil, o 1º de Maio tem igualmente a sua história – longa e gloriosa, história, que seria interessante contar às novas gerações combatentes do proletariado brasileiro. Infelizmente não me sobrou tempo agora para proceder a pesquisa em tal sentido. Mas quero recordar o 1º de Maio de 1919, o de 1925, o de 1927 e o de 1929 – marcos importantes no desenvolvimento das lutas operárias em nossa terra. Em 1919, os trabalhadores do Rio de Janeiro realizaram a maior demonstração operária de massas até então presenciada na capital da República: mais de 60.000 pessoas reunidas em comício, na Praça Mauá, desfilando depois pela Avenida Rio Branco acima, com os seus estandartes, as suas bandeiras e as suas flâmulas. Em 1925, a manifestação do nosso 1º de Maio teve como nota mais alta o aparecimento de A CLASSE OPERARIA. Em 1927, também na Praça Mauá, pela primeira vez num 1º de Maio, o Partido Comunista apareceu como tal, abertamente, com um orador que falou em nome do Partido. Quanto ao 1º de Maio de 1929, foi igualmente um grande

> dia, tendo A CLASSE OPERARIA publicado um número especial de páginas com a tiragem record de 30.000 exemplares.
> (*A Classe Operária*, "1° de Maio. De 1886 a 1946". n° 08. 01/05/1946, p.3)

No trecho destacado acima, Astrojildo Pereira construiu uma análise relacionando o 1° de maio do Brasil à própria história d'*A Classe Operária*. Em 1925, o ponto alto da manifestação foi o lançamento do órgão central do PCB, assim como, no ano de 1929, Astrojildo Pereira destaca a publicação de um número especial d'*A Classe Operária*. Poderíamos apontar que faltou uma referência ao maio de 1928, quando o periódico comunista do PCB voltou a ser publicado depois de três anos de inatividade. Todavia, o texto de Astrojildo Pereira construiu um discurso no qual a vida editorial do órgão central do PCB, e do próprio movimento comunista do Brasil, estava ligada ao 1° de maio. Como uma fênix, *A Classe Operária* poderia ressurgir das cinzas nesse dia de luta da classe que inspirou o seu título. Astrojildo Pereira construiu um discurso de Memória Operária, no qual o dia do Trabalho estava interligado com a trajetória do PCB e d'*A Classe Operária*. Dentro desse discurso, podemos visualizar uma verdadeira disputa ideológica sobre os verdadeiros representantes desse dia de luta: de um lado, Getúlio Vargas, e, do outro, os comunistas – o que comprova o poder simbólico que esse dia em especial exerceu sobre os trabalhadores do país.

O 1° de maio não foi apenas uma data de comemoração para os comunistas mexicanos e brasileiros. Ambos aproveitaram a simbologia importante dessa data para refletir sobre os passos de suas estratégias políticas e culturais, ou seja, os rumos da Revolução que deveria ser implantada no México e no Brasil. Essa data foi disputada entre comunistas, anarquistas, socialistas, e também pelos governantes mexicanos e brasileiros, o que, mais uma vez, comprova sua força simbólica.

Com os materiais apresentados e analisados acima, podemos afirmar que o 1° de maio teve uma importância maior para o PCB em comparação com o PCM. No *El Machete*, não localizamos esse esforço discursivo em se criar um elo entre os comunistas do México com essa data, como ocorreu com *A Classe Operária*. Podemos levantar a hipótese que, no caso mexicano, o PCM possuía outras datas para construir um discurso identitário, como as Guerras de Independência e a Revolução Mexicana. No caso brasileiro, as datas simbólicas de luta do operariado eram mais escassas. Os eventos anteriores, como a Greve Geral de 1917, foram protagonizados por anarquistas, e, em razão disso, ignorado pelos membros do PCB. Como exemplo, em seu texto, Astrojildo Pereira não fez referência nenhuma à tentativa insurrecional anarquista de 1918, no Rio de Janeiro, na qual foi protagonista. Havia uma

lacuna de eventos simbólicos para os comunistas brasileiros comemorarem e que o 1° de maio preencheu.

Passemos agora às matérias referentes às Revoluções nacionais: a Mexicana e a Brasileira.

5.4. Revoluções Nacionais

Além das matérias referentes às celebrações operárias exploradas acima, ambos os periódicos comunistas publicaram em suas páginas reflexões e interpretações de como deveriam ser constituídos os processos revolucionários de seus respectivos países. Esse tema suscitou diversas análises, sempre dentro do prisma do processo revolucionário comunista.

Primeiramente, a Revolução Mexicana.

5.4.1. Revolução Mexicana

Nos números lançados entre o ano de 1924 até meados de 1929, o processo revolucionário mexicano ficou em segundo plano nas páginas do *El Machete*. Como já demonstramos, em vários artigos publicados, as análises da Revolução Mexicana foram realizadas por meio de um esforço comparativo com a Russa. Esboçou-se a conclusão de que a Revolução Mexicana teve um caráter burguês e que deveria seguir o exemplo do processo revolucionário bolchevique, para tornar-se, enfim, uma Revolução Socialista/Comunista. Contudo, essa leitura foi modificada. Em seu período de clandestinidade, de 1929 a 1934, ao invés da comparação, foram publicados nas páginas do *El Machete* textos críticos sobre o significado da Revolução Mexicana e de suas festividades. Abaixo, segue um trecho dessas matérias críticas do *El Machete*:

> **! ABAJO LAS FIESTAS DEL HAMBRE!**
>
> El 20 de noviembre cumple su vigésimo segundo aniversario la revolución de los ricos de México, la revolución de los generales, los industriales y banqueros, la revolución sostenida por el imperialismo americano.
>
> Esa revolución sólo ha tenido ganancias para los ricos y poderosos; para los trabajadores ha representado un tremendo tributo de medio millón de vidas segadas en largos años de guerra civil.
>
> La Revolución hecha contra el latifundismo, lo resguarda y mata al que quieren las tierras robadas a los campesinos e indígenas. Migajas de tierra cerca de 7 millones de hectáreas se han dado a 800,000 jefes de familia, mientras que 276 grandes propietarios tienen ellos solos 47 millones de hectáreas. Los grandes latifundios y sobre todos los latifundios de los <<revolucionarios>> constituyen la base de la producción y del dominio en el país.

> El crédito es para los grandes terratenientes. Las carreteras, y las obras de irrigación, también para ellos.
>
> Las tiendas de raya, el trabajo forzado, las deudas hereditarias, constituyen múltiples cadenas contra los campesinos y los indígenas.
>
> Las grandes imperialistas y los terratenientes nacionales, roban sus tierras a los indígenas, los persiguen y condenan a un estado de inferioridad nacional. Existen hoy más peones que en 1910.
>
> La situación de los obreros no es mejor que la de los campesinos. El artículo 123 padre de la Ley Fachista del trabajo, concede mano libre a los empresarios para hambrear a los trabajadores: paros, reajustes, disminución de días de la semana, cientos de miles de desocupados: tal es el cuadro pavoroso.
>
> (*El Machete*, "! ABAJO LAS FIESTAS DEL HAMBRE!". n° 243. 20/11/1932, p.1)

Ao criticarem o aniversário da Revolução Mexicana, o objetivo do PCM foi atacar o governo de Pascual Ortiz Rubio. No trecho do artigo acima, a Revolução foi duramente questionada, acusada de ser uma manobra da burguesia mexicana, em sua perpetuação no poder. Nada havia mudado desde 1910, mantiveram-se as *tiendas de rayas* e as condições desumanas de trabalho. Para reforçar o tom alarmante do texto, afirmou-se, sem referência à fonte de dados, que no ano de 1932 havia mais peões no México do que em 1910. Destaca-se também o trecho de crítica ao artigo 123 da Constituição Mexicana. Antes apresentado como uma vitória da Revolução, nesse momento, tal artigo tornou-se uma lei fascista, utilizado para escravizar os trabalhadores. O texto terminou com um pedido para que o leitor que o estivesse lendo, se filiasse ao PCM e entrasse na luta pela verdadeira Revolução Mexicana.

Novamente, com o Gen. Lázaro Cárdenas no poder, o PCM mudou a sua postura e deixou de publicar no *El Machete* matérias críticas sobre a Revolução Mexicana. No n° 447, de 28 de novembro de 1936, foi apresentada a cobertura das festividades dos 26 anos da eclosão do processo revolucionário mexicano. Logo na chamada de capa, vislumbra-se uma alteração do discurso adotado pelos comunistas mexicanos: "CONMEMORACION POPULAR DE LA REVOLUCION MEXICANA!!".

A matéria sobre esse ato foi descrita com a mesma exaltação textual dos textos referentes à Revolução Russa e ao 1° de maio, analisados anteriormente. Segundo o texto do *El Machete*, 250 mil pessoas, de diversos setores da sociedade mexicana, participaram das festividades acerca da Revolução. Também houve a adesão de lideranças comunistas de outros países latino-americanos, como exemplo, de Elias Lafferte, representante da Federación Obrera de Chile, e de guerrilheiros republicanos espanhóis.

Cabe destacar, que a Guerra Civil Espanhola, que teve um enorme impacto no México e que foi acompanhada pelo *El Machete*, havia se iniciado em julho de 1936. Ou seja, poucos meses depois, os espanhóis republicanos já estavam no México, em busca de apoio na sua luta

contra os falangistas. Na parte superior da capa, foi publicada uma pequena foto dessa manifestação:



Fig. 78: Foto da manifestação do 26° aniversário da Revolução Mexicana (S.A)
***El Machete*, n° 447, 28/11/1936**
Fonte: CEMOS

Na primeira visualização, trata-se de uma típica foto de manifestação, usualmente publicada no órgão central do PCM. Todavia, a importância dessa imagem está na identidade da mulher ao centro. Trata-se de María Eustaquia Caridad del Río Hernández, apresentada como a "cabeça do desfile". Guerrilheira espanhola, Caridad del Río era mãe de Ramón Mercader del Río, o assassino de Trotski (CODOVILLA, 1999: 109). É uma coincidência macabra que dois meses antes da chegada de Trotski ao México - no estado de Tampico, no petroleiro *Rut* -, a mãe de seu futuro assassino havia se destacado nas festividades sobre a Revolução Mexicana. Além da publicação da foto, Caridad del Río também recebeu um espaço relevante sobre sua participação na cobertura publicada no *El Machete*:

DOS MUNDOS FRENTE A FRENTE

La miliciana Caridad Mercader aborda la tribuna. En esos momentos hacen su aparición sobre el Zócalo siete escuadrillas de aviones que evolucionan a corta altura. El ruido de los motores no deja escuchar bien los discursos. La enorme masa humana, impaciente, se apretuja. La cadena que resguarda la tribuna se rompe. Da trabajo contener la avalancha. Un llamado por el micrófono hace que se restablezca la orden. Caridad se refiere al momento que vive España; habla de las dos Españas, de los dos mundos, que se enfrentan en estos momentos en la Península. Comenta emocionada cómo fueron sorprendidos en España con la magnífica y gallarda ayuda aportada por el Gobierno de Cárdenas, y cómo se respeta y se quiere allá el nombre de México y su Presidente. Refiriéndose al "Manuel Arnus" pidió la solidaridad del pueblo de México para los 180 marinos de ese barco, retenido arbitrariamente en la Habana por el déspota Batista y que están en peligro de ser entregados al fachismo español. Para terminar, Caridad Mercader hizo un llamado a las mujeres mexicanas

> a estar listas para acompañar a los hombres como en España, cuando llegue el momento. "La colaboración de la mujer en la lucha es indispensable – dijo – Toda Revolución necesita de apoyo de la mujer…"
> (*El Machete*, "CONMEMORACION POPULAR DE LA REVOLUCION MEXICANA!!". n° 447. 28/11/1936, p.1)

Caridad del Río, também conhecida como Caridad Mercarder, foi uma das coordenadoras das Brigadas Internacionais dos republicanos espanhóis. Apresentada pelo órgão central do PCM como uma representante das forças republicanas da Guerra Civil Espanhola, praticamente exerceu o papel de elo entre os dois países: o dos comunistas mexicanos com o dos guerrilheiros espanhóis.

Na segunda página, foi publicada uma longa homenagem a Ricardo Flores Magón, apresentado como o percursor da Revolução Mexicana. Com uma pequena foto de Flores Magón no centro, foram publicados dois perfis biográficos: um de autoria de Rafael Ramos Pedrueza, "Ricardo Flores Magón", e outro de Rafael Carrillo, "14 años despues de su muerte", além de sua última carta, datada de 19 de novembro de 1922 e endereçada ao seu amigo Nicolás T. Bernal. Chama atenção o fato de o *El Machete*, de orientação comunista, ter dado espaço a uma homenagem ao principal intelectual anarquista mexicano em suas páginas. Apresentamos, no primeiro capítulo, o último artigo que Flores Magón escreveu em seu periódico *Regeneración*, que foi um elogio à Revolução Russa. Porém, convém ressaltar a ausência, no *El Machete*, da crítica que Flores Magón realizou anos depois em relação a esta revolução.

Em seu artigo, Rafael Carrillo procurou justificar a homenagem realizada nas páginas do *El Machete*. Além de exaltar a história do intelectual libertário, de seu caráter irredutível e de sua crença inabalável no papel libertador da Revolução, Carrillo também afirmou que os comunistas mexicanos teriam muito a aprender com Flores Magón:

> La obra de Flores Magón y del movimiento magonista está por estudiarse. No hay hasta la fecha seguramente, movimiento tan rico en enseñanzas, tan nutrido de experiencias. Nuestros comunistas, jóvenes y viejos deben de estudiarlo a fondo, por ser Magón el organizador del primer partido político – el Partido Liberal Mexicano – que comprendía puntos programáticos proletarios y haberse transformado eso partido en una organización de clase.
> (*El Machete*, "14 años despues de su muerte". n° 447. 28/11/1936, p.2)

No trecho acima, Carrillo comparou o PLM com o PCM. Como podemos constatar, não houve um rigor na análise realizada pelo dirigente comunista mexicano, que resultou em uma leitura anacrônica sobre o PLM. O Partido comandado por Ricardo Flores Magón veio de uma tradição dos clubes liberais criados no final do Século XIX mexicano, e reunia em seus

quadros uma classe média que não se sentia representada pelo governo porfirista. O PLM agiu clandestinamente em seus anos de atividade e não tinha como objetivo lançar candidatos ou participar da vida política mexicana. Imbuído pelo ideal anárquico, o principal objetivo do PLM foi fomentar uma Revolução Libertária no México e instaurar uma sociedade sem classes. Ou seja, objetivos muitos distintos do PCM. Em todos os textos publicados, não foi mencionado o posicionamento anarquista de Flores Magón. No máximo, encontramos algumas referências sobre as "suas palavras libertárias", que também não foram exploradas. Essa omissão é compreensível, uma vez que o principal objetivo dessa homenagem foi criar uma ligação de Flores Magón com a ideologia comunista, ou seja, os ideais do revolucionário libertário do passado estariam vivos e atuantes nos revolucionários comunistas do presente.

Armando Bartra (1979) também comparou as atividades do PLM de Ricardo Flores Magón e do *Regeneración* com o Partido Bolchevique de Lenin. Ao realizar a sua análise, Bartra (1979: 94) relativizou o forte papel da ideologia anarquista entre os membros do PLM e potencializou a força da ideologia marxista:

> El PLM no es un partido leninista simplemente porque es contemporáneo del leninismo. Las notables coincidencias que existen entre una y otra experiencia responden al hecho de que se actúa en contextos semejantes y a la capacidad de unos y otros para enfrentar creadoramente situaciones nuevas. Recordemos simplemente que para 1900, prácticamente todos los marxistas – salvo los bolcheviques – se seguían moviendo en una perspectiva decimonónica y sostenían posiciones políticas acuñadas en los países de capitalismo clásico. Para ellos la revolución mexicana estaba condenada a ser burguesa – como lo estaba la revolución rusa para Plejánov y los mencheviques – y los campesinos no tenían más perspectiva histórica que su proletarización. Por el contrario, los magonistas, al igual que Lenin, se atreven a vislumbrar una nueva posibilidad: la de una revolución de nuevo tipo que, sobre la base de la configuración de clases de los países atrasados, conduzca a una total emancipación de los trabajadores "evitando los dolores de la fase capitalista".

Além dessa leitura, apresentada por Bartra, sobre a interpretação dos processos revolucionários que os magonistas dividiram com Lenin, para o autor mexicano, a atuação do *Regeneración* como publicação oficial do PLM seguiu indiretamente as diretrizes teorizadas pelo líder bolchevique sobre o uso da imprensa pelos PCs. Mesmo sem utilizar essa denominação, o *Regeneración* foi praticamente um órgão central do PLM. Contudo, no que pese essas coincidências ou, ainda, leituras compartilhadas, Bartra (1979: 95) concluiu que "La revolución rusa triunfa y el magonismo fracasa".

O ponto alto da Revolução Mexicana nas páginas do *El Machete* ocorreu um ano depois, no n° 499, publicado em 20 de novembro de 1937. Esse número saiu com 32 páginas e tiragem de 25 mil exemplares ao preço de 10 centavos, o dobro do valor das edições

normais, e nele foram publicados diversos artigos sobre o significado da Revolução Mexicana na década de 1930.[133]

Apesar de interessante, analisar todo esse material fugiria do objetivo desse capítulo. Contudo, duas matérias são importantes para sacramentarmos a mudança discursiva do PCM diante do significado da Revolução Mexicana.

O primeiro texto publicado, que não consta da lista mencionada, foi uma tradução do artículo 123 da Constituição Mexicana para o idioma maia, cujo trabalho foi apresentado da seguinte forma:

> EL MACHETE se complace en traducir, con motivo del aniversario de la Revolución Mexicana, el trabajo debido a Santiago Pacheco Cruz, trabajo de una extraordinaria trascendencia social, en el cual se vierte al maya, el artículo 123 de la Constitución de Querétaro; en el que se recogieron todas las disposiciones de índole social que fueron fruto de la heroica participación de los trabajadores en la epopeya revolucionaria comenzada en 1910.
> (*El Machete*, "Traducción del Artículo 123 Constitucional al Idioma MAYA". n° 499. 20/11/1937, p. 26)

Essas mudanças de opiniões dos editores do *El Machete* sobre o artículo 123 da Constituição de 1917 devem ser analisadas com cuidado. Antes, no período de clandestinidade, essa lei foi denominada de manobra fascista. Na legalidade, o mesmo documento foi tratado como um "fruto da heroica participação dos trabalhadores". A mesma análise pode ser realizada sobre as divergências de leitura da Revolução Mexicana. No Maximato, a Revolução foi tratada como um engodo, uma farsa histórica perpetuada pela burguesia mexicana. Já com Cárdenas, ela foi interpretada como uma etapa do processo de emancipação dos trabalhadores das fábricas e dos campos do México. Tais divergências têm de ser analisadas à luz da conjuntura do momento em que foram publicadas. Tanto o artículo 123 da Constituição quanto a Revolução Mexicana foram interpretados pelos comunistas

[133]Apesar de numerosos, é relevante listar esses artigos, para demonstrarmos a dimensão que tal tema ocupou nesse número especial. Sobre a atualidade da Revolução, foram publicados os seguintes textos: "Las Perspectivas de la Revolución Mexicana en su 27° Aniversario" e " Defendamos la Revolución!!", provavelmente de autoria do CC do PCM. Sobre as dimensões políticas e culturais da Revolução, temos: "Mariano Azuela y la Novela de la Revolución", por Verna Carletón; "La América Latina y la Revolución", por Gustavo Machado; "La Mujer y La Revolución Mexicana", por Lolo de la Torriente, editora da seção feminina do *El Machete*; "La Revolución Mexicana y El Cine", por C.O.; "Juventud, Revolucion y Vida Social", por Narciso Bassols, Jr. "La Reforma Escolar y la Revolución Mexicana", por Gaudencio Peraza; "La Revolución Mexicana y el Indígena", por J.V. Artigos sobre questões históricas: "Los Periódicos Mexicanos en la Revolución", por Alejandro de la Llave, e, sem autoria, "En los albores de la Revolución", sobre o "Plan Político Social" de 1911, e um perfil da Profa Dolores Jiménez y Muro, idealizadora de tal plano. Foram também publicadas matérias sobre os perfis biográficos dos principais líderes da Revolução: "Francisco I. Madero", por R. Ramos Predrueza, uma página especial sobre a questão agrária, com uma breve biografia de Emiliano Zapata, de Gaston Lafarga; um verbete de Pancho Villa que foi publicado na Enciclopédia Soviética, além de uma entrevista com Enrique Flores Magón, irmão de Ricardo.

tendo por base a sua própria situação na sociedade mexicana. Novamente, deve-se frisar que, por se tratar de um veículo de combate, no interior das páginas do *El Machete*, as informações eram publicadas em momentos de embates na sociedade. Assim, suas interpretações variavam de acordo com as mudanças do movimento comunista na sociedade mexicana.

A esse respeito, os editores comunistas, ao analisarem o significado da Revolução Mexicana em 1937 no artigo "Las Perspectivas de la Revolución Mexicana em su 27° Aniversario", exaltaram o governo do Gen. Lázaro Cárdenas e, eventualmente, se colocaram como coadjuvantes nas mudanças da sociedade mexicana:

> Comprenden que el General Cárdenas y los cardenistas son los líderes de la revolución nacional, y se deciden a apoyarlos cada vez más firme y consecuentemente el Gobierno aborda los problemas básicos en nuestro país: la lucha por nuestra liberación nacional, la destrucción del régimen semifeudal que padecemos, de instauración de un régimen democrático donde los obreros y campesinos juegan un papel cada vez más importante.
> (*El Machete*, "Las Perspectivas de la Revolución Mexicana en su 27° Aniversario". n° 499. 20/11/1937, p.1)

Cárdenas e seus aliados foram apresentados nesse trecho como os líderes da Revolução Nacional, que, no caso, seria o terceiro estágio do processo iniciado em 1910. Vale destacar que, nos outros artigos que compõem esse número, há uma ausência do conceito de "Revolução Comunista". Os textos publicados no *El Machete* defendiam uma "Revolução Nacionalista" ou "Socialista", no qual, Cárdenas seria o principal líder desse processo. Por fim, na ilustração de Arroyito,[134] publicada na 5ª página, temos um exemplo visual dessa afirmação:

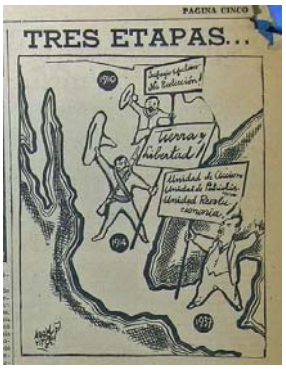


Fig. 79. "TRES ETAPAS"
***El Machete*, n° 499, 20/11/1937, p.05.**
Fonte: CEMOS

[134] **Arroyito** foi o principal caricaturista das edições publicadas a partir de 1935. Foi o responsável pela seção "Cartones de El Machete", publicadas na 3ª página de cada número lançado, ao lado do editorial. Não encontramos algum dado que nos esclareça a identidade desse artista.

Na imagem acima, temos uma representação de três momentos da Revolução Mexicana: 1°) a caricatura de Francisco I. Madero, com o seu lema "Sufragio Universal, No Relección", em mãos, representando o ano de 1910, o início da Revolução; 2°) a caricatura de Emiliano Zapata, também com o seu lema em punhos "Tierra y Libertad", no ano de 1914; 3°) Gen. Lázaro Cárdenas, no atual ano de 1937, com os dizeres "Unidad de Acción", "Unidad de Patriotismo" e "Unidad Revolucionaria". Esses três personagens estão sobre o mapa do México e suas posições são uma referência a um sentido de movimento da Revolução Mexicana, que se iniciou com Madero, passou por Zapata e chegaria ao fim no regime cardenista.[135] Novamente, não há nenhuma menção à ideologia comunista nesse processo evolutivo da Revolução Mexicana.

Antes de encerrar, algumas linhas devem ser dedicadas a comparação entre a Revolução Mexicana com a Russa. Ao comparar os dois processos revolucionários, Graciela Arroyo Pichardo (2011: 72) identificou mais distinções que semelhanças entre ambas:

> En tales términos las revoluciones mexicana y rusa pueden ser comparadas, particularmente, por haber ocorrido aproximadamente en el mismo período histórico, el cual corre del último cuarto del siglo XIX hasta los años 1925 o 1930. Un año clave para ambas fue 1917. Sin embargo, sus respectivos antecedentes y tiempos de culminación se prolongarían aún más. De allí que pueda afirmarse que si bien fueron revoluciones paralelas por la época de su desenvolvimento, no lo fueron ni por sus circunstancias ni por el fondo de sus objetivos. Sus resultados también han sido disímiles.
>
> […]
>
> Ambas revoluciones se proponían resolver situaciones de injusticia social y desigualdad en uno y otro país, en especial con respecto a la distribución de la tierra y de las condiciones de un trabajo asalariado en favor de los capitales extranjeros.

Ainda segundo a autora, a Revolução Mexicana teve um caráter antifeudal e foi um processo inacabado, enquanto que a Russa, foi socialista e atingiu os seus objetivos, pois, vigorou até a desintegração da União Soviética em 1990. Essas duas interpretações – do caráter antifeudal mexicano e do sucesso soviético – são passíveis de críticas, contudo, o dado importante levantado pela autora, está na afirmação que a aproximação temporal, de certa forma, instiga uma comparação entre os dois processos revolucionários, que são muito mais distintos que similares. Essa leitura vai ao encontro das análises que Hans Werner Tobler

[135] Essa leitura da Revolução Mexicana vai ao encontro da tese de Hans Werner Tobler (1994) de uma "longa duração" do processo revolucionário mexicano, que teria se iniciado em 1910 e se encerrado em 1940, no final do governo cardenista. Já Adolfo Gilly (1994) defendeu que a temporalidade da Revolução Mexicana iniciou-se também em 1910, mas o seu término foi em 1946, no final do governo de Miguel Alemán. O início da Revolução do México é fato indiscutível, contudo, o seu encerramento não é consenso entre os investigadores do tema. Luis Barrón (2004: 18) apresentou um quadro dessas distintas interpretações, sendo que inclusive, há pesquisas que defendem que a Revolução Mexicana se estendeu até 1970. Ou seja, esse tema – do fim da Revolução do México – ainda está em aberto.

(1989) traçou das diferenças entre os dois processos revolucionários. A Revolução Russa teve uma linha ideológica traçada desde o seu início e não houve uma sucessão de sua liderança, no qual Lenin assumiu o papel central, enquanto o processo revolucionário mexicano entrou em um verdadeiro labirinto de caminhos ideológicos, permeados por diversas lideranças populares que se digladiaram entre si. Já os bolcheviques possuíam objetivos universalistas, e tinham como meta transformar a experiência soviética em uma Revolução Mundial, enquanto os líderes mexicanos possuíam objetivos mais locais e nacionalistas.

Sobre esse tema, Friedrich Katz (2004) realizou uma leitura controvérsa. Ao contrário de Arroyo Pichardo, Katz (ibidem: 09) defendeu que a Revolução Mexicana atingiu os seus objetivos, e que isso torna-se mais evidente quando comparada com a Russa:

> La mejor manera de entender por qué la Revolución mexicana todavía goza de legitimidad es comparándola con otra importante revolución que ocurrió y se desarrolló aproximadamente al mismo tiempo: la Revolución rusa, que estalló en 1917 y terminó con la desintegración de la Unión Soviética y la caída de los regímenes comunistas europeos en 1989. Esa Revolución parece haber perdido toda legitimidad para la gran mayoría del pueblo ruso. A un nivel simbólico, esto se refleja en la eliminación de los nombres de los líderes revolucionarios de las calles, pueblos y ciudades en Rusia. Por ejemplo, después de un referéndum, el nombre de Leningrado fue cambiado por el de San Petesburgo. Nada remotamente similar ha pasado en México. No sólo las calles y las ciudades han preservado los nombres que hacen referencia a la Revolución o a sus héroes, sino que muchos movimientos populares han tomado los nombres de destacados líderes revolucionarios.
>
> La diferencia en legitimidad entre las dos revoluciones puede ser atribuida, parcialmente, al hecho de que en México la Revolución no tuvo algunas de las consecuencias que sí tuvo la Revolución rusa. Ningún gobierno posrevolucionario en México, por ejemplo, ha sido totalitario, y el terror masivo que fue tan característico en la Revolución rusa no tuvo lugar en México.

Katz desenvolveu uma interpretação positiva e nacionalista para o legado da Revolução Mexicana e depreciativa sobre a Revolução Russa. Afirmar que a Revolução Mexicana foi vitoriosa pela manutenção dos nomes dos principais personagens revolucionários em ruas ou cidades, não leva em consideração o processo ideológico desse acontecimento e a disputa de sua memória levada a cabo pelos diversos governos mexicanos, que tentaram se legitimar sob a sua sombra. O México não possuiu um governo declaradamente totalitário e não houve uma perseguição como os expurgos stalinista, contudo, não deve-se deixar no limbo do esquecimento, a repressão a diversos movimentos populares e reivindicatórios – como o caso simbólico de Tlatelolco em 1968 e dos indígenas de Chiapas durante quase todo o Séc. XX – que são exemplos que enfraquecem essa análise vitoriosa esboçada por Katz. Outros casos podem ser mencionados, como as fraudes eleitorais

decorrentes no México e o caráter autoritário e controlador do PRI – a *la dictadura perfecta*, como afirmou o escritor Mario Vargas Llosa.[136]

Contudo, o essencial aqui, é apresentar que tanto a Revolução Mexicana quanto a Russa são bastante distintas, tanto em seus objetivos, quanto em sua trajetória, ou no legado que ambas deixaram em seus respectivos países. A aproximação dessas duas revoluções está em sua contemporaneidade.

Pelas análises apresentadas, podemos esboçar a conclusão de que o PCM interpretou o processo revolucionário por meio de suas relações com o governo mexicano. Quando os comunistas estavam na legalidade, a Revolução Mexicana foi lida como uma etapa burguesa, que estaria preparando o México para o próximo estágio, esse socialista, de seu processo revolucionário. Contudo, em seus momentos de clandestinidade e repressão, essa mesma Revolução converteu-se em uma farsa da burguesia mexicana. Não houve uma análise por parte dos comunistas, nas décadas de 1920 e 1930, da Revolução Mexicana por ela mesma. Esse acontecimento foi tratado mais como uma propaganda política, na qual, até o intelectual anarquista Ricardo Flores Magón teria lições para ensinar aos comunistas mexicanos, e o artículo 123 da Constituição de 1917, que foi considerada uma manobra fascista em um determinado momento, e em outros, uma conquista dos insurgentes de 1910.

5.4.2. A "Revolução" Brasileira

Ao contrário do caso mexicano, os comunistas brasileiros não tiveram uma Revolução para ser comemorada. Os artigos sobre esse tema, publicados n'*A Classe Operária*, foram, em quase sua totalidade, programas estratégicos do PCB. Em virtude dessa especificidade, iremos nos referir ao termo "Revolução" Brasileira nesse tópico com aspas, como um processo que foi teorizado, mas que não se tornou realidade. Sobre esse tema, os textos publicados no órgão central do PCB podem ser divididos em duas fases, entre materiais da década de 1920 e as análises realizadas após a 1ª fase do governo varguista.

No n° 63 d'*A Classe Operária*, de 06 de abril de 1928, foi publicado em sua capa um artigo, comemorativo sobre o levante tenentista de junho de 1924. Com o título "Só a União da Classe-Media ao Proletariado Poderá Continuar a Obra Iniciada no 5 de Julho: A Verdadeira Significação da Data Revolucionaria de Hontem", essa matéria discorreu sobre as

[136] Essa afirmação polêmica de Vargas Llosa foi dita na rede nacional mexicana, no *Encuentro Vuelta*, organizado por Octavio Paz, com moderação de Enrique Krauze, em 30 de agosto de 1990. O vídeo dessa fala encontra-se em https://www.youtube.com/watch?v=kPsVVWg-E38.

principais bases teóricas da tese da Revolução democrático-pequena-burguesa do PCB, e publicou uma foto de Prestes e de seu comandados.

Ao que tudo indica essa foi a primeira imagem de Prestes publicada no órgão central do PCB, cuja legenda o apresenta como o "heroico general revolucionário", adjetivo que seria utilizado novamente em diversas ocasiões para descrevê-lo.

Em seus primeiros parágrafos, o artigo apresenta uma crítica à cobertura realizada pela grande imprensa sobre o Movimento Tenentista, com a afirmação que a sublevação só ocorreu em virtude das contradições da industrialização do Brasil. Nesse contexto, os editores d'*A Classe Operária* analisaram o Levante Tenentista dentro de um amplo quadro de radicalização e embate entre as classes subalternas com o governo, ocorrida na primeira década do Século XX.

Os primeiros indícios do ensaio revolucionário apresentado pelo PCB ocorreram com a Greve Geral de São Paulo de 1917 e a revolta anarquista do Rio de Janeiro, realizada um ano depois. Dentro desse sistema teórico, os tenentes insurgentes seriam uma continuidade desses outros momentos de confronto, e o seu levante, uma preparação para uma Revolução Burguesa, que abriria as portas para o objetivo central dos comunistas: a Revolução Socialista. Na avaliação do PCB, a burguesia nacional estava dividida entre uma parcela pequena com potencial revolucionário, identificada como a classe média, e uma parcela alta que deveria ser combatida. Havia a crença de que esse segmento burguês mediano, no momento oportuno, se uniria ao operariado, também revolucionário. Essa tese cristalizou-se na conclusão do artigo:

> Só uma força póde abater a dominação do imperialismo e da grande burguesia. Esta força é o proletariado.
> A classe média, para libertar-se, precisa aliar-se com ele. E ella o fará certamente, realizadas o terceiro 5 de julho.
> (*A Classe Operária*, "Só a União da Classe-Media ao Proletariado Poderá Continuar a Obra Iniciada no 5 de Julho: A Verdadeira Significação da Data Revolucionaria de Hontem". n° 63. 06/04/1928, p.3)

Assim como nas análises dos artigos publicado no *El Machete* sobre o papel do PCM no processo revolucionário mexicano, para os editores d'*A Classe Operária*, caberia ao PCB o papel de vanguarda dessa terceira etapa da "Revolução" Brasileira, caracterizada pela união da pequena burguesia, com os militares e o operariado. Todavia, em 1930, nas vésperas do Golpe varguista, essa teoria de união já estava ultrapassada. Ao responder o Manifesto de Maio de Prestes nas páginas d'*A Classe Operária*, o PCB potencializou o seu papel de liderança e ignorou a pequena burguesia em suas resoluções sobre a "Revolução" Brasileira:

> E ESTA REVOLUÇÃO SÓ PODE SER FEITA PELAS MASSAS OPERARIAS E CAMPONEZAS, PELA ALLIANÇA REVOLUCIONARIA DOS OPERARIOS E CAMPONEZES SOB A DIRECÇÃO DO PARTIDO COMMUNISTA, VANGUARDA CONSCIENTE DO PROLETARIADO.
>
> Nenhuma outra classe, a não ser o proletariado, póde dirigir e conduzir até ao fim esta revolução agraria e anti-imperialista. Não o póde a burguesia das cidades, ligada aos mesmos imperialistas e aos fazendeiros. Não o póde tampouco a pequena burguesia, que fluctua entre a revolução e a contra-revolução, incapaz de levar até ao fim a revolução das massas.
>
> (*A Classe Operária*, "O Partido Communista e o Manifesto de Luiz Carlos Prestes". n° 92. 03/07/1930, p.4)

A resposta direcionada a Prestes definiu uma nova estratégia para o PCB, depois da experiência com o BOC, cuja campanha eleitoral nas páginas d'*A Classe Operária* também foi caracterizada como uma "Revolução". No contexto interno, o Brasil enfrentava uma grave crise econômica causada pelo *crash* da bolsa estadunidense, e a campanha da Aliança Liberal de Vargas propunha mudanças e, por fim, as tensões sobre a sucessão presidencial, antes dominada por São Paulo e Minas Gerais, deixaram o país em uma situação delicada, favorável às alterações políticas. Nesse cenário, o PCB procurou marcar o seu lugar como a liderança dos operários e camponeses. No extenso artigo d'*A Classe Operária*, Prestes foi duramente criticado pelo seu grande personalismo e acusado ter como objetivo absorver a legitimidade do PCB perante as classes subalternas. No contexto interno, os comunistas brasileiros estavam reestruturando as suas estratégias após o III Pleno da IC, realizado em julho de 1929, como bem definiu Marly de Almeida Gomes Vianna (2007: 335):

> Logo depois do III Pleno, a Comissão Executiva da IC organizou reuniões em Moscou para discutir o chamado "problema brasileiro". Estiveram presentes, entre outros, Dimitri Manuilski, responsável da IC pelo Brasil, e Astrojildo Pereira. Para a IC, a linha política do PCB deixava-o a reboque da burguesia, o BOC – Bloco Operário Camponês – era uma organização deletéria, o contato com os tenentes, subserviência aos caudilhos pequeno-burgueses.

O resultado dessa discussão sobre o "problema brasileiro" da IC foi publicado no n° 89 d'*A Classe Operária*, de 17 de abril de 1930. Assinado apenas como "O Secretariado Politico da I.C." e datado de fevereiro do referido ano em Moscou, ao que tudo indica, esse documento foi redigido por Astrojildo Pereira e foi dividido em cinco tópicos, a saber: 1°) A crise econômica no Brazil; 2°) O amadurecimento da crise revolucionaria no Brazil; 3°) O caracter da Revolução Brazileira; 4°) Importancia da Independecia do Partido Communista do Brazil e 5°) O Partido Communista do Brasil e as Organisações de Massa. De todos esses tópicos, pelas questões levantadas no presente capítulo, nos concentraremos em "O caracter

da Revolução Brazileira". Apesar de extenso, reproduzimos esse tópico na integra em virtude de sua relevância para a discussão proposta:

> No Brazil se desenvolvem as premissas de uma revolução do typo democrático burguez. O curso e o sucesso desta revolução depende da classe que conquistar, nella, a hegemonia. Se fôr a pequena burguesia revolucionaria, a revolução brasileira estará condemnada a uma derrota semelhante á da revolução no México. Si o proletariado tomar a hegemonia no curso da revolução, sob a direção do P.C., e realizar resolutamente e sem hesitação, a linha leninista da I.C., esta revolução terá, então, grandes probabilidades de triumpho, principalmente se provocar movimentos revolucionarios nas outras republicas da América Latina.
>
> Sob a hegemonia do proletariado, a revolução brasileira resolverá todas as tarefas burguesas democráticas essenciaes, que se lhe apresentarão: 1) revolução agraria (libertação das massas camponesas e dos operarias agrícolas das fórmas feudais e coloniaes de exploração, confiscação, nacionalização e entrega da terra aos camponeses e aos operarios agrícolas); 2) libertação do Brazil do jugo do imperialismo (confiscação e nacionalização das empresas, das minas, dos domínios, das concessões, das vias de comunicação, dos bancos dos imperialistas e annulação das dividas externas); 3) instauração da Republica Operaria e Camponeza sobre a base dos Soviets, agrupando a classe operaria e a massa camponeza (ditadura democrática revolucionaria do proletariado e da massa camponeza).
>
> As lutas necessárias para realizar estas tarefas democrática-burguezas, o desenvolvimento da luta contra o imperialismo e dos movimentos revolucionarios no outros paizes da América Latina, a ligação estreita da revolução brasileira com o movimento proletário revolucionario internacional e com a U.R.S.S., que constróe o socialismo, crearão as bases para a transformação da revolução democrático-burgueza em revolução socialista, e para a transformação da hegemonia do proletariado no seio da revolução democrático burguesa em ditadura socialista do proletariado.
>
> (*A Classe Operária*, "Resolução da Internacional Communista Sobre a Questão Brasileira". n° 89. 17/04/1930, p.3)

O primeiro detalhe que destacamos do trecho acima é a comparação realizada com a Revolução Mexicana. Segundo o documento do PCB, o processo revolucionário mexicano estava derrotado, pois havia sido dominado por uma "pequena burguesia revolucionária". Essa definição é interessante, pois, vai ao encontro da leitura crítica realizada pelo PCM sobre a Revolução Mexicana nesse mesmo período, já analisada anteriormente. Nesse sentido, o México foi um exemplo negativo dos caminhos que uma Revolução poderia percorrer. Se o México apresentava esse exemplo negativo, o lado positivo estava na União Soviética. Ao estreitar os seus laços com a IC, para os editores d'*A Classe Operária*, o Brasil estaria no caminho de transformar a sua Revolução Burguesa em uma Ditadura do Proletariado.

Ao longo do documento, o caráter democrático burguês continuou sendo enfatizado, contudo, com a anulação do argumento de que a pequena burguesia deveria aliar-se às classes subalternas.

A dependência e o discurso de copiar a Revolução Russa foram bastante exaltados, como podemos perceber na afirmação de que a união entre operários e camponeses seria

estruturada pela base de Conselhos dos *Soviets*, que no período de publicação desse texto já estavam praticamente desarticulados na União Soviética comandada por Stalin. Apesar de toda essa articulação por parte do PCB, a derrubada do governo ocorreu com Getúlio Vargas.

O início da Era Vargas é um tema que ainda suscita vários debates entre pesquisadores e especialistas. Desses, o mais emblemático consiste das leituras realizadas por Boris Fausto e Edgar de Decca sobre o uso do conceito de "Revolução" para definir os acontecimentos de 1930.[137]

Em seu estudo clássico sobre 1930, Boris Fausto (1997) destacou o caráter revolucionário do movimento liderado por Vargas e enfatizou o papel dos militares tenentistas e de uma controvertida classe média na derrubada do poder oligárquico dos cafeicultores. O operariado, por sua vez, recebeu poucas atenções em suas análises. Para o autor, tanto a burguesia industrial quanto o operariado não interviram nos acontecimentos de 1930, pois não tinham um caráter de classe ou algum projeto político para o país. No caso do operariado, além da ausência de uma "presença difusa" na derrubada do governo oligárquico brasileiro, os mesmos nutriram uma simpatia com o movimento liderado por Vargas. Contudo, apesar dessa crítica sobre a participação operária, Fausto (ibidem: 140) detectou a grande influência dessa classe e as articulações promovidas pelo governo varguista em cooptá-la:

> O Estado que emergiu da Revolução de 1930 manteve o papel fundamental de desorganizador político da classe operária, reprimindo duramente a vanguarda e suas organizações partidárias, ao mesmo tempo em que procurava estabelecer com o conjunto da classe um novo tipo de relações. A política de marginalização pura e simples realizada pelas velhas classes dominantes não tinha mais condições de se sustentar. Se na plataforma da Aliança Liberal já se encontravam os traços de um maior interesse pelo chamado problema social, as agitações operárias dos primeiros anos da década de 30 acabaram por "sensibilizar" o governo em definitivo.

Para o autor, o operariado representou um problema que Vargas contornou com suas medidas trabalhistas. Uma característica importante que deve ser destacada está no fato de Fausto sempre se referir ao movimento de Vargas como uma Revolução. Em sua leitura, foi uma Revolução legitimada pelos militares tenentistas, pela pequena classe média e pela ausência de um projeto nacional formulado pela burguesia industrial e pelo operariado, e esse vazio no poder teria sido preenchido por Vargas. Sem se aprofundar na questão, Fausto se

[137] Existe uma ampla produção bibliográfia acerca do embate entre Boris Fausto e Edgar De Decca. Não será nosso objetivo retomar essa discussão no presente capítulo, pois, correríamos o risco de nos distanciar dos principais objetivos proposto em nossa análise. Assim, iremos nos concentrar nos referidos autores e nas discussões pontuais que contemplaram a nossa questão investigativa. Indicamos para quem se interessar, a entrevista que Boris Fausto e Edgar De Decca realizaram para José Geraldo Vinci de Moraes e José Marcio Rego (2002). Nela, tanto Fausto quando De Decca defenderam a sua interpretação sobre 1930 e rebateram as críticas que um realizou sobre a linha interpretativa do outro.

refere à ditadura do Estado Novo como um Golpe, o que destoa de sua interpretação sobre os eventos de outubro de 1930. O uso do conceito Revolução é relevante, pois foi por meio dele que Vargas justificou sua ascensão ao poder político brasileiro.

Edgar de Decca (1985) realizou uma leitura diferente. Apresentamos anteriormente, para o autor, o ano de 1928 articulou propostas de mudanças revolucionárias para o país que foram suplantadas por Vargas. Somado a essa análise, De Decca também criticou o uso do termo Revolução para definir 1930 e afirmou que o mesmo foi utilizado como uma manobra discursiva empregada pelos vencedores (Vargas e sua Aliança Liberal), para consolidar uma memória vitoriosa dentro da História do Brasil.

Entre ambos os autores, há uma disputa interpretativa sobre o conceito de Revolução. O outubro de 1930 no Brasil foi ou não uma Revolução? Apesar das intensas mudanças promovidas na sociedade brasileira, em nossa concepção, interpretamos o movimento varguista como um Golpe de Estado, termo que já utilizamos em alguns trechos do presente texto.

Sustentamos essa afirmação na exígua participação das classes populares no movimento liderado por Vargas e também no fato de que os seus protagonistas eram oriundos da elite, ou seja, tratou-se de uma mudança "de cima para baixo". Outro detalhe importante que merece ser destacado está na política de manutenção do poder de Vargas. Desde sua chegada ao governo, Vargas manifestou o desejo de se perpetuar no controle do país e enfraqueceu os anseios democráticos de quem estava ao seu lado. Consequentemente, essa sua intransigência foi um dos motivos para a eclosão da Guerra Civil de São Paulo, ocorrida em 1932, e que também foi denominada como uma "Revolução". O Golpe de 1937 que instaurou o Estado Novo foi o ponto alto das articulações políticas já iniciadas em 1930. Nesse sentido, entre os dois autores, somos inclinados a concordar com De Decca: conceituar 1930 como um movimento revolucionário é assumir o discurso dos vencedores. Por outro lado, a análise do autor sobre o potencial revolucionário do BOC foi, em nossa análise, superestimada. Apesar da sua proposta radical de mudança, o BOC sofreu uma enorme derrota com o fracasso de Minervino de Oliveira nas eleições de 1930. Não é demasiado frisar novamente que, dentre as razões para o insucesso eleitoral do candidato operário do BOC, temos a forte repressão policial. Foi fato comum Minervino ser obrigado a encerrar a sua oratória, em virtude da polícia que sempre desmantelava os comícios do BOC.

Como já apresentamos anteriormente (ver Capítulo 1) Dainis Karepovs (2006: 171) desenvolveu uma leitura diferente a realizada por De Decca, na defesa de que fatores internos

e externos acabaram minando o projeto revolucionário do BOC. De interno, o autor apontou uma inoperância do BOC ao definir o seu papel no ano de 1930:

> [...] Enquanto as forças internas não se definiram em relação à sucessão presidencial e, como consequência, aos projetos políticos em jogo, o BOC pôde ter uma certa liberdade de ação. Mas assim que decidiu qual seria o jogo e que dele os trabalhadores representados pelos comunistas não fariam parte enquanto atores, mas sim como espectadores, tanto situação – esta, na verdade, já bem antes em razão do acendrado reacionarismo e anticomunismo do presidente Washington Luís – como oposição – no caso, Getúlio Vargas e o Estado do Rio Grande do Sul – passaram a desencadear uma violenta reação contra o BOC e o PCB.

De ordem externa, para o autor, a IC avaliou negativamente a atuação do BOC, com a afirmação de que a agremiação eleitoral criou empecilhos para a atuação do PCB. Os dois candidatos eleitos, Minervino de Oliveira e Octavio Brandão, foram duramente criticados pelos comunistas, por uma eventual ausência de "discursos revolucionários" em suas intervenções políticas. Em suma, antes de Vargas chegar ao poder, o projeto revolucionário do BOC estava praticamente derrotado.

Para os editores d'*A Classe Operária* não havia dúvidas de que o regime varguista era uma ditadura fascista. Esse argumento foi defendido em vários artigos publicados a partir de 1931, e os protagonistas do novo governo foram tachados pelos comunistas como "fascistas" e "falsos revolucionários". Em outras palavras, houve uma disputa pela verdadeira "Revolução" brasileira. No meio dessa querela conceitual, o PCB não deixou de teorizar sobre o potencial revolucionário do Brasil, cujo exemplo estava agora na China.

Em um extenso artigo, publicado no já citado número especial de 1° de maio de 1935, o autor, que assinou com as iniciais BBB, realizou uma longa análise comparativa entre o potencial revolucionário do Brasil com a China. Abaixo, segue um longo trecho desse artigo, que apresenta a visão que os comunistas formularam da "Revolução" brasileira, no limiar da Insurreição de 1935:

> Em primeiro logar, o caráter da revolução no Brazil é o mesmo que na China: democratica-burgueza. As primeiras fazes da revolução no Brasil consistem em levar a cabo a revolução agraria e anti-imperialista. Lenine assinalou que a burguesia não póde levar até ao fim a revolução democratica-burgueza. No processo da revolução, a burguezia se volta inevitavelmente contra as massas. A burguesia defende a propriedade capitalista, trata de evitar a revolução agraria, assume compromissos com o imperialismo e pede o auxilio do mesmo contra a revolução. A revolução democrático-burgueza e sobretudo a sua transformação em revolução socialista depende das lutas das amplas massas do Brazil, dos operarios e camponeses, dos soldados, estudantes, da juventude, dos intelectuais honestos, dos pequeno-burguezes empobrecidos, etc. Resalta claramente então que para o desenvolvimento vitorioso da revolução democrático-burgueza não pódem ser utilizadas as velhas formas burguezas do poder estatal, nem tampouco as novas.

> Claro está que essas fórmas estatais burguesas constituem os sustentáculos dos exploradores e obstáculos formidáveis contra o desenvolvimento progressivo da revolução. É necessario também que, inclusive na faze democratico-burgueza da revolução, as massas devem instituir seu próprio poder estatal, os soviets. A revolução na China demonstrou claramente a necessidade da existência dos sovietes de operarios e camponeses na etapa democratico-burgueza da revolução. Sem isto, o êxito é impossível. Ao reconhecer isto, não devemos perder de vista o fáto de que a revolução democratico-burgueza póde COMEÇAR sem a existência dos soviets. Este será o caso em que as forças de classe e a consciência revolucionaria do proletariado não estejam ainda suficientemente desenvolvidas, faltando-lhes uma direção revolucionaria firme.
> (*A Classe Operária*, "Alguns aspectos da questão dos Soviets no Brasil". n°180. 01/05/1935, p.9)

No momento em que esse artigo foi publicado, os comunistas chineses estavam em confronto com as forças comandadas pelo general Chiang Kai-shek, no período que ficou conhecido como a da "Guerra Civil Chinesa" (1926-1949), bem diferente do cenário vitorioso descrito no artigo d'*A Classe Operária*. Novamente, podemos perceber que a China foi utilizada como um exemplo de justificativa para a leitura realizada pelos comunistas do PCB sobre o caráter democrático-burguês da "Revolução" brasileira. Não foi realizada uma leitura crítica sobre as especificidades das ações dos comunistas chineses, em vez disso, privilegiou-se uma abordagem propagandística - e, ao mesmo tempo, repetitiva - da tese revolucionária defendida pelo PCB. Segundo Antonio Carlos Mazzeo (2011: 248), a ligação do PCB com a China data da década de 1920. Sem entrar em detalhes, Mazzeo afirma que existia um projeto, encabeçado por Octavio Brandão e Astrojildo Pereira, de se criar um "Kuomintang brasileiro", seguindo o modelo revolucionário chinês.

A mudança mais significativa apresentada nesse artigo encontra-se na nova interpretação realizada sobre os Conselhos dos *Soviets*. Antes essenciais, no momento de publicação desse texto, foi defendido que uma revolução poderia começar sem que esses conselhos ainda estivessem formados. Todavia, uma vez consolidada, a sua criação seria inevitável, para que o processo revolucionário não se desviasse do seu principal objetivo. A constituição desses conselhos seria realizada por uma "direção revolucionária firme", ou seja, pelo PCB. Contudo, apesar de todas essas avaliações, a Revolução que os comunistas procuraram colocar a cabo foi bem distinta das teses publicadas nas páginas d'*A Classe Operária*. A derrota da Insurreição Comunista de 1935 foi um golpe duro para o PCB e seus aliados e a "Revolução" brasileira ainda não havia saído do papel.

Nessas duas décadas de matérias publicadas n'*A Classe Operária*, apesar de algumas mudanças, para os editores do PCB, a "Revolução" brasileira tinha que ter uma característica democrático-burguesa. Essa foi a tese central que guiou as bases analíticas do PCB e se

atualmente ela é bastante criticada, na época de sua formulação, sua força tem de ser levada em consideração. Tanto que Caio Prado Júnior (1968) demorou 40 anos para desconstruí-la.

***

Com os exemplos expostas acima, retomamos nossa afirmação de que a ideia de Revolução foi um forte componente discursivo na América Latina. Segundo José Luis Bendicho Beired (1996: 438), a base desses anseios de uma América Latina revolucionária foi firmada por um forte discurso de libertação nacional, que, com a exceção do Brasil, teve as suas raízes nos processos de independência das antigas colônias espanholas:

> [...] a maioria absoluta dos fenômenos revolucionários da América Latina moveu-se fundamentalmente pela idéia de libertação nacional. Esta foi o eixo da formulação política da maioria dos acontecimentos revolucionários de nosso continente e dos pensadores políticos que se manifestam a seu favor. Cito como exemplos as revoluções de independência da América hispânica e do Haiti, a Conjuração Baiana, a Revolução Pernambucana de 1817, a Confederação do Equador, a Revolução Mexicana, a Revolução Cubana, o aprismo, o sandinismo, o Varguismo e os movimentos sociais.

Ao analisarmos os artigos sobre o conceito de Revolução publicados no *El Machete* e n'*A Classe Operária*, levantamos a hipótese de que, para o movimento comunista mexicano e brasileiro, nas décadas de 1920 e 1930, a ideia de Revolução não estava ligada apenas à libertação nacional. Para esses militantes comunistas, esse processo de libertação estava atrelado ao conceito de Revolução Mundial propagandeado pela União Soviética. Nesse caso, podemos atribuir uma pluralidade na leitura do conceito de Revolução, dentro de um discurso de libertação nacional e universal. Essa tese é consistente, pois tanto as elaborações revolucionárias do PCB para o Brasil e as do PCM para o México procuraram realizar uma fusão de suas questões nacionais com as diretrizes da IC. O Brasil deveria realizar uma Revolução Democrático-burguesa para, aí sim, chegar ao Socialismo, e o México, que já havia feito a sua Revolução Burguesa, deveria passar a próxima etapa, isto é, radicalizar o seu processo revolucionário e levá-lo também para o Socialismo.

Ao estabelecer o primeiro Estado comunista do mundo, a Revolução Russa construiu uma áurea vitoriosa em torno de si, em contraste com outras tentativas de emancipação social. Além desse discurso de vitória, para muitos entusiastas e militantes do período, o Comunismo soviético seria o ponto de chegada de um caminho de libertação dos explorados, que se iniciou com a Revolução Francesa e que foi seguida pela Comuna de Paris de 1871, pelo 1°

de Maio de 1886, pela tentativa de Revolução no Império czarista russo de 1905 e, no caso latino-americano, pela Revolução Mexicana de 1910. Foi constituído nesse período, o discurso de um ciclo revolucionário e de uma memória de resistência, no qual o Comunismo que se irradiava de Moscou tornou-se o exemplo concreto de como os explorados deveriam realizar a sua Revolução.

Como exemplo dessa afirmação, o *El Machete* publicou um artigo sobre os 60 anos da Comuna de Paris, no qual foi realizada uma comparação desse evento com a Revolução Russa. Abaixo, segue um trecho:

> **El glorioso aniversario de la Comuna de Paris debe ligarse a nuestras luchas del momento.** A la Jornada Latinoamericana Contra la Desocupación, el 20 de marzo, debe unirse la conmemoración de la Comuna de Paris. Luchando resueltamente, saliendo a la calle y efectuando mítires en pro de los centenares de miles de desocupados que son el fruto del régimen capitalista imperialista en México, **luchamos por continuar la obra de la Comuna de Paris derrotada y heroica, y apoyamos con todas nuestras fuerzas la obra triunfal de la Comuna rusa.**
>
> ¡Trabajadores de México! ¡Obreros, campesinos, soldados y empleados sin trabajo! La Comuna de París luchó por derrocar la explotación del hombre por el hombre, luchó por conquistar el pan y la libertad para los productores esclavizados. **La Unión de Repúblicas Soviéticas Socialistas lleva adelante, desde hace trece años, la obra de la Comuna de 1871.**
>
> ¡Viva la Comuna de Paris! ¡Viva la Unión Soviética!
>
> ¡Arriba el 20 de marzo, Jornada Latinoamericana Contra la Desocupación!
>
> (*El Machete*, ¡VIVA LA COMUNA DE PARIS! ¡VIVA LA COMUNA RUSA!. n° 193. 1a. Quincena de Marzo de 1931, págs. 1-4 – negrito nosso)

A Comuna é referenciada como um evento a ser seguido pelos trabalhadores mexicanos e a própria Revolução Russa foi apresentada como uma "Comuna", o que lhe confere uma linha de continuidade com os eventos parisienses do final do Século XIX. Nesse caso, os editores comunistas do *El Machete* se consideravam "herdeiros" de 1871 e o processo revolucionário soviético foi ressignificado não apenas como um evento continuador, mas também redentor dos *communards*. *A Classe Operária*, não publicou nenhum artigo explicito sobre esse olhar retroativo, contudo, nas entrelhinhas, encontramos algumas referências, como no final de um artigo assinado por Fernando de Lacerda[138]: "Atraz de uma **barricada** conquistada que o inimigo tenta arrancar das nossas mãos, preparemos a ofensiva cuja vitória assegurará nossa democracia revolucionaria" (*A Classe Operária*, PELAS LIBERDADES POPULARES! n° 180. 1/05/1935, p.15 – grifo nosso).

[138] **Fernando Paiva de Lacerda** filiou-se ao PCB no III Congresso, realizado entre dezembro de 1928 e janeiro de 1929. Foi um dos principais articulistas da política de "proletarização" do Partido e também esteve por trás da Insurreição Comunista de 1935 (BATALHA, 2009: 81).

Apesar de não haver referência à Revolução Francesa nos artigos analisados até o momento da pesquisa, para os editores dos órgãos centrais do PCM e do PCB, a Revolução Russa, que se converteria em Mundial, encerraria o ciclo iniciado em 1789. Segundo Silvio Pons (2014: 69) desde o momento de sua vitória, os bolcheviques olharam para o passado, e interpretaram a sua Revolução, como uma continuação do seu congênere francês: "A força deste arquétipo explica a sugestão suscitada pelo Outubro soviético, visto como o surgimento de um novo universalismo igualitário, antes de mais nada no mundo do socialismo europeu."

Se, para Reinhart Kosseleck (2006: 61-77), a Revolução Francesa decretou o fim do conceito da *Historia Magistra Vitae*, ou seja, da História como uma repetição e que forneceria exemplos para a vida, por outro lado, esse acontecimento criou um discurso cíclico das transformações sociais. No interior desse discurso, o acontecimento francês de 1789 foi a primeira Revolução Social do mundo, mas que não havia chegado aos seus objetivos finais. Todos os processos revolucionários que surgiram posteriormente se autolegitimavam como herdeiros da França revolucionária, e nesse caso, cumpririam a agenda de 1789 em nível global. Os comunistas mexicanos e brasileiros estariam presos a um encantamento, que somente seria quebrado quando a Revolução Russa e suas metas e objetivos se espalhassem em seus respectivos países e, depois no mundo, criando assim, uma verdadeira fraternidade universal sob a bandeira vermelha do Comunismo.

Conclusão

Dentro da luta de classes não cabem
jornais independentes, neutros.
Todos os jornais têm filiação.
Todos os jornais são sectários.
Todos os jornais são políticos.
(José Carlos Mariátegui,
As origens do fascismo...)

Para concluir, torna-se relevante retomar os principais pontos desse trabalho.

Por meio do método comparativo, que apresentou relevância e atualidade em nossa pesquisa, foi possível investigar os caminhos distintos da construção do comunismo mexicano e brasileiro, os quais, quando colocados lado a lado, revelaram-se discrepantes. Tanto a repercussão da Revolução Russa quanto a constituição dos PCs e a formação dos primeiros comunistas no México e Brasil foram processos com reviravoltas, interpretações e ressignificações. Se por um lado a construção do PCM foi iniciativa da própria IC e contou com a participação de diversos militantes estrangeiros - com a constituição de uma base plural composta por artistas, camponeses, intelectuais, trabalhadores fabris, entre outros -, o PCB, por sua vez, foi criado por ex-anarquistas, intelectuais e simpatizantes, e sua ratificação passou por um longo caminho até ser aceito pelos bolcheviques.

Além da presença estrangeira, a participação de artistas foi importante na produção diversificada do *El Machete*. A trajetória impressa do periódico comunista mexicano foi *sui generis*. Criado pelo SOTPEM e "herdado" pelo PCM, o *El Machete*, desde sua origem, adotou um discurso impresso original, com ênfase nas imagens, e, ao longo de quase duas décadas de publicação, alterou bastante o seu formato. De jornal comunista, por vezes adotou o formato de revista cultural, panfleto político e, por fim, um diário. Sua qualidade gráfica é outro diferencial a ser destacado, já que contou com a publicação de edições especiais com imagens, cores, fotos e fotomontagens. Torna-se relevante destacar que, segundo Jorge Schwartz y Roxana Patiño (2004: 648), as revistas culturais, especialmente na América Latina, podem transitar entre dois campos – o periodístico e o campo intelectual e artístico – que nelas estão interligados devido a sua natureza híbrida, característica compartilhada com os suplementos culturais.

Assim, pelos seus aspectos gráficos distintos e pela pluralidade de seu conteúdo impresso, o *El Machete* pode ser considerado uma publicação híbrida: foi um periódico comunista e, ao mesmo tempo, uma revista cultural. Contudo, apesar dessa diversidade, é preciso ter em conta que seu eixo central sempre foi o discurso comunista.

A Classe Operária, por sua vez, foi uma publicação comunista mais tradicional. Pela sua trajetória e pelo contexto de intensa luta dos militantes brasileiros, o órgão central do PCB ocupou-se em denunciar os seus algozes e publicar textos propagandísticos do Comunismo e da Revolução Russa. Foram pouquíssimos os espaços concedidos em suas páginas para outros temas.

Ao colocarmos o percurso e a trajetória impressa do *El Machete* e d'*A Classe Operária* lado a lado, identificamos mais pontos de discrepância do que de similitude entre as duas publicações comunistas. Pelo seu conteúdo e pelas suas características físicas, o *El Machete* apresenta idiossincrasias não apenas em relação ao periódico *A Classe...* , mas também a outros impressos comunistas. Primeiramente, como já enfatizado, o *El Machete* foi um jornal "herdado" por um partido comunista; em segundo lugar, o plano de seus primeiros editores foi torná-lo uma publicação ilustrada, em que o texto seria o suporte para as imagens; e, em terceiro, sua circulação foi intensa, iniciou-se mensalmente, tornou-se quinzenal, semanal, e, por fim, diário. Além dos artigos referentes ao Comunismo, o *El Machete* publicou matérias sobre arte, esporte, e, por um tempo, houve inclusive uma seção dedicada a temas femininos. O contexto também exerceu o seu peso na disparidade entre as duas publicações analisadas na presente pesquisa.

Enquanto o *El Machete* usufruiu de momentos de legalidade na sociedade mexicana, com destaque para o sexênio do Gen. Lázaro Cárdenas (1934-1940), *A Classe Operária*, nas décadas de 1920 e 1930, enfrentou diversos desafios de ordem econômica e de luta contra a repressão sistemática de Getúlio Vargas (1930). Em diversos momentos, o órgão central do PCB foi publicado artesanalmente e, não raro, militantes comunistas deram a vida para que esse periódico continuasse saindo às ruas.

De grau distinto, o contato entre o movimento comunista mexicano e o movimento comunista brasileiro foi outro fator relevante. O intercâmbio estabelecido na Conferência dos Partidos Comunistas latino-americanos em 1929 foi importante na aproximação do PCM com o PCB. As matérias que *A Classe Operária* publicou sobre o México, apesar de exíguas, foram o primeiro contato que os comunistas brasileiros tiveram com a realidade mexicana. Já no caso do *El Machete*, a preocupação com a situação brasileira foi mais intensa. As manifestações realizadas na embaixada brasileira no México em apoio ao PCB e a campanha pela libertação de Luiz Carlos Prestes são exemplos dessa afirmação. Sem mencionar os textos que ambos os periódicos publicaram sobre a Revolução Russa e o 1° de maio, que apresentaram entre si uma mesma estrutura semântica e narrativa. Mesmo quando analisaram as perspectivas de suas respectivas revoluções nacionais, tanto os editores do *El Machete*

quanto os d'*A Classe Operária* apresentaram uma mesma linha analítica: ambas seriam Revoluções democrático-burguesas que estariam em sintonia com uma leitura revolucionária da IC sobre o potencial de insurgência dos países da América Latina.

Ademais, a conservação de ambas as fontes foi outro ponto de distanciamento. Enquanto localizamos toda a coleção do *El Machete*, o que nos permitiu traçar todas as suas mudanças ocorridas nas décadas de 1920 e 1930, a coleção d'*A Classe Operária* apresenta muitas lacunas, que dificilmente poderão ser preenchidas.

Contudo, apesar dessas diferenças apresentadas e trabalhadas ao longo dessa tese, ambas as publicações aproximam-se por terem sido produtos de uma *operação tipográfica comunista* e, nesse sentido, algumas características do fazer da imprensa comunista devem ser evidenciadas.

Denominamos de *operação tipográfica comunista* as características de conteúdo e forma da produção de um periódico comunista. A chamada grande imprensa apresenta métodos e objetivos próprios em sua confecção, como os números de páginas, formatos, orientação editorial, público alvo, propaganda, entre outros. O mesmo deve ser dito acerca da imprensa comunista, que, por sua vez, apresenta regras ou procedimentos de produção específicos, apontados e analisados a seguir.

Primeiramente, a imprensa comunista tem a intencionalidade de ser um veículo de informação, agitação, propaganda e de luta dos PCs. Lenin (1988) definiu esse papel preponderante da força da imprensa comunista no início do Século XX, e tal orientação apresentou a sua relevância ao ser a primeira temática ratificada nas "21 Normas de admissão dos Partidos na Internacional Comunista" e tema essencial nas "Teses sobre a estrutura, os métodos e a ação dos partidos comunistas", sancionado no III Congresso da IC, celebrado em 1921. Em sua linha editorial, um periódico comunista tem a função de fomentar greves, protestos, incentivar campanhas ou outros procedimentos de ação definidos pelos seus respectivos PCs ou pela IC.

Por meio dessa linha de ação, a identificação é um ponto central desse tipo de publicação. Os periódicos oficiais comunistas sempre se apresentavam como os "órgãos centrais" dos seus respectivos PCs, os quais, por sua vez, colocavam-se como as seções nacionais da IC. Essa regra foi definida nos III Congresso da IC. Era essencial que todo Partido Comunista possuísse um órgão central que, no entanto, só seria reconhecido como tal se se submetesse às regras de sua respectiva agremiação política *vermelha.* Nesse sentido, a centralidade é uma característica fundamental dessa forma de imprensa e é o que a distingue da imprensa anarquista, cuja liberdade de ação é um dos seus pilares de identidade política.

Contudo, é necessário esclarecer que, apesar de o órgão central ser a imprensa "oficial" dos PCs, outras publicações também poderiam se autodeclarar comunistas. O jornal *A Nação*, que abrigou os editores comunistas brasileiros entre os anos de 1926 a 1927, é um exemplo de periódico comunista que não era um "órgão central oficial". O mesmo pode ser dito sobre o *El Machete* em sua época de publicação do SOTPEM, de 1924 até abril de 1925. Nesse caso, esses dois periódicos, mesmo não levando a identificação de órgão central, se identificavam com o Comunismo pelo seu conteúdo de publicação de textos voltados contra o sistema capitalista e de apoio à União Soviética, e também com a impressão de elementos visuais de identificação com a Revolução Russa, com ênfase na foice e no martelo. Além de identificar, esses elementos discursivo-visuais legitimam esses periódicos.

Os jornais comunistas devem ser analisados mais como um veículo de propaganda ideológica e política do que como informativos que se apresentam como imparciais – discurso, passível de críticas, defendido pela imprensa liberal. Para os editores desses periódicos, foi essencial criar uma linguagem de glorificação da ideologia comunista e, no caso da baliza temporal pesquisada neste trabalho, de enaltecimento da imagem dos líderes soviéticos, com ênfase na figura de Stalin e na vida dos trabalhadores e suas famílias na União Soviética. Essa estratégia de propaganda foi bastante ousada, pois criou uma realidade à parte. A população soviética, após 1930, enfrentou as agruras dos Planos Quinquenais stalinistas, sendo que era comum a luta contra a fome e contra a miséria. As fotografias que circularam com intensidade nas páginas do *El Machete* apresentavam outro país, com jovens belos, saudáveis e cultos. A mesma leitura foi realizada pelos editores d'*A Classe Operária*, que publicaram, de maneira mais modesta, fotos nas quais o Brasil estava na miséria e a União Soviética no caminho do progresso e da cultura. Mais do que uma imposição, essa leitura otimista do "país do socialismo" foi realizada com afinco pelos militantes mexicanos e brasileiros. Cada notícia negativa contra a União Soviética era vista com desconfiança, como uma manobra empregada pelos inimigos dos trabalhadores. Podemos afirmar que tanto os editores quanto os leitores desses periódicos acreditavam firmemente nos textos e nas imagens de glorificação da União Soviética. O espaço para dúvidas ou questionamentos era mínimo ou, até mesmo, inexistente.

Essa intencionalidade na construção de sentidos de leitura vai ao encontro do *agitprop* defendido nas "21 normas...". Como veículos de arma política, a imprensa comunista cria uma realidade dualista em suas páginas, entre os "exploradores" que devem ser combatidos e os "explorados" que devem ser defendidos. Essa estrutura opositiva é a linha central de todo o conteúdo dessa forma de imprensa e que vai ao encontro dos objetivos dos PCs e, na

temporalidade analisada, também dos propósitos da IC. Mesmo em períodos de "tranquilidade" – vide o caso do *El Machete* no governo cardenista – a linguagem dualista se manteve, com a devida substituição dos "inimigos", que ora eram os burgueses, ora os fascistas, e, em certos momentos, ambos.

A linguagem verbal foi outro fator essencial na *operação tipográfica comunista*. Em ambas as publicações, o uso de adjetivos foi realizado com insistência, até como uma forma de encobrir a falta de elementos mais aprofundados para análise, seja sobre algum acontecimento ou sobre a vida de alguma personagem política. O caso de Luiz Carlos Prestes, na campanha realizada no *El Machete*, é um exemplo dessa afirmação. O líder brasileiro foi descrito na publicação comunista mexicana da forma mais elogiosa possível. Tal característica, típica da construção de heróis, foi uma prática recorrente na imprensa comunista. Todos os que se levantavam contra o governo ou contra o sistema capitalista, em graus diferentes, eram heróis.

Tal objetivo de realizar uma defesa do Comunismo e da União Soviética impossibilitou uma possível produção de textos mais neutros ou analíticos. Torna-se relevante citar que o emprego de uma linguagem acessível era um procedimento essencial que os editores dos periódicos comunistas deveriam seguir. Como apresentado no Capítulo 1, uma das críticas da IC à revista *Movimento Communista* foi em relação à linguagem do periódico, considerada densa e erudita. Ao assinalar a necessidade de mudança para um código mais acessível, a IC estava preocupada com a assimilação e receptividade do conteúdo dos órgãos centrais dos PCs. Era a disputa e a conquista das massas que estava em jogo e, para tanto, o uso de imagens foi um recurso essencial nessa batalha periodística.

Tanto as charges quanto as caricaturas, HQs e fotografias - que estiveram intensamente presentes nas páginas do *El Machete* - foram um produto visual de propaganda política e ideológica, de tal forma que o convencimento da superioridade do Comunismo e da União Soviética não deveria ser apenas lido, como também visto. Nesse caso, cabe destacar o uso de fotomontagens e até mesmo da HQs, que eram recursos visuais presentes na grande imprensa e que também foram assimilados pela imprensa comunista. À vista disso, os periódicos comunistas compartilhavam alguns procedimentos de produção e de conteúdo da grande imprensa.

Tendo como ponto de partida os três procedimentos para análises de periódicos sugeridos por Reneé Zicman (1981) – a saber: o "atrás", o "dentro" e o "frente" de sua produção -, buscamos identificar tais elementos no *El Machete* e n'*A Classe Operária*. Concluímos que o "atrás" de ambas as publicações comunistas consistem do papel

preponderante e orientador dos PCs e da IC; o "dentro", de sua orientação da linha editorial, intencionalidade das informações e das propagandas textuais e visuais; e, finalmente, o "frente", a identificação pelo público alvo buscada por essa imprensa, ou seja, os *lesender Arbeiter* de Bertolt Brecht. Uma vez estabelecidas tais características do *fazer* desse tipo de imprensa militante e partidária, foi possível apresentar e desenvolver o conceito de *operação tipográfica comunista*.

Tal procedimento tipográfico foi essencial para identificarmos os pontos convergentes dessas duas publicações, que praticamente não estabeleceram contato entre si, que tiveram origens diferentes e cuja materialidade também foi distinta. Contudo, apesar de identificarmos mais diferenças, os pontos em comuns foram estabelecidos pelo seu conteúdo, que foram ao encontro de um mesmo modelo de produção tipográfica, isto é, *A Classe Operária* com os seus limites e o *El Machete* com a sua criatividade, liberdade e hibridismo.

Diferentes em suas origens, o final de ambas as publicações comunistas também foi bem distinto. Apesar da legalidade e da grande circulação de publicação, que chegou a ser diária, o *El Machete* trocou de nome e foi praticamente substituído, em uma mudança brusca de estratégia do PCM, que, aos poucos, deixou de lado as imagens e as palavras comunistas para colocar em seu lugar um discurso mais nacionalista. O *El Machete* deu lugar ao periódico *La Voz de México*; e, a Revolução Russa e o 1° de maio, à Guerra de Independência Mexicana.

No caso d'*A Classe Operária*, evidencia-se uma verdadeira luta para que os comunistas brasileiros conseguissem publicá-la e colocá-la nas ruas, sendo que sua interrupção sempre foi marcada pela intensa repressão patrocinada pelos diversos governos brasileiros. Quando voltou a circular em 09 de março de 1946, o carinho, o afeto e a ligação dessa publicação com o PCB ficaram evidentes nos artigos de Luiz Carlos Prestes e de Jorge Amado, intitulados, respectivamente, "A nossa CLASSE OPERARIA" e "A 'CLASSE' ERA PÃO E LUZ". A propósito, o escritor comunista baiano humanizou o periódico, ao tratá-lo como "uma velha camarada" que acabava de retornar de um período de convalescência. Ou seja, não era meramente um simples jornal, e sim, sobretudo, uma companheira de luta para os comunistas brasileiros.

Por fim, cabe afirmar que tanto o *El Machete* quanto *A Classe Operária* publicaram em suas páginas não apenas artigos e imagens ideológicas, mas também relatos e memórias impressas da luta, dos sonhos, das vitórias e derrotas dos comunistas mexicanos e brasileiros que, ao longo das décadas de 1920 e 1930, responderam ao chamado da Revolução Russa e projetaram fazer parte da maré vermelha que sacudiria o mundo durante todo o Século XX.

6. BIBLIOGRAFIA

6.1. Documentos

6.1.1. Fontes impressas

A Classe Operária. 1925-1940 e 1946.

A Voz Cosmopolita. 1922.

El Machete. 1924 – 1938.

La Correspondencia Sudamericana. 1928-1930.

MARTÍNEZ VERDUGO, Arnoldo. **EL MACHETE ILEGAL. 1929-1934.** Edición Facsimilar. Puebla, México: Instituto de Ciencias: Universidad Autónoma de Puebla, 1975.

O Correio da Manhã. 1935

O Estado de São Paulo. 1935.

O Globo. 1935.

Regeneración. 1918.

6.1.2. Documentos da Internacional Comunista

El Movimiento Revolucionario Latino Americano, versiones de la Primera Conferencia Comunista Latino Americana. SSA de la IC: Buenos Aires, 1929.

História do Partido Comunista (Bolchevique) da U.R.S.S. Rio de Janeiro: Editorial Vitoria Limitada, 1945.

III Internacional Comunista: Manifestos, teses e resoluções do 2.º Congresso. Vol. 2. São Paulo, Brasil Debates, 1989.

Los cuatro primeros congresos de la Internacional Comunista. Transcripción de Celula2. Ediciones digitales Izquierda Revolucionaria. Versión Mayo 2008.

6.1.3. Documentos do PCB (CEDEM)

"Directeur du PC Brésilien" (IC/ic-0112)

Astrojildo Pereira pela Comissão Central Executiva do PCB. (IC/ic-0397)

"Theses e Resoluções". 22/02/1925 (IC/ic-0398)

O SERVIÇO DE AGITPROP DO P.C.B. EM 1925 - O ENCARREGADO DO SERVIÇO DE ORGANIZAÇÃO (IC/ic-0404)

Relatório dos trabalhos de preparação e realização do Congresso Constituinte do Partido Communista do Brazil. Março de 1922.

6.2. Referências bibliográficas

AGUILAR CAMÍN, Héctor & MEYER, Lorenzo. **À Sombra da Revolução Mexicana. História Mexicana Contemporânea, 1910-1989.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

AGUILAR GARCÍA, Javier. Ensayo biográfico de Fidel Velázquez Sánchez. In: **Espiral. Estudios sobre Estado y Sociedad. Instituto de Investigaciones Sociales.** UNAM, Vol. III. No. 7, pp. 87-105, Sept./Dic. de 1996.

ALFARO SIQUEIROS, David. **Me llamaban el coronelazo (memorias).** México: Biografías Gandesa, 1977.

ALONSO, Paula. La Historia de la prensa y la historia política: los desafíos de un enlace. **Conferência inaugural do IX Encuentro Internacional de Historiadores de la Prensa.** Santiago de Querétaro: Universidad Autónoma de Querétaro, 29 de outubro de 2014.

AMARAL, Roberto Mansilla. Uma voz destoante no PCB: Octávio Brandão, militante e intelectual. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.). **Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, pp.98-136.

ANGELL, Alan. A esquerda na américa latina após C. 1920. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina: A América Latina Após 1930: Estado e Política.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. (Vol. VII.). pp.105-191.

ARENDT, Hannah. **Da Revolução.** São Paulo/Brasília: Editora Ática/UNB, 1988.

ARICÓ, José. **Marx y América Latina.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1980.

ARROYO PICHARDO, Graciela. Las Primeras Revoluciones del Siglo XX: México y Rusia. Un Estudio Comparativo. In: GALEANA, Patricia (Coord.) **Las Revoluciones del Sigo XX.** Senado de la República, Comisión especial encargada de los festejos del Bicentenario de la Independencia y del Centenario de la Revolución Mexicana, LXI Legislatura, 2011.

ASSIS, Machado de. Primas de Sapucaia! In. _____. **Histórias sem Data.** Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1884, pp. 131-146.

AZUELA, Alicia. El Machete and Frente a Frente. In: **Art Journal**, Vol. 52, No. 1, Political Journals and Art, 1910-40 (Spring, 1993), pp. 82-87.

_____. **Arte y Poder. Renacimiento Artístico y Revolución Social. México, 1910 – 1945.** México: El Colegio de Michoacán/Fondo de Cultura Económica, 2005.

AZUELA, Mariano. **Los de Abajo: novela de la Revolución Mexicana.** Ilus. de Diego Rivera. 5ª ed. México: FCE, UAM-Azcapotzalco, 2012.

BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis & ANDRADE, A.T. **O Ano Vermelho: A Revolução Russa e Seus Reflexos no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A fotografia a serviço de Clio. Uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana (1900-1940).** São Paulo: Editora UNESP, 2006.

_____. **20 de novembro de 1910: A Revolução Mexicana.** São Paulo: Companhia Editora Nacional: Lazuli Editora, 2007.

_____. **A Revolução Mexicana.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.

_____. A revista mexicana Frente a Frente: ambiguidades e tensões entre fotomontagens vanguardistas e gravuras. In: **Artelogie.** n° 07, pp.01-17, Avril 2015. Disponível em: <http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article357> Acesso em 28 Abr. 2015.

BARRÓN, Luis. **Historias de la Revolución mexicana.** México: FCE, CIDE, 2004.

BARTRA, Armando. La revolución mexicana de 1910 en la perspectiva del magonismo. In: GILLY, Adolfo (et all.) **Interpretaciones de la Revolución Mexicana.** México: Editorial Nueva Imagen, S.A., 1979, pp. 91-108.

BATALHA, Cláudio H. M. Os desafios atuais da História do Trabalho. In: **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, pp.87-104, jan./dez. 2006. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6398/3840. Acesso em 01 fev. 2012.

_____. **Dicionário do movimento operário. Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920. militantes e organizações.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

BEIRED, José Luis Bendicho. **Movimento operário argentino. Das origens ao peronismo (1890-1946).** São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1984.

_____. Revolução e Cultura Política na América Latina. In: DAYRELL, E. G. & IOKOI, Z. M. G. (Orgs.) **América Latina: Desafios e Perspectivas.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996, pp. 437-444.

BENJAMIM, Walter. **A obra de Arte na Época de Sua Reprodutibilidade Técnica.** Porto Alegre: Zouk Editora, 2012.

BERNSTEIN, Harry. Marxismo en México. 1917-1925. In: **Historia mexicana.** México, D.F. : El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos: v. 7, no. 4 (28) (abr.-jun. 1958), pp. 497-516.

BLOCH, Marc. Para uma história comparada das sociedades européias. In:_____. **História e Historiadores***: textos reunidos por Ètienne Bloch.* Lisboa: Teorema, 1998, pp.119-150.

BOLAÑO, Roberto. **Os detetives selvagens.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BOLÍVAR MEZA, Rosendo. **Vicente Lombardo Toledano: vida, pensamiento y obra.** México: Instituto Politécnico Nacional, 2005.

BORGES, Vavy Pacheco. Anos Trinta e Política: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2001, pp.159-182.

BRAGA, José Luiz. Questões metodológicas na leitura de um jornal. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org). **O Jornal: da forma ao sentido.** 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, pp.321-333.

BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas. Memórias – 1º.** Volume. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1978.

_____. **Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924.** 2ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

BROWN, Lyle C. Los comunistas y el régimen de Cárdenas. In: **Revista de la Universidad de México**, vol XXV, núm. 5, mayo, 1971, pp. 25-34, 1971.

BURKE, Peter. O Jornalismo na História. In*:* MATTOS, Geísa; JAGUARIBE, Elisabete & QUEZADO, Ana (Orgs.). **Nordeste, Memórias e Narrativas da Mídia.** Fortaleza: Edição Iris/Expressão Gráfica Editora, 2010, pp.17-29.

CANO ANDALUZ, Aurora. **EL MACHETE ILEGAL. Un Instrumento y una Perspectiva Frente a la Problemática Mexicana (1929-1934).** Licenciatura en Sociología. México: Universidad Nacional Autónoma Metropolitana/UNAM/Facultad de Filosofía y Letras, 1981.

CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Ligia. **O Bravo Matutino (imprensa e ideologia no jornal "O Estado de S. Paulo").** São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

_____. Imprensa: Informação, Formação, Conformação. In: _____. **Os Intérpretes das Luzes: Liberalismo e Imprensa Paulista: 1920-1945.** Tese (doutorado em história social). Universidade de São Paulo (USP)/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana (FFLCH): São Paulo, 1986.

_____. Multidões em Cena. **Propaganda política no varguismo e no peronismo.** 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CÁRDENAS, Héctor. **Historia de las relaciones entre México y Rusia.** México: Secretaría de Relaciones Exteriores: Fondo de Cultura Económica, 1993.

CARDOZA Y ARAGÓN, Luis. **Orozco.** México: FCE, 2005.

CARONE, Edgar. **O P.C.B. Vol. 1: 1922 – 1943.** São Paulo: DIFEL, 1982.

_____. **Classes sociais e movimento operário.** São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. **Da esquerda à direita.** Belo Horizonte: Oficina dos livros, 1991.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, idéias malditas.** Cotia: Ateliê, 2002.

_____. O lugar do impresso revolucionário: dos porões aos arquivos policiais. In: DUTRA, Eliana de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves (Orgs.). **Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII-XX.** São Paulo: Annablume, 2006, pp. 153-179.

CARR, Barry. **La izquierda Mexicana a través del Siglo XX.** México: Ediciones Era, 1996.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. Os Intelectuais Trotskistas nos anos 30. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (Org). **Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, pp.137-152.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: _____. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, pp.65-119.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain (Orgs). **Dicionário de Símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** 24ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CLARK, Toby. **Arte y propaganda en el siglo XX. La imagen política en la era de la cultura de masas.** Madrid/España: Ediciones AKAL S.A., 2000.

COCKCROFT, James D. **Precursores intelectuais de la Revolución Mexicana (1900-1913).** México: Siglo XXI Editores, 1985.

CODOVILLA, Vittorio. História do Marxismo na América Latina. In: LÖWY, Michel. (Org). **O marxismo na América Latina. Uma antologia de 1909 aos dias atuais.** 2ª ed. ampl. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006, pp.430-435.

COGGIOLA, Osvaldo. O assassinato de Trotsky à luz da história. In: **Revista de História. Departamento de História.** Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. nº 141. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2º sem. 1999, pp.101-139.

_____. Outubro de 1917: bolchevismo, revolução e drama. In: MACIEL, David... (et all.) **Revolução Russa. Processos, personagens e influências.** Goiânia: CEPEC, 2007, pp.11-40.

CÓRDOVA, Arnaldo. **La ideología de la Revolución Mexicana. La formación del nuevo régimen.** México, DF: Ediciones Era, S.A., 1973.

COSTA, Homero de Oliveira. **A insurreição Comunista de 1935: Natal - O Primeiro Ato da Tragédia.** São Paulo: Ensaio, 1995.

CRESPO, Regina. Introdución. In: _____. **Revistas en América Latina: Proyectos literarios, políticos y culturales.** México, D.F.: Universidad Autónoma de México: Ediciones ÉON, 2010, pp.9-34.

DALMÁS, Carine. **Frentismo cultural em prosa e verso: comparações, conexões e circulação de ideias entre comunistas brasileiros e chilenos (1935-1948).** Tese (doutorado em história social). Universidade de São Paulo (USP)/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana (FFLCH): São Paulo, 2012.

DE DECCA, Edgar. **1930, o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução.** 6ª ed. São Paulo: Editora brasiliense, 2004.

DEL ROIO, Marcos. A gênese do Partido Comunista (1919-29). In: FERREIRA, Jorge. & REIS, Daniel Aarão (Orgs). **A formação das tradições (1889-1945).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 223-248.

DEVEZA, Felipe dos Santos. **O movimento comunista e as particularidades da América Latina.** Tese (doutor em história). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Instituto de História/IH: Rio de Janeiro, 2014.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. La circulación de las ideas y la inserción de los cientistas econômico-sociales chilenos em las redes conosureñas durantes los largos 1960. In: **Historia**. Chile: Instituto de Historia: Pontificia Universidad Católica de Chile. Vol. II, julio-diciembre 2004, pp.339-366.

DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

ENCARNACIÓN PÉREZ, J. En el sexênio de Cárdenas. In: MARTÍNEZ VERDUGO, Arnaldo (Org). **Historia del comunismo en México.** México: Ediciones Grijalbo, 1985, pp.151-189.

FABRIS, Annateresa. Entre arte e propaganda: fotografia e fotomontagem na vanguarda soviética In: **Anais do Museu Paulista.** São Paulo. N. Sér. v.13. n.1. p. 99-132. jan-jun. 2005.

FARIA, Antônio Augusto Moreira de & PINTO, Rosalvo Gonçalves (Coords.) **Lima Barreto. Antologia de artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores.** Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930: historiografia e história.** 16ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FERREIRA, Marieta de Morais. A Classe Operária. In: ABREU, Alzira Alves; et al. (Coord.) **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930.** Vol. II. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001.

FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do Mito. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956).** Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

FERRO, Marc. **O Ocidente diante da Revolução Soviética: a história e seus mitos.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

FIORUCCI, Rodolfo. Imprensa Integralista: Um recorte. _____. & COSTA, Alexandre Andrade da (Orgs). **Políticas e Projetos na Era das Ideologias: A imprensa no Brasil Republicano (1920-1940).** Jundiaí, Editorial Paco: 2014, pp.119-149.

GALL, Olivia. El papel del PCM y de Lombardo en la guerra del Kremlin, la Comintern y la GPU contra Trotsky. México 1936-1940. In: CONCHEIRO, Elvira; MODONESSI, Maximo & CRESPO, Horacio (Coords). **El Comunismo: otras miradas desde América Latina.** 2ª ed. México: UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, 2011, pp. 669-705.

GANTÚS, Fausta. **Caricatura y poder político. Crítica, censura y represión en la ciudad de México, 1876 – 1888.** México: El Colegio de México/Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, 2009.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma. In: **Domínios da Imagem**. Londrina, PR: UEL/LEDI, Ano I, nº 2, maio de 2008, pp.07-26.

_____. **Arte visual comunista: imprensa comunista brasileira, 1945-1958.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina/LEDI, 2010.

GILLY, Adolfo. **La Revolución Interrumpida.** México: Ediciones Era, 1994.

GOMBRICH, Ernst H. La máscara y la cara: la percepción del parecido fisonómico en la vida y en la arte. In. _____; J. Hochberg & M. Black, (Coords). **Arte, percepción y realidad.** Barcelona/Buenos Aires: Ediciones Paidós, 1983, pp. 15-67.

GOMES, Ângela de Castro (Coord). **Ministério do Trabalho: uma história vivida e contada.** Rio de Janeiro: CPDOC, 2007.

_____. História e historiografia de *A Revolução de 1930*. In: _____ (Org). **Leituras críticas sobre Boris Fausto.** Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2008, pp. 13-48.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **El Estado y Los Partidos Políticos en México.** 3ª ed. México: Ediciones Eras, 1986.

GONZÁLEZ MELLO, Renato. Diego Rivera entre la transparencia y el secreto. In: ACEVEDO, Esther (Coord). **Hacia otra historia del arte en México: la fabricación del arte nacional a debate (1920-1950).** México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes/Arte e Imagen, 2002, pp. 39-64.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere. Volume 2.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*. In: **Topoi**, v. 2. Rio de Janeiro: jan-jun 2001, pp.175-195.

GUADARRAMA, Rocío. **Los sindicatos y la política en México: la CROM. 1918 –1928.** México: Ediciones Era S.A., 1981.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HART, John Mason. **El México revolucionário: gestación y processo de la revolución mexicana.** México: Alianza Editorial Mexicana, 1990.

HERNÁNDEZ PÉREZ, Amanda. **Las caricaturas de José Clemente Orozco en el periódico El machete (1924).** Licenciatura en Historia. México: Universidad Nacional Autónoma Metropolitana/UNAM/Facultad de Filosofía y Letras, 2003.

HERRERA, Hayden. **Frida: a biografia.** São Paulo: Globo, 2011.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos. O breve século XX. 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Podemos escrever a história da Revolução Russa? In: _____. **Sobre História.** São Paulo: Companhia da Letras, 1998, pp. 256-267.

_____. **Revolucionários: ensaios contemporâneos.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

HOOKS, Margaret. **Tina Modotti.** Londres: Phaidon, 2002.

IGNACIO TAIBO II, Paco. **Bolcheviques. Una Historia Narrativa del Origen del Comunismo en México (1919 – 1925).** México: Ediciones B. México, S.A., 2008.

ILLIADES, Carlos. Las Otras Ideas. **El primer socialismo en México. 1850-1935.** México: Ediciones Era/Universidad Autónoma Metropolitana-Cuajimalpa, 2008.

JEIFETS, Lazar; JEIFETS, Víctor & HUBER. **La Internacional Comunista y América Latina, 1919-1943. Diccionario Biográfico.** Moscú/Ginebra: Instituto de Latinoamérica de la Academia de las Ciencias/Institut pour l' historie du communisme, 2004.

KAREPOVS, Dainis. **Luta Subterrânea: o PCB em 1937-1938.** São Paulo: Hucitec/Unesp, 2003.

_____. **A classe operária vai ao parlamento. O Bloco Operário e Camponês do Brasil (1924-1930).** São Paulo: Alameda, 2006.

KATZ, Friedrich. Prólogo. In: BARRÓN, Luis. **Historias de la Revolución mexicana.** México: FCE, CIDE, 2004, pp. 09-12.

KOCKA, Jürgen. Para Além da Comparação. In: **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 31, pp. 279-286, ago. 2014.

KOSELLECK, Reinhart. Critérios históricos do conceito moderno de revolução. In:_____. **Futuro Passado: uma contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, pp.61-77.

KOVAL, Boris. **A Grande Revolução de Outubro e a América Latina.** São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

LEAR, John. La revolución en blanco, negro y rojo: arte, política y obreros en los inicios del periódico *El Machete*. In: **Signos Históricos**. México: Universidad Autonoma Metropolitana/UAM/Iztapalapa, Vol. VIII, n° 18, Julio-diciembre de 2006, pp.108-147.

LEDESMA MEDRANO, Martha. **El Machete y su proyección latinoamericana.** (Tesis de licenciatura en Estudios Latinoamericanos). México: Universidad Nacional Autónoma Metropolitana/UNAM/Facultad de Filosofía y Letras/Colegio de Estudios Latinoamericanos, 1992.

LÊNIN, Vladimir Ilich. **Obras***, Tomo VII (1918).* Progreso: Moscú, 1973.

_____.**Informação de Classe – A Natureza Classista da informação.** Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1975.

_____. **O que fazer?** São Paulo: Hucitec, 1988.

LEUENROTH, Edgar. **Anarquismo. Roteiro da Libertação Social. Antologia de Doutrina. Crítica-História-Informações.** 2ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: CCS/Achiamé, 2007.

LINEBAUGH, Peter & REDIKER, Marcus. **A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LÖWY, Michael. Introdução. Pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina. In: _____. (Org.) **O marxismo na América Latina. Uma antologia de 1909 aos dias atuais.** 2 ª ed. ampl. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006, pp.9-74.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. **A Semana Trágica. A greve geral anarquista de 1917.** São Paulo: Museu da Imigração, 1997.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2003, pp.111-153.

_____. **Leituras, Projetos e (RE)vista(s) do Brasil (1916-1944).** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MAC GREGOR CAMPUZANO, Javier. Política, organización y movimiento: un balance historiográfico del PCM, 1919 – 1940. In: **Iztapalapa.** México: Universidad Autonoma Metropolitana/UAM/Iztapalapa, Año 18, enero-junio 1998, vol. 18, nº 43, pp.175-196. Disponível em: http://tesiuami.uam.mx/revistasuam/iztapalapa/include/getdoc.php?id=593&article=606&mode=pdf. Acesso em 25 de ago. 2012.

MAGNOLI, Demétrio (Org). **História das Guerras.** São Paulo: Contexto, 2006.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **As origens do fascismo. O Fascismo Sob um Olhar Latino-americano.** São Paulo: Alameda, 2010.

MÁRQUEZ FUENTES, Manuel & RODRÍGUEZ ARAUJO, Octavio. **El Partido Comunista Mexicano (en el periodo de la Internacional Comunista: 1919-1943)**. México: Ediciones "El Caballito", 1973.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **A Dinâmica de um Pensamento Crítico: Caio Prado Jr. (1928-1935).** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2008.

MARTÍNEZ VERDUGO, Arnaldo (Org). Introducción. In: _____. **Historia del comunismo en México.** México: Ediciones Grijalbo, 1985, pp.11-14.

_____. De la anarquia al comunismo. In: _____. **Historia del comunismo en México.** México: Ediciones Grijalbo, 1985, pp.15-71.

_____. Hacia el movimiento de masas. In: _____. **Historia del comunismo en México.** México: Ediciones Grijalbo, 1985, pp.73-126.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. In: _____ / Osvaldo Coggiola (Org.) **Manifesto Comunista.** São Paulo: Boitempo, 1998, pp.37-69.

_____. **A Liberdade de Imprensa.** Porto Alegre: L&PM, 2001.

_____. **A Guerra Civil na França.** São Paulo: Boitempo, 2011.

MAZZEO, Antonio Carlos. El Partido Comunista y las interpretaciones de la objetivación del capitalismo en Brasil. In: CONCHEIRO, Elvira; MODONESSI, Maximo & CRESPO, Horacio (Coords). **El Comunismo: otras miradas desde América Latina.** 2ª ed. México: UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, 2011, pp. 241-257.

MELGAR BAO, Ricardo. La Hemerografía cominternista y América Latina, 1919-1935. Señas, giros y presencias. In: **Revista izquierdas**. 9, abril 2011, pp. 79-136.

MEYER, Jean; KRAUZE, Enrique & REYES, Caetano. **Historia de la Revolución Mexicana, 1924-1928: Estado y Sociedad con Calles.** México: El Colegio de México, 2002.

MEYER, Lorenzo; SEGOVIA, Rafael & LAJOUS, Alexandra. **Historia de la Revolución Mexicana, Periodo de 1928-1934: Los inicios de la institucionalización. La política del Maximato.** México: El Colegio de México, 1978.

MILLER, Henry. **Pesadelo Refrigerado.** São Paulo: Francis, 2006.

MORAES, Denis. **O imaginário vigiado. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947- 1953).** Rio de Janeiro: José Olympo, 1994.

MORAES, José Geraldo Vinci de & REGO, José Marcio. **Conversas com historiadores brasileiros.** São Paulo: Ed. 34, 2002.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira (et. all.) O *célebre Miranda*: aventuras e desventuras de um miliante comunista entre a história e a memória. In: **Praxis.** *Revista eletrônica de história e cultura*. Ano 4, n° 5, pp. 62-71, Jan-Dez 2011. Disponível em <http://revistas.unijorge.edu.br/praxis/2011/pdf/62_oCelebreMiranda.pdf>

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na caricatura.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MUSACCHIO, Humberto. **El Taller de Gráfica Popular.** México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica. In: **Temáticas.** Revista dos pós-graduandos em Ciências Sociais. Campinas: IFCH-UNICAMP, 37/38, pp. 25-56, 2011.

NEYMET, Marcela de. **Cronología del partido comunista mexicano: primeira parte, 1919-1939.** México, D.F.: Ediciones de Cultura Popular, S.A., 1981.

OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. **Palavras como Balas. Imprensa e Intelectuais Antifascistas no Cone Sul (1933-1939).** Tese (doutorado em história social). Universidade de São Paulo (USP)/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana (FFLCH): São Paulo, 2013.

OJEDA REVAH, Mario. **México y la Guerra Civil Española.** Madrid: Turner Publicaciones, S.L., 2004.

PABLO HAMMEKEN, Óscar de. La Rojería (Parte I). Diccionario biográfico de la izquierda socialista mexicana. In: **Memoria**. México/DF: CEMOS, mayo 2010a, nº 242, pp. 34-38.

_____. La Rojería (Parte V). Diccionario biográfico de la izquierda socialista mexicana. In: **Memoria.** México/DF: CEMOS, septiembre 2010b, nº 246, pp. 32-36.

PADURA, Leonardo. **O homem que amava os cachorros.** São Paulo: Boitempo, 2013.

PALACIOS, Guilhermo. **Intimidades, Conflitos e Reconciliações: México e Brasil, 1822-1993.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Secretaría de Relaciones Exteriores, México, 2008.

PEIXOTO, Maitê. **O quarto poder vermelho: embates teóricos e político-ideológicos entre anarquistas e comunistas no contexto de formação dos Partidos Comunistas do Brasil.** Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRGS): Porto Alegre, 2010.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **O Trem da História. A aliança PCB/CSCB/O PAIZ.** São Paulo: Marco Zero/CNPQ, 1990.

PELÁEZ, Gerardo. **Partido Comunista Mexicano. 60 años de historia. I (Cronologia 1919-1968).** México: Universidad Autonoma de Sinaloa, 1980.

_____. El sindicalismo petroleo de El Machete. 1935-1938. In: **Memoria.** México: Centro de Estudios del Movimiento Obrero y Socialista/CEMOS, nº 19, 1988, pp.289-295.

PEREIRA, Astrojildo. A Imprensa Operária no Brasil. In: **Revista Novos Rumos**, No 18/19 (5), 1972. Disponível em < http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2073>

_____. **Construindo o PCB (1922-1924).** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da Ilusão. A Revolução Mundial e o Brasil. 1922 – 1935.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

POCOCK, John. G. A. O conceito de linguagem e o *mértier D' Historien:* algumas considerações sobre a Prática. In: _____. **Linguagens do Ideário Político.** São Paulo: EDUSP, 2003, pp.67-82.

PRADO, Maria Lígia Coelho. Repensando a História Comparada da América Latina. In: **Revista de História.** Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. nº 153. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2º sem. 2005, pp.11-30.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A Revolução Brasileira.** 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.

PRESTES, Anita Leocadia. **Da *insurreição* armada (*1935*) à "União Nacional" (1938-1945): a virada tática na política do PCB.** São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **"Campanha Prestes" pela Libertação dos Presos Políticos no Brasil (1936-1945). Uma emocionante história de solidariedade internacional.** São Paulo: Expressão Popular, 2013.

PRIESTLAND, David. **Bandera Roja. Historia política y cultura del comunismo.** Barcelona: Crítica, 2010.

PONS, Silvio. **A revolução global: História do comunismo internacional (1917-1991).** Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2014.

REBELO, Apolinário. **Jornal A Classe Operária. Aspectos da história, opinião e contribuição do jornal comunista na vida nacional.** São Paulo: Anita Garibaldi, 2003.

REED, John. **Dez dias que abalaram o mundo.** São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético.** São Paulo: Editora UNESP, 2003.

RIANI, Camilo. **Tá rindo do quê? (Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba).** Piracicaba: UNIMEP, 2002.

RIBAKOV, Anatoli. **Os filhos da Rua Arbat.** 7ª ed. São Paulo: Editora Best Seller, 1987.

RIVERA CASTRO, José. **La Clase Obrera en la Historia de México. En la presidencia de Plutarco Elías Calles (1924-1928).** México: Siglo veintiuno editores, 1983.

RIVERA MIR, Sebastián. **Militantes radicales de la izquierda latinoamericana en México, 1920-1934, prácticas políticas, redes y conspiraciones.** Tesis (doctor en Historia). México, DF: El Colegio de Mexico/CM/Centro de Estudios Historicos, 2014.

RODRIGUES, Edgar. **Os Libertários.** Rio de Janeiro: VJR/Editores Associados, 1993.

RODRIGUES, Márcio dos Santos. **Representações políticas da Guerra Fria: as histórias em quadrinhos de Alan Moore na década de 1980.** Dissertação (mestrado em história). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)/Faculdade de Filosofia e Ciências: Minas Gerais, 2011.

RODRÍGUEZ, Miguel. Chicago y los charros: Ritos y Fiestas de principios de mayo en la Ciudad de México. In: **Historia Mexicana.** México: El Colegio de México, Vol. XLV, nº 02, octubre-diciembre, 1995, pp.383-421.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Partido comunista, cultura e política cultural.** Tese (doutorado em sociologia). Universidade de São Paulo (USP)/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana (FFLCH): São Paulo, 1986.

_____. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. In: MORAES, João Quartim de. **História do Marxismo no Brasil. Vol. 03. Teorias. Interpretações.** 2ª ed. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2007, pp.373-469.

SAMIS, Alexandre. **Clevelândia: Anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil.** São Paulo: Imaginário, 2002.

_____. Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: Sindicalismo e Anarquismo no Brasil. In: COLOMBO, Eduardo (et al). **História do movimento operário revolucionário.** São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004, pp.125-189.

_____. **Negras Tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris.** São Paulo: Hedra, 2011.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe.** 48ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SECCO, Lincoln. Leituras Comunistas no Brasil (1919-1943) In. DEAECTO, Marisa Midori & MOLIER, Jean-Yves (Orgs). **Edição e Revolução: leituras comunistas no Brasil e na França.** São Paulo: Ateliê Editorial: Editora UFMG, 2013, pp. 29-64.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias F. de. Frente Única, Frente Popular e Frente Nacional: anotações históricas sobre um debate presente. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt7/sessao3/Carlos_Zacarias.pdf>.

SILVA, Carine Neves Alves da. **Secretariado Sul Americano e Partido Comunista do Brasil (1926-1930).** Dissertação (mestre em história social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)/Faculdade de Formação de Professores: São Gonçalo, 2011.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org). **Por uma História Política.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, pp.231-269.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: INTERCOM; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

SOUSA, Fábio da Silva. **Operários e camponeses: a repercussão da revolução mexicana na imprensa operária brasileira (1911-1918).** Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SPENSER, Daniela. ***El triángulo imposible. México, Rusia Soviética y Estados Unidos en los años veinte.*** México: CIESAS/Miguel Angél Porrúa, 2004.

_____. Benita Galeana: fragmentos de su vida y su tiempo. In: **Desacatos. Revista de Antropología Social.** México: CIESAS, n° 18, Maio-agosto de 2005, pp.149-162.

_____. & ORTIZ PERALTA, Rina. **La Internacional Comunista en México: Los Primeros Tropiezos. Documentos, 1919-1922.** México: INEHRM, 2006.

STRADA, Vittorio. Do "realismo socialista" ao zdhanovismo. In: HOBSBAWN, Eric. (Org). **História do Marxismo.** Editora Paz e Terra, 1989.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurásia. In: **Modern Asian Studies. Special Issue: The Eurasian Context the Early Modern History of Mainland South East Ásia, 1400-1800.** Vol. 31, N° 3 (Jul., 1997). USA: Cambridge University Press, 1997, pp.735-762.

TAVARES, Rodrigo Rodrigues. **Desenhando a revolução: a luta de imagens na imprensa comunista (1945-1964).** Tese (doutorado em história). Universidade de São Paulo (USP): São Paulo, 2009.

TCHKHOTINE, Sergei. **A Mistificação das Massas pela Propaganda Política.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

TENORIO TRILLO, Mauricio & GÓMEZ GALVARRIATO, Aurora. **El Porfiriato.** México: FCE, CIDE, 2006.

TOBLER, Hans Werner. La Revolución Mexicana: algunas particularidades desde um punto de vista comparativo. In: **Revista Mexicana de Sociologia**, ano LI, nº 2, abril-junio de 1989, pp.151-159.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. O PCB: 1929-43. In: FERREIRA, Jorge. & REIS, Daniel Aarão (Orgs.) **A formação das tradições (1889-1945).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 333-363.

_____. **Revolucionários de 1935: sonho e realidade.** 3.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____. A imprensa do PCB: 1920-1940. In: FIORUCCI, Rodolfo & COSTA, Alexandre Andrade da (Orgs). **Políticas e Projetos na Era das Ideologias: A imprensa no Brasil Republicano (1920-1940).** Jundiaí, Editorial Paco: 2014, pp.7-47.

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística.** Barcelona: Paidós Editora, 1993.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: 1780 – 1959.** São Paulo: Editora Nacional, 1969.

YANKELEVICH, Pablo. Diplomáticos, periodistas, espías y publicistas: la cruzada mexicana-bolchevique en América Latina. In: **História**, 2009, vol.28, n°.2, pp.495-514.

ZICMAN, Reneé Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. In: **Projeto História**, nº 4 (História e Historiografia). São Paulo: PUC, 1981, pp.89-102.

ANEXOS

ANEXO 1

AS 21 NORMAS DE ADMISSÃO DOS PARTIDOS NA INTERNACIONAL COMUNISTA

Fonte: III Internacional Comunista: Manifestos, teses e resoluções do 2.º Congresso. Vol. 2. São Paulo, Brasil Debates, 1989.

1. A propaganda e a agitação cotidianas devem ter um caráter efetivamente comunista e corresponder ao programa e às resoluções da III Internacional. Os órgãos de imprensa controlados pelo Partido devem ter a redação a cargo de comunistas fiéis, provadamente devotados à causa proletária. A ditadura do proletariado não deve ser abordada como um simples chavão de uso corrente, mas preconizada de modo que todo operário, operária, soldado e camponês comum deduza sua necessidade dos fatos da vida real, mencionados diariamente em nossa imprensa. As editoras partidárias e a imprensa, periódica ou não, devem estar inteiramente submetidas ao Comitê Central do Partido, seja este atualmente legal ou não. É inadmissível que as editoras abusem de sua autonomia e sigam uma política que não corresponda à do Partido. Nas páginas dos jornais, nos comícios populares, nos sindicatos, nas cooperativas e onde quer que os partidários da III Internacional encontrem livre acesso, é indispensável atacar de modo sistemático e implacável não somente a burguesia, mas também seus cúmplices, os reformistas de todos os matizes.

2. As organizações que desejam filiar-se à Internacional Comunista devem afastar de modo planejado e sistemático os reformistas e os "centristas" dos postos minimamente importantes no movimento operário (organizações partidárias, redações, sindicatos, bancadas parlamentares, cooperativas, municipalidades etc.) e substituí-los por comunistas fiéis, sem abalar-se com o fato de às vezes ser necessário, de início, trocar militantes "experientes" por operários comuns.

3. Em quase todos os países da Europa e da América, a luta de classes está entrando na fase da guerra civil. Em tais condições, os comunistas não podem confiar na legalidade burguesa e devem formar em toda parte um aparelho clandestino paralelo que possa, no momento decisivo, ajudar o Partido a cumprir seu dever perante a revolução. Nos países onde os

comunistas, por conta do estado de sítio ou das leis de exceção, não podem atuar em total legalidade, é absolutamente indispensável combinar o trabalho legal e o clandestino.

4. O dever de propagar as ideias comunistas inclui a necessidade especial da propaganda persistente e sistemática nos exércitos. Nos lugares onde as leis de exceção proíbem essa agitação, ela deve ser realizada clandestinamente. Renunciar a essa tarefa equivale a trair o dever revolucionário e desmerecer a filiação à III Internacional.

5. É indispensável à agitação sistemática e planejada no campo. A classe operária não pode garantir sua vitória sem atrair ao menos uma parcela dos assalariados agrícolas e dos camponeses mais pobres e neutralizar com sua política uma parte dos setores rurais restantes. O trabalho comunista no campo está adquirindo atualmente a mais suma importância. Para realizá-lo, é especialmente indispensável o auxílio dos trabalhadores comunistas revolucionários da cidade e do campo ligados ao campesinato. Renunciar a essa tarefa ou delegá-la a semirreformistas duvidosos equivale a renunciar à própria revolução proletária.

6. Os Partidos que desejam filiar-se à III Internacional devem denunciar não somente o social-patriotismo aberto como também a falsidade e a hipocrisia do social-pacifismo, demonstrando sistematicamente aos trabalhadores que, sem a derrubada revolucionária do capitalismo, nenhuma corte internacional de arbitragem, nenhum tratado de redução de armamentos e nenhuma reorganização "democrática" da Liga das Nações livrará a humanidade de novas guerras imperialistas.

7. Os Partidos que desejam filiar-se à Internacional Comunista devem reconhecer a necessidade da ruptura completa e definitiva com o reformismo e o "centrismo" e preconizá-la entre o grosso da militância. Sem isso, torna-se impossível realizar uma política comunista consequente. A Internacional Comunista exige de modo incondicional e categórico que se realize essa ruptura o mais rápido possível. Não se pode admitir que oportunistas notórios como, por exemplo, Turati, Kautsky, Hilferding, Hillquit, Longuet, MacDonald, Modigliani e outros tenham o direito de considerar-se membros da III Internacional, o que a levaria a equiparar-se fortemente à falida II Internacional.

8. Na questão colonial e das nações oprimidas, é indispensável que tenham uma linha particularmente clara e precisa os Partidos dos países cuja burguesia possui colônias e oprime outros povos. Os Partidos que desejam filiar-se à III Internacional devem denunciar implacavelmente as artimanhas de "seus" imperialistas nas colônias; apoiar os movimentos de libertação nas colônias não somente em palavras, mas também em atos; exigir a expulsão de seus compatriotas imperialistas das colônias; cultivar no coração dos operários de seus países um sentimento fraternal sincero para com a população trabalhadora das colônias e das nações oprimidas; e realizar entre as tropas da metrópole uma agitação sistemática contra todo tipo de opressão dos povos coloniais.

9. Os Partidos que desejam filiar-se à Internacional Comunista devem realizar uma atividade sistemática e persistente nos sindicatos, nos conselhos operários e industriais, nas cooperativas e em outras organizações de massas, onde é indispensável criar células que, após longo e persistente trabalho, ganhem-nas para a causa comunista. Inteiramente subordinadas ao conjunto do Partido, essas células devem, a cada passo de seu trabalho cotidiano, denunciar as traições dos sociais-patriotas e as hesitações dos "centristas".

10. Os Partidos filiados à Internacional Comunista devem insistentemente lutar contra a "Internacional" Sindical Amarela de Amsterdã e preconizar entre os operários sindicalizados a necessidade de romper com ela. Esses Partidos devem apoiar, por todos os meios, a nascente unificação internacional dos sindicatos vermelhos que apoiam a Internacional Comunista.

11. Os Partidos que desejam filiar-se à III Internacional devem rever a composição de suas bancadas parlamentares, removendo os elementos desconfiáveis, submetendo-as ao Comitê Central do Partido não somente em palavras, mas também na prática, e exigindo que cada parlamentar comunista sujeite sua atuação aos interesses da propaganda e da agitação realmente revolucionárias.

12. Os partidos filiados à Internacional Comunista devem ser organizados segundo o princípio do "centralismo" democrático. No atual período de guerra civil encarniçada, um Partido Comunista só poderá cumprir seu dever se for organizado da maneira mais centralizada possível, se nele predominar uma disciplina férrea que beire a militar e se seu órgão central gozar de forte autoridade, de amplos poderes e da confiança unânime da militância.

13. Os Partidos Comunistas que atuam legalmente devem realizar depurações periódicas (recadastramentos) entre os efetivos de suas organizações para remover sistematicamente os inevitáveis elementos pequeno-burgueses.

14. Os Partidos que desejam filiar-se à Internacional Comunista devem apoiar incondicionalmente cada República Soviética em seu combate às forças contrarrevolucionárias. Os Partidos Comunistas devem buscar continuamente convencer os trabalhadores a não transportar material bélico aos inimigos dessas Repúblicas, a realizar uma propaganda legal ou clandestina entre as tropas enviadas para sufocar as repúblicas operárias etc.

15. Os Partidos que ainda mantêm seus velhos programas social-democratas devem revisá-los o mais rápido possível e elaborar um novo, afinado com as resoluções da Internacional Comunista e adaptado às particularidades nacionais. Como regra, os programas dos Partidos filiados devem ser aprovados pelo Congresso Mundial seguinte ou pelo Comitê Executivo da Internacional Comunista. Caso este não aprove determinado programa, o Partido tem o direito de recorrer ao Congresso Mundial.

16. Todas as resoluções dos congressos da Internacional Comunista, bem como as de seu Comitê Executivo, são obrigatórias para os Partidos a ela filiados. Atuando em meio a mais encarniçada guerra civil, a Internacional Comunista deve ser organizada de forma muito mais centralizada do que a II Internacional. Além disso, o trabalho da Internacional Comunista e de seu Comitê Executivo deve evidentemente levar em conta as mais diversas condições de luta e de atuação dos diferentes Partidos e só tomar decisões de obrigação geral nas questões em que isso seja realmente possível.

17. Conforme tudo o que foi exposto acima, os Partidos que desejam filiar-se à Internacional Comunista devem mudar seu nome para Partido Comunista de... (Seção da III Internacional Comunista). A questão do nome não é meramente formal, mas possui grande importância. A Internacional Comunista declarou uma guerra decidida contra o mundo burguês e os partidos social-democratas amarelos. É indispensável deixar completamente clara a todo trabalhador comum à diferença entre os Partidos Comunistas e os velhos partidos "social-democratas" ou "socialistas" oficiais que traíram a bandeira da classe operária.

18. Os órgãos dirigentes da imprensa partidária de todos os países devem publicar os documentos oficiais importantes do Comitê Executivo da Internacional Comunista.

19. Os Partidos filiados à Internacional Comunista ou que solicitaram sua filiação devem convocar o mais rápido possível, mas até quatro meses após o II Congresso Mundial, um congresso extraordinário para discutir internamente estas condições. Além disso, os Comitês Centrais devem cuidar para que as organizações de base conheçam as resoluções do II Congresso da Internacional Comunista.

20. Os Partidos que gostariam de filiar-se agora à III Internacional, mas ainda não mudaram radicalmente sua antiga tática, devem cuidar para que, até sua filiação, não menos de 2/3 de seu Comitê Central e de seus principais órgãos centrais sejam compostos por camaradas que, antes do II Congresso da Internacional Comunista, já tenham se manifestado de forma aberta e inequívoca a favor do ingresso de seu Partido. O Comitê Executivo da III Internacional tem o direito de admitir exceções, inclusive no caso dos representantes "centristas" mencionados no § 7.

21. Devem ser expulsos do Partido os membros que rejeitarem por princípio as condições e teses apresentadas pela Internacional Comunista.

ANEXO 2

A IMPRENSA DO PARTIDO

Fonte: Los cuatro primeros congresos de la Internacional Comunista. Transcripción de Celula2. Ediciones digitales Izquierda Revolucionaria. Versión Mayo 2008.

36. La prensa comunista debe ser desarrollada y mejorada por el Partido con infatigable energía. Ningún diario será reconocido como órgano comunista si no se somete a las directivas del Partido. Ese principio también debe ser aplicado para las producciones literarias tales como libros, folletos, escritos periodísticos, etc., teniendo en cuenta su carácter científico, propagandístico, etc. Además, el Partido se esforzará por tener buenos periódicos, en lugar de muchos. Todo partido comunista debe antes que nada poseer un órgano central, en lo posible cotidiano.

37. Un periódico comunista nunca debe convertirse en una empresa capitalista como lo son los diarios burgueses y con frecuencia también los diarios llamados "socialistas". Nuestro periódico debe ser independiente de las instituciones crediticias capitalistas. Una hábil organización publicitaria basada en anuncios, que puede mejorar considerablemente los medios de existencia de nuestro diario, nunca debe ponerlo bajo la dependencia de alguna de las grandes empresas de publicidad. Antes bien, una actitud inflexible en todos los problemas sociales proletarios procurará a los diarios de nuestros Partidos de masas una fuerza y una consideración absolutas. Nuestros diarios no deben servir para satisfacer el gusto sensacionalista ni la necesidad de diversión de un público variado. No debe transigir con la crítica de los literatos pequeñoburgueses o de los virtuosos del periodismo para crearse una clientela de salón.

38. Un diario comunista debe defender ante todo los intereses de los obreros oprimidos que combaten. Debe ser nuestro mejor propagandista y agitador, el propagandista que dirija la revolución proletaria. Nuestro diario tiene por tarea reunir las experiencias adquiridas en el curso de la actividad de todos los miembros del Partido y de hacer con ellas una especie de guía política útil para la revisión y el perfeccionamiento de los métodos de acción comunista. Esas experiencias deben ser intercambiadas en reuniones de redactores de todo el país,

reuniones tendientes a crear la mayor unidad de tono y de tendencia en el conjunto de la prensa partidaria. De ese modo, esta prensa, así como cada diario en particular, será el mejor organizador de nuestro trabajo revolucionario. Sin ese trabajo consciente de organización y de coordinación de los periódicos comunistas y en particular del órgano central, es imposible la aplicación de la centralización democrática y de una prudente división del trabajo en el seno del Partido comunista, y en consecuencia también la realización de su misión histórica.

39. El diario comunista debe tender a convertirse en una empresa comunista, es decir en una organización proletaria de combate, una asociación de obreros revolucionarios, de todos aquellos que escriben regularmente para el diario, que lo componen, lo imprimen, lo administran, lo distribuyen, los que reúnen el material informativo, lo discuten y elaboran en las células, en fin, de todos los que trabajan diariamente para difundirlo, etc... Para hacer verdaderamente del diario una organización de combate, una poderosa y viva asociación de trabajadores comunistas, es preciso adoptar una serie de medidas. Todo comunista se vincula estrechamente a su diario trabajando y sacrificándose por él. Es su arma cotidiana que, para ser útil, debe ser fortalecida y afilada diariamente. El diario podrá mantenerse sólo gracias a los mayores sacrificios financieros y materiales. Los miembros del partido deben proporcionar constantemente los medios necesarios para su organización y para su perfeccionamiento hasta que esté bastante extendido en los grandes partidos legales y sea lo suficientemente sólido para constituir por sí mismo un apoyo material para el Partido comunista. No basta con ser un agitador y un distribuidor celoso del periódico, sino que es necesario también convertirse en un colaborador útil. Debe suministrársele rápidamente información de todo lo que merezca ser destacado, desde el punto de vista social y económico, en la fracción sindical y en la célula, desde un accidente de trabajo hasta una reunión profesional, desde los malos tratos a los jóvenes aprendices hasta las relaciones comerciales de la empresa. Las fracciones sindicales deben informarle sobre todas las reuniones, las decisiones y las medidas más importantes adoptadas en esas reuniones por los secretariados de las Uniones, así como también sobre la actividad de nuestros adversarios. La vida pública de las reuniones y de la calle ofrece frecuentemente a los militantes atentos del partido la ocasión de observar con sentido crítico detalles cuya utilización en los diarios esclarecerá ante los ojos de los más indiferentes nuestra actitud en relación con las exigencias de la vida. La comisión de redacción debe tratar con el mayor esmero y dedicación esas informaciones sobre la vida de los obreros y de las organizaciones obreras y utilizarlas o bien como breves comunicaciones que impriman a nuestro diario el carácter de una verdadera

comunidad de trabajo, viviente y poderosa, o bien para tornar comprensibles, a la luz de esos ejemplos prácticos de la vida cotidiana de los obreros, las enseñanzas del comunismo, lo que constituye la vía más rápida para llegar a hacer real e íntima la idea del comunismo a las grandes masas obreras. En la medida de lo posible, la comisión de redacción debe estar presente en las horas de recepción, es decir en las horas más óptimas del día, a disposición de los obreros que visiten nuestro diario, para recibir sus pedidos y sus quejas relativas a las miserias de su existencia, para anotarlas con cuidado y servirse de ellas para imprimir más vida al diario. Es cierto que en la sociedad capitalista ninguno de nuestros diarios puede convertirse en una verdadera asociación de trabajo comunista. Sin embargo, se puede, aun en las condiciones más difíciles, organizar un diario revolucionario obrero partiendo de ese punto de vista. Esta afirmación quedó demostrada con el ejemplo de la *Pravda* de nuestros camaradas rusos durante los años 1912-1913. Este diario constituyó en verdad una organización permanentemente activa de los obreros revolucionarios conscientes en los centros más importantes del Imperio ruso. Esos camaradas redactaban, editaban y distribuían a la vez y en forma conjunta el diario. La mayoría de ellos economizaban el dinero necesario para los gastos con su trabajo y con el salario de su trabajo. Por su parte, el diario les dio lo que ellos deseaban, lo que necesitaba en ese momento el movimiento y lo que les sirve aún hoy para el trabajo y la lucha. Un diario así pudo convertirse para los miembros del Partido, al igual que para todos los obreros revolucionarios, en lo que ellos llamaban “nuestro diario”.

40. El elemento esencial de la actividad de la empresa combativa comunista es la participación directa en las campañas llevadas a cabo por el Partido. Si en un cierto momento la actividad del Partido está concentrada en una determinada campaña, el diario del Partido debe poner a su servicio todas sus columnas, todas sus firmas y no solamente los artículos políticos de fondo. La redacción debe extraer de todas partes material para apoyar esa campaña y para llenar con ella todo el diario en la forma más conveniente.

41. La divulgación de nuestro diario debe ser realizada según un sistema establecido. Ante todo, es preciso utilizar todas aquellas situaciones en las que los obreros son más vivamente arrastrados al movimiento y en las que la vida política y social es más agitada a consecuencia de algún acontecimiento político y económico. Así, después de cada huelga o lock-out, durante los cuales el diario defendió franca y enérgicamente los intereses de los obreros combatientes, debe organizarse inmediatamente después del fin de la huelga, un trabajo de divulgación de hombre a hombre con los obreros que hicieron la huelga. No solamente las

fracciones comunistas de los sindicatos y de las profesiones movilizadas por la huelga deben realizar la propaganda del diario en su lugar de trabajo por medio de listas y de formularios de suscripción sino también, en la medida de lo posible, debe conseguirse las listas de los obreros que hicieron huelga así como sus direcciones para que los grupos especiales encargados de los intereses del diario puedan realizar una enérgica agitación casa por casa. También después de toda campaña política electoral que ha despertado el interés de las masas, debe ser realizada una agitación sistemática casa por casa por los grupos de trabajadores encargados especialmente de esta tarea en los diferentes barrios obreros. Durante las épocas de crisis políticas o económicas latentes, cuyos efectos se hacen sentir en las masas obreras bajo la forma de un encarecimiento de la vida, de la desocupación y otras miserias; hay que tratar de obtener, si es posible, luego de una hábil propaganda contra esas miserias, y por intermedio de las fracciones sindicales, listas de obreros organizados en los sindicatos a fin de que el grupo especial encargado de los intereses del diario pueda continuar una sistemática agitación casa por casa. La última semana del mes es la más conveniente para este trabajo permanente de divulgación. Toda organización local que deje pasar esta última semana del mes, aunque sea una vez por año, sin proseguir su propaganda en favor de la prensa provoca un gran retraso en el conjunto del movimiento comunista. El grupo especial encargado de los intereses del diario no debe dejar pasar ninguna reunión pública de obreros, ninguna gran manifestación sin actuar del modo más activo, desde el comienzo, durante los intervalos y hasta el final, para obtener suscripciones para nuestro diario. Las fracciones sindicales deben realizar esta misma tarea en todas las reuniones de sus sindicatos, así como también las células y las fracciones sindicales en las reuniones profesionales.

42. Nuestro diario debe ser constantemente defendido por los miembros del Partido contra sus enemigos. Todos los afiliados deben llevar a cabo una lucha despiadada contra la prensa capitalista, revelar a todos y fustigar enérgicamente su venalidad, sus mentiras, sus viles reticencias y todas sus intrigas. La prensa socialdemócrata y socialista independiente debe ser vencida desenmascarando su actitud traidora mediante ejemplos de la vida cotidiana, mediante ataques continuos, pero sin perderse en pequeñas polémicas de fracción. Las fracciones sindicales y otras deben dedicarse, por medio de medidas organizativas, a sustraer de la influencia perturbadora y paralizante de los diarios socialdemócratas a los miembros de los sindicatos y de las otras asociaciones obreras. El trabajo de reclutamiento de abonados para nuestro diario, al igual que la agitación casa por casa o en las empresas, también debe estar hábilmente dirigido contra la prensa de los socialistas traidores.

ANEXO 3

RELATORIO DA COMMISSÃO DO JORNAL

Fonte: "Theses e Resoluções" do PCB (1925)



cellular. Os adherentes isolados serão admittidos nas cellulas mais proximas.

(2) O Comité indicado pela C. C. E., conforme o voto da Conferencia, estende suas attribuições á região industrial visinha ao Districto Federal, comprehendendo, além de Nictheroy: Petropolis, Paracamby, Magé, S. Gonçalo. Visto a impossibilidade momentanea de uma assembléa geral dos adherentes do Rio e Nictheroy, a Conferencia, como se diz acima, encarregou a C. C. E. de indicar os 11 membros do Comité provisorio.

(3) A Conferencia lembra a conveniencia mesmo nas cellulas minima, de 3 membros, da constituição do comité com 1 secretario, 1 thesoureiro e 1 delegado. E' um modo de repartir e dar trabalho a todos.

(4) O momento actual explica a impossibilidade, por agora, de taes assembléas.

(5) Não figurava, no projecto da C. C. E., por ainda não necessario, nenhuma indicação para a formação de comités de bairro, quarteirão ou zona, organismo intermediario entre a cellula e o comité da cidade ou região. A Conferencia verifica que ha casos em que esse organismo se torna desde já necessario, como a experiencia vai demonstrando. Seja pois o mesmo incluido no projecto.

Relatorio da commissão do jornal

O MOMENTO

Sabem os companheiros que, ha quasi 3 annos, atravessamos um periodo de illegalidade. Sob tal ambiente não se torna facil realizar o trabalho de propaganda, agitação e organização. Como, porém, tal situação promette prolongar-se indefinidamente, é necessario reencetar a obra interrompida – mesmo sob tal atmosphera.

O ELEMENTO PRINCIPAL

Em cada officina movida a energia é preciso installar um apparelho para ligar ou interromper a energia. Dahi é que partirá a força que porá em movimento todas as machinas. Sem elle, a machinaria não poderá mover-se. Trata-se, pois, não só de installal-o, como tambem de velar pela sua conservação.

Na actual situação, o apparelho que porá em movimento toda a engrenagem do P. C. é um jornal. Com elle, desenvolveremos a nova organização – das cellulas. Com elle, poderemos penetrar no seio das massas. Com elle, os trabalhadores ficarão a par do movimento nacional e internacional. Com elle, orientaremos os trabalhadores sobre a sua attitude deante dos acontecimentos actuaes do paiz. Vê-se, pois, que o jornal é um apparelho insubstituivel, um apparelho unico. E, sobre elle, devemos concentrar as energias, fazendo até sacrificios. Está, portanto, fóra de qualquer discussão a necessidade de um jornal.

AS POSSIBILIDADES POLITICAS

Objectivamente, são favoraveis as possibilidades politicas do momento. Mas, subjectivamente, não são favoraveis. Mesmo assim, é nosso dever encetarmos a obra, de preferencia num jornal legal de livre circulação, que deveremos tornar a mais ampla possivel. O jornal será communista pelo conteúdo, pelo modo de encarar os problemas, e não pela fachada. Um jornal operario, escripto por operios para operarios e tratando das questões de interesse operario.

No texto encararemos com toda a habilidade certos problemas como, por exemplo, o da revolta. Não nos occuparemos directamente de certas personalidades como o presidente da republica - «noli me tangere». Desenvolveremos mais as questões sobre a Russia e sobre a organização do proletariado do que certos assumptos actuaes sujeitos aos rigores do sitio. Faremos do Rio de Janeiro a base do jornal, creando um correspondente em cada fabrica ou officina: temos, no Rio, mais de 400 fabricas médias e grandes; pois bem—400 estabelecimentos, 400 correspondentes! Esses correspondentes porão os leitores do jornal a par da vida intima, profunda das fabricas. E, assim, poderemos atravessar a reacção actual, faremos uma obra communista, falaremos a linguagem das classes laboriosas, em resumo, penetraremos na massa para conquistar a massa.

AS POSSIBILIDADES ECONOMICAS

E' o seguinte o orçamento para um semanario um pouco maior que a «Voz Cosmopolita»:

1.000 exemplares	210$000
2.000 »	270$000
3.000 »	320$000

Fazendo um calculo minimo da despeza mensal com uma tiragem de 2.000 exemplares, temos:

4X2.000 ex. a 270$000	1:080$000
Aluguel da redacção	150$000
Gerente	250$000
Sellos, etc.	20$000
	1:500$000

Vejamos a receita mensal:

Nos Estados

Sergipe 20X4	80
Cubatão 10X4	40
Recife 100X4	400
Porto Alegre 80X4	320
S. Paulo 200X4	800
Juiz de Fora 20X4	80
Maceió 10X4	40
Santos 50X4	200
Victoria 20X4	80
Nictheroy 50X4	200
Bahia 20X4	80
Total	2.320

MENSALMENTE

Estados:	
2.320 ex. a $100	232$000
Vendedores do Rio:	
3.200 ex. a $060	192$000
Associações do Rio:	
1.200 ex. a $100	120$000
	544$000

E' preciso notar, que nos Estados, fizemos o calculo dos exemplares que serão «pagos» e não dos que serão «remettidos». Numa tiragem de 2.000 ex., cada numero sae por 135 réis. Vendido a 60 réis aos gazeteiros ou mesmo a 100 réis nas associações, o prejuizo é certo.

Se a venda avulsa, nos «pontos», augmentar, como esperamos, o prejuizo diminuirá: assim, numa tiragem de 3.000 ex., cada numero sae por 106 réis e, numa tiragem de 4.000, ainda por menos.

O preço de $200 é inconveniente porque não terá a mesma acceitação que o de $100.

Certamente os calculos acima são pessimistas mas as experiencias anteriores nos devem tornar prudentes. Não façamos calculos optimistas para que a realidade não nos traga desillusões.

Ha, portanto, um deficit de mais ou menos um conto mensal: de 956$000. Como resolvel-o?

Um dos membros da Commissão lembra as subscripções permanentes, os festivaes e as assignaturas annuaes de 300 membros do P. C., assignaturas que, a 8$000, darão 2:400$000.

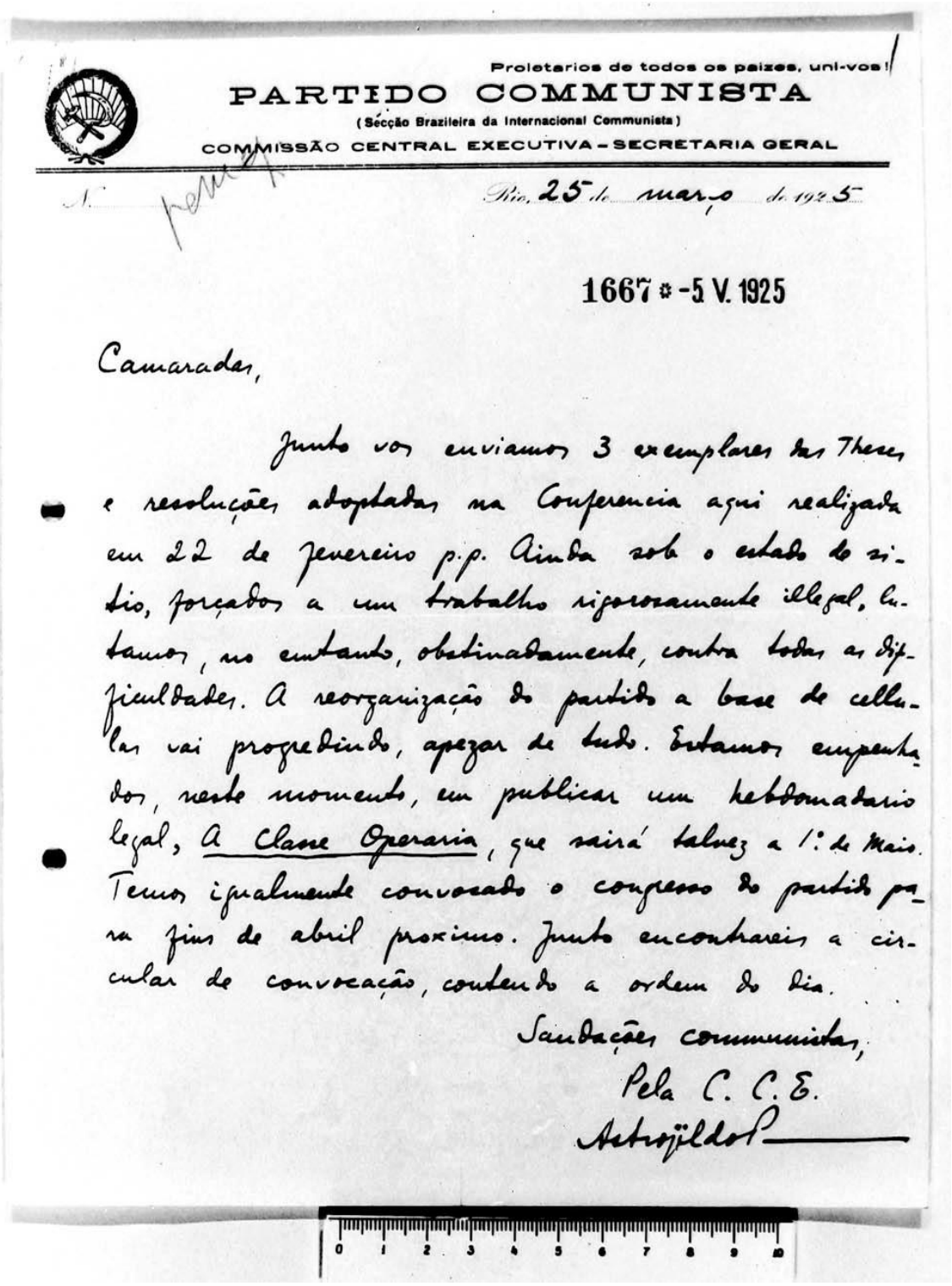
Os outros dois membros acceitam as subscripções e os festivaes mas acham as assignaturas insufficientes. Assim, lembram, em lugar das assignaturas, uma contribuição extraordinaria e obrigatoria. Pelo menos nos primeiros mezes até equilibrar-se, cada membro do P. C. daria mensalmente ao jornal 2 °/o de seu salario. Mesmo a 4$000, teriamos mensalmente mais de um conto.

* * *

Examinando o relatorio acima, a Conferencia, após discutil-o por meudo, resolveu não adoptar a proposta da contribuição obrigatoria, julgando sufficientes, para cobrir o deficit previsto, as assignaturas e as subscripções voluntarias.

ANEXO 4

Carta de Astrojildo Pereira com destaque a crição d'*A Classe Operária*



Proletarios de todos os paizes, uni-vos!

PARTIDO COMMUNISTA

(Secção Brazileira da Internacional Communista)

COMMISSÃO CENTRAL EXECUTIVA – SECRETARIA GERAL

N. pelo P.

Rio, 25 de março de 1925

1667 * - 5 V. 1925

Camaradas,

Junto vos enviamos 3 exemplares das Theses e resoluções adoptadas na Conferencia aqui realizada em 22 de fevereiro p.p. Ainda sob o estado de sitio, forçados a um trabalho rigorosamente illegal, lutamos, no emtanto, obstinadamente, contra todas as difficuldades. A reorganização do partido a base de cellulas vai progredindo, apezar de tudo. Estamos empenhados, neste momento, em publicar um hebdomadario legal, A Classe Operaria, que sairá talvez a 1º de Maio. Temos igualmente convocado o congresso do partido para fins de abril proximo. Junto encontrareis a circular de convocação, contendo a ordem do dia.

Saudações communistas,

Pela C. C. E.

Astrojildo

Em uma rápida sequência do filme *Frida* (2002), aparece uma cena representativa do periódico comunista mexicano, na qual Tina Modotti, interpretada pela atriz Ashley Judd, mimeografa um número do *El Machete* que seria distribuído em uma manifestação do PCM. Abaixo, seguem as imagens dessa sequência:







ANEXO 6

Imagens do *El Machete* e d'*A Classe Operária*



Tina Modotti. Camponeses Mexicanos lendo *El Machete* (1928).
Fonte: Hooks (2002)



***A Classe Operária* de 1° de maio de 1928 com trabalhadores lendo e exibindo o exemplar. Octavio Brandão encontrasse na foto, o segundo, de pé, da direita para a esquerda (S.A.).**
Fonte: CEDEM